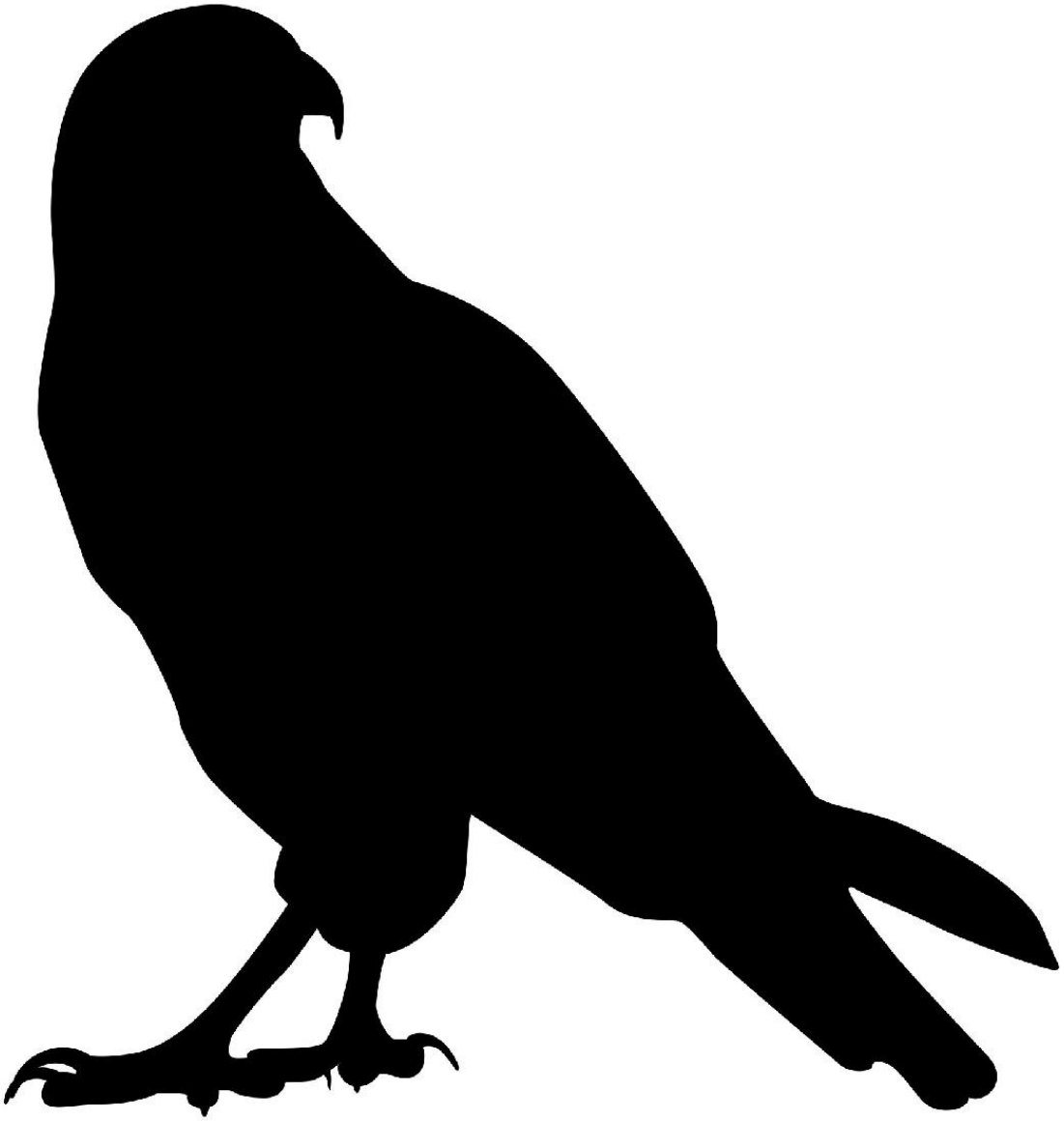

KATHARINE ASHE
QUANDO UM HOMEM SE APAIXONA
O Clube do Falcão



Quando Um Homem Se Apaixona

(O Clube do Falcão 01)

Katharine Ashe



Sinopse

Depois de anos como agente secreto do Falcon Clube, Lorde Blackwood sabe que é o momento de retornar à Escócia. Entretanto, uma tentação ameaça seus planos: Kitty Savege, uma dama que esteve envolta em um escândalo e que lhe esquenta o sangue, igual a um

bom uísque. Mas um perigoso inimigo se interpõe no caminho do desejo, e para lutar contra um homem chamado Leam ele precisará da ajuda da jovem.

Dedicado a Lucia Macro e Kimberly Whalen.

Com as palavras do filho predileto da Escócia,

que sua vida dia a dia, tenha calma.

Não grandiosa e lenta na ação,

mas, sim, um allegretto forte, ditoso,

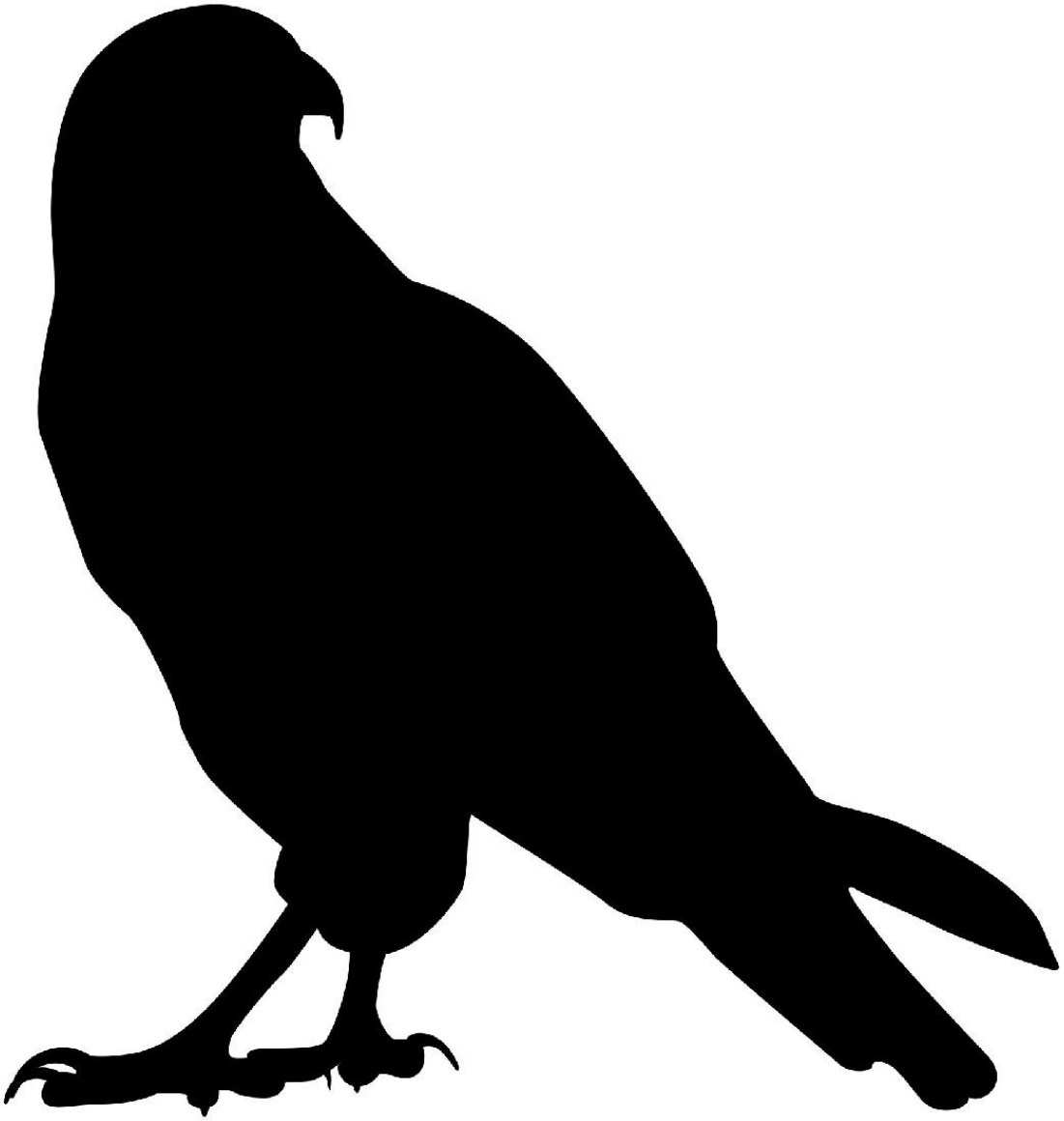
fluxo harmonioso,

Uma dança strathspey magnífica,

Animada, atrevida:

Viva! Bravo!

Com minha maior gratidão.



Prólogo

Londres, 1813

Uma elegante dama, dotada de um elevado nível intelectual, não deveria olhar fixamente para um homem. Aos vinte e dois anos, e com um gosto e refinamento requintado, não deveria sentir a necessidade

premente de esticar tanto o pescoço para ver passar um Luís XIV corpulento, paquerando com uma Cleópatra peituda.

Mas uma dama como Katherine Savege, de nobre família e com uma reputação manchada, acostumada à censura mordaz da sociedade, em algumas ocasiões podia se permitir estas pequenas indiscrições.

A rainha do Nilo se moveu e Kitty teve outra visão daquela figura masculina, plantada na entrada do salão de baile.

— Mamãe, quem é aquele homem? — Sua voz suave, apenas um sussurro, não continha nenhuma só nota de curiosidade pueril. Era como o cetim, movia-se como ondas que acariciam a margem e cantava como um rouxinol. Ou, ao menos isso era o que diziam seus pretendentes, quando a adulavam.

Na realidade, ela já não cantava como um rouxinol, nem de fato como nenhuma outra ave. Não, desde que um homem vil lhe arrebatara a virtude e desencadeara sua ânsia de vingança.

O anseio de vingança e o doce canto não convivem bem na alma de uma mulher.

Quanto aos pretendentes, agora ela se via obrigada a suportar mais tentativas e proposições do que declarações sinceras. Porém não teria ninguém a quem culpar à exceção dela mesma e daquele

malvado, é claro.

— O cavalheiro alto — ela indicou — o do cão.

— Um cão? Em um baile? — A condessa viúva de Savege inclinou a cabeça; seu cabelo prateado e a coroa de joias incrustadas brilhavam à luz de um candelabro de velas.

Uma gola isabelina rodeava suas severas bochechas, lhe obstaculizando os movimentos. Mas seus olhos pardos, perspicazes e delicados, seguiram o olhar de sua filha através da multidão. Como se atreviam?

— É verdade. — Kitty resistiu ao impulso de olhar novamente para a porta. Se se inclinasse muito para um lado o vestido, que lembrava o traje de uma deusa grega que podia deslizar, impudicamente. Sua mãe nunca deveria ter permitido que o vestisse, muito menos, que aparecesse em público.

Mas depois de trinta anos de matrimônio, com um homem que alardeava publicamente ter uma amante e com um filho mais velho, que era um libertino incorrigível, a condessa não era, precisamente uma amostra do decoro. Assim, a presença de Kitty ao baile de máscaras, perigosamente, beirava o escândalo. Certamente, ela não deveria estar ali, pois isso não fazia nada mais que confirmar os rumores.

Mesmo assim, Kitty implorara para sua mãe, embora lhe ocultasse o motivo: na lista de convidados figurava Lambert Poole.

— Ora! Por Deus. — A nobre viúva arqueou as sobrancelhas com expressão de surpresa. Era Blackwood.

À esquerda de Kitty, uma ninfa sussurrava algo ao ouvido de um mosqueteiro, ambos, atentos ao cavalheiro alto da soleira. Atrás dela, a donzela Marian sorriu tolamente para uma Barba Negra, moreno. Parte do que murmuravam chegou até os finos ouvidos de Kitty.

—... Acaba de retornar da Índia... Dois anos fora... Não suportou permanecer na Inglaterra depois da trágica morte de sua amada...

—... O bebê ficou órfão de mãe...

—... Uma verdadeira beleza...

—... Esses escoceses são tremendamente leais...

—... Jurou que não voltaria a se casar...

Luís XIV beijou a mão da Cleópatra e se afastou lentamente, permitindo a Kitty uma visão perfeita do cavalheiro.

Seu aspecto resultava muito singelo, com um lenço amarrado ao pescoço, um bastão curvo na mão e uma barba, que parecia autêntica; sua intenção era representar um pastor. Um cão enorme, desgrenhado e cinza, estava a seu lado.

As senhoras que o rodeavam, entretanto, não prestavam atenção

ao cão. Agarrada em seu braço, a rainha Isabel da Espanha pestanejou, e a pequena senhorita Muffet apareceu justamente nesse momento, mostrando suas covinhas ao sorrir àquele homem, que, apesar da barba, não carecia de atrativo.

Justamente o contrário.

Kitty afastou o olhar dele.

— Então o conhece?

— Ele e seu irmão Alexander foram juntos, em uma caçada, em Beaufort faz alguns anos. Por que, querida? Você gostaria que eu a apresentasse? — A viúva entreabriu os olhos e segurou a taça de champanha que o criado que passava a seu lado oferecia.

— E me arriscar a encher o vestido de pelos de cão? Por Deus, não.

— Kitty, sou sua mãe. Vi você cantar a pleno pulmão, enquanto saltava pelos atoleiros. Esta arrogância que adotou, ultimamente, não me impressiona.

— Perdão, mamãe. — Kitty baixou o olhar. A altivez, entretanto, lhe evitara muita dor. Mostrando-se altiva, quase se permitia acreditar que não se importava que os convites e as chamadas fossem diminuindo, os namoricos fossem, cada vez, mais passageiros. — Provavelmente, eu quis dizer: por favor, não me apresente agora, pois

estou esperando que um senhor desalinhado, com costeletas tão largas quanto Piccadilly Road, se sente a meus pés para me recitar uma poesia bucólica.

— Não seja cruel, querida. O pobre homem está disfarçado, igual a todos os presentes.

Especialmente Kitty. E não só por causa de seu vestido de deusa grega, mas, também, por outro tipo de disfarce... A música soava alegremente no ambiente, turvando os sentidos de Kitty, tal como as duas taças de vinho que cometera a imprudência de beber. Não estava ali para se divertir, e certamente tampouco para, indecorosamente, comer com os olhos, um bárbaro lorde escocês.

Havia algo pendente por fazer.

Como em todo evento social, procurou Lambert com o olhar.

Vestido de personagem de Shakespeare, ele estava apoiado em uma coluna e estava com uma caixa de rapé, aberta, na mão.

— Mamãe, irá ao salão de jogos esta noite? — Nunca conseguira adular Lambert quando sua mãe estava perto.

— Então não a apresento para lorde Blackwood?

— Por favor, mamãe!

— Katherine, você é incorrigível. — A condessa tocou-a no queixo com a ponta dos dedos e sorriu amavelmente. — Mas ainda é minha

querida menina.

Sua “querida menina”... Em momentos como esse, Kitty quase acreditava que sua mãe não sabia a verdade sobre a perda de sua honra. Em momentos como esse, desejava lançar-se nos braços de sua mãe e que tudo voltasse a ser como antes, quando em seu coração, ainda havia esperança, e, ela ainda não estava magoada pelo jogo perverso no qual, agora, se via envolta.

— Bem, passarei um momento pelo salão de jogos — disse sua mãe. — A semana passada, Chance e Drake ganharam cem guinéus cada um, e tenho a intenção de recuperá-los. Dê-me um beijo na bochecha, que isso me trará sorte.

— Logo me unirei a você. — Kitty a viu se afastar com sua cascata de babados, e depois foi em busca de sua vítima.

Lambert a encontrou com o olhar. Seu espesso cabelo e a testa aristocrática captavam a luz das velas. Mas, já fazia dois anos que sua visão não provocava nenhuma emoção em Kitty, exceto a ira, desde que ele lhe roubara a inocência e com isso quebrara seu coração.

Ele se aproximou.

— Mostra muita pele nesta noite, querida — disse ele com voz lânguida. — Deve sentir muito frio. Venha se esquentar um pouco, você não quer? — Aspirou uma pitada de rapé.

— Sempre tão gracioso, Milorde. — Kitty sorriu, mas por dentro sentia-se furiosa. Houve um tempo, quando era uma garota ingênua, que acreditou encontrar o amor no primeiro cavalheiro que prestara atenção nela, admirara essa arrogância aristocrática. Agora somente procurava obter informações, dessas que os homens vaidosos e orgulhosos deixam escapar depois de serem suficientemente adulados, fingindo todo o tempo e rindo de suas supostas gracinhas.

Era um método que dava excelentes resultados. Depois de meses de cuidadosa observação, Kitty havia descoberto que lorde Lambert Poole se servia da política para obter benefícios pessoais. Uma vez, encontrou papéis em seu colete, com nomes de funcionários ministeriais, números de contas e cifras que indicavam libras. Agora necessitava um pouco mais de informação, para desmascará-lo e arruinar sua vida social.

Entretanto, começou a sentir calor no peito e nos ombros descobertos e um sutil mal-estar. A vingança lhe parecera muito doce enquanto a tramava, mas agora, a angustiava. E em seu interior o espírito da garota que cantara a pleno pulmão enquanto corria pelos atoleiros desejou cantar em vez de chorar. Essa noite não estava preocupada em tirar o “az” de sua manga e continuar com seu jogo secreto, nem sequer, para concluir seu objetivo.

— Vamos, Kit. — Ele olhou os seios dela, desavergonhadamente. — Deve existir um canto escuro onde possamos ficar sozinhos.

Ela sentiu um calafrio.

— Claro, porque não?

— Atrás de você, querida.

Ela começou a andar, lentamente.

— Já lhe disse que... — de repente algo roçou sua perna, algo cinza e peludo que ela afastou com um gesto. Uma mão firme segurou seu braço nu.

— Fique calma, é somente um cão — ela ouviu que falava em escocês. Era uma voz cálida e profunda. Maravilhosamente cálida e profunda, como a pele daquela mão, em contato com sua pele, que lhe provocou um tremor interior.

Mas, apesar daquela sensação, o gosto de Kitty se manifestava decididamente pelos homens polidos, e Blackwood, com sua cabeleira longa, escura e encaracolada e suas sobrancelhas grossas — em cima de olhos, muito, bonitos, — estava bem distante de ser.

— Lady Katherine... — A voz lânguida de Lambert a arrancou de seu atordoamento. — Apresento-a ao conde de Blackwood. Ele retornou recentemente da Índia. Blackwood, esta é a irmã de Savege.

— Milady... — disse Blackwood em sua língua, e inclinou

levemente a cabeça a modo de reverência, supôs ela.

Kitty estendeu a mão para ele.

— Não me importo com o cão, milorde, mas não é um pouco grande para guiar ovelhas? Atrevo-me a dizer que até um lobo o faria melhor.

— As coisas nem sempre são o que parecem, milady — respondeu o escocês, sem abandonar seu sotaque particular.

Ela não conseguiu deixar de olhá-lo. Atrás da escura beleza daqueles olhos rasgados, algo cintilou. Um reflexo resistente.

Então, como um perfeito bárbaro e sem nenhuma palavra, ele se afastou.

Kitty o seguiu com o olhar.

Na penumbra, no fundo do salão de baile, um sátiro com o peito coberto de cabelo emaranhado e uma taça meio vazia na mão, olhou de esguelha para uma garçonete. Não, ela não estava disfarçada, era de verdade. Carregava uma bandeja de taças que, claramente, era muito pesada para seus frágeis braços. O sátiro começou a manuseá-la. A jovem se apoiou na parede enquanto usava a bandeja como escudo.

Lorde Blackwood se interpôs entre os dois.

— Um momento, cavalheiro! — Ele exclamou em áspero escocês

por cima da música e das conversações. — Por acaso sua mãe não lhe ensinou que não se deve incomodar uma garota quando ela está trabalhando? — Franziu o sobrecenho. — Saia daqui, ou me verei obrigado a lhe dar uma lição de boas maneiras.

O sátiro titubeou um momento, mas a atitude de Blackwood não deixava lugar a dúvidas. O disfarce de pastor não ocultava o porte vigoroso de um homem na flor da idade.

— É uma lástima que trabalhe tanto tempo de pé — grunhiu o sátiro, mas se afastou cambaleando.

— Ora — murmurou Lambert junto ao ombro de Kitty. — Um herói da classe trabalhadora. Que comovente!

Kitty arrepiou-se ao sentir a respiração dele em sua bochecha.

Lorde Blackwood agora falava com a garçonete, mas Kitty não conseguia ouvi-lo. A garota abriu muito os olhos e inclinou a cabeça em sinal de agradecimento. E em seguida deixou que o conde a liberasse da bandeja, antes de se afastar cabisbaixa, entre a multidão.

Lambert segurou Kitty pelo cotovelo e disse:

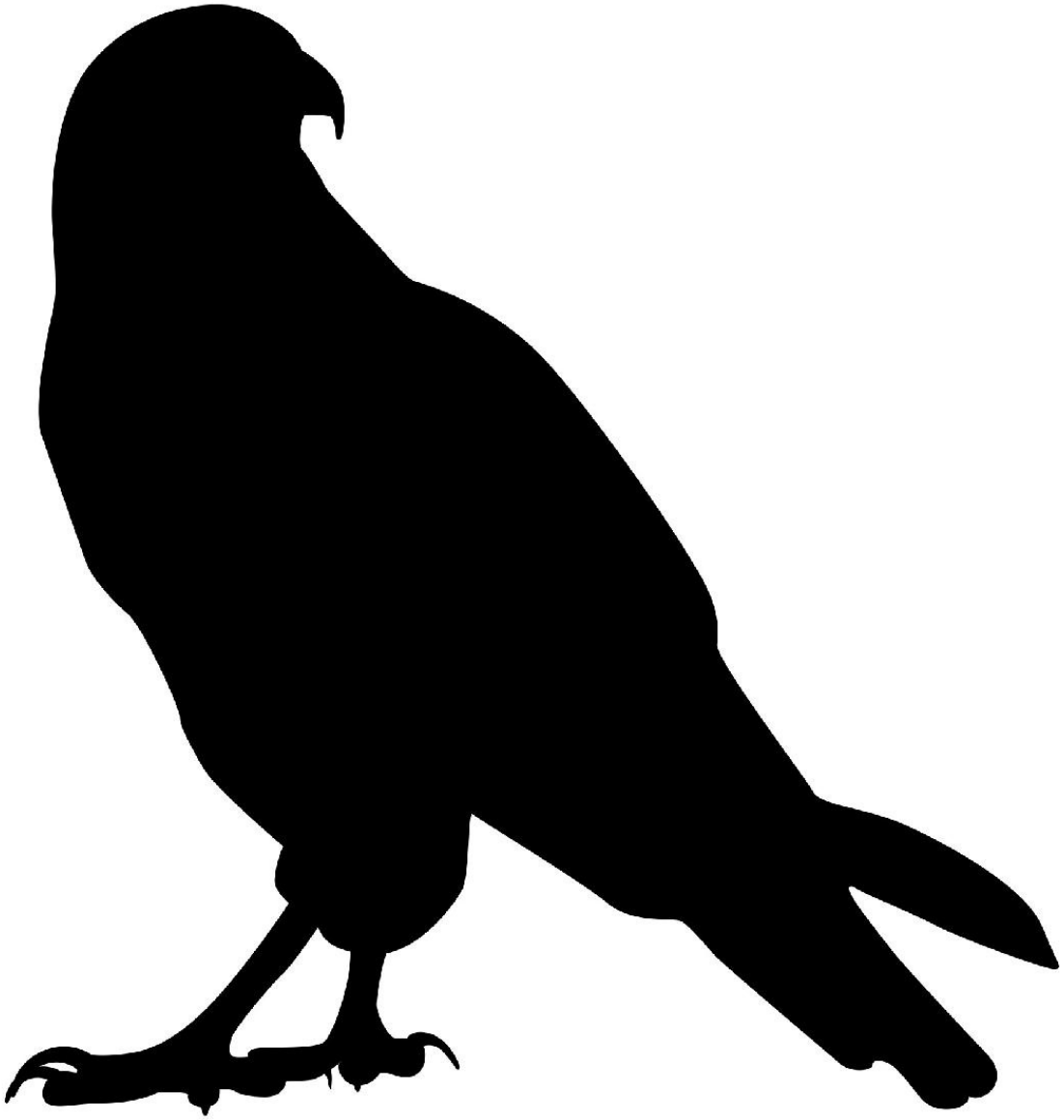
— Não tenha ilusões, Kit. — Seus olhos azuis brilhavam intensamente. — Desde que sua esposa morreu, Blackwood não é o tipo de homem que se casa com qualquer uma. — Ele esboçou um sorriso cruel.

Lambert divertia-se imaginando que Kitty estava infeliz porque não se casaria com ele. Anos atrás ele destroçara sua honra com o único objetivo de ofender seus irmãos, aos quais odiava. Mas, agora, Kitty sabia que Lambert gostava de pensar que ela suspirava por ele. Na verdade, Kitty havia fingido, magnificamente, consentindo liberdades para mantê-lo perto, pois desejava vê-lo sofrer tanto quanto ela havia sofrido, primeiro ao negar-se a se casar com ela e, mais tarde, ao lhe demonstrar que ela era estéril.

Virou-se para o homem que havia perdido sua jovem esposa fazia alguns anos e a que ainda lhe era fiel, um homem íntegro que, no meio de uma festa da alta sociedade, evitara que uma jovem criada fosse objeto de abuso.

Das sombras, Blackwood se deu conta de que ela o olhava. De novo, um brilho resistente iluminou a escura profundeza de seus olhos.

Certamente, as coisas nem sempre eram o que pareciam. E Kitty sabia isso, melhor do que ninguém.



1

Londres, 1816

Compatriotas britânicos:

O Governo comete um delito ao esbanjar, aqui e lá, o, gravemente diminuído, tesouro de nosso nobre reino, sem atenção alguma à prudência, a justiça ou a razão?

Definitivamente, sim.

Irresponsavelmente, sim.

Vilmente, sim!

Como todos sabem, fiz a denúncia de todo este esbanjamento, próprio de esbanjadores, minha cruzada pessoal. Este mês conto com um novo exemplo: 14½ de Dover Street.

Para que serve à sociedade, um clube exclusivo de cavalheiros se jamais se vê um só cavalheiro cruzando a porta do mesmo? E aquele painel pintado de branco adornado com uma intimidante maçaneta: uma ave de rapina. Mas cuja porta nunca se abre. Alguma vez os membros importantes usam aquele moderno local?

Ao que parece, não.

Compatriotas, recentemente obtive informações, através de canais perigosos, nos quais me introduzi por nosso bem. Parece que sem o

debate prévio correspondente, os Lordes aprovaram, por votação secreta, uma contribuição do Ministério do Interior destinada a este, digamos assim: clube. Entretanto, qual é o propósito do mesmo, a não ser mimar aos ricos indolentes para quem estes estabelecimentos já são a maioria? Não pode haver nada de bom neste gasto imprudente. Comprometo-me a desmascarar este encoberto esbanjamento da riqueza do reino. Averiguarei os nomes de cada um dos membros deste clube e que negócios e tramoias existem atrás de seus arrogantes membros. Então, queridos leitores, revelarei isso a vocês.

A Dama da Justiça

Senhor:

Lamento informar que os agentes Águia, Gavião, Corvo e Pardal se retiraram do serviço. O Clube Falcon, ao que parece, foi dissolvido. Eu, é óbvio, devo permanecer ativo, até que todos os casos pendentes sejam resolvidos.

Do mesmo modo, permito-me chamar sua atenção sobre o folheto de 10 de dezembro de 1816, publicado pelo Brittle & Sons, impressores, que está anexo. A pobre virgenzinha terá uma decepção.

Seu, etc...,

Peregrine

— Obrigada, senhor. — A dama apertou a mão de Leam

Blackwood com dedos trêmulos. — Obrigada.

Na densa névoa de uma noite sem lua de dezembro ele elevou a mão e beijou-a fugazmente nos nódulos.

— Vá com Deus, senhora — ele lhe desejou em escocês.

As bochechas da dama brilhavam como duas fontes de gratidão.

— Você é muito bom. — levou o lenço aos lábios trêmulos. — Muito, milorde. — Ela pestanejou. — Quem dera...

Sorrindo, ele a ajudou a subir à carruagem e fechou a porta. O veículo partiu, as rodas estralaram envoltas na névoa da madrugada londrina.

Por um instante Leam a observou se afastar. Deixou escapar um longo suspiro.

Uma noite como outra qualquer.

Uma noite como não havia outra.

Somente alguns versos ruins, igual à poesia ruim de sua vida, durante os cinco últimos anos. Mas essa noite acabaria.

Desentorpeceu os ombros, abotoou o casaco e esfregou o queixo. Por Deus, até seus cães eram mais cuidados. Era um daqueles dias em que um homem preferia uma navalha de barbear a um brandy.

— Bem, parece que está acabando — disse, sem um traço de sotaque escocês, como havia aprendido a fazer desde jovem.

Entretanto, cinco anos antes, enquanto servia à Coroa, havia recuperado. Cinco anos de letargia.

Por vontade própria.

Acabou-se.

— Bella, Hermes. — Ele estalou os dedos. Duas grandes sombras emergiram do outro lado do parque. Nessa noite ele levara consigo os cães, para que seguissem o rastro da mulher, usando um objeto dela que lhe fora emprestado pelo marido. Estar acompanhado daqueles excelentes cães de caça era muito útil em caso de apuro. O encarregado do hotel de má fama, onde haviam maltratado uma mulher, não se importava com os animais, e os agentes do Clube Falcon conseguiram resgatá-la. Outra alma perdida recuperada.

É claro, que Hermes, que ainda era um cachorrinho, causara problemas na cozinha do hotel. Ao contrário, Bella não havia incomodado ninguém. Era velha, mas boa e obediente, um magnífico animal.

Isso a convertera em um deles.

— Tem certeza de que quer deixar tudo isto, velho amigo? — murmurou o homem que estava de pé, na úmida e fria calçada, atrás de Leam.

Pelo tom de Wyn Yale, Leam adivinhou sua expressão: leve

sorriso e olhos entreabertos.

— Deve ser agradável que custe tão pouco ter nas mãos tão encantadoras matronas.

— As damas admiram os heróis trágicos. — Perto de Yale, a suave voz de Constance Read soava como um arrulho nortista. — E meu primo é encantador, além de bonito, é claro. Exatamente como você, Wyn.

— Você é muito amável, milady — disse Yale. — Mas eu sinto que um galês nunca poderá ser melhor do que um escocês. A história demonstra isto.

— Às damas não importa a história. Especialmente às mais jovens, a quem por certo você gosta o bastante. — Ela começou a rir e um suave murmúrio aliviou a tensão que oprimia Leam.

— A mulher do gerente do hotel o chamou de arruaceiro — acrescentou Yale.

— Ora, estava paquerando. Todas paqueram com ele. Também o chamou de libertino.

— Vocês não fazem nem ideia. — A voz do galês soou maliciosa.

Era verdade, não faziam nem a menor ideia.

Passou uma mão pela face. Quatro anos em Cambridge e depois três em Edimburgo. Leam falava sete línguas, lia duas mais, viajara

por três continentes, possuía uma propriedade enorme em Lowland e era o herdeiro do ducado, enriquecido graças às sedas e os chás, procedentes da Índia. Mesmo assim, a alta sociedade o considerava um arruaceiro e um libertino. Porque era como ele se mostrava ao mundo.

Por Deus, ele já estava farto. Cinco anos eram mais do que suficiente. E apesar de tudo, em seu coração se travava uma espécie de luta que não o deixava dormir.

Meu Deus. Pensamentos shakespearianos esbanjados com mulheres tolas e poesia ruim. O brandy parecia uma excelente ideia depois de tudo.

Leam se voltou.

— Se você dois já terminaram, deveríamos entrar. A noite avança e eu queria ir dormir em algum lugar. — Apontou à porta da modesta casa da vizinhança diante da qual se encontravam. Como o trinco em forma de falcão, a placa de bronze em que aparecia o número 14½ reluzia sob a luminosidade do lampião de gás.

— Em que lugar? — perguntou sua prima, Constance, uma beleza fascinante de olhos azul celeste, que aos vinte anos já deixara de joelhos, dezenas de homens, nos salões de Londres. Ela arqueou as sobrancelhas com curiosidade.

— Em algum lugar por aqui. — Ele a guiou enquanto subiam os degraus.

— Não se iluda muito, velho amigo. Colin tem planos. — Yale empurrou a porta aberta e piscou um olho para Constance ao passar.

— Por mim, Colin pode apodrecer — murmurou Leam.

— Tomara que não. — Na soleira da sala, o chefe dos agentes do Clube Falcon, visconde Colin Gray, aguardava, pacientemente, como se fosse qualquer outra noite para encarregá-los de uma nova missão. Possuía a comissura dos lábios ligeiramente marcada. Gray raramente sorria. A sua face era séria, uma retidão inglesa, admirada por Leam desde seus dias de colegial. Encontrou-se com os olhos cor de anil de Leam, com expressão séria. — Mas se esperar o suficiente, querido amigo, terá sorte.

— É melhor ser guilhotina, do que forca, não é Colin? — Yale se aproximou do aparador. O jovem galês nunca gaguejava ao falar, nem vacilava ao andar, mas Leam o vira beber uma garrafa inteira de brandy, desde o meio-dia.

Um par de velas iluminavam as licoreiras de cristal. Com um copo na mão, Yale se sentou em uma cadeira, com a agilidade de um menino. Mas nada parecia o que era. Leam aprendera anos atrás.

Bella se acomodou sobre o tapete junto ao fogo, enquanto que

seu cachorrinho seguiu Gray.

— Como foram as coisas esta noite no hotel? — O visconde se apoiou no suporte da lareira. — O senhor Grimm foi embora na carruagem e vocês estão todos aqui, de modo que devo supor que encontraram à princesa, e que, agora, ela está a caminho de volta à sua casa.

— Rumo ao peito amoroso do marido que a espera ofegante.

Yale sorriu.

— Leam paquera com tudo o que use saias. — Constance parou junto à janela e correu a cortina para olhar para a escuridão.

— Sempre o consegue. Faz com que o coração das senhoritas fique acelerado, que se exaltem, com sentimentos que nunca experimentaram. — Yale bebeu um gole de seu brandy. — Melhor dizendo, sempre conseguia.

— É muito bom nisso — disse Gray, cujo rosto, ao resplendor do fogo, assemelhava-se ao mármore esculpido.

Leam ficou na entrada, com os olhos entreabertos como de costume. Um hábito de anos, não desaparecia facilmente e ainda não se desprendera dos vestígios de sua falsa personalidade. Ainda se agarrava a seu disfarce.

Mas não por muito tempo.

Constance o olhou por cima do ombro. Um ostentoso relógio dourado estava pendurado em seu bolso, tão calculadamente, como o papel que lhe tocava desempenhar. Todos desempenhavam um papel. Como membros do Clube Falcon, durante cinco anos, Leam, Wyn Yale, Colin Gray e Jinan Seton haviam utilizado suas habilidades para procurar e encontrar pessoas desaparecidas, cujo resgate exigia confidencialidade. Pelo rei. Pela Inglaterra. A prima de Leam, Constance, somente começara a fazer parte do clube, fazia dois anos, quando ele a introduziu.

— Sempre me causa estranheza vê-los partir com o senhor Grimm na carruagem — disse ela. Olhou atentamente para o visconde e acrescentou: — Colin, como é que as pessoas nos encontram? Não será porque nos anunciamos em periódicos. Por acaso conhecem nosso diretor secreto? Claro que, neste caso, é verdade que não seria muito secreto? E nós também deveríamos conhecê-lo. — Ela esboçou um doce sorriso.

— Possivelmente, se permanecer no clube, conheça-o algum dia — respondeu o visconde.

— Oh! Sabe que seria impossível. Não quando Leam, Wyn e Jinan estão dispostos a atrapalhar tudo.

Leam a observou.

— Também não acho necessário, Constance.

— Farei o que me agrade, Leam.

— Vamos, primos — disse Yale, fazendo girar a taça de brandy entre as mãos. — Não briguem. Ainda não bebemos o suficiente.

— Não são seus primos, Yale — lhe recordou lorde Gray do outro lado da sala.

O galês arqueou uma sobrancelha negara, dando a entender a Gray o que ele pensava.

— Em primeiro lugar, nunca deveria tê-la metido nisto — disse Leam, aproximando-se de sua prima. — Mas naquele momento acreditei que ela precisava de diversão. — Adiantou a mão e brandamente lhe apertou a mão.

— Oh! Não. — Constance retirou a mão. — Me fará chorar com esse teu olhar de poeta. Tornei-me tão suscetível como toda dama que se aprecie.

— Descarada — murmurou lorde Gray.

Constance o olhou com um sorriso.

— Deve chorar com carinho, Colin. Basta somente um pouco mais, do que me inspiram certas pessoas.

Lorde Gray inclinou a cabeça, em reconhecimento a seu gracioso desdém.

— Está vendo, Leam? — disse ela, com um brilho de ironia em seus olhos azuis. — Colin lhe arrancará o pescoço se me fizer chorar.

— Pois eu, Blackwood, nunca gostei de ver uma dama chorar — murmurou Yale com ar sonolento.

— A dama não estaria abatida se você não tivesse se empenhado em retirá-los juntos, tão repentinamente — comentou Gray.

— Não devemos discutir durante nossa festa de despedida. — Yale abriu os olhos, embora nada verdadeiro pudéssemos ser deduzido disso. Até Leam, depois de trabalhar com ele durante cinco anos, ignorava quando seu amigo falava a sério.

A atuação de Yale, a reticência de Constance ou a insistência de Gray não importavam. Leam guardara em segredo e vivera como um cigano. No início não se importou, mas agora, aos trinta e um anos, sentia-se muito velho para continuar com este plano.

— Suponho que esta noite não veremos Seton — disse Gray. — É deplorável que se despeça sem sequer comparecer, pessoalmente.

— Jinan nunca fez parte totalmente do clube — disse Leam. — Têm sorte de que ao menos tenha enviado algumas palavras.

— Wyn, o que você quis dizer com o comentário sobre a guilhotina? — perguntou Constance, inclinando a cabeça.

Yale lançou um olhar desafiante para Gray.

— Possivelmente nosso augusto visconde nos explique isso. Você tem notícias do que acontece na França, não é assim, Colin?

— Deixemos para outro momento. — O visconde abriu uma caixa que havia no suporte da lareira e tirou um papel dobrado. — O diretor tem uma última missão para vocês dois.

— Nem pensar — disse Leam em tom categórico.

Gray arqueou uma sobrancelha.

— Peço que primeiro me deixe informar sobre a missão.

— Nem pensar. — Leam ficou claramente tenso. — Renuncio e não se fale mais. Eu lhe disse isso, muitas vezes, Colin. Vou para casa. Isso é tudo.

— Mas os espiões franceses... — murmurou Yale. — E agora o que ainda precisamos fazer, nos largar para Calcutá para salvar a Inglaterra?

Os espiões franceses não enviaram Leam à Índia cinco anos atrás. Isto fora feito por seu desespero em abandonar a Inglaterra. E todos sabiam.

Yale lançou um olhar ao visconde.

— É espionagem desta vez, Colin?

Lorde Gray lhe passou o papel.

— O diretor e alguns membros do Conselho do Almirantado

acreditam que sim.

— Os informantes do Ministério do Interior identificaram certos elementos escoceses das Terras Altas, o que representa uma ameaça potencial, pois podem entregar informações à França.

Constance enrugou a testa.

— Mas a guerra já terminou.

— O verdadeiro motivo da preocupação não é um possível ataque da França, amas, sim, os rebeldes escoceses.

— Ah! — Yale bebeu um gole de brandy, pensativo.

— Está correto — disse Gray com expressão séria. — Os rebeldes escoceses podem estar se congraçando com certos partidos franceses para ganhar apoio para uma rebelião.

— E o que poderiam ter os rebeldes escoceses, que resultasse interessante aos franceses?

— Não muito, se somente fossem à turba do norte, mas nosso diretor e vários membros do Conselho do Almirantado acertam ao pensar que os rebeldes estão contribuindo com informação confidencial diretamente para um membro do Parlamento.

Yale assobiou entre dentes.

— A menos que acreditem que eu sou um desses rebeldes — disse Leam, — não tenho nem ideia do que tem a ver comigo. Será melhor

deixar para o Ministério do Interior, ao que lhe corresponde, ou aos do Foreign Office, como deveria ter sido feito há cinco anos, atrás. Não me importo e nunca deveria ter me importado.

— Não lhe importou em seu momento.

Leam observou o olhar frio de Gray.

— É um trabalho honrado, Leam.

— Pensa que está salvando o mundo tal como deseja que seja meu nobre amigo. Mas desde que terminou a guerra não somos mais do que pombas mensageiras e glorificadas, e eu não gosto nada disso.

O estalo de uma faísca no fogo pareceu acentuar sua afirmação.

— Um sentido simbólico — resmungou Yale, que ficou de pé, ajeitou as calças e se dirigiu para a porta. — Continuo com vocês, contem comigo. Boa noite a todos — acrescentou como se se tratasse de uma noite qualquer, e não da última.

Seu olhar perspicaz e cada um de seus movimentos eram próprios de um espião. O Clube Falcon havia lhe desperdiçado.

— Se homens como você, Leam, se não continuarem este trabalho, poderia explodir uma nova guerra antes do que imaginamos — disse o visconde muito sério.

Yale parou e apoiou um ombro contra o marco da porta.

Mas Leam não se sentia responsável. Não havia necessidade de

ter tudo resolvido.

— Durante a guerra, ao menos, salvamos pessoas de alguma importância para a Inglaterra. — Sacudiu a cabeça. — Agora...

— Pois esta noite resgatou uma princesa.

— Mesmo que tenha se trate da maldita rainha. Nunca foi meu desejo caçar as mulheres que fogem de outros homens.

Fez-se silêncio, desta vez tenso. Yale por fim o rompeu, dizendo com tom afirmativo:

— Nem todas as esposas fogem de seus homens.

Leam se aproximou do fogo, sentindo os olhares de seus amigos pousados nele.

O resto do mundo via o pobre Leam Blackwood como um viúvo dramático. Somente eles e Jin Seton conheciam a verdade.

— Recorda-se daquela menina italiana de treze anos que encontramos a sobrinha do arcebispo?

— Justamente na sua volta de Bengala — disse Constance. — Wyn me falou dela — acrescentou com um sorriso. — Você e Leam a encontraram trabalhando disfarçada como garçonete em um baile, embora ainda não o imagine disfarçado.

— Não o fiz. Embora Blackwood sim, é claro. Recorda-se, amigo?

Leam não esquecera após os três anos transcorridos. Fora sua

primeira missão em Londres, depois da Índia. Mas não era essa a razão pela qual nunca esquecera aquele baile.

— Ele tenta ficar fora desta vez, Colin — disse Constance com tranquilidade. — Pensei que fazia isso quando entrou para fazer parte do clube e foi à Índia as suas ordens. Mas ao final descobriu seu engano.

— Uma última missão, Leam.

Os olhares de Leam e de Gray se cruzaram.

— E depois?

— Nunca mais voltarei a lhe pedir isso.

Yale cruzou os braços.

— Que deseja desta vez nosso diretor das sombras?

— Quer que os dois se reúnam com Seton. Faz dois meses que nosso amigo marinheiro mandou dizer que tinha notícias que não podia enviar por mensageiro, nem por correio. Entretanto, não soubemos nada dele depois disso; acreditam que possivelmente você saiba onde está. Sabe?

Leam assentiu. Eram homens dirigidos por diferentes patrões:

Jinan Seton e Colin Gray não deveriam localizá-lo. Mas o marinheiro informava para Leam da situação de seu navio, ao menos uma vez ao mês. De modo que ele sabia onde encontrá-lo.

— Isso é tudo? — disse.

— O diretor também quer a confirmação da renúncia ao clube, da parte de Seton.

— Então, na realidade, não há rebeldes escoceses, nem espiões franceses?

Yale olhou para Leam e para Gray.

— Desta vez não.

— Então por que os mencionou? — Ambos se conheciam já fazia anos, mas Leam não confiava totalmente em seu velho amigo. Para Colin Gray somente importava uma coisa na vida: a segurança da Inglaterra. Leam não o culpava por isso, mas não o entendia. Ele não sentia a lealdade incondicional por ninguém; somente aparentava.

— Esperava que mordesse o anzol, mas acredito que não vai ser assim — disse Gray com tom grave. — Você poderá fazer este último serviço?

O navio de Jin estava ancorado em Bristol. Leam poderia ir a cavalo e mesmo assim chegar a Alvamoor a tempo para o Natal. Gostaria de ver o marinheiro uma vez mais, antes de partir à Escócia. Além disso, devia isso ao Gray, o homem que fora em sua ajuda cinco anos, antes, quando ele precisou.

Ele assentiu.

— Bem — disse Gray, aproximando-se de Yale. — Não se meta em confusões — lhe advertiu.

— Nem o menor escândalo poderá ser relacionar com meu nome.

O visconde pareceu dissimular um sorriso.

— É muito possível. — inclinou-se para Constance. — Milady. — E se foi.

Sobre o tapete que havia diante da lareira, Hermes trocou de posição com um suspiro preguiçoso.

— O que diz Cons? — brincou Yale, olhando-a de cima abaixo. — Me acompanha em um passeio a meia-noite? Com você pelo braço estarei no céu.

— Oh! Wyn. Venha.

O jovem sorriu maliciosamente, inclinou-se e saiu atrás de Gray.

— Ele é incorrigível — disse Constance com um sorriso, nos lábios.

— Tem você em muito alta estima.

— Gosta de aparentar que sim, mas ainda não conheço a garota capaz de... — Constance se voltou de repente para observar Leam. — De verdade vai à Escócia? Desta vez é definitivamente?

— Sim — respondeu Leam em escocês.

Constance inclinou a cabeça e perguntou:

— Poderá ser feliz em Alvamoor?

— É meu lar, Constance.

— Ela não estará sempre lá, de certo modo?

— Onde melhor que na minha terra?

Ela estremeceu quase imperceptivelmente.

— Essas palavras não são próprias de você.

— É claro que sim, elas são — disse ele. Evidentemente, não restava nada do jovem amalucado que ele havia sido seis anos antes.

— Não a perdoou após todo este tempo?

— O honrado confia muito no perdão.

Constance guardou silêncio um momento.

— Depois jantarei com papai — ela disse para mudar de assunto, lerá o periódico enquanto comemos e me deixará todo o peso da conversação.

Leam sorriu. Constance tentava diverti-lo, mas, possivelmente, já fosse muito tarde.

— Dê minhas saudações a vossa excelência.

Ela pegou sua capa da cadeira.

— Por que não janta conosco? Papai perguntava por seu sobrinho favorito esta mesma manhã.

— Obrigado. Tenho outro compromisso. — Se fosse para Alvamoor

para o Natal, devia partir o quanto antes, para se encontrar com Jinan na costa. É obvio Yale o acompanharia.

A elegante carruagem de Constance, com o escudo ducal, esperava-a diante da porta. Ele a ajudou a subir. E lhe apertou a mão.

— Depois da temporada, no verão, irei até Alvamoor — ele disse.

— Fiona e Jamie estarão lá, eu também. Então até, — disse ele, e se dispunha a fechar a porta quando Constance puxou sua manga para impedi-lo.

— Leam, pensou outra vez no casamento?

— Não — respondeu ele com um tom que sugeria “nunca mais”.

Ele sustentou seu olhar.

— Então, tenha uma viagem agradável, querido — ela lhe disse com carinho. — E Feliz Natal. — Ela agasalhou-se com a capa e se acomodou sobre as almofadas.

O estalar da carruagem foi ouvido por toda a rua.

Leam se voltou e por um longo instante ficou olhando a porta do 14½ de Dover Street. Durante cinco anos dispusera sua vida ao serviço do rei, atrás daquela porta, com sua maçaneta em forma de ave de rapina e seus suntuosos salões de baile, assim como em todos os becos de Londres. E por toda a Grã-Bretanha.

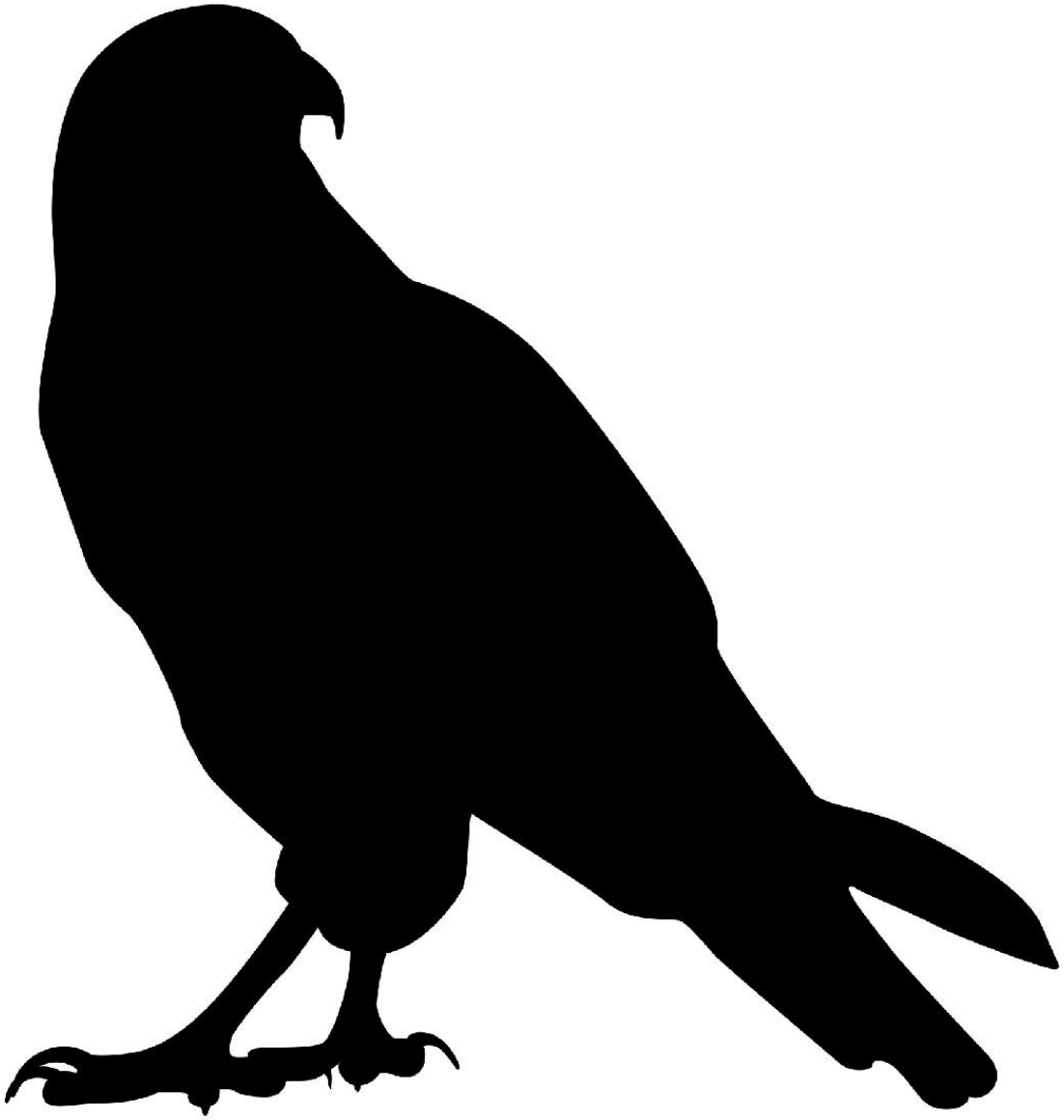
Seu desespero o conduzira até um veleiro que partia com destino

ao Oriente, mas sua ocupação como membro do Clube Falcon conseguira distrai-lo. Sim, por um tempo, esteve entretido.

Voltou-se e começou a andar pela rua. As luzes dos lampiões de gás e o som de suas botas marcavam seu passo pela triste meia-noite. Seus sentidos necessitavam o aroma do norte. Durante o solstício de inverno a região de Lodainn mostrava céus brilhantes e cristalinos, a menos que se carregassem de nuvens de chuva ou de intensas nevadas.

Sim, Natal em Alvamoor. Nesta ocasião, pela primeira vez em cinco anos, ficaria mais à frente do que o dia de Reis. De fato, ficaria indefinidamente.

De repente, enquanto caminhava, sentiu os cabelos de sua nuca arrepiar e soube que estavam lhe vigiando. Não se importou muito, assim como tantas outras coisas, ultimamente.



2

Quinze dias depois, em algum lugar do caminho, em Shropshire.

— Kitty, lhe peço desculpas. — Lady Emily Vale puxou a frente do capuz de sua capa cobrindo seus claros e curtos cabelos e sua mandíbula fina. — A casa de meus pais está a menos de cinco quilômetros de distância, mas com esta nevasca, duvido que Pen consiga conduzir a carruagem, por um metro a mais.

— Vamos, Athena você não tem arrumação.

— Queria dizer: troquei-o por Marie Antoine. — Emily abotoou a gola da capa e apertou os lábios. — Em minha opinião, aquelas tolas que formavam o Regimento de Mulheres são as que arruinaram Athena. Não possuíam interesse algum em política ou literatura. Tudo o que sabiam da antiga Grécia é que possuíam vestidos e enfeites.

Kitty sorriu. Através do guichê da carruagem e da cortina de neve, contemplou através da escassa luz noturna, a modesta estalagem. De dois andares, a estrutura possuía um telhado velho, uma porta tosca e quatro janelas dianteiras, horrorosamente, pequenas. O pátio, com uns quinze metros ao lado, estava coberto de neve.

Mais adiante, ladeada por edifícios de madeira, a rua principal,

branca e açoitada por redemoinhos de vento, descia até o rio. Exceto pela fumaça das chaminés, o único movimento visível era a oscilante porta de um botequim junto ao molhe, depois de que um paroquiano entrasse, fugindo da tormenta.

O estábulo da estalagem, entretanto, parecia bastante espaçoso para a carruagem e sua parelha de cavalos. Um asno zurrou. Ao que parecia, o lugar já estava habitado.

Poderia servir como refúgio? Pouco importava, na realidade para Kitty onde se perdesse na Inglaterra, desde que se afastasse o suficiente de Londres.

— Bom isto bastará — murmurou. — Estaremos bem, você verá.

— Suponho que a vantagem é que se encontra tão longe de sua mãe e de seu noivo, quanto da casa de meus pais — disse Emily.

— Possivelmente... — disse Kitty, e sorriu. Douglas Westcott, lorde Chamberlayne, adorava a sua mãe, tanto quanto sua mãe o adorava a ele. Mas a viúva nem sequer ia às compras sem sua filha solteira. Durante anos estiveram o mais unidas que uma mãe e uma filha podem estar.

Na opinião de Kitty, entretanto, isso não deixava espaço suficiente para um galanteio apropriado, ou para que um cavalheiro, viúvo, se aproximasse de uma dama, viúva, com garantias de que

funcionasse. E assim, quatro dias antes — um prazo muito breve para uma mulher com a qual se esteve a cada dia, durante a última década —, e depois de lhe dar um beijo na bochecha, Kitty se colocou a caminho de Shropshire para o Natal.

Abriu a porta da carruagem e disse:

— Esta tormenta também lhe ajudará com seu probleminha, Marie.

— Acredita?

— Não poderíamos ter improvisado melhor.

Um menino saiu do estábulo, sacudindo a neve que cobria seus joelhos. A carruagem se inclinou para um lado, quando o senhor Pen apeou, enquanto grandes partes de neve se desprendiam de seu casaco.

— Pobre homem. — Kitty cobriu com o capuz a cabeleira, que nessa mesma manhã sua donzela havia penteado em duas elegantes tranças. Em algum momento da viagem, cada vez mais lento, o primeiro cocheiro de Emily adiantou-se no caminho, com o carro em que foram os serviçais, decidido a chegar ao destino, antes que a nevasca os alcançasse.

Por desgraça, não houve sorte. Ali estavam, aparentemente no meio de lugar nenhum, e sem saber onde se encontrava a carruagem

em que viajavam os serviçais.

— Acredita que a nevasca durará muito, jovem? — gritou Emily por cima do fragor da nevasca, dirigindo-se ao menino do estábulo, que era somente dentes e ossos.

— A senhora pode ter certeza de que no mínimo toda a noite — disse o menino, levando uma mão à boina.

Abriram a porta da estalagem e entraram, seguidas de uma rajada de gelo e pó.

— Boa noite, senhoras! — Um homem de meia idade, incitado pelo uísque e com um lenço vermelho ao pescoço, aproximou-se. — Bem-vindas a Cock and Pitcher.

— Senhor Milch — disse Emily da forma direta que Kitty tanto admirava. — Faz um ano que estivemos aqui com minha mãe e meu pai, lorde e lady Vale. Sua esposa nos serviu de um rosbife e um pudim excelente. Terá o mesmo para lady Katherine e para mim esta noite? E quartos?

— Claro senhora. — O hospedeiro sorriu amavelmente e segurou suas capas. — Minha mulher enviará às garotas para que preparem os quartos, imediatamente.

— Nossos criados ainda estão a caminho — disse Emily, pensando em sua dama de companhia, a formidável madame Roche. Os rumores

em Londres sobre o celibato de Kitty se converteram em um assunto de conversação, durante cinco anos; entre risadas, muitos diziam que merecia estar solteira, depois de alardear sua história de amor com Lambert Poole. Mas, até o momento, essas fofocas não converteram Emily em objeto de crítica, exceto claro, por sua amizade com Kitty. Para Emily, entretanto, não importava em nada. Bastavam seus livros e não se preocupava, absolutamente, que considerassem Kitty inadequada como companhia de uma moça.

Mas, Kitty se importava sim, com a irrepreensível reputação de Emily, e pensava que uma noite no caminho, sem a vigilância de uma dama de companhia não ajudaria muito.

O senhor Milch estalou a língua e disse:

— Bem, fiquem a vontade. — Fez-lhes um gesto do vestíbulo e acrescentou: — Vou procurar a minha Gert e depois nos ocuparemos de seu cocheiro. Espero que possamos encontrar lugar para ele no botequim. Aqui estamos lotados.

Emily assentiu.

— Não acredito que Pen se importe muito, contanto que tenha onde se abrigar. — Um bom casaco, bons livros e boa conversação eram tudo o que Emily Vale necessitava. Sempre fora uma garota prática e não se preocupava com o passado de uma pessoa por mais

rebelde que esta fosse. Por isso era tão boa amiga de Kitty, uma de suas preferidas.

A andar térreo da estalagem era uma sala modesta, dividida em duas pela escada que conduzia ao piso superior. Na parte direita havia duas mesas quadradas ladeadas por bancos e cobertas com toalhas de renda, e à esquerda, diante da lareira, havia um sofá e um par de cadeiras gastas. Nas paredes estavam penduradas tapeçarias de ponto de cruz e uma impressionante galhada de veado que, às vezes, servia de cabideiro; as janelas estavam cobertas por simples cortinas de lã. O lugar cheirava a cebolas, a guisado de cordeiro e a café.

— Kitty — disse Emily, olhando ao redor, — suspeito que você jamais esteve em um lugar como este. Nunca me perdoará isso.

— Não seja tola. É encantador. — “E horrivelmente rústico e singelo”, ela pensou.

De repente, sobre o tapete que havia diante da lareira, algo se moveu. Kitty saltou para trás. Uma cabeça cinza e peluda se levantou do chão e a olhou com uns olhos grandes e profundos. Sorrindo, Kitty tirou o cachecol e o chapéu e se aproximou da lareira, com cuidado de não pisar na cauda do cão, estendendo as mãos para esquentar-se.

— Suponho que não tem remédio, como diz. — Emily, a quem nada daquilo era muito engraçado, sentou-se em uma cadeira, tirou o

chapéu e passou os dedos pelo cabelo curto com gesto feminino. Quando ela tinha somente dezoito anos carecia de toda graça feminina, mas durante os últimos cinco anos, e graças à ajuda e o exemplo de Kitty, ganhara em feminilidade.

Kitty começou a rir e disse:

— Realmente, não precisa se preocupar. Mas onde estamos exatamente?

— Eu diria que perto de Shrewsbury — respondeu Emily. — Pen disse que íamos para Sever, e isso já faz horas. Se quiser que seja sincera com você, Kitty, não posso evitar me sentir preocupada.

— Emily...

Emily apertou os lábios.

— Marie — corrigiu Kitty. — Não deve se preocupar. Inclusive se a neve nos confina em Willows Hall, enquanto o senhor Worthmore está lá, traçarei um plano para dissuadir seus pais desse encontro inapropriado. Prometo.

Emily franziu o sobrecenho.

— Por isso lhe pedi que viesse, Kitty — disse em tom sério, — porque é incrivelmente preparada para este tipo de coisas. Meus pais engenharam para me aturdir, completamente, com esta situação, mas sei que para você não suporá nenhum problema. Afinal de contas, se

no verão passado, você conseguiu derrotar, totalmente, um lorde britânico, certamente, também conseguirá afugentar um simples senhor, da casa de meus pais.

Em Kitty se formou um nó na garganta, e ela não conseguiu dissimulá-lo.

— Oh! Lamento muito, Kitty — Emily se apressou a dizer. — Madame Roche me advertiu que não devia mencionar, mas já sabe quão desmemoriada eu sou para essas coisas.

Até o momento nenhuma de suas relações falara disso em voz alta. À exceção de Emily...

Três anos antes, depois do baile de máscaras no qual disse para Lambert Poole que ele não lhe importava, o suficiente, nem para odiá-lo, havia guardado sob sete chaves, toda a informação importante que conseguira sobre ele. Durante dois anos e meio não fez nada com elas. Mas seis meses atrás, no final da temporada, Lambert ameaçara seu irmão Alex, acusando-o de atividades delituosas, com o único fim de ocultar as próprias. E Kitty finalmente lançou mão de seus arquivos. Junto à informação proporcionada pelo Conselho do Almirantado, procedente de outra fonte, seu conhecimento das atividades indesejáveis de Lambert acabara por condená-lo.

É obvio ninguém devia saber que ela estava envolvida no

assunto. Mas a informação foi infiltrada e em poucos meses, começou a correr o rumor da assombrosa atuação de lady Katherine Savege, que ajudara a levar, perante a justiça, o lorde delinquente, falações às quais, logo se somou a humilhante história de que entregara sua virtude àquele mesmo homem.

— Não deve deixar que a afete, Marie. Eu me afligir já é suficiente...

De repente, se ouviu que alguém que calçava botas subia a escada. Com um alívio que lhe resultou um tempo abafadiço, Kitty revirou os olhos. Sentiu um nó no estômago.

No patamar do andar superior, havia um cavalheiro, de estatura considerável, costas largas e movimentos ágeis, mas, sem outros méritos do que essas qualidades masculinas, neste caso, muito estimáveis para quem somente ama a beleza física acima da beleza moral. Ou do caráter. Ou da educação. Ou das afeições.

Kitty quis escapar de Londres, mas, nem por isso, renunciaria a certas coisas.

Bom, não era totalmente verdade... Notou as palmas das mãos úmidas. Não só quis escapar de Londres. Quis escapar também dos rumores, de que nos salões da cidade se associasse seu nome com o de Lambert, dos enganos do passado, dos que ao que parece, não

conseguia se livrar.

A presença repentina daquele homem no meio de lugar nenhum fez com que tudo resultasse impossível.

Lorde Blackwood sorriu e a olhou fixamente. Ele fez uma reverência.

O sorriso de Blackwood se tornou mais amplo. Era, na verdade, um sorriso elegante. Em que pese sua barba escandalosamente espessa.

— Milady, que agradável surpresa nos encontrarmos aqui.

As ásperas palavras em escocês retumbaram como um rebanho de ovelhas negras fugindo dos lobos. Algo enorme, acinzentado, correu ao redor de suas longas pernas. Kitty deu um chute.

— Hermes, fora.

O animal se deitou no chão, aos pés dela, movendo a cauda freneticamente.

— Senhor! — exclamou Emily.

— Fique tranquila, que ele não lhe fará nenhum dano.

— Como vai, milorde? — perguntou Kitty, tentando recuperar o fôlego. — Marie, me permita apresentá-la ao conde de Blackwood. Milorde, ela é minha companheira de viagem, lady Emily Vale, a quem atualmente conhece com o nome de Marie Antoine.

— Madame. — Blackwood se inclinou para Emily com um sorriso e começou a descer a escada.

Ele fez uma reverência para Kitty, com perfeita agilidade.

— Milady...

Não havia escapatória. Aquilo era um absurdo. Somente havia falado com aquele homem em uma ocasião, três anos atrás, praticamente para intercambiar saudações. Entretanto, sua vida mudara.

Ele possuía as maçãs do rosto altas, as bochechas lisas, bigodes grossos e um olhar indolente.

Kitty sabia muito bem que podia confiar nessa indolência. Ao menos assim ela decidira aquela noite, quando seus olhos escuros pareciam olhar dentro dela.

— O que o traz até Shropshire, milorde?

— A pesca — respondeu ele, e um eco de prazer ressonou em sua voz.

Kitty não entendeu uma palavra do que ele disse a seguir, como sempre que falava em escocês. Era impossível manter uma conversação racional com aquele bárbaro, por mais bonito que fosse.

— Que bom — se limitou a dizer. E acrescentou: — Também se aloja aqui?

— Sim.

— A nevasca é atroz.

O hospedeiro apresentou-se.

— Senhoras, esta é a senhora Milch, deve arrumar seus quartos. Servirei o jantar quando preferirem.

— Temos somente linguiça de cordeiro, e meu marido aqui, já se comeu a metade. — A senhora Milch olhou para seu marido com a testa franzida, coberta do pescoço aos joelhos, com um simples vestido de cambraia. — É o que recebemos, além dos ovos, que guardarei para o café da manhã.

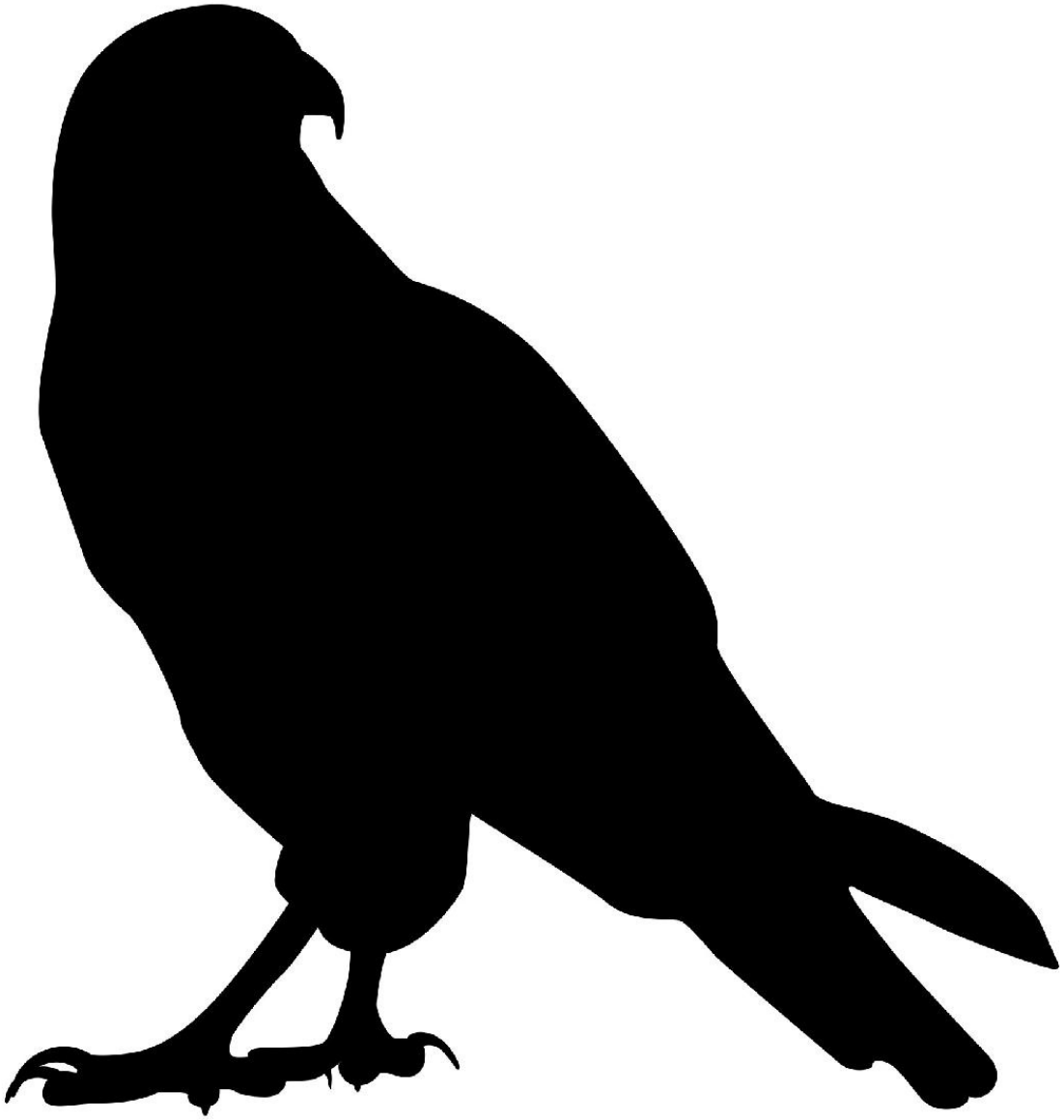
— Linguiça de cordeiro estará muito bom — respondeu Kitty.

— Não esperava que membros da alta sociedade nos visitassem nesta noite — disse a senhora Milch com voz rouca. — É tudo o que posso oferecer.

Kitty a seguiu, a ela e a Emily. Mas ao chegar ao alto da escada não conseguiu evitar olhar para trás. Lorde Blackwood estava observando-a. Agora não havia nenhum sorriso que iluminasse seu rosto, somente um brilho de frieza e perspicácia atrás da indolência. Naquela noite, três anos atrás, seus quentes e escuros olhos haviam brilhado tremulamente. Através do salão de baile ele a observara, igual fazia nesse momento, e isso foi tudo o que ela

precisou para decidir mudar o rumo de sua vida.

Durante três anos, Kitty se perguntara se sua imaginação havia inventado aquele brilho resistente, para satisfazer sua própria necessidade naquele momento. Agora ela sabia.



3

— Katherine Savege está aqui — disse Leam enquanto raspava a barba do queixo com a navalha. — E lady Emily Vale.

— Lady Katherine, a requintada solteira? — Yale estava estirado na cadeira de madeira da sala, enquanto fazia girar um guinéu entre os dedos. A moeda de ouro brilhou à delicada luz matinal que entrava pela janela. O jogo estava ganhando agilidade.

— A única — particularizou Leam. — Haute société. Política. Frequenta o salão da condessa de March. — E através de certos amigos presentes naquele salão, seis meses antes, ela havia selado um destino traiçoeiro para aquele lorde.

— Beleza e inteligência. — Yale olhava fixamente a moeda. — Mas o último elogio, tenho certeza que não interessaria ao cretino do conde de Blackwood.

— A mãe dela joga a cartas.

— Ah. Vai ao ponto

— Lady Katherine possui alguns conhecidos influentes, próximos ao Conselho do Almirantado, concretamente.

Yale guardou a moeda no bolso e disse:

— Então, não é nosso assunto.

— Agora não. — A fria folha da navalha deslizava pela pele de Leam. Um pouco de sabão caiu sobre sua roupa. — Maldição.

— Então por que se barbeia?

Leam passou as palmas das mãos pelas bochechas e pelo queixo. Que grande satisfação voltar a me sentir civilizado.

— Precisava me barbear — respondeu. — Estava programado. — Ao contrário de ir para Alvamoor, onde eu deveria estar nesse momento.

Amaldiçoou Jin por trocar o lugar de encontro de Bristol para Liverpool. Se não fosse pela neve, Leam teria deixado tudo nas mãos de Yale e teria se desligado dos negócios do Clube Falcon, de uma vez por todas.

— Quem é lady Emily? — perguntou Leam, ajeitando a gravata.

— Ainda faltam quinze dias para que termine o trabalho e já está perdendo faculdades? Apresentaram-na no baile de Pembroke na primavera passada.

Yale ficou sério.

— Athena?

— Marie Antoine, ao que parece.

O galês ficou de pé e se dirigiu para a porta.

— Bem, devo ir, antes que os belles fiquem nervosos.

— Mas há dois metros de neve.

Se Leam não se importasse em abusar de seus animais, teria selado seu cavalo e levado Bella e Hermes para o caminho, sem perda de tempo. Mas não podia fazer algo assim. Então, encontrava-se preso, a centenas de quilômetros de onde deveria estar daqui a dois dias.

— Aonde esperas ir?

— Deveria abrir uma vala até o molhe, roubar um bote e, uma vez na desembocadura do rio, olhar para o mar procurando um corsário distraído.

— Wyn...

— Leam?

— Vá com cuidado.

O homem mais jovem se inclinou com um floreio. Vestia-se, completamente, de negro, sua única extravagância.

— Como sempre, milorde.

Leam jogou o casaco por cima dos ombros. Preso em uma estalagem com um a dupla de mulheres, que frequentavam as mais altas esferas, ainda não poderia se livrar, totalmente, de sua fama de brincalhão; sua personalidade pública era muito bem conhecida. Em casa haveria poucas semelhanças com a vida que deixara para trás, já fazia meia década. Lá poderia se vestir e se comportar como quisesse. Não iria para Edimburgo. Não possuía nenhuma razão para ver os

outros e havia trabalho suficiente, em sua propriedade, para permanecer lá. Já se descuidara durante muito tempo, e não somente de sua propriedade.

Deslizou uma faca dentro do forro da manga, perto do punho. No dia anterior, pelo caminho, tiveram companhia. Mas cada vez que paravam, para dar de beber aos cavalos, não conseguiam descobrir ninguém. Quem estava seguindo-os fazia a uma distância prudente.

O andar térreo da estalagem, onde em outros tempos se servia cerveja, destinava-se, agora, aos cafés da manhã. Atrás da porta eram ouvidos os ruídos de movimentos na cozinha, estalos de pratos e contínuas e altas broncas da mulher do hospedeiro. O aroma de café fez mais aconchegante, ainda, o ambiente caseiro.

Lady Emily se sentou em uma poltrona, diante da lareira, com um livro entre as mãos e lentes sobre a aba do nariz. Levantou o olhar, levemente estrábico, e disse:

— Bom dia, senhor.

— Bom dia, milady.

— O café da manhã será servido logo. Ovos com... Algo mais acredito — respondeu o hospedeiro.

Lady Emily assentiu e voltou a se concentrar na leitura.

Leam estava por ali, junto aos cabideiros, onde estavam

penduradas as capas das duas damas e seu próprio casaco, além de outros objetos de inferior qualidade. Perto havia uma porta que dava para um pátio traseiro, e Leam ainda não havia dado uma olhada à luz do dia. O perigo raramente ameaçava através da porta principal.

A porta estava manchada por causa da umidade, mas resistia.

Leam lhe deu um chute e a abriu de repente. Lady Katherine Savege, de pé no pequeno alpendre coberto, deu meia volta, escorregou e caiu para frente.

Leam a segurou. Ela se agarrou às mangas do casaco dele e exalou um profundo suspiro. Ele observou seu rosto e fez um exame rápido de seus finos traços, seu nariz arrebitado, seus lábios cheios e seus olhos emoldurados por longas pestanas.

A cabeça estava descoberta e o escuro cabelo, curiosamente trançado e preso com vistosos pentes de cabelos, realçava a perfeita maciez de sua pele.

— Tome cuidado com o gelo, milady — ele lhe disse devagar. — Está muito escorregadio.

— Perdoe milorde — disse ela sem olhá-lo, para surpresa de Leam, e isso que ele não era muito dado a se surpreender por alguma coisa.

A respiração dela se fez mais rápida ao contato com o peito dele. A pressão entre os dois diminuiu, e lady Katherine deixou os braços

caírem. — Perdi o equilíbrio quando a porta foi aberta. O solo está escorregadio, na verdade, e, além disso, saí somente com sapatilhas. Queria ver qual era a profundidade da neve.

— Verdade?

— Procurarei não me descuidar novamente — disse lady Katherine, cuja voz soava mais fria por um momento.

Era o tipo de mulher com a qual Leam não se relacionava. As damas como ela eram capazes de se defender sozinhas, e contribuíram com poucos benefícios em ocasiões anteriores. Além disso, ele já não era um agente da coroa que procurava informações continuamente. Podia fazer o que quisesse, e estava com uma bonita mulher em seus braços. Por outro lado, apesar de seu celibato lady Katherine não tinha nada de inocente. Estava certo disso.

— Entretanto, moça, você parece nervosa.

Ela ficou rígida, o que fez com que a situação lhe parecesse ainda mais agradável.

— Não estou nervosa. E você já deveria ter me soltado. Não? Ou é verdade o que dizem de você?

— Ora, corajosa.

— Minha coragem não é de sua conta, e não sou uma moça. Tenho vinte e seis anos. Bom, quase; completarei em 12 de fevereiro.

— Quem o diria!

Os lábios de lady Katherine formavam uma linha de pedra que Leam desejava abrandar. Precisava conseguir que ela risse. Seus olhos eram grandes e cinzas como as nuvens de tormenta, de um outono melancólico, emoldurados por um halo de pestanas negras como a fuligem.

— Serei obrigada a lhe exigir que me solte ou planeja fazer brevemente? — disse ela, embora devesse admitir que se sentisse bem nos braços daquele homem, pressionando seu corpo contra o dele. Incrivelmente bem. Quem dera os rumores a respeito de Leam fossem verdadeiros. Por desgraça, somente eram pretextos e enganos para fazer com que as damas falassem, e assim obter informação. Depois de seu primeiro trabalho nas Índias Orientais, as três quartas partes de sua responsabilidade consistiram em alimentar rumores.

— Suponho que eu a larga... — disse ele.

— Ora, enfim, uma expressão que reconheço. Por desgraça, é a expressão equivocada.

Leam não conseguiu evitar rir. Ela pestanejou e acrescentou:

— Milorde, você é um mulherengo famoso. Mas possivelmente não se deu conta de que eu não sou desse tipo de mulheres. Agora me solte.

Ele deveria ter se dado conta, verdade. Mas não desejava fazê-lo. Uma beleza cálida pressionando seu corpo, uma língua ardilosa e fria junto a seu ouvido e um rosto encantador, que refletia inteligência aguda não deveriam ser abandonados tão repentinamente.

— Pergunto-me se vai me ameaçar se eu não ceder.

Ela o olhou fixamente e replicou:

— Não me degradaria até o ponto de ameaçar a um cavalheiro, mas não sei se você é um deles? — Sua voz era glacial, mas aqueles olhos colocavam qualquer frieza em dúvida. E entre as nuvens de tormenta, Leam imaginou um pequeno raio de sol.

Soltou-a e afastou-se.

Ela alisou a saia. Sem voltar a olhá-lo, sem pronunciar nenhuma palavra, ela entrou no edifício.

Leam permaneceu no alpendre, com as botas afundadas na neve.

Os batimentos de seu coração eram rápidos e irregulares. Começou a lhe doer o estômago enquanto carregava aquela sensação no peito, que durante tanto tempo foi tão alheia a ele. Claramente, esse intento de flerte foi um engano. Não o repetiria.

Kitty tentava controlar seu pulso acelerado. Nunca havia imaginado que a eliminação da barba poderia transformar um homem, meramente, bonito em...

Levou as palmas das mãos, frias, às ardentes bochechas enquanto se apressava pelo corredor de trás. Ele não a seguia. Ela o insultara. Precisou fazê-lo. Por um primeiro momento não havia pedido a ele que a soltasse. Havia lhe parecido agradável e até excitante. E aquele calor líquido ainda persistia, misturado com o nervosismo.

Não estivera tão perto de um homem em anos. Em três anos.

Ela, na verdade, havia acabado por convencer a si mesma, de que, em grande parte, o responsável fora aquele mesmo homem.

Poderia haver coincidências como esta? Devia estar louca por pensar, assim.

Apressou-se a entrar no boteco. Emily estava sentada à mesa, passando manteiga em uma fatia de pão.

— O pão não é do dia — ela disse. — A senhora Milch diz que hoje o padeiro do povoado ficou na cama por causa da neve e a garota que a ajuda na cozinha não virá, porque vive em Shrewsbury, a quase cinco quilômetros de distância. Disse-lhe que se a situação continuar, assim, por muito tempo, poderíamos ajudar a assar o pão. Viram a neve? Tem uma profundidade extraordinária.

— Sim. — Kitty se controlou finalmente saindo de seus pensamentos. — Durante quanto tempo o senhor Worthmore ficará na

casa de seus pais?

— Até dia 6 de janeiro, no mínimo. Acredita que esperará até lá? Acredita mesmo? Deveria evitar me encontrar com ele. — O brilho nos olhos de Emily sugeriu que não estava muito certa de que seus desejos se cumprissem.

Kitty sacudiu a cabeça.

— Não tenho a menor ideia de como assar pão.

— Eu tampouco, mas poderíamos aprender. — Emily mordeu a fatia dura.

Alguns passos ressonaram no chão de madeira, atrás de Kitty, que não teve nem alguns minutos de alívio para se recompor. Mas aquele homem também queria tomar o café da manhã, o homem cuja mandíbula qualquer mulher desejaria roçar com os dedos, com os lábios e a língua...

Sentia-se como uma tola.

Ele se deteve suas costas e o calor que ela sentia, dentro de si, se fizeram mais intenso. Disfarçou aquele sentimento apesar do quanto agradável que lhe resultava.

— Há bacon, milorde — disse Emily. — O rapaz do estábulo, Ned, encontrou-o no abrigo. Alguém pensou que poderia ser pescado salgado, mas, ao que parece, não é.

Lorde Blackwood, andando ao redor de Kitty, pegou a cafeteira.

— É uma época ruim para o arenque. Emily o estudou com curiosidade.

— Como sabe?

— Tenho lido os periódicos, moça — respondeu lorde Blackwood com um sorriso.

Kitty deixou escapar um suspiro sem conseguir evitar. Ele a olhou brevemente.

— Sentirá também a falta de pescado, milady? — E aquele homem extraordinariamente rico, que herdaria um condado, entregou-lhe uma taça de café como se fosse um servente.

Sua forma de vestir era informal, embora não descuidada, sem o menor sinal de modernidade. Possuía mãos grandes, fortes, mais apropriadas para cortar lenha, do que para sustentar a delicada taça que lhe oferecia. Ou para tosquiar ovelhas. Ou para estreitar, indecentemente, uma mulher em um alpendre gelado.

Kitty sentiu arder suas bochechas e aceitou a taça.

— Não, milorde — disse suavizando o tom de voz. — Prefiro o caviar.

Ele a olhou aos olhos fixa e profundamente, como se soubesse que ela usava sua altivez como um escudo.

Kitty conteve o fôlego.

Entrou uma rajada de ar frio, acompanhada do som da porta ao ser aberta e em seguida ser fechada com força. Apareceram então uns cães, seguidos de um cavalheiro da idade de Kitty. Enquanto tirava o amplo casaco e o chapéu, olhou rapidamente ao redor. Saudou Kitty com um gesto cavalheiresco, em uma atitude completamente diferente da do homem corpulento que estava de pé, do outro lado da sala.

— Bom dia, milady.

Kitty lhe fez uma reverência.

— Senhor Yale — apresentou lorde Blackwood, recostado no aparador. — Lady Katherine e lady Marie Antoine.

— Como vai, lady Katherine? — Yale se inclinou e depois se voltou para Emiliy. — Senhora.

— Senhor, vejo que já esteve lá fora — disse Emily sem afastar o olhar da linguiça que estava cortando. — Como encontrou a neve?

— Fria e úmida — respondeu Yale, e voltou a se concentrar em Kitty. — Lamento que sua viagem tenha sido interrompida, milady.

— Obrigada, senhor. De fato, estamos a poucos quilômetros de Willows Hall, a casa de lady Marie.

— E viaja sozinha, senhora? — Yale olhou ao redor, curioso.

— Minha instrutora ficou para trás, no caminho — disse Emily.

— Lamento ouvir isto. Com este frio e esta umidade...

Emily o olhou atentamente por cima do aro dos óculos.

— Que estranho soa, não é verdade?

— E ainda deve ser mais estranho para ela. — Yale franziu o sobrecenho. — Assim que possamos Blackwood e eu pegaremos os cavalos para sair em busca de sua carruagem.

— Obrigada, senhor — disse Kitty. — Você também se encontra perto de seu destino? Lorde Blackwood nos contou que estão em viagem de pesca, mas temo que aprecie mais as brincadeiras do que a verdade.

Yale sorriu.

— Seus temores estão bem fundados, milady. Meu amigo adora rir.

— Espero que não a custa de outros — disse Kitty, e sentiu o olhar do conde sobre ela.

— Jamais. Mas a verdade é que é um tipo estranho.

Frequentemente difícil de entender. — Yale olhou o café e o pão que estavam sobre a mesa. — Você tomará o café da manhã?

O estômago de Kitty protestou com a simples menção.

— Esperarei os ovos que nos prometeram — respondeu ela, e com um gesto lhe indicou que se sentasse.

Yale assim o fez, em frente a Emily.

— Lady Marie Antoine, que texto a mantém tão absorta a ponto de trazê-lo para a mesa?

— Shakespeare. Ricardo III.

— Ah!

Emily elevou o olhar e perguntou:

— Gosta das obras históricas do Bardo, senhor?

— Somente das comédias.

Emily enrugou a testa ao ouvir aquilo. Ele fez uma careta que lhe sentou muito bem. A cabeça cinza de um cão apareceu por debaixo do braço e Yale lhe deu um pedaço de pão.

— Seus cães de caça, Blackwood, irão nos comer quando estivermos fora da casa, com toda a neve que há. No alpendre, precisamente, vi este ai, esconder uma tripa de linguiças.

— É somente um cachorrinho — foi a resposta tranquilizadora. — Ainda não aprendeu boas maneiras.

Yale se voltou para o conde com um sorriso, nos lábios. Lorde Blackwood inclinou a cabeça, mas não sorriu. Kitty sentiu que algo se revolvia em seu interior, algo insistente, que a fazia sentir-se incômoda. Ela ficou de pé, foi até a janela e puxou as cortinas. Um branco deslumbrante cobria tudo e o céu ainda estava carregado de

neve.

— Senhor Yale, sabe se o caminho já está transitável? — Kitty havia saído para lançar uma olhada no pátio dos fundos. Ned, o menino dos estábulos, havia tirado a neve com uma pá para permitir o acesso ao galinheiro, antes de limpar a frente da casa. E então, enquanto observava às galinhas poedeiras, entendeu que o brilho resistente dos olhos cor de café, do conde de Blackwood, não era produto de sua imaginação porque conseguiu sentir seu olhar nela. Algo gélido morava dentro dele. Isso provocava calafrios em Kitty, mesmo que fosse invadida por aquele calor que tão agradável parecia. Kitty não precisou olhá-lo para saber que ele estava com os olhos fixos nela.

Embora possivelmente imaginasse.

Mas olhou-o. Seus olhares se encontraram, então, ele afastou o olhar dela, e com ela o ânimo de Kitty.

— Não poderemos usar uma cadeira de montar por dois ou três dias, espero — disse Yale, e deu uma parte de linguiça ao cão, que lhe babava o joelho.

— Dois ou três dias? — Emily parecia desesperançada. — Depois de Natal, pode-se acreditar nisso?

— A menos que a neve se derreta de repente — apontou Yale

alongando as palavras.

— O céu ainda está muito cinza — murmurou Kitty. — Sentiremos falta de ir à igreja.

— Não sei nada dessas coisas, lady Katherine. Mas é segunda-feira. Em seis dias o caminho deverá estar transitável. O coche do correio não terá problemas para chegar.

— Na quarta-feira é Natal. — Kitty nunca passara um Natal sem ir à igreja com sua mãe: à catedral, se estava na cidade ou, à capela de Savege Park. Embora possivelmente esse ano sua mãe fosse de braço com lorde Chamberlayne. — Sentirá falta de ir à igreja neste Natal, Marie Antoine?

— Na verdade, não — respondeu Emily, sacudindo a cabeça.

Lorde Blackwood se aproximou da mesa, pegou uma parte de pão e voltou junto à lareira. Pouco depois retornou enquanto colocava seu amplo casaco sobre os ombros.

— Venham — chamou seus cães, que o seguiram pela porta principal.

Nesse momento o hospedeiro entrou na estadia com uma fonte fumegante nas mãos.

— Ovos para meus lordes e minhas senhoras! — anunciou, exultante.

— Somente há um lorde, e ele se foi — disse Emily, aceitando um prato enquanto olhava de esguelha para seu companheiro de mesa. Yale comia avidamente.

— Se necessitarem de algo mais — disse o hospedeiro — não hesitem em pedir à senhora Milch ou a mim mesmo.

— Senhor Milch — disse Kitty, — há alguma igreja perto do povoado?

— No povoado mesmo, milady — respondeu o hospedeiro, e partiu.

Kitty se sentou muito ereta e as mãos, totalmente, quietas.

Estava sendo uma boba. Em poucos minutos, um lorde escocês, que apenas lhe dirigiu uma palavra e que não se incomodou em se desculpar ante a presença das damas, a fez se ruborizar, tremer e perder a fala. Conhecida, por todo mundo, por uma atitude fria que ocultava um coração no qual ardia o desejo de vingança, agora se comportava como uma tola.

— Kitty, trouxe algum livro?

— Oh! Sim — disse ela, voltando para a realidade.

— Mas já li todos os que trouxe, e o senhor Milch diz que não tem nenhum aqui, exceto as Sagradas Escrituras. Não terei nada para ler quando acabar com Ricardo III.

— Tenho somente algumas novelas e o tratado de comércio com

as Índias Orientais, mas você me disse que não lhe interessa.

— Blackwood acredito que terá algo que seja do agrado de uma dama — interveio Yale, pegando o volume de Shakespeare. E depois de folheá-lo, acrescentou: — Sempre o mesmo. Poesia e coisas assim.

“Poesia?”, pensou Kitty.

Emily tirou o livro e suas mãos e retrucou:

— Eu gosto da maioria dos livros, senhor Yale. Não só daqueles que as damas gostam.

Ele fez um gesto de despeito esboçando um sorriso. Emily apertou os lábios, com as mandíbulas muito tensas.

Kitty olhou de um para outro.

— Oh! Deus...

O sorriso do senhor Yale se alargou.

— Eu me atreveria a dizer...

— Vocês já se conheciam.

— Eu o vi em uma ocasião — disse Emily sem afastar o olhar do livro. — Mas o achei desanimador. É muito superficial. Basta ver seu colete — acrescentou, assinalando-o.

Yale levou uma mão ao peito.

— Milady dança com a graça de um cisne.

Kitty franziu o sobrecenho.

— Seu colete é negro, Emily... Marie.

— Sabe quantas libras gastou nesse pedaço de brocado de seda, Kitty?

— Doze — interveio Yale.

— Obrigada, senhor, foi de grande ajuda. — Kitty olhou a roupa ofensiva. — Você disse doze libras?

Ele sorriu com expressão jovial. Pelo visto, o preço do colete não significava nada para ele, ao contrário do rancor que se refletia no olhar do Emily.

— Ai, Deus. — Kitty se levantou. — Isto não é nada propício, dadas nossas circunstâncias.

— As coincidências frequentemente não são — apontou ele.

As coincidências...

— Isso significa que se perdeu todo o vestígio de civilização? — disse Kitty.

— Não existe nada que possa chamar de civilização — afirmou Emily. — É somente vaidade e cobiça, encobertas de arrogância imperial.

Kitty deixou o guardanapo sobre a mesa e subiu a escada para seu quarto, encerrou-se lá e não voltaria a sair até o degelo. Parecia o ato mais sensato.

4

Longe das comodidades de Mayfair, uma diminuta criatura marrom corria pelas tábuas do chão do quarto de Kitty, na claridade do meio-dia. Kitty deixou o livro que estava lendo, aproximou-se com cautela da porta e a fechou; entretanto, ainda ficava uma parte aberta de um palmo por baixo da porta.

Lorde Blackwood e Yale estavam sentados diante do fogo, em umas poltronas puídas. O conde, que jogara o casaco sobre os ombros, permanecia com as longas pernas esticadas e as mãos cruzadas sobre o colo. Seus olhos estavam fechados, como se dormisse. Yale brincava com um maço de cartas. O menino das baias se achava sentado no chão, junto a um cão que apoiava a cabeça em seus joelhos.

Kitty desceu a escada.

— Ora, todos parecem muito satisfeitos.

Lorde Blackwood abriu os olhos e olhou ao redor com expressão preguiçosa. Kitty se sentiu magoada.

Precisava encontrar, o quanto antes, algo no que se ocupar, longe daquele homem. Mas a estalagem era odiosamente pequena. De repente lhe ocorreu que a cozinha poderia servir. Ele não entraria lá e as tripas dela não se queixariam tanto. Aprenderia a assar pão,

possivelmente uma sobremesa natalina, algo em que se ocupar ao menos até Páscoa, ou até que ele se fosse definitivamente.

Yale ficou de pé e fez uma reverência.

— Gosta de jogar, lady Katherine? — disse, apontando o baralho.

— Obrigada, mas não, os jogos de cartas me aborrecem — respondeu ela. Fazia três anos que havia abandonado sua incessante busca pela ruína de Lambert. Os jogos de azar já não lhe interessavam. Jogava somente quando sua mãe lhe pedia.

— Ah, então os rústicos passatempos do país bastarão, quaisquer que sejam. Mas sei que tem uma mão excelente.

— A que se refere senhor?

— Blackwood me disse isso.

“Sério?”, pensou ela.

— E você acreditou?

— Em nada. Jamais — respondeu Yale, suavemente.

— É quase um elogio. — Kitty dirigiu um olhar ao escocês. — Ganhou milorde?

— Ao acabarem de comer, os jovenzinhos falam muito sem sentido. — Não a olhava, e Kitty não conseguia evitar se sentir nervosa. Lorde Blackwood jogava às cartas quase tão frequentemente quanto sua mãe, mas Kitty nunca o enfrentou na mesa de jogo. Ela se

relacionava com políticos e literatos, homens e mulheres, mais interessados em conversações substanciosas do que em rumores, um tipo de gente, definitivamente, bastante diferente daquelas companhias que o conde escocês desfrutava. Não o vira desde a noite do baile de máscaras, já fazia três anos. Porém, ele a reconhecera imediatamente, no dia anterior.

— O senhor me deixou levar sua cadela para passear, senhora. — O menino do estábulo mostrou uma boca cheia de dentes quadrados e proeminentes.

Kitty se alegrou com sua intervenção.

— Até onde conseguiu chegar com este tempo?

— Até o rio, ida e volta. Foi um grande passeio. É um animal muito rápido.

— Não duvido. Ned, onde está a ama?

— Vou procurá-la, senhora. — O menino ficou de pé e correu para a cozinha. O cão suspirou e apoiou o focinho no chão.

Kitty foi até a janela. De seu quarto tinha visto começar a nevar, novamente, e contemplara a paisagem, com esperança e ao mesmo tempo com inquietação. Quanto mais tempo estivesse longe de Londres, mais oportunidade lorde Chamberlayne teria de cortejar sua mãe. E a ausência de Emily de sua casa podia fazer com que seu

pretendente se sentisse frustrado. Mas Kitty não estava gostando da situação.

— Estaremos presos aqui durante dias e com nossos serviçais perdidos, ninguém sabe onde — murmurou.

— Devem ter encontrado onde se abrigar, moça — comentou em escocês. — Não se preocupe.

Kitty se perguntou como podia sua pele perceber o olhar dele.

Voltou-se para ele, com uma expressão resoluta no rosto.

— Talvez esteja preocupada somente com minha bagagem. Não tenho nada mais que este vestido.

Ele a olhou de cima abaixo.

— Em você, milady, tudo é encantador — interveio Yale.

— Obrigada. Você também perdeu a seus serviçais?

— Não nos acompanha serviçal algum. Desta vez viajamos ligeiros, a cavalo.

Kitty não conseguiu evitar olhar novamente para o conde. Sentia-se atraída por ele, como o gato pelo leite.

Mas não havia leite.

Nem gato.

Então, como traça noturna pela chama.

Aquilo não podia continuar. Aos vinte e cinco anos ela desfrutara

da companhia de homens poderosos e de alta classe, dançara e jantara com eles. Apresentada em sociedade aos dezenove e ainda solteira, raramente flertara, pois conservara a mente fria e uma atitude distante. Alguns persistiram em seus cuidados apesar de tudo, mas ela foi desestimulando-os, um após o outro. O perigo residia na intimidade, como Kitty aprendera desde tenra idade. Agora, havia momentos em que uma vertiginosa curiosidade se apoderava dela, mas deviam ser extintos. Devia cortar o mal pela raiz.

Ele a olhava fixamente, sem tentar dissimular.

— Lorde Blackwood, não pode evitar me olhar desse modo?

Ele sacudiu a cabeça e a olhou de cima abaixo, uma vez mais, detendo-se nesta ocasião em sua cintura. Kitty sentiu que lhe faltava o fôlego. Ele franziu o cenho com ar de perplexidade.

Ela sabia que não devia perguntar porque ele a olhava desse modo. De repente ele levantou o olhar até seu rosto e um sorriso zombeteiro se desenhou em seus lábios.

— Posso olhá-la de algum jeito que não a ofenda?

Yale sorriu.

O olhar do conde começou a descer de novo.

— É o vestido.

— O que ocorre a meu vestido? — Era um dos vestidos mais finos

que tivera, costurado com diminutas contas e com delicados bordados no pescoço e nos punhos, tudo, no mais belo tom verde que se possa imaginar. — Há algo ruim nele?

Ele arqueou uma escura sobrancelha.

— Não acredita que é um pouco apertado?

Kitty sentiu que lhe ardiam as bochechas e lhe umedeciam as mãos.

— Pois eu acredito que se adapta muito bem a meu físico. — Por um instante pensou em se virar e abandonar a sala. Não devia respirar a rabugice daquele homem. E tampouco conseguia deixar de olhá-lo nos olhos. — O que você sabe sobre vestidos de damas, milorde?

Ele encolheu os ombros, com gesto rude, e permaneceu em silêncio.

— Nada — disse ela. — Claro.

— Que se pode colocar uma menina nele.

Kitty notou que se ruborizava. Ele a chamara de “menina”. Ninguém a chamara assim em anos. Ela era Katherine Savege, a solteirona temível, sobre a qual se mexericava nos salões e colunas da sociedade. Todos se perguntavam por que seu irmão, o conde de Savege, não a casara com um dos poucos pretendentes que se atreveram a insistir, apesar de seu proverbial mau caráter. Não havia

dúvida que era pelo dote.

Questionavam que sua mãe não tivesse insistido nisso. E especulavam uma e outra vez: que ela ignorara os costumes por pura vaidade; que preferia os salões e as reuniões de caráter político, às alegrias de um quarto cheio de crianças; e que era a amante secreta de um homem importante.

Somente algumas de todas aquelas acusações a afetara. Um quarto de crianças nunca significaria um motivo de alegria para ela, ao menos segundo o médico ao qual Lambert levara para que a visitasse depois de muitos meses sem conseguir conceber, e antes que ele lhe mostrasse, no parque, à filha que tivera com uma antiga amante.

E jamais seria a amante de nenhum homem, ainda mais depois de ver sua mãe sofrer a indignidade de ser um segundo plano na vida de seu marido, depois da confirmação de que seu pai possuía uma querida.

Ela esquadrinhava o conde. Devia reconhecer que se tratava de um homem desconcertante. Muito, inclusive, para seu caráter e seus hábitos.

Ele estava equivocado. Ela não era uma menina. Uma mulher que enviou um homem ao exílio não se pode chamar assim. Uma mulher que utilizou seu corpo para se vingar e que mentiu, uma e

outra vez, para levar a cabo sua vingança, não tem nada de inocente.

— Aqui está senhora — anunciou Ned, cantarolando.

A senhora Milch colocou uma bandeja de comida sobre a mesa.

— Encontrei um pouco de queijo. — As bolsas cinza debaixo de seus olhos pareciam lhe alargar a estreita face quando ela falava. — E temos um barril de cerveja e sopa de nabos. Não é o que alguém pertencente à alta sociedade espera, mas...

— Estou segura de que será suficiente. Senhora Milch, um hóspede ao qual não convidei visitou meu quarto. Um muito pequeno.

— Outra vez esses ratos. — Ned sacudiu a cabeça. — A gata foi fuçar no lixo e a neve a manteve longe. Agora mesmo deve estar bem aconchegada na ferraria.

— Vá procurar a vassoura, menino — a ama lhe ordenou.

— Sim, senhora.

— Deixe que ele descanse. — Lorde Blackwood ficou em pé. — Trabalhou muito por hoje. Os cães jogarão fora esse intruso. — Fez um sinal e os galgos irlandeses o seguiram pela escada.

— Abri um caminho até a ferraria, senhora, e outro até as baias — disse Ned. — Lorde Blackwood me ajudou. — Olhou melancolicamente para os cães, que já subiam a escada atrás de seu dono.

No patamar, o conde parou e fez um gesto dirigido tanto a Kitty

quanto aos cães. Ela não teve mais remédio que segui-lo.

No corredor havia quatro portas, além de outra menor que conduzia ao apartamento de cobertura. Ela se aproximou da porta correspondente a seu quarto.

— É verdade que ajudou Ned a tirar a neve com a pá esta manhã, milorde?

— Sim. — Ele estava bem atrás dela, mais perto do que devia. — Um homem tem que manter as mãos ocupadas, quando não há nada melhor a fazer.

Era muito alto, pensou Kitty, e muito em breve voltaria a ter as mãos ocupadas com algo útil. De repente, sentiu que sua imaginação se descontrolava.

— Poderia ter jogado cartas com o senhor Yale — disse.

— Sem dinheiro no meio, não o faria.

— Ora.

— Se a bolsa permitir é claro.

— Ah. Devo me lembrar disso no caso de que não possa resistir a sua oferta de jogo. — Ela fechou os dedos em torno da maçaneta da porta. Acreditou sentir o calor do corpo dele em suas costas.

— Bem, abra a porta, moça — disse. Disse ele em escocês, junto a seu ombro. — Ou prefere esperar lá embaixo?

Ela conteve a respiração e abriu a porta.

— Suspeito que o camundongo deva ter saído faz muito tempo.

Os cães passaram por seu lado. O maior, que em Kitty chegava até a cintura, dirigiu-se para a lareira, fuçou nas cinzas e espirrou. O outro deu alguns passos em direção à janela e farejou o chão debaixo desta. Lorde Blackwood cruzou os braços e permaneceu apoiado contra o batente da porta.

Enquanto secava sutilmente as palmas das mãos, na saia, Kitty se obrigou a olhá-lo. Lorde Blackwood permanecia com o olhar fixo no chão, com a mandíbula estranhamente tensa.

Ele levantou o olhar.

— Um camundongo não me dá medo — disse ela com tom impulsivo.

Fez-se o silêncio durante o momento em que se olharam, mutuamente, como ocorre quando um cavalheiro e uma dama que apenas se conhecem, cruzam um olhar sem se dar conta.

— O que lhe assusta então, milady?

— Poucas coisas — respondeu ela, enquanto sentia pulsar rapidamente seu coração diante da presença de um homem bonito e corpulento, tão perto de sua cama. Um cavalheiro com títulos, que falava como um bárbaro e ajudara um menino a tirar neve. Um

homem de uma lealdade escocesa tão firme, que toda a sociedade sabia que ainda guardava luto pela horrível perda de sua amada, já fazia alguns anos, e com quem se sentia atraída a flertar, por simples diversão.

Entretanto, a trágica história de lorde Blackwood era muito importante para Kitty.

Sim foi em uma noite, fazia três anos, quando ele a olhou como se pudesse ver sua alma, sem articular nenhuma palavra, lhe explicando, em silêncio, que ela não podia se deixar levar por aquela debilidade e que merecia algo melhor. Naquela noite ela deixou para trás a ira produzida por Lambert Poole. Libertou-se finalmente dos jogos perversos.

Afastou o olhar e disse:

— Seus cães parecem ter encontrado alguma coisa.

O animal cheirava atrás de uma velha arca de madeira.

O conde cruzou o quarto, abaixou-se e colocou a mão no pescoço do cão. O companheiro dele colocou a cabeça entre ambos. Lorde Blackwood o afastou com o cotovelo, brandamente. Suas costas eram amplas, suas omoplatas pronunciadas, os músculos das coxas eram revelados e bem marcados através das calças. Kitty, cada vez mais acalorada, sentiu que lhe faltava o fôlego. Aquilo devia ser paixão.

Devia fugir. Isso não deveria estar acontecendo. Essa insensatez. Essa preocupação. Era irracional, absurda. Entretanto, seu corpo, com a mera presença masculina...

Como atraída por uma força incontrolável, aproximou-se dele, que nesse momento empurrava a pesada arca para afastá-la da parede.

— Sim. Aqui está o buraco. — Lorde Blackwood ficou de pé de repente e ficou tão perto dela, que seus pés quase se tocavam. — Precisaremos tampá-lo — acrescentou, a poucos centímetros da boca dela.

Kitty engoliu a saliva com dificuldade, para aliviar o nó que tinha na garganta.

— Pedirei ao senhor Milch que o feche adequadamente — ela disse. — Muito obrigada, milorde. — Ela retrocedeu até a porta.

Ele se aproximou com dois passos e estendeu a mão para a maçaneta, para abri-la. Ela se afastou. Ele a intimidava com seus grandes e escuros e olhos, olhando-a em silêncio com extraordinária intensidade.

— O que olha milorde?

— Estou olhando você, moça. — Seu peito estava tão perto dela, que os seios de Kitty se agitavam como se fossem conscientes da

presença daquele homem.

— Então, deveria olhar conservando a distância. — Kitty sentia a garganta como um deserto. Ardiam-lhe as vísceras. Sentia mel em seu interior.

Era possível que estivesse acontecendo?

Ele olhava fixamente para sua boca.

— Busco você, menina.

— Não sou nenhuma menina.

Ele pronunciou algumas palavras em escocês que lhe resultaram incompreensíveis.

— Não faço nem a remota ideia do que acaba de dizer.

— Em seguida eu lhe mostrarei isso. — Estendeu a mão para sua macia e cálida bochecha e a acariciou.

Kitty sentiu que ficava sem fôlego. Ele afundou a mão em sua cabeleira. Devagar, muito devagar, e com a ponta do polegar da outra mão acariciou seus lábios.

Ela suspirou. Nada podia detê-lo, tampouco quando ele sustentava seu pescoço e a obrigava a jogar a cabeça para trás.

— Deveria ser muito fácil resistir... — disse Kitty com uma voz estranhamente firme, mesmo que sentisse que o coração deixara de pulsar em seu peito, e os joelhos não a sustentariam por mais tempo.

Ao longo de sua vida rechaçara homens em circunstâncias parecidas. Muitas vezes. Sabia como fazê-lo, mesmo que se encontrasse longe da civilização, no meio de uma tormenta de neve, na montanha. O acalorado abandono de suas reticências a fez enfrentar outro tipo de provocação.

— Será capaz de resistir?

Kitty sentia seu fôlego junto ao calor de seu tato. Cheirava a pinheiro, a neve e a couro.

— Pois... — Pestanejou cada nervo de seu corpo se concentrou na doce e lenta carícia daquele dedo polegar. Tentou não aproximar sua boca da mão. — Suponho que não estará acostumado de que uma dama resista a seus encantos, não é verdade?

— Normalmente, não. — Os olhos de lorde Blackwood pareciam arder. — Foi você quem me olhou.

— Você... — Kitty sentiu sua voz tremer. Clareou a garganta e adicionou: — Gostaria de acreditar, não é assim?

Ele observou seu rosto, seu pescoço, seu cabelo. Ela estremeceu. Olhou-a nos olhos novamente. Ele ficou sério e disse :

— Sim. Eu gostaria.

— Nesse caso, peço perdão por decepcioná-lo. — Ela não devia permitir que sua voz tremesse como suas vísceras. Não podia ficar em

evidência. Ela era lady Katherine Savege, solteirona imperturbável e inacessível para os homens. — Agora, milorde, sua tarefa aqui já terminou. Pode partir.

Ele afastou a mão de seu rosto, e Kitty se sentiu avivada e sem fôlego, como uma mulher que deseja ser beijada.

Ele abriu a porta. Emily estava lá fora, a ponto de bater.

— Vim para lhe pedir aquele folheto sobre comércio, Kitty. Ned me disse sobre o camundongo. Encontraram? — Baixou o olhar para os cães.

Kitty precisou buscar todas as suas forças para falar.

— O cão de lorde Blackwood descobriu um buraco no chão, que terá que se coberto o quanto antes. — alisou a saia. — Obrigada por sua ajuda, milorde.

— Milady. — Ele assentiu, saiu e se encaminhou para a escada.

Os dois grandes cães o seguiram.

— Kitty? — disse Emily, olhando o conde se afastar. — O que lorde Blackwood e você faziam aqui dentro com a porta fechada?

— Nada absolutamente — ela respondeu, embora seu sangue e todo seu corpo dissessem o contrário.

Leam passou uma mão pelo rosto, pensando no bem que faria colocar um pouco de neve dentro de seus calções. A pele daquela

mulher era suave como a seda, seus olhos brilhantes, sua boca generosa, uma pura fantasia. Um homem só precisava um vislumbre de sua língua rosada, para imaginar grande parte do que um homem não devia pensar sobre uma dama de sua classe. Imaginar o que sua língua podia fazer nela e o lugar exato em que...

Pegou a pá, uma ferramenta pensada para o esterco, mas que funcionaria.

Ao tocar sua pele e olhar seus olhos brilhantes se deu conta de seu engano. Je reconnus Vénus et é feux redoutables. Sim, ele havia reconhecido a Vênus e seus temíveis fogos. Muito bem, de fato.

Ele foi até seu quarto para acariciá-la. Somente para isso.

Ela não tinha medo de um simples camundongo. Lady Katherine Savege, de fato, não temia a nada, e ele admitira de forma muito explícita.

E aí estava ele, a ponto de pegar uma pá de neve e colocar dentro das calças por causa do toque, da pele de uma mulher em suas mãos.

Do outro lado do estábulo ouviu um uivo de Hermes, seguido do zurrar de um burro. Agora a neve caía ligeiramente e a forma da sombra de Bella apareceu pelo canto da casa. Com as patas juntas e a cabeça alta, ficou a ladrar.

Leam deixou a pá em um lado e se aproximou do animal. Ele

precisava atividade, e Bella nunca o advertia em vão. Ela estava no canto da casa. Seu cachorro saltava junto a um buraco aberto na neve.

Leam tirou a faca de sua capa.

O buraco era quase da medida de um homem convexo e estava coberto por alguns centímetros de neve nova. Ao redor se distinguiam pisadas de homens e rastros de animais. Leam lançou uma olhada às árvores cobertas de neve e com poucas folhas que acompanhavam o rio Tern. Não parecia que houvesse ali, lugar onde se esconder, e, em todo caso, os rastros desapareciam.

Voltou a embainhar a faca e, em agradecimento, acariciou Bella, que esfregou o focinho contra sua mão.

— O que acontece?

O animal se aproximou da beira do buraco. Leam afastou a neve, revelando um pedaço marrom de tecido. Agarrou-o e o sacudiu. Um cachecol de homem, de cachemira.

A cachemira não era uma malha barata. Não era provável que pertencesse ao homem que perseguia Leam: um pistoleiro pago, a menos que fosse, excepcionalmente, bom em seu trabalho e cobrasse muito por seus serviços.

Mas o tipo tivera muitas oportunidades de atacá-lo, tanto em

Londres como no trajeto desde Bristol, e inclusive nessa mesma manhã.

Debaixo do cachecol, meio ocultos pela neve, havia um punhado de moedas e uma corrente, arrebentada, de grossos elos dourados. Deviam pertencer ao dono do cachecol, pensou, que, por outro lado, somente chegara a alguns metros da estalagem.

Guardou todos aqueles objetos no bolso e abriu caminho pela neve até o estábulo. Lá dentro tudo rangia por causa do frio e cheirava a cavalos e a feno. Hermes foi direito para o galês, quem estava esticado em um banco, de barriga para cima e com uma garrafa na mão.

Depois de deixar para trás os sonolentos cavalos de corrida e os asnos gordinhos, Leam se dirigiu para a baia de seu cavalo.

— Gostaria de uma peça primorosamente tecida à mão?

— Não preciso, tenho uísque — disse Yale. — Gostaria de um gole?

— Estão me seguindo — disse Leam.

Yale fechou os olhos e se pressionou o ossinho do nariz com o polegar e o indicador.

— Como sabe que não sou eu a quem ele segue?

— Se algum de seus inimigos quisesse matá-lo, não hesitaria. — Leam deixou o cachecol perto da garrafa de uísque.

— Isso é verdade. — Yale agarrou o cachecol. — Mas assassinar você? Possivelmente somente queira informação, como nós costumávamos fazer. — Arqueou uma negra sobrancelha negra, por cima de um olho perfeitamente perfilado. — Ou, possivelmente, seja a Dama da Justiça que quer caçar a todos os que faziam parte de Dover Street, para descobrir nosso objetivo.

— No meio de uma nevasca, em Shropshire?

— E no meio da estação do inverno? — Yale puxou o cachecol. — Lembre-se daquele tipo de Calcutá, que seguiu seu rastro pela selva.

Leam sacudiu a cabeça e entrou na cocheira de seu cavalo.

— Não faço nem ideia de porque ele não se aproximou mais. Em todo o caso, fique atrás de mim.

Yale se apoiou contra a parede do estábulo e levou a garrafa aos lábios.

— Tanto quanto a encantadora lady Katherine?

Leam preferiu não responder. Mas às vezes ter instinto de verdadeiro espião, permanecer sempre alerta, constituía um maldito aporrinho.

— Ela está mais perto do que eu gostaria, dadas as circunstâncias.

— Possivelmente somente precise esperá-lo atrás de um muro e

disparar quando ele aparecer. Funciona às mil maravilhas, já sabe.

O grande cavalo ruano cabeceou e Leam acariciou seu suave focinho.

— Foi assim que aconteceu, Wyn? Quando disparou naquela garota? — Leam não conhecia toda a história, Yale nunca falara sobre isto. Mas sabia o suficiente, e sabia, também, que seu amigo nunca havia bebido como de um tempo para cá. Começado a beber depois do grande fracasso de uma missão.

O galês ficou de pé, não sem esforço, pegou a sela de montaria com seus braços e se encaminhou para a baia de seu cavalo. Leam se deu conta, pelo brilho de seus olhos, que ele estava meio bêbado.

Durante anos viveram às mil maravilhas juntos: Yale, o bêbado, e lorde Uilleam Blackwood, o homem com um vazio no lugar do coração.

Yale entrou na baia e colocou a sela em seu formoso cavalo negro. Era um animal elegante, forte, um puro sange.

— Vai cavalgar Wyn? — perguntou Leam com suavidade. — Não é muito aconselhável com este tempo.

— Quando me chamou por meu nome de batismo, Leam, tentou me dar um sermão. Economizarei isso. Adeus. — Esticou a encilha de seus arreios e segurou as rédeas.

— Poderia lhe dar um murro e obrigá-lo a dormir a força.

— Não poderia meu velho.

— Não senti o desejo de fazer isso, em anos. Mas agora estou tentado.

Yale deslizou o freio na boca do cavalo e lançou as rédeas por cima do pescoço. Puxou o cavalo do estábulo, seus cascos ressonavam no chão de madeira, coberto de palha pulverizada.

— Tenta se matar ou matar o cavalo? — disse Leam.

O galês abriu a porta do estábulo e montou entre os lentos redemoinhos de neve que revoavam sobre os telhados.

Leam o seguiu.

— Não seja louco, rapaz.

— Guarde os sermões para seu filho, Blackwood. Ainda é bastante jovem para aproveitá-los. — Cutucou com as esporas os flancos do cavalo, que entrou cautelosamente na tempestade de neve.

“Seu filho.”

— Vai machucar as pernas do animal, seu idiota! — O vento levou a voz de Leam. Sem lhe dar importância, o homem de negro e seu cavalo desapareceram atrás do canto do estábulo.

Amaldiçoando baixinho, Blackwood se dirigiu à estalagem.

Sacudiu o casaco e empurrou a porta. Bella e Hermes entraram atrás dele. Em seguida fechou com uma batida forte. Tirou as luvas e lançou

o casaco sobre o cabideiro. Ele estava furioso.

Tudo que sentia era ira. Sua permanência no Clube Falcon não tivera nada a ver com aquilo, nada, absolutamente, embora tivesse sido a causa dele ter se incorporado cinco anos atrás. Para se desfazer do sentimento de pena e culpabilidade e canalizar tanta fúria. Para liberar sua raiva enquanto se mantinha ocupado.

Que estupidez. Foi para longe de sua casa, da casa onde passara sua infância, muito longe, sem conseguir outra coisa que sua própria alienação.

Seu filho.

Entrou na sala.

Lady Katherine estava de pé frente à janela que se encontrava aberta e a fria brisa sacudia sua saia. Mas ela não parecia notar.

Voltou o olhar para ele, novamente com expressão interrogativa.

Ele substituiu sua ira por uma amabilidade, totalmente, diferente, humilde e insistente. Por Deus, aqueles olhos podiam enlouquecer um homem.

— Se você desejar — disse, tratando-a novamente por você —, selarei meu cavalo e procurarei pelo caminho.

— Os nossos serviçais?

— Sim.

— Faria isso justamente quando acaba de dizer ao senhor Yale que ele não deveria montar com este tempo?

— Sim. — Queria agradá-la e ver seus olhos brilharem de desejo como tinha ocorrido no quarto. — E você quer que eu vá?

Ela permaneceu em silêncio um momento. O coração pulsava em um ritmo frenético. Franziu levemente o cenho e disse:

— Não quero que se arrisque.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe. Eles encontraram onde se refugiar.

— Confio em que assim seja.

— Não podia esperar menos de você.

— Sério? — Então a comissura de seus lábios se contraiu, sua graciosa imagem se rarefez.

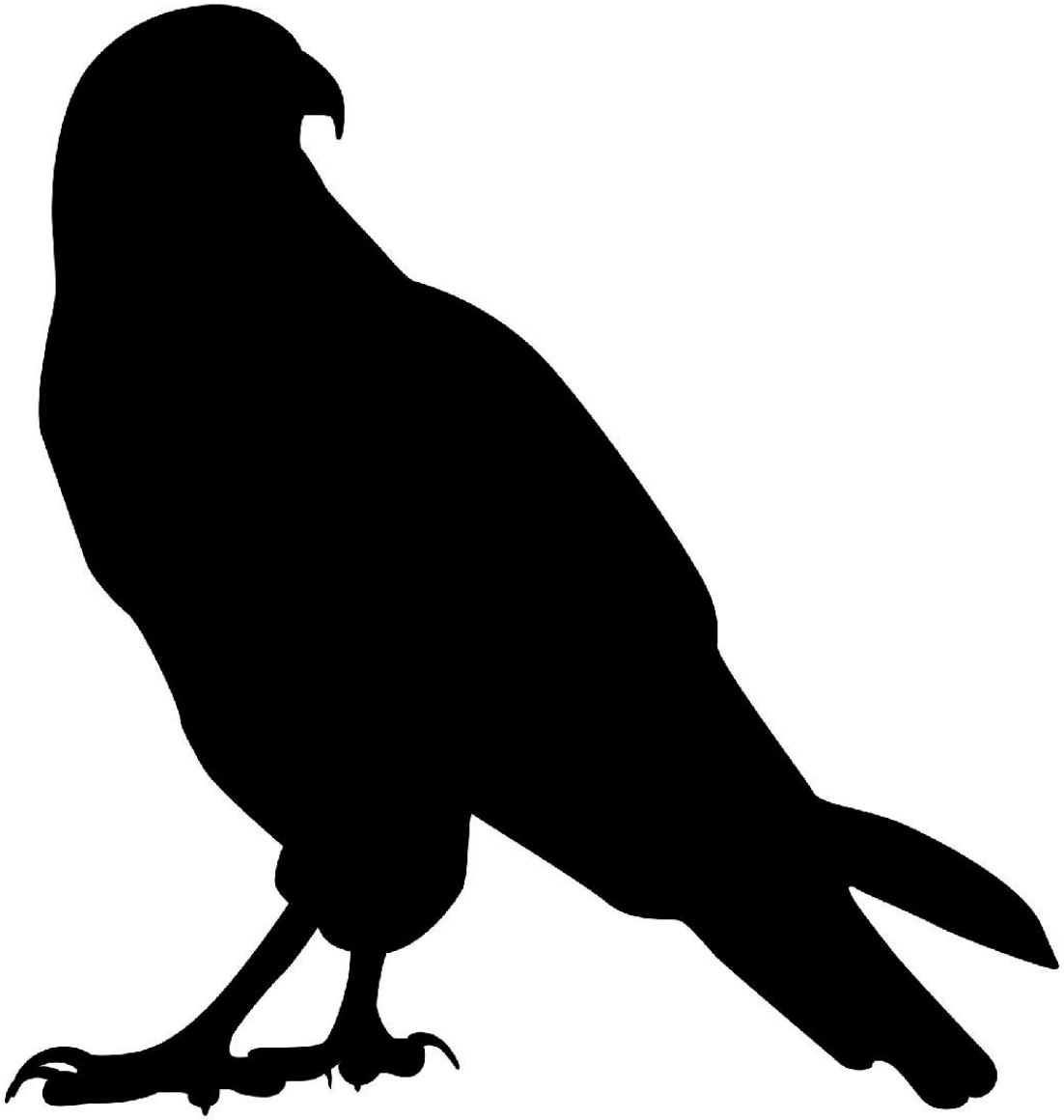
— Do contrário eu não teria dito, não é verdade?

Ela o olhava fixamente, com o sobrecenho ainda franzido. Era gelo e fogo ao mesmo tempo, diamantes e plumas, um suave calor através de uma aparência fresca.

Leam se apoiou contra o marco da porta. A distância que os separava continuava sendo prudencial. Entretanto, ainda podia sentir a pele dela nas mãos e o suave calor úmido de sua respiração, nos lábios.

Entretanto, devia conservar a prudência. Seu filho o esperava em Alvamoor para celebrar o Natal. Seu filho. Agora ele estava com quase seis anos, e depois de todo esse tempo devia ter mudado. Mas Leam conhecia bem a face do menino. Melhor do que a sua própria.

Sem esperar uma proposição da senhorita pela despedida, agarrou seu casaco e suas luvas e saiu novamente, para o mundo selvagem. O frio não poderia se temido por um homem de alma bárbara e triste como ele.



5

Kitty estava dobrando a roupa. Fazia muito tempo que não realizava uma tarefa doméstica como esta. Sempre vivera com sua mãe na casa que seu irmão possuía na cidade, e os eficazes serviçais se ocupavam de tudo. Entretanto, a senhora Milch tornara a se queixar da falta de pessoal de serviço e nessa tarde Kitty não se sentia com ânimos para nada mais exaustivo.

No estábulo, lorde Blackwood falara, em um inglês perfeito, próprio de um rei, com o senhor Yale.

Ela os escutara, involuntariamente. Abrira a porta para que saísse da sala uma nuvem de fumaça provocada por uma rajada de vento que entrou pela lareira. Mas permaneceu ali, apesar do tempo congelante, para espiá-lo. É claro que negaria inclusive para si mesma. Possivelmente ele estivesse brincando com o senhor Yale, como um ator que modifica a voz para imitar um personagem. Porém, ainda assim, ele soara como um cavalheiro. Até o ponto de que Kitty apenas foi capaz de imaginar as palavras, foi quando ele irrompeu pela porta. Mas, por outro lado, porque precisava fingir? E que tipo de sedutor se escondia de uma mulher, tão obviamente desejosa de ser beijada?

Um homem distinto, honrado. Um honrado que brincava com uma mulher sobre o modo como se vestia?

Kitty deixou escapar um profundo suspiro.

— Dois cavaleiros chegaram ao pátio — anunciou Emily, — o senhor Yale e um desconhecido com um baú. — Com o livro na mão e sem deixar de olhar pela janela, acrescentou: — Senhora Milch, acredito que vai ter outro hóspede.

— Pois haverá linguiça de cordeiro para ele também. — A senhora Milch fez um monte com a roupa que Kitty dobrara e se dirigiu à cozinha.

O hospedeiro se encontrou com Yale na porta.

— Bem-vindo outra vez, senhor — disse. — Vejo que encontrou outro viajante.

— Sim, com certeza! — O recém-chegado, em uma atitude que sugeria o simples prazer de ter sido visto, sorriu, acrescentando, assim, mais um atrativo a um rosto por si só, cativante. Seu olhar se encontrou com o do Kitty, e seus olhos azuis brilharam. Ele tirou o chapéu mostrando um cabelo loiro encaracolado e muito curto, com largas costeletas da moda.

— Senhora. — inclinou-se para Emily. — Que sorte encontrar semelhante companhia em um lugar como este. Jamais teria

imaginado.

— De onde vem, senhor? — perguntou Emily.

— De Cheshire, senhora — respondeu ele com outro sorriso encantador.

— Que oportuno. — Emily se voltou para Yale, que estava tirando o casaco e o chapéu. — Senhor Yale, onde o encontrou?

— No botequim. — Yale se aproximou da lareira e esquentou as mãos diante do fogo.

— Temo que a última noite foi especialmente rude — disse o recém-chegado. — Soprava um vento terrível, meu cavalo estava assustado. Encontrei este povoado quando já acreditava que morreria de frio, mas não fazia nem ideia da existência desta estalagem até que o cavalheiro aqui, me informou há alguns minutos. — Olhou para Yale, depois à escada, e arqueou as sobrancelhas. — Ah, seu grupo cresce admiravelmente. — Ele fez uma reverência. — Milorde, é uma honra.

— Quem são?

A profunda voz fez Kitty estremecer, e ela não conseguiu evitar o olhar. Ele era muito bonito, inquietante e misterioso. Desejava olhá-lo sem parar.

— Cox, senhor. David Cox — respondeu o recém-chegado adotando um tom formal. — Sou agente do Lloyd. Seguros de

transporte de última hora. De fato, estou relacionado com você, de certo modo, se me permitir o atrevimento. Conheci seu irmão, James, no Real Regimento de Dragões Escoceses. Ele era um cavaleiro extraordinário, um dos melhores. Você se parece bastante com ele; sempre levava um camafeu, com os retratos de seus irmãos, igual eu levo o de minha querida irmã. — Fez uma pausa e acrescentou muito solene: — Minhas condolências, senhor. Porque sei que vocês eram muito unidos.

Lorde Blackwood assentiu e baixou o olhar.

— Bem, senhor — interveio o senhor Milch alegremente. — Todos os quartos de cima estão ocupados. Mas aquele botequim não é lugar para um cavalheiro refinado como você. Se não se importar, há uma água-furtada. Tem uma lareira, então a encontrará apropriadamente quente, e meu Gert fez um colchão de boa lã. Resulta-lhe bastante tentador para ficar?

Cox sorriu e disse, olhando para Kitty:

— O que me tenta é estar perto de uma companhia como esta.

Ele fez uma breve reverência.

— Senhor Cox, por acaso se encontrou com uma carruagem no caminho, ontem ou hoje?

— Pois sim, senhora — respondeu Cox. — Ontem à noite, perto de

Atcham, divisei uma carruagem, magnífica, diante de uma granja, não longe do caminho. Parecia fora do lugar, mas qualquer carruagem como aquela, estaria fora do lugar, no meio de uma tormenta. — Soltou uma gargalhada tão masculina, quanto agradável. — Algum membro de seu grupo se perdeu?

— Nossos serviçais, senhor.

Lorde Blackwood se aproximou dela e ela estendeu a mão ao recém-chegado. Cox a estreitou.

— É incrível que eu o tenha encontrado, milorde. Devem ter passado seis anos, desde que tive o prazer de ser companheiro de armas de seu irmão.

— Sete — particularizou o conde. — Gostaria de um pouco de uísque antes de comer?

— Sim, obrigado.

— Uísque? — Emily arqueou as sobrancelhas. — Posso, também, tomar um, lorde Blackwood?

— É claro. Se desejar.

“Se desejar”, pensou.

Agora ele estava muito perto. A lembrança da sensação daquela mão no seu rosto, acariciando seus lábios fez com que Kitty se sentisse subitamente fraca, e ao mesmo tempo, cheia de paixão. Lorde

Blackwood acabava de acolher, satisfeito, ao Cox como se fosse mais um do grupo. Comportava-se como um rufião e de vez em quando, pronunciava palavras que a deixavam sem fôlego. Era o nobre mais peculiar com o qual jamais se relacionou, e só de ficar perto dela ele conseguia acelerar seu coração.

— Lady Katherine, também quer uma taça? Acompanha-nos para celebrar o Natal antecipado? — Yale pegou taças para Emily e Cox. Kitty agradeceu a oportunidade de se afastar um pouco da presença inquietante do conde.

— Grande ideia. — Cox elevou sua taça. — Estaremos neste povoado até que a neve derreta, eu suspeito. Passaremos o feriado em Shropshire!

— Algum de nós já havia imaginado que passaríamos o feriado em Shropshire — disse Yale, enquanto oferecia uma taça meio cheia para Kitty.

Ela bebeu um gole. Queimava, sentiu que lhe abrasava o peito.

Bebeu outro gole.

— Então não vieram todos juntos? — Cox olhou com interesse para o grupo. — Pensei que estas elegantes damas o acompanhavam, milorde.

— Sinto decepcioná-lo. — Lorde Blackwood levou a taça à boca e

olhou diretamente para Kitty.

— Lorde Blackwood e o senhor Yale estão a caminho de alguma parte, senhor Cox — interveio Kitty, com tom, extraordinariamente, comedido, considerando seu nervosismo. A mão com a qual ele sustentava a taça era bonita, forte e de longos dedos. Ainda podia sentir a mão de Blackwood sobre ela. — Lady Marie Antoine e eu nos dirigimos à casa dos pais dela, não muito longe daqui.

— Ah, então lamento que não tenham conseguido chegar a seu destino, lady Marie Antoine. — Cox parecia realmente contrariado. — Mas mesmo assim deveríamos celebrar que estejamos aqui.

— Tem algo em mente, senhor? — Yale se afundava no sofá com sua taça transbordante.

— Lady Katherine e eu íamos fazer pão — disse Emily. — Possivelmente, se encontrássemos os ingredientes, poderíamos preparar um pudim também.

— De verdade vocês fazem ideia de como fazer? — perguntou o galês com tom irônico.

— E você?

Ele a premiou com aquele sorriso que Kitty tão bem conhecia e bebeu um grande gole de uísque.

— Não há dúvida de que a senhora Milch conhecerá alguma

receita — disse Emily.

— Então, será um pudim. — Cox parecia enormemente satisfeito com a ideia. Voltou-se para Kitty com um brilho em seus olhos, profundamente, azuis e acrescentou: — Que mais temos, milady?

— Ned toca violino, de modo que haverá música.

O senhor Milch começou a colocar os pratos na mesa.

— Gert! — chamou. — Onde está o menino? Deve tocar para esta boa gente antes da refeição.

— O menino? — Cox arqueou uma sobrancelha. — Ocupando-se de meu cavalo, é claro. Dei um penique para que o fizesse.

Lorde Blackwood olhou para Kitty nos olhos. Torceu a boca em um fio de sorriso, muito significativo para ela, que uma vez mais sentiu que ficava sem fôlego.

— Tampouco pode faltar uma fogueira — disse Blackwood em escocês, como se se dirigisse somente para ela.

— Uma fogueira? — disse Kitty, e sentiu que ele lhe acariciava os lábios com o olhar, como ele fizera com o dedo, no quarto. — Para que, milorde?

— Os escoceses acreditam que no Natal os duendes maus entram nas casas pela lareira, para raptar as crianças — interveio Yale, enquanto olhava fixamente às chamas. — De modo que o fogo terá que

chegar bem alto, para que os duendes não nos invadam.

O conde sorriu sem afastar os olhos da boca de Kitty, que voltava a se sentir aturdida e febril. Devia ser por causa do uísque, pensou, ou, por causa dos olhares que aquele escocês tosco e supersticioso lhe lançava.

— Eu li que os escoceses gostam de beber além da conta no Natal — disse Emily olhando sua taça vazia, em seguida a estendeu para Yale, que se levantou e voltou a enchê-la. — É verdade isso, lorde Blackwood?

— Os escoceses bebem sempre — interveio Yale, sentando-se de novo.

— Não somos os únicos.

— Sábios e grandes bebedores — murmurou Kitty, e antes que pudesse controlar sua língua, acrescentou: — A qual dessas categorias pertence você, lorde Blackwood?

O cão maior do conde não se afastava de seu amo, que lhe acariciava a cabeça com seus dedos longos.

— Isso eu deixo liberado para sua imaginação, moça — ele respondeu em escocês.

— Lorde Blackwood — disse Emily com voz um pouco arrastada. — Sempre estarei agradecida pelo livro de poesia que você me deixou esta

manhã. É muito triste não ter à mão os próprios livros, não é verdade? — Soltou um profundo suspiro.

Yale começou a rir. Kitty piscou.

“Poesia”, pensou.

— Por quê? Há quanto tempo está presa aqui, milady? — inquiriu Cox com tom de surpresa.

— Um dia — respondeu Kitty, um pouco confusa pelos efeitos da bebida e pela fascinação que lhe produzia aquele homem.

— Somente um dia.

Leam sorriu. Lady Katherine Savege, na teoria, estava pouco acostumada ao uísque. Assim como sua jovem amiga. Yale já estava disfarçando, embora escondesse bem, como sempre. No outro lado da sala, o proprietário da estalagem tocava uma valsa.

Quanto ao Cox, o homem que acabava de se unir ao pequeno grupo no meio de uma nevasca, continuava bebendo. Seus olhos brilhavam e, muito frequentemente, se detinham em Kitty Savege. Vestia-se como um agente de seguros que se aprecie, com um casaco elegantemente confeccionado e um colete claramente caro, que realçava sua atlética figura. Desfrutava das vantagens de uma conduta encantadora, de ter boa presença, de ser, definitivamente, o tipo de homem, agradável, que uma garota inexperiente como Fiona, a irmã

jovem de Leam, admiraria.

Cox se voltou para lady Emily e lhe ofereceu delicados elogios como se ela, que mesmo assim sorria, desse importância a essas coisas. Yale resmungou um comentário e Cox sorriu, sem dúvida, contente por ter entrado na brincadeira. Entretanto, a cada instante lançava olhares de admiração para lady Katherine. Ela lhe devolvia os sorrisos, mas parecia estar mais atenta a outras coisas: às vezes aos outros, às vezes à taça de sua mão, mas mais frequentemente ao Leam.

Ele se sentia mal ao tentar evitar seu olhar.

Maldito Yale. Não foi uma boa ideia beber essa noite, ao menos para ele.

Deixou a taça em cima da mesa.

— Milorde, aquele que compartilha poesia com outros é um grande homem — disse Cox como quem elogia. — Diga a quem admira mais? Ao Byron ou ao Burns?

Para um homem que lutara toda sua juventude para ultrapassar as acidentadas zonas fronteiriças de sua língua, Leam conseguia reconhecer um compatriota em cada frase. Cox era das Terras Baixas da Escócia.

— A Ésquilo.

Cox arqueou as sobrancelhas.

— Esse nome é desconhecido para mim, e isso que viajei pela América até muito recentemente.

“Esses colonos nunca conhecem os últimos grandes escritores, até que eles fiquem antiquados”, pensou Leam, e não conseguiu evitar rir novamente.

Lady Emily arregalou os olhos.

— Refere-se a Ésquilo, o dramaturgo da Grécia antiga?

Yale revirou os olhos.

Leam se sentiu como um tolo que tentasse se gabar de sua sabedoria. Um tolo ciumento que, por outro lado, não possuía nenhuma razão para sentir ciúmes.

Não gostava de Cox. Não gostava da forma como ele lançava olhadas, com aqueles olhos de babão, a uma dama de uma condição social superior. Mas caíra como um tolo pensava Leam de si mesmo, como um estúpido. Devia dar fim ao assunto e deixar que a noite seguisse seu curso.

O jantar foi servido e em geral foi uma noite divertida. Leam participou quando foi necessário. Bebeu apenas um pouco de vinho, e não tirou o olho de cima do agente de seguros. Cox, por sua parte, mostrou-se agradável com todos, e nem por um instante foi indiscreto,

com ninguém. Quando Yale procurou uma lasca ardente para acender um charuto, Cox lhe passou fogo. Quando lady Emily se queixou da fumaça do tabaco, que a deixava doente, Cox abriu uma janela e a manteve assim, para que ela respirasse ar fresco, enquanto que Yale apagava seu charuto, imediatamente. Quando lady Katherine aplaudiu o jovem Ned por ter tocado tão bem o violino, Cox pediu um bis.

Depois de um momento, Leam já havia visto o suficiente.

Nenhum homem era tão agradável com todo mundo, sem uma boa razão. Sabia por experiência própria.

Desprendeu seu casaco do cabideiro e anunciou que se ia lá fora para fumar. Yale o seguiu deixando às damas com Ned, o senhor Milch e o pretensioso Cox.

— Já estou farto desse agente de seguros, e você? — Yale abanou seu charuto e com a mão avivou a brasa. Deu uma longa baforada e soltou a fumaça, satisfeito, olhando para a neve e para o rio estreito, iluminados pela luz da lua.

Não havia ninguém à vista, um murmúrio de vozes provinha do interior do botequim, algumas portas mais à frente, ecoando entre a fileira de modestos edifícios cobertos de neve.

Como costuma ocorrer depois de uma tormenta, o céu enfim se limpou. Dez mil diamantes brilhavam no céu noturno, uma eternidade

de desejos sem cumprir. Um estudante universitário imensamente ridículo, que gostasse de poesia, possivelmente, os tivesse desejado.

Leam caminhava pelo atalho que abrira naquela mesma tarde, para evitar a companhia de uma mulher de olhos grandes e atormentados.

— Aonde vai tão rápido, milorde? — Perguntou Yale atrás dele. — Vai para a janela dela, debaixo da qual deverá lançar pétalas de rosa e lírios para serem pisados pelos delicados pés de sua esquiva dama? — Estava completamente bêbado, e nesse estado costumava cometer tolices.

Leam retrocedeu e deu um murro na mandíbula de seu amigo.

Yale caiu sobre a neve compactada.

— Maldito seja, Blackwood! — resmungou, levando a mão ao lugar onde recebera o golpe. — Me fez perder o charuto.

— Descobri uma escada na parte dos fundos da casa — disse Leam. — Se não estivesse tão bêbado eu lhe proporia ir lá em cima e investigar os pertences do Cox. Mas me limitarei a pedir que entre e tente mantê-lo distraído o máximo que possa. — Ele se voltou e esteve a ponto de perder o equilíbrio ao patinar no gelo. — Por Deus, como eu gostaria de já estar na Escócia.

— Ah, mas então não teria conhecido à Bella lady Katherine. —

Yale encontrou seu charuto e espanava a neve aderida na lapela do casaco.

O certo era que Leam não a conhecera ali, mas, sim, em um salão de baile, três anos antes, e havia sido incapaz de tirar os olhos de cima dela. Mas ela estava com outro homem. Um homem que não a merecia.

— Eu voltaria a lhe bater, Wyn, se você não estivesse no chão.

— Por acaso você pretende me impressionar com seus talentos pugilísticos? — Yale sorriu e mordeu o charuto. A mandíbula vermelha estava marcada com os nódulos de Leam. Queria briga e muito mais. Queria esquecer, e Leam não o culpava. Voltou-se sobre seus calcanhares e partiu.

Atrás da porta da cozinha que dava no beco, não longe da entrada dos fundos, subia outra escada.

Já fazia algum tempo que os proprietários da estalagem foram à cama; na cozinha só havia pilhas de pratos limpos, e um par de ratos que passeavam livremente.

Leam cruzou uma despensa, notadamente, bem abastecida em direção à estreita escada. Estava a meio caminho quando uma porta de cima chiou. Ele parou e permaneceu imóvel no meio da escuridão. Ao fim de um instante vislumbrou a figura do Katty Savege, que

sustentava um candelabro na mão.

Leam conteve o fôlego. Possivelmente se dirigisse para o apartamento de cobertura, o qual era ocupado pelo pretensioso agente de seguros. Mas começou a descer.

Leam não podia fazer outra coisa, a não ser anunciar sua presença, visto que ela acabaria encontrando-se com ele. Decidiu continuar subindo, procurando fazer muito ruído com as botas.

Com um pequeno grito de surpresa, ela parou e surgiu da escuridão atrás do candelabro. À luz dourada da chama, seus olhos grandes e formosos resplandeciam, suas bochechas projetavam um tom rosado e as pestanas eram como leques.

— Milorde?

— Milady...

— Pensei que estava lá fora, no pátio, fumando com o senhor Yale. — O uísque que ela bebera parecia suavizar sua altivez. — O que faz você aqui?

— Eu poderia perguntar o mesmo — respondeu ele em escocês.

— Vou à cozinha em busca de água. Quero tomar um banho. — Ela cambaleou-se ligeiramente para ele. — Céus, aqui estamos, em um canto da escada, incrivelmente escuro e a ponto de lhe dar todo tipo de detalhes sobre meu banho. Do que é capaz um uísque.

— Com certeza — disse ele olhando seus lábios à luz tênue. De repente, ele pensou que Cox poderia se apresentar a qualquer momento e descobri-los.

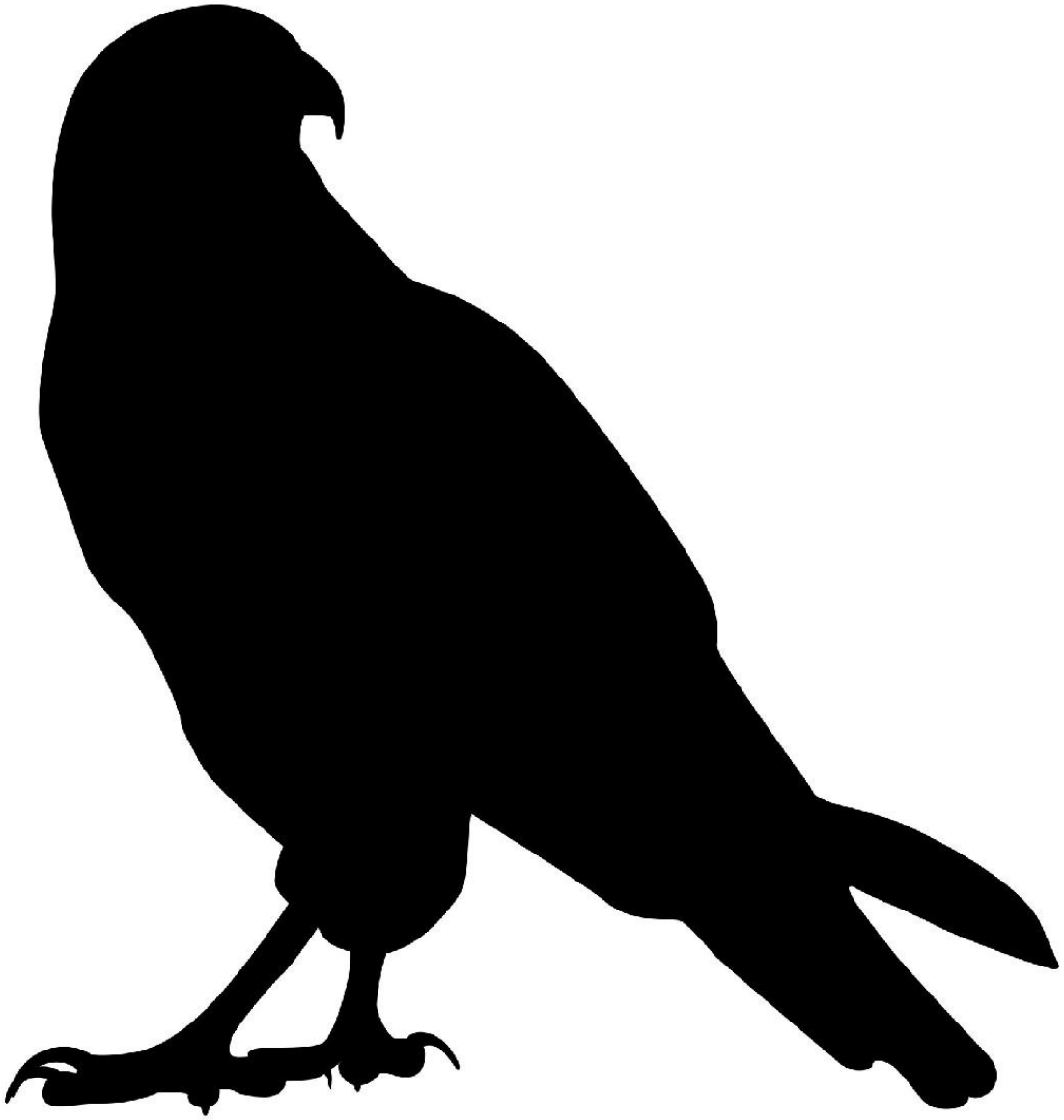
A imagem de Kitty Savege banhando-se o perturbou profundamente.

— E agora é sua vez — ela disse. — Eu lhe informei que meu plano, então acredito que você deve me explicar aonde ia. Ocultar-se ao amparo das sombras lhe faz parecer um espião.

Leam continuava olhando, fixamente, para seus lábios generosos nos quais aparecia um sorriso travesso, algo muito pouco usual naquela séria dama da cidade.

— Por acaso você é espião, lorde Blackwood? — Continuou ela.

— Não — respondeu ele com voz rouca sem afastar o olhar de sua boca, enquanto sentia um ardor entre as pernas, enquanto a luz do candelabro ondulava e ela procurava com as mãos, o inexistente corrimão e enquanto, ele desejava ter bebido mais uísque. Assim, ao menos, pela manhã disporia de uma desculpa para justificar a conduta imprudente que estava a ponto de ter.



6

O conde pegou a mão de Kitty e tirou o oscilante candelabro.

— Tome cuidado, ou ele cairá — ele disse em escocês.

De toda a maneira, não precisaria. Tampouco necessitava realmente de um banho, isso podia esperar até a manhã.

O que, possivelmente, mais precisava era dormir, mas seu sangue parecia estar a ponto de fazer suas veias explodirem. Não havia dúvida de que o uísque tinha algo a ver em tudo isso, e a fantasia de ser beijada pelo conde de Blackwood se repetia em sua mente. Uma fantasia que ela alimentara durante horas, igual à taça que o senhor Yale enchia uma e outra vez.

E lorde Blackwood estava cada vez mais perto de sua boca.

— Se você está tão empenhado em me beijar — ela ouviu a si mesma dizer com voz rouca, —, pois faça e acabe com esta tolice. Não sou uma escolar e posso, espero suportar semelhante humilhação.

Ele esboçou um sorriso provocador e disse, experimentando-a:

— Tem certeza de que pode?

— Claro. Vivi perto de Londres toda minha vida, você sabe.

Ele pareceu não gostar daquele comentário. Mas depois daquela noite que já fazia três anos, ela não o surpreendia. Ele continuava

olhando-a, intensamente, embora com certa expressão de recriminação. E Kitty, nunca gostara das recriminações.

Mas gostava de lorde Blackwood. Gostava da forma como ele contemplava seus lábios e o modo como ele fazia seu sangue ferver. Gostou quando ele acendeu a lareira porque o hospedeiro estava ocupado com outras coisas, gostava que o senhor Yale o escutasse, inclusive quando demonstrava o contrário, e gostou que seu irmão tivesse levado seu retrato na batalha. Até gostava quando ele, também, se comportava como um cavalheiro.

Cavalheiro ou bárbaro? Espião por acaso?

Era absurdo. Anos se mostrando fria, contida, para que, agora, este homem altamente inadequado a fizesse perder a cabeça... Queria que ele a beijasse, jamais em sua vida desejara tanto alguma coisa. Sua presença era perturbadora, insuportável, preenchia cada um de seus sentidos. E o aroma de couro e de pinheiro, tão impróprio de um cavalheiro e, ao mesmo tempo, tão delicioso. Ela respirou fundo, até se sentir enjoada. Ele permanecia imóvel, olhando-a.

Ela finalmente se inclinou e pressionou seus lábios contra os dele, um estranho, no meio da escuridão daquela escada. Deixou escapar um suspiro.

Ele se sentia tão bem.

Kitty apoiou uma mão na aba de sua jaqueta. Começou a acariciar os fortes músculos através da fina lã. Aprofundou o beijo, embora com delicadeza, desfrutando do sabor e da textura de seus lábios, do delicioso calor que crescia em seu ventre e descia lentamente. Deixar escapar um breve suspiro em sinal de prazer abriu a boca.

Um braço forte e musculoso rodeou seus ombros. Com um controle absoluto da situação, lorde Blackwood a afastou de si.

Kitty abriu os olhos, desconcertada.

Não viu seu rosto, como esperava. Mas percebeu o brilho de seus olhos escuros, e, também, uma certa expressão de surpresa e confusão, diante do que não esperara que ocorresse apesar do muito que desejava. Kitty sentiu que lhe falhavam as pernas. Procurou o corrimão com mão trêmula, mas não o encontrou. Lorde Blackwood seguiu seu gesto com o olhar, mas logo voltou a centrar-se em seu rosto.

Com um movimento deliberado, aproximou-a contra seu peito e a beijou na boca.

Desta vez o beijo não era um simples roçar de lábios. Desta vez pegou sua mandíbula com a mão para aproximá-la ainda mais. Kitty jogou a cabeça para trás e sentiu no peito um estalo de prazer, que

percorreu todo seu corpo, tão intenso que quase doía.

Ele introduziu a língua em sua boca, lentamente, saboreando primeiro o interior suave e delicado de seus lábios. Ela o deixou fazer entre os suspiros, desejando também sugar aquela língua.

“Por Deus, não”, ela pensou.

Mas era inútil resistir. Ela implorava para suas mãos que empurrassem os braços dele para afastá-lo, mas elas não queriam obedecê-la. Ela ordenava a seus lábios que se selassem, mas eles adoravam a sensação daquela língua, dominante e úmida, em sua boca. Por fim, se rendeu.

Ele deslizou a mão de sua face até as costas, apertando-a contra seu peito. Kitty se sentiu transportada ao céu. Ser desejada por um homem... Por esse homem... E disse a si mesma que, possivelmente, ao longo desses três anos, enganou a si mesma. Talvez, naquela noite, tenha se livrado da influência de Lambert Poole, não pela mensagem precisa que lera nos olhos insondáveis de lorde Blackwood, mas sim, simplesmente, porque queria ser abraçada por ele, em um sentido absolutamente literal.

“Que loucura”, pensou. Ela não era uma libertina. Possuía uma mente fria e racional. Não tinha nada a ver com o homem que nesse momento a abraçava e beijava, exceto, claramente, que ambos

divirtam-se fazendo. Ébria de paixão acariciou os musculosos braços, enquanto aquela língua em sua boca prolongava sua loucura. Tocou-lhe a face. Suas maçãs do rosto e sua mandíbula eram perfeitas, firmes e ligeiramente ásperas, por causa da barba de dois dias.

— Queria que você me beijasse — Kitty se ouviu dizer, sem fôlego, trêmula, incapaz de controlar qualquer coisa.

O uísque, a escada escura, aquele homem que a segurava contra seu corpo... Seus olhos brilhavam na penumbra, ardentes de desejo.

Ele tomou sua boca de novo e ela se entregou às carícias de seus lábios e sua língua, enquanto ela se desfazia entre seus braços. Seu fôlego foi quente e seu coração pulsava cada vez mais, enquanto suas mãos lhe acariciavam as costas, os seios, o ventre. Kitty queria sentir ainda mais, converter essa indiscrição secreta em um momento para recordar todas as noites, enquanto jazia em sua cama de solteirona.

Moveu os quadris.

Inesperadamente, ele a soltou.

Kitty, novamente sobressaltada, não podia fazer mais que olhar fixamente a boca que possuía aquele dom maravilhoso e olhos que não pareciam em nada satisfeitos.

— Bem, agora já tem seu beijo, milady — disse Leam com voz áspera.

Possivelmente mais áspera que o normal. Afastou-a dele e lhe estendeu o candelabro, que agora sustentava em uma mão.

Permaneceram imóveis, Kitty ainda boquiaberta.

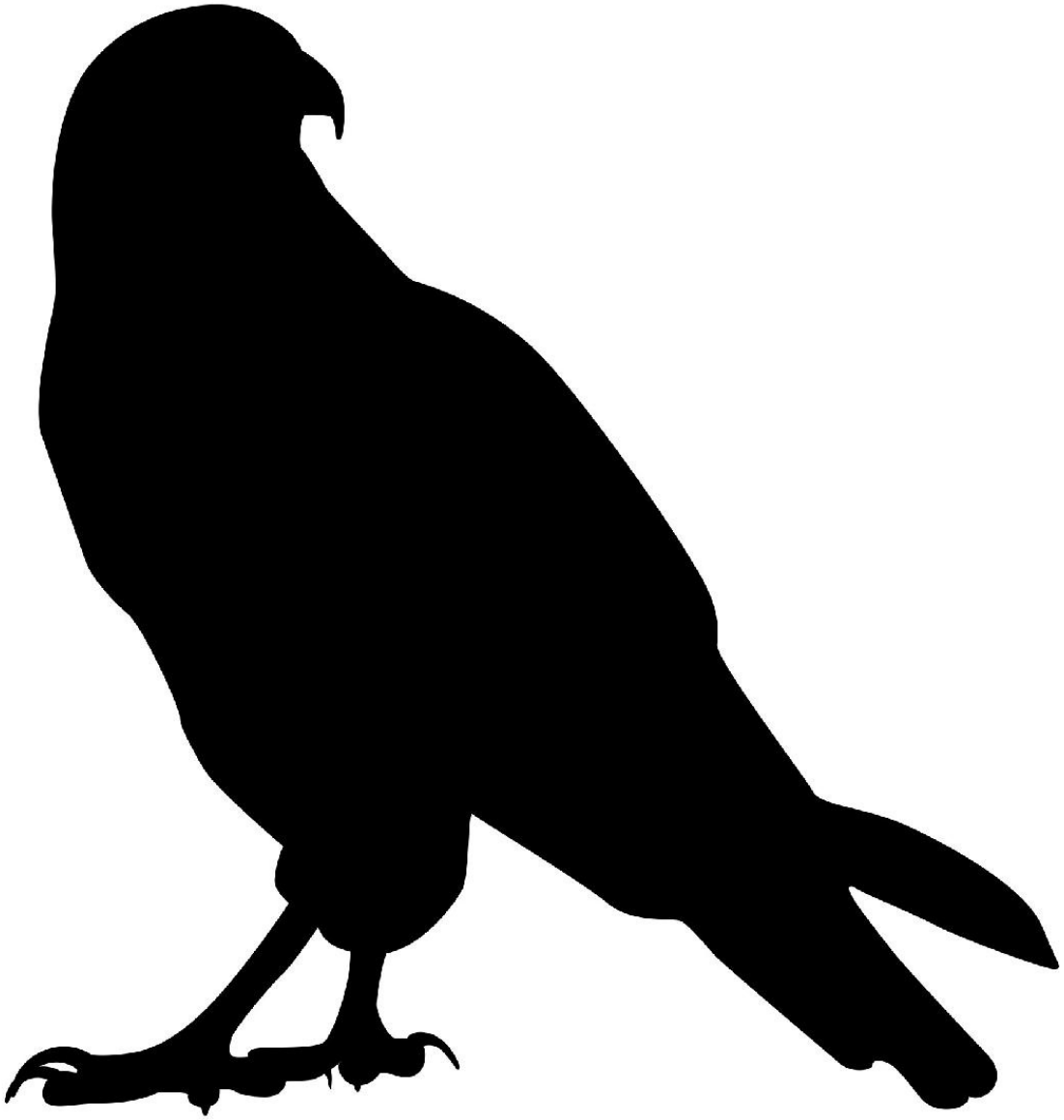
— Se não desejava me beijar — ela disse e lhe pareceu que sua voz soava estranha, — não precisava fazê-lo.

— Equivoca-se, eu desejava. — Ele deixou escapar um profundo suspiro, voltou-se e desceu ruidosamente a escada. A porta da cozinha se fechou com um golpe, as suas costas.

Sustentando o candelabro com mão trêmula, Kitty se apoiou contra a parede e fechou os olhos.

Não lamentaria. Ao menos, até o dia seguinte. Pela manhã voltaria a estar sóbria e teria a mente limpa. No momento, entretanto, o uísque continuava agindo, a sensação daqueles lábios nos seus e um desejo, que era maravilhosamente bem recebido.

O dia de amanhã viria logo para se lamentar.



7

Na manhã seguinte Kitty sentia dor de cabeça, ardiam-lhe os olhos e o estômago estava revolto. Mas tudo aquilo não era nada, em comparação com as notícias que Emily lhe deu ao se levantar.

— Uma parte do telhado do estábulo veio abaixo pelo peso da neve e quase lesou o cavalo de lorde BlackWood. Felizmente, ele sofreu somente um pequeno arranhão.

— Oh! Deus! — Kitty se sentou na cama. — Alguém ficou ferido?

Emily a olhou atentamente.

— Que pergunta tão estranha quando acabo de dizer que somente o cavalo sofreu ferimentos.

— Como você soube? Imagino que deve ter sido Ned — disse Kitty.

Emily não era muito esperta, mas tampouco, era tão tola.

— Lorde Blackwood foi alimentar os cavalos e o telhado caiu enquanto ele estava dentro.

O homem que beijava como um deus atendia seus próprios cavalos como um vulgar peão de estábulo, e estivera a ponto de ficar ferido por causa disso. Kitty esfregou os olhos com mãos trêmulas.

— Então, devemos ficar contentes, que tanto ele quanto o animal estejam bem. — tirou a camisola que a senhora Milch lhe emprestara e

estremeceu de frio. em seguida colocou uma fina roupa de baixo de linho e as meias. Emily se aproximou para lhe amarrar o espartilho.

— Os cavalheiros e alguns homens do botequim estão tentando reparar o estábulo agora.

— Espero que não estejam sob os efeitos do uísque — disse Kitty, pensando em si mesma. De fato, ela nem sequer conseguia assegurar que tivesse sido ele que, na noite anterior, estivera na escada. Mas estava certa, sim, estava completamente segura de alguém a beijara. E quanto àquele olhar em seus olhos, devia ter imaginado. Conheciam-se perfeitamente. Mas por um instante, a misteriosa percepção de que eles possuíam algo em comum, refulgiu entre eles. Sim, sem dúvida tudo fazia parte de sua imaginação. Depois de tudo, esta imaginação a convenceu, em uma ocasião, de que Lambert Poole a amava. E não só isso, mas também o convertera em um homem digno de ser amado.

— Parece que o senhor Yale consegue aguentar o álcool bastante bem — comentou Emily.

Kitty lhe lançou um olhar por cima do ombro e disse:

— Lamento que esteja presa aqui, com um cavalheiro pelo qual sente tanta antipatia.

— Não é que eu não goste Kitty, mas, não me parece respeitável o

que é bastante diferente.

— Não é? — Kitty não havia visto nada em lorde Blackwood daquilo que normalmente admirava em um cavalheiro, e, entretanto... Definitivamente, algo não se encaixava. Aquele brilho resistente em seus olhos, aquele sorriso quando disse que queria beijá-la, não combinavam com o homem que aparentava ser.

Mas talvez tudo isso não fosse mais do que a fachada que ocultava uma tragédia, ou Kitty estivesse imaginando coisas.

— Claro que é Kitty — disse Emily, muito séria. — A simpatia tem a ver com o caráter e a predisposição, e o respeito, com a conduta de um cavalheiro. Porém eu sei que terei que me dar bem com ele até a hora de irmos. Na verdade, lorde Blackwood me emprestou outro livro — ela acrescentou, como se isso fosse tudo o que uma mulher necessitasse para ser feliz.

— Mais poesia?

— Fedra, de Racine. — Emily acabou de ajudar Kitty a se vestir e se aproximou da bacia, rompeu a fina capa de gelo, afundou as mãos na água e lavou o rosto.

Então o bonito bárbaro sempre acompanhado por alguns cães grandes e peludos gostava de ler teatro francês. Kitty não conseguiu evitar de sentir que estremecia por dentro.

— A Sra. Milch já preparou o café da manhã?

— Ovos outra vez. Esta noite precisamos assar pão para o jantar.

— Está decidida?

— Claro.

— Como está o caminho nesta manhã? Alguém viu a carruagem do correio?

— O senhor Yale explicou que ainda não apareceu ninguém.

Mesmo assim ela não conseguia se livrar de seu nervosismo, nem da preocupação que sentia agora que conhecia muitas coisas a mais sobre dele: seu aroma, a suavidade de sua língua, os músculos bem contornados sob as mangas e o peitilho de sua jaqueta. Não conseguia pensar, não conseguia ordenar sua mente, o que lhe acontecia era verdadeiramente inédito!

Enamorar-se de um homem aos vinte e cinco anos, fazia com que se sentisse como uma idiota. Mas possivelmente não fosse tão excepcional. Sua mãe por sua vez, também havia se sentido moderadamente atraída para lorde Chamberlayne. Claro, lorde Chamberlayne era inteligente, um cavalheiro perfeito e um político de êxito. Enquanto que lorde Blackwood... Era um selvagem que possuía alguns cães enormes.

Devia estar louca.

E ainda por cima, assar pão.

Kitty se colocou diante de um bloco de madeira, na cozinha da estalagem e se inclinou para pegar uma parte de massa, enquanto a senhora Milch lhe ensinava a amassar. Em questão de dias ela estaria varrendo chão e depenando frangos, pensou. Até daria de comer aos porcos, se é que havia algum para alimentar.

— Devo pressionar assim, senhora Milch? — perguntou Emily enrugando a testa.

— Não, senhorita, assim. Embora, na verdade um membro da alta sociedade não deveria se rebaixar a preparar pão — ela acrescentou. — Milady estará de acordo comigo.

— A mim, sinceramente, pouco me importa — disse Kitty, que tudo o que desejava era se manter ocupada. Faria todo o possível para se livrar da confusão que ela aprontou. A neve que rodeava a estalagem a segurava com uma força implacável, bem maior que a que nesse momento, os nódulos de Emily exerciam sobre a massa.

Sentia-se doente, traída por um desejo de celibato que, de repente, parecia ter sido feito em pedacinhos. Fazia mais de cinco anos, desde que Lambert arrebatara sua inocência e ela começara a odiá-lo por isso, que ela sabia que nunca se casaria. Jamais seria a noiva de um cavalheiro respeitável, e mesmo que ele pedisse sua

consciência a impediria de aceitá-lo, pois não poderia lhe dar filhos. Assim, convenceu-se a si mesma, não só de que não queria um marido, mas também de que não se podia confiar nos homens. Poderia ser perfeitamente, feliz passando a vida com sua mãe e o amigo mais íntimo desta, lorde Chamberlayne..., ou não.

Não poderia continuar fingindo. A verdade era que naquela noite decidira acompanhar Emily a Shropshire, deixando sua mãe e lorde Chamberlayne para que arrumassem seus assuntos, porque não queria viver com ela, toda a vida. Queria algo mais da vida.

O contato de suas mãos com a massa do pão a tranquilizou. Não for sincera consigo mesma. Apaixonar-se por um homem da índole do conde de Blackwood , demonstrava isto.

Estava cansada de fingir diante do mundo, que se sentia encantada de ser repudiada por tantos entre a alta sociedade. Estava cansada do futuro solitário que havia imaginado para si. Seu coração doía pedindo algo mais, um pouco mais doce e bonito. Desejava mais. Uma imagem quebrada... A inocência reconquistada, ingenuamente, uma felicidade inesperada.

Entretanto, uma mulher como ela não podia se permitir apaixonar-se. Uma mulher que deixara para trás seu tesouro, mais precioso, sem o benefício do matrimônio seria sempre humilhada. Foi

pega na escuridão de uma escada, e o cavalheiro que abusou dela, a tocou e a beijou, não se sentiu obrigado a oferecer nada mais. Nada decente. Nada permanente. Nada que pudesse colocar fim a sua solidão.

— Milady, está manchando sua saia. — A senhora Milch lhe segurou as mãos e começou a limpá-la com um trapo, tão delicadamente como teria feito uma donzela. — Já sei que se trata somente de farinha, mas seu vestido é de uma seda tão fina, e além disso, não esqueçam que aqui há cavalheiros da alta sociedade.

Kitty olhou à mulher nos olhos e acreditou detectar compaixão neles. Mas era impossível. Tudo naquela estadia de sonho em Shropshire era.

Ela lançou uma olhada à porta da cozinha como se fosse uma via de escapamento, como a saída que encontrara em Londres ao ver a carruagem de Emily aguardando-a.

De repente, o conde entrou.

Kitty se ruborizou e sentiu que ardia por dentro. Ela sempre admirara os semblantes dos cavalheiros solteiros que passavam a maior parte do tempo na cidade. As bochechas de lorde Blackwood resplandeciam pelo frio e pelo esforço, ela o observou atentamente. Era alto e tão maravilhosamente bonito, quanto na noite anterior, à luz

das velas, durante o jantar e depois, na escuridão da escada, onde ele decidira pegar sua... Sobremesa. Ela se sentia como uma moça, tola, enamorada e desejosa de que ele a beijasse mais do que era humanamente suportável.

— Bom dia, senhoras. — Olhou para Emily, para Kitty e depois para a hospedeira, a quem se dirigiu em escocês. — Senhora, seu marido lhe pede que coloque o breu no fogo para unir as juntas.

— Ora, agora ele envia um cavalheiro para trazer recados no lugar de Ned. Aonde foi aquele menino? — A senhora Milch deixou de limpar as mãos de Kitty.

— Foi à forja para devolver a serra — respondeu o conde em escocês.

Emily o olhou.

— Já terminaram o telhado do estábulo?

— Sim, milady. Mantive entretidas as mãos igual a você com seu trabalho de mulheres — disse em uma mescla de inglês e escocês.

Olhou para a mesa e para o pão e sorriu.

Kitty teve que afastar o olhar. Trabalho de mulheres. Além disso, somente entendeu três de quatro palavras. Mas o que ficou bem claro foi que o sorriso dele lhe tirou o fôlego.

Oh! Deus, o que estava lhe acontecendo? Como podia oscilar de

um extremo ao outro?

— Nunca acreditei que fosse tão difícil fazer pão — disse Emily. — Felizmente, a senhora Milch é uma professora muito competente e experimentada.

Kitty engoliu o nó que estava em sua garganta e disse:

— Milorde, está be..., be...?

Ele a olhou, estranhando.

Ela guardou silêncio, magoada. Ele inclinou a cabeça ligeiramente. Kitty não entendia o que lhe acontecia: jamais em sua vida ela havia gaguejado. Se o conde pelo menos se dedicasse a falar mais e olhá-la menos, Kitty poderia ter se saído graciosa sem morrer de vergonha, completamente.

— Está be..., bem seu cavalo? — enfim conseguiu articular.

— Sim. Agradeço-lhe sua preocupação — respondeu o conde em escocês. Sua expressão continuava sendo agradável, mas séria. Ninguém, jamais suspeitaria que na noite anterior ele lhe roubar um beijo no meio da escuridão. Mas Kitty conhecia sua reputação e ele não hesitara em beijá-la, porque acreditava conhecer a dela. — Apreciadas damas, fazem vocês um extraordinário serviço em vez de permanecerem ociosas — acrescentou em escocês.

— É uma lástima que não tenha um ganso ao forno — murmurou

a senhora Milch na mesma língua.

— Quem precisa de um ganso, quando senhoritas tão finas realizam um trabalho tão nobre? — disse Cox, que de repente se materializou atrás do ombro do conde.

— Não há nada nobre em assar pão, senhor Cox — afirmou Emily.

— Os pobres são apenas recompensados por fazerem trabalhos como este.

— Trabalhei toda a minha vida, lady Marie Antoine — disse Cox, aproximando-se dela. — E ainda não tive o prazer de amassar pão com uma dama. Permita-me que a ajude.

— Alguma vez amassou pão, senhor? — Emily parecia verdadeiramente interessada.

— Pois... não — respondeu ele entre gargalhadas.

— Então será melhor que também coloque um avental — interveio a senhora Milch, sacudindo a cabeça.

— Deve primeiro tirar o casaco — instruiu Emily.

— Na presença de damas, jamais. — Cox dirigiu para Kitty um sorriso brincalhão e amarrou o avental em torno das abas de sua elegante casaca. Depois, dirigindo-se a lorde Blackwood, acrescentou:

— Milorde, quer se unir a mim e a nossa bela companhia, nesta encantadora tarefa doméstica?

Lorde Blackwood, que ainda se encontrava na soleira, respondeu em escocês:

— Melhor deixar nas mãos dos profissionais adequados. —

Saudou os presentes com uma inclinação da cabeça, lançou um olhar muito enigmático e partiu.

Kitty sentiu o repentino impulso de ir atrás dele, mas se conteve e disse:

— Senhor Cox, o senhor Yale ainda está no estábulo? — Não podia lhe importar menos. Somente queria saber aonde o conde iria. Como era possível?

As mulheres amadurecidas não experimentavam esse tipo de sentimentos. Mas, possivelmente, esse fosse o preço que ela devia pagar pela atitude desonesta que ela mantivera durante tantos anos. Pouco importava que o homem que ela ajudara a levar perante a justiça fosse na realidade, desprezível.

— Ele foi ao botequim com o carpinteiro que nos ajudou a colocar os emplastros no telhado. Um trabalho perigoso. Blackwood esteve a ponto de romper o ombro.

— Ele disse que somente seu cavalo sofrera ferimentos, e muito leves — apontou Emily.

— Ele estava escovando o cavalo no momento em que o teto caiu.

— Cox afundou os dedos na massa. — É estranho que um cavalheiro de sua classe cuide de seu próprio cavalo, digo eu. Mas os nobres insistem em ter essas excentricidades — acrescentou com um sorriso.

Emily apontava a redondez da massa.

— Deve apoiar as palmas das mãos na massa, e não colocar os dedos nela, senhor Cox — disse Emily. — Assim.

Kitty, cujo coração ainda parecia galopar dentro de seu peito, limpou as mãos com um trapo e murmurou:

— Podem me perdoar?

A senhora Milch bastaria, para ser dama de companhia de Emily, uma companhia, com certeza, que Kitty precisaria ter a seu lado na escada, na noite anterior. Enquanto Cox estudava os movimentos de Emily e a senhora Milch se ocupava de colocar o breu no fogo, Kitty abandonou a cozinha.

Precisava escapar da estalagem, embora fosse somente durante um momento. Precisava respirar ar fresco para clarear as ideias. Era enormemente imprudente ficar obcecada pelo conde de Blackwood, com seu belo porte, com suas carícias peritas.

Ned estava no salão, com um dos cães. Levantou a cabeça e algo dourado brilhou em sua mão. Sorriu amplamente.

— O céu está muito claro hoje, milady.

Ela se sentia muito confusa para articular uma frase coerente.

— Isso parece — conseguiu dizer por fim, aproximando-se do moço. Distrações desse tipo eram exatamente o que precisava, ela decidiu.

O cão lambia sua mão.

— Ned, está dando de comer aos cães? — perguntou Kitty com um sorriso incerto.

— Não, senhora, é somente um objeto que encontrei faz duas semanas no caminho para Shrewsbury. — O menino arqueou as sobrancelhas e estendeu a mão. Na palma desta havia um camafeu onde estava o retrato de uma moça com cachos dourados e lindas bochechas com covinhas.

— Que bonita é e que triste deve estar seu apaixonado por tê-lo perdido. — Kitty sorriu depois que conseguiu controlar os tremores que o nervosismo lhe produzia. Ao que parecia distrair-se não ajudava muito.

— É claro que sim. — Ned guardou o camafeu no bolso, abriu a porta e saiu com o cão para o pátio. Possivelmente o conde tivesse retornado ao estábulo, pensou Kitty. Iria e comprovaria... Mas... Não. Naquele estábulo encontraria um homem frio, ao qual teria que oferecer suas ardentes bochechas, uma parte de gelo que faria arder,

ainda mais, o fogo que a abrasava por dentro. Rodeou a casa e o viu. Lorde Blackwood estava de pé no canto, apoiado contra a parede e tampando o rosto com uma mão. Deixou cair o braço, encontrou-se com seu olhar e soltou um profundo suspiro.

— Milorde, o que faz aqui? — perguntou ela, de forma claramente pouco elegante. Agora era sua vez de perder qualquer rastro de decoro. Embora se tratasse de um deslize, resultava inaceitável.

— Recuperando o fôlego, acredito.

Devido à sombra que projetava a parede, ela não conseguia discernir sua expressão. Mas podia sentir. Ele respirava o ar livre, a terra selvagem, indômita e escarpada do norte, o que era profundamente ridículo, já que sua propriedade estava muito perto de Edimburgo e ele estava acostumado a passar longas temporadas em Londres.

Ela se aproximou dele; de fato, não conseguiu evitar fazer. Ele parecia esmagar seus ombros contra a parede.

— Deve ter sido um trabalho terrivelmente ingrato, com este frio — disse Kitty, embora não fosse isso o que queria lhe dizer. — Subiu ao telhado?

— Sim — respondeu ele, e sua mandíbula estava tensa. Kitty se imaginou acariciando-a. Deveria ter feito na noite anterior. Fora uma

tola. Estava agitada.

— Entendi que você se encontrava no estábulo quando ocorreu o acidente.

— Assim é, verdade.

— Cuidando de seu cavalo? — Kitty se perguntou como podia se aproximar mais dele, sem ficar ridiculamente em evidência. Somente de pensar em tocá-lo, sentia a pele se arrepiar.

Ele assentiu.

— Sim, de todos eles.

— Também estava dando de comer aos cavalos da carruagem? E ao do senhor Cox, imagino. — Ela não poderia perguntar de forma sutil. Mas a sutileza frequentemente estava sobrevalorizada, então decidiu. — Não poderia ter deixado que Ned fizesse isso? — Ela se aproximou um pouco mais, inclinando a cabeça para ver seu rosto, sua figura masculina, perfeita.

— Talvez — respondeu ele, esboçando um sorriso.

— Mas não o fez.

— Não. — Agora ele olhava fixamente para sua boca.

Kitty não conseguia se controlar; sua mão se moveu, como por vontade própria, mas também, porque lhe foi permitido, para seu peito.

Sentia-se bem ao fazer isso. Maravilhosamente bem.

Como na noite anterior, quando se beijaram, ele permaneceu completamente imóvel. Ela desdobrou os dedos e apertou a mão contra suas costelas. Seu coração pulsava com uma força inusitada. A impaciência a fazia estremecer da cabeça aos pés, e deixou escapar um breve suspiro.

— Você é homem de poucas palavras, não é mesmo? — ela sussurrou.

— Sim — disse ele com voz profunda. Sua respiração era desigual sob a mão de Kitty.

— Eu... — Kitty quase não conseguia articular algum som. — Eu..., eu...

— Você o que, moça?

Ela introduziu a mão sob seu casaco. Com uma aguda exalação, ele a agarrou pelos ombros e a puxou para si.

Kitty suspirou, perguntando-se se sua imaginação ébria havia inventado as sensações que experimentara entre seus braços. Agora, ela estava perfeitamente sóbria, e, entretanto embriagada por elas. Quase não conseguia pronunciar as palavras que estivera pensando desde que ele a deixou na escada dez horas antes.

— Eu..., eu queria lhe perguntar algo.

Ela era esbelta e delicada em suas mãos, todas as deliciosas curvas contra seu peito. Fazia tempo que Leam não abraçava uma mulher, à exceção da noite anterior, quando a teve em seus braços e a deixou para seu próprio bem. Agora seus olhos brilhavam com ardor e suas bochechas estavam acesas, nada comparadas com a imagem de fria elegância que ela mostrava nos círculos da alta sociedade londrina. Nessa estalagem, no transcurso de somente algumas horas, Kitty se desintegrava em pedacinhos diante de seus olhos. Entre seus braços.

Mas ele não queria nenhuma daquelas partes.

”Solte-a.”

Ele inclinou a cabeça. Sua fragrância confundia seus sentidos.

— O que é isto, moça?

“Solte-a, imbecil.”

— Vai me beijar outra vez? — Ela perguntou, mas não se atrevia a olhá-lo nos olhos. — Quero que... você. — Quase perdeu o controle ao fixar o olhar nos lábios dele. Quase.

“Quase...”

Totalmente.

A mão dele deslizava por seu ombro, subia pela curva sedosa de seu pescoço até tocar sua cabeça.

— Quer... agora? — A voz de Leam era rouca. Depois do beijo da noite anterior ele permaneceu de pé, durante uma hora, no meio da neve para aliviar a tensão de seu corpo. Não bastara. Agora ela se apertava contra seu peito, e uma mulher com sua experiência devia saber que ele esperava algo mais que um beijo.

Ela assentiu.

— Desejo terrivelmente.

Ainda havia tempo de soltá-la.

Comportava-se como uma moça, tremendo e com os olhos muito abertos, como se não soubesse realmente o que havia pedido. Durante anos Leam acreditara que não existia o desejo inocente, e a experiência, com um custo enorme para ele mesmo, lhe dera razão. Mas em Kitty, parecia real. Ela levantou um olhar cheio de confusão para ele, que ficou cativado por sua ingenuidade. Ele baixou a cabeça para aquele rosto pleno de beleza feminina. Sua fragrância de madeira defumada e cerejas exalavam por entre seus lábios separados, produzindo em suas virilhas um ardor tão agradável quanto insuportável. Deus, aquela mulher era a perfeição, como já se dera conta na escada, ou mesmo, três anos atrás, ao ouvi-la falar e reparar em seus sedosos lábios, na expressão perspicaz de seu rosto, e como lhe incomodou a atitude possessiva de Poole.

— Faça — disse ela em tom de urgência. — Beije-me outra vez. Por favor. Uma vez mais.

Aquela mulher, beleza quase perfeita, implorava que ele a beijasse...

Ele roçou seus suaves lábios. Ela suspirou. Ele deslizou seu polegar pela delicada curva de sua mandíbula. Enfim a puxou pelos ombros e a atraiu para si, como Kitty desejava, como desejou desde o dia em que chegara àquela maldita estalagem.

Ela o beijou com candura e paixão ao mesmo tempo, curiosamente indecisa e com pouco refinamento. Ele provocara essa deliciosa falta de decoro. Ele e aquelas mãos maravilhosas que percorriam sua face, seus ombros, todo seu corpo. Sentiu o ardor de sua língua, seu sabor, a suavidade que penetrava em sua boca. Por Deus, jamais imaginou que pudesse experimentar esse amontoado de sensações.

Kitty se perguntou quanto tempo mais aguentaria essa doce tortura. Ela se debatia, mas Leam conseguia fazê-la desejar o mesmo que ele. Entretanto, ela não era para Leam, nem sua beleza era, e ela ocultava a tortura que a agitava por dentro, como uma tempestade. Não, aquele torvelinho de confusão e mensagens entrelaçadas não seria para Leam. Nunca mais.

Mas, por Deus, ela era perfeita. Ele acariciou sua bochecha de porcelana e sua mandíbula, e deslizou um polegar sensual por seus lábios. Kitty respondia como a argila ao toque do artista, e ele continuava explorando-a. Acariciava-a e um calor úmido crescia dentro dela, e finalmente ela soltou um gemido suave e se agarrou a sua camisa.

Ele a beijou mordeu brandamente seu lábio inferior e o acariciou com a ponta da língua, para logo metê-la, de novo, profundamente, na boca enquanto deslizava uma mão pela estrutura sedosa de seu pescoço, procurando, avivando-a. Precisava tocá-la. Mesmo que fosse somente uma vez. Sentir a beleza daqueles seios cobertos de fina lã, que ele tentado não olhar fixamente em um dia que pareceu uma eternidade. Estava cometendo um engano. Precisava se afastar dela e explicar muito claramente que deviam colocar um ponto final naquilo. Não conseguia. Possivelmente, se fosse muito longe, ela quereria...

Cobriu um de seus seios com uma mão. Kitty sentiu se fôlego falhar. Concentrou-se no tato daquela mão, na voluptuosidade que produzia nela, enquanto em sua mente uma voz lhe advertia, como um trompete ensurdecedor, que ela estava cometendo um grave engano e que devia fugir enquanto podia.

— Moça...

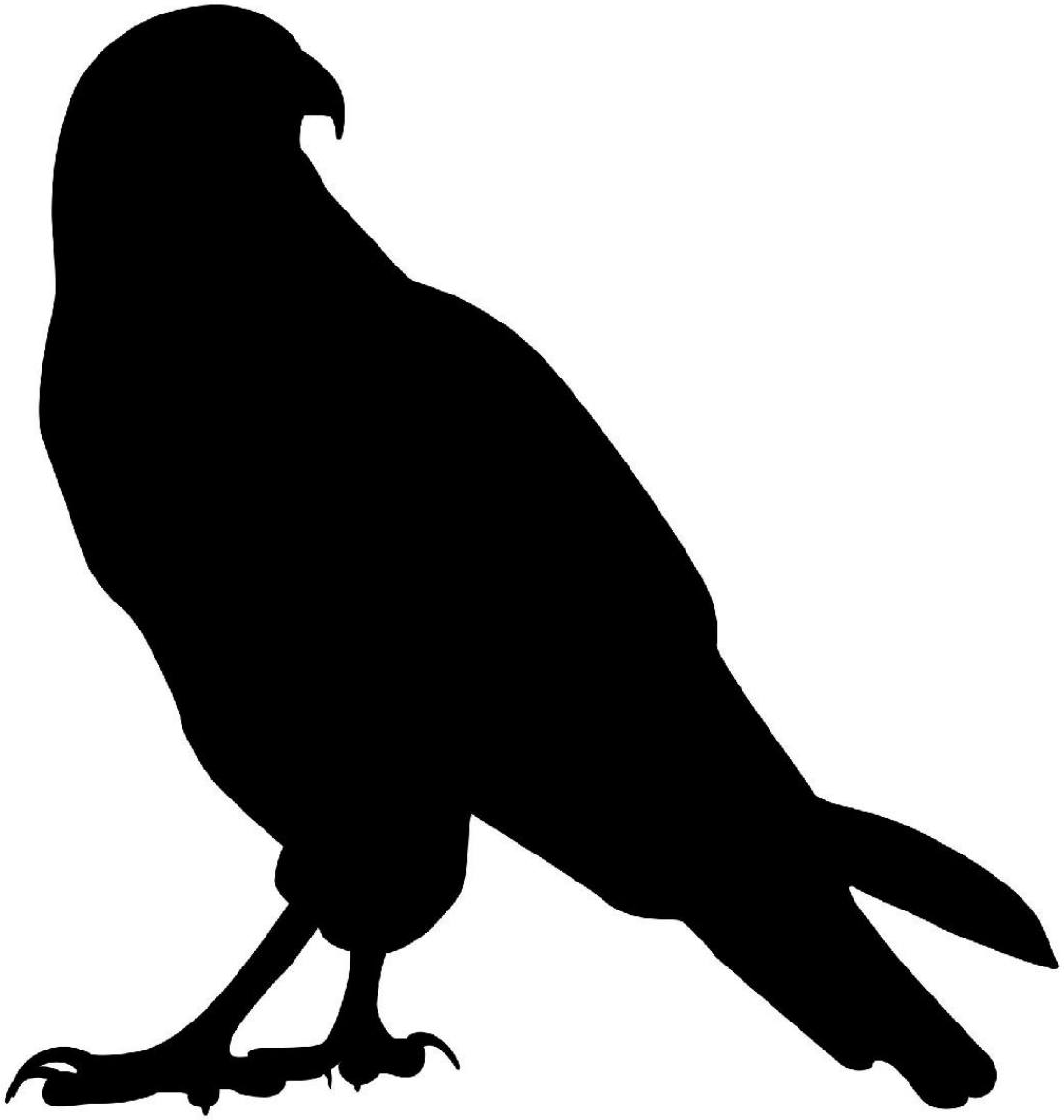
Ela uniu, com maior força ainda, seus lábios aos de Leam, sentindo um calor doce e feminino impregnado de desejo. Sem deixar de acariciar sua face delicadamente, com a outra mão ele continuou percorrendo seu corpo. Por Deus, resultava-lhe impossível afastar as mãos dela.

Kitty abriu os olhos, revelando duas poças cinza para inundar-se, emolduradas por pestanas negras como o carvão. Sua respiração era lânguida. Leam engoliu a saliva com dificuldade, visualizando ao mesmo tempo o céu e o inferno. Conhecia muito bem aquele lugar onde se uniam a fascinação e o infortúnio. Recordava tê-lo visitado, como se tivesse ocorrido no dia anterior.

Ela colocou uma mão sobre a dele e, apertando-a contra seu seio, soltou um suave gemido ao mesmo tempo que fechava os olhos.

“Ao demônio as lembranças.”

Ele a empurrou contra a parede e a beijou com paixão, até que a ela se entregou um pouco a sua submissão, suas mãos em seus seios, a sua língua percorrendo a doce curva de sua garganta e sua boca, à pressão de seu joelho tentando que separasse as pernas. Se Kitty Savege o desejava, quem, por mais escocês que fosse e por mais louco que estivesse, rechaçaria a uma mulher semelhante?



8

Kitty desejava fundir-se com ele, e pela forma como a beijava ele parecia desejar o mesmo. Suas mãos, grandes e fortes, acariciavam suas costas, a ponta de seus dedos pressionavam suas omoplatas para abraçá-la com maior força ainda, como se desejasse que ela se derretesse contra seu peito. E ela se sentia cada vez mais débil, e presa de uma excitação tão intensa que não a deixava respirar.

Era incapaz sequer de aparentar que se controlava. O autocontrole constituíra sua arma e sua máscara durante anos. Agora, se sentia totalmente indefesa, desprotegida, ante as mãos e a boca daquele homem. E quanto ele mais a beijava e acariciava quanto mais exaurida ela se sentia.

Isso começou a lhe inquietar.

Ela o puxou pelo cabelo com as mãos e sentiu de repente que ele lhe mordia o lábio inferior.

— Oh! Eu...

— Por Deus, mulher! Será que quer arrancar meu cabelo? — exclamou ele em escocês.

Kitty lhe dirigiu um olhar divertido e voraz ao mesmo tempo. Que bonito era aquele homem, cujos olhos escuros pareciam expressar

palavras sem pronunciá-las.

— Não, não é isso o que quero — disse ela, e em voz alta, para sua própria surpresa.

Ele respirava entrecortadamente, enquanto continuava acariciando seus seios e a fazia sentir, no ventre, a pressão de sua virilidade. Kitty nunca se havia se sentida assim, tão desesperada, nem tão necessitada. Nunca.

Ele a beijou nos lábios, na comissura destes, no queixo, no pescoço, enquanto ela o abraçava e murmurava com voz apenas audível:

— Isto está indo muito rápido.

— Sim — disse ele sem perguntar a que ela se referia, pois ele sabia. E ela, sabia que ele sabia...

Kitty jogou a cabeça para trás para que ele continuasse lhe beijando o pescoço como quisesse. “Oh! Deus, que não acabe nunca, por favor, nunca.”

Ela estava tremendo. Desejava-o ardentemente.

Não queria falar, temerosa, apesar de seus progressos mais que evidentes, de que se falasse, aconteceria a mesma coisa que a noite anterior. Seu corpo não estava conectado com sua mente; entretanto, pensou melhor, e decidiu que as palavras ainda podiam ter alguma utilidade.

— Se você não tivesse me abraçado ontem, na escada, quando escorreguei... Não deveria ter feito.

— Entretanto, não bastou para romper o gelo — respondeu ele em escocês.

Ela o agarrou pelo pescoço para aproximá-lo de si, desesperada para que ele continuasse acariciando-a, beijando-a, lambendo-a, em um delírio total.

— O que significa isso?

— Que naquele momento faltou pouco para que eu a beijasse.

— Mas...

Ele lhe tampou a boca com uma mão e lhe impediu de continuar falando. Seus corpos não podiam estar mais perto um do outro, ele continuava pressionando-a contra a parede, enquanto ela afundava os dedos em seu grosso e ao mesmo tempo sedoso cabelo. Ele continuava acariciando-a, como se precisasse tocar cada parte dela, e por fim lhe subiu o vestido, muito apropriado para viagens invernais, mas, por

desgraça, pouco prático para ser abraçada dessa forma, por um homem. Mas nenhum homem a beijara assim antes, e ela ignorava que se encontraria com Leam Blackwood em uma estalagem de Shropshire durante uma nevasca, e por isso, não escolhera seu guarda-roupa adequadamente.

— Esteve a ponto de me beijar — repetiu ela depois de um olhar.

— E a ponto estive de dar um soco naquele maldito covarde do Poole, faz três anos, por tratá-la como uma prostituta — disse ele contra seu pescoço, sem afastar as mãos de seus peitos.

Kitty estava sufocada.

— Oh! Meu Deus — sussurrou ela entre gemidos ao sentir as mãos dele acariciando os duros mamilos, enquanto apertava com força, as coxas em torno de sua perna. Não podia acreditar que aquilo estivesse ocorrendo. — Não diga isso, não é verdade.

— Sabe que é — replicou ele em escocês.

— Não — insistiu ela, convencida de que não podia ser verdade. Estas coisas não aconteciam. Ela imaginava. Ele também. Os homens e as mulheres não falavam sem palavras, não de coisas transcendentais. Ou ao menos, quando se tratava de um homem e uma mulher tão diferente, em todos os aspectos verdadeiramente importantes da vida. Exceto nesse. “Isto é uma loucura”, pensou Kitty,

e todo seu ser desejava que ele continuasse acariciando-a e vencendo uma atrás da outra, as defesas de sua vontade.

Ele lhe segurava as mãos sob os braços e com a coxa pressionava para cima entre as pernas de Kitty, que se sentia a beira do delírio, enquanto sussurrava em escocês:

— Não deveria ter estado com ele...

— Não deveria tê-lo feito — disse Kitty, mas para encontrar provas suficientes contra o maldito Lambert era imprescindível que permanecesse a seu lado. Até aquela noite, quando o homem que agora a abraçava a convidou, em silêncio, a libertar-se. Ele se lembraria daquela noite, igual a ela? Sua garganta estava seca. — Com quem eu deveria ter estado então?

Suas grandes mãos deslizaram por sua cintura até rodear seus quadris e pressionou ainda mais com a coxa.

— Oh! Deus... — Ela procurava ar enquanto uma doce e proibida sensação se estendia por seu corpo. Com a saia em torno da cintura, apertou com força os ombros de Leam enquanto ele procurava prazer.

Ele levou brandamente uma mão até seu seio e com o polegar e o indicador pegou um mamilo e começou a acariciá-lo, por cima da roupa dela. Kitty desejava que ele colocasse a mão por baixo das peças que cobriam sua nudez. Estremeceu, o desejo crescia nela até tornar-

se quase insuportável. Nunca se sentira tão perto do êxtase. Jamais havia se sentida assim, tão estimulada, tão acariciada.

De repente, e apesar de sua confusão, ouviu o som de alguns passos próximos. Ao que parece, o conde também percebeu. Soltou-a e, sem um minuto a perder, pegou a capa, depois a tirou do ombro e a fez girar com o rosto para a porta. Ela a ponto esteve de perder o equilíbrio e cair ao chão. Ele lhe jogou a capa sobre os ombros e, tratando-a novamente por você, disse-lhe rápida e tranquilamente ao ouvido:

— Apresento-lhe minhas desculpas. Não tenho resposta para você.

— Milorde — disse jovialmente o hospedeiro, atrás dela. — E milady, é obvio. Passeando para tomar um pouco o ar? Ficou um dia esplêndido depois da tormenta.

Kitty tentava prender a capa. Sentia-se como se fosse jogada a um lago de água gelada.

— Sim, senhor Milch — disse. — Mas não acredito que chegue muito longe... — Notou que lhe ardiam às bochechas.

— Tome cuidado onde pisa senhora, e obrigado, milorde, por reparar o telhado do estábulo. Não acreditei que tivesse sofrido tantos danos.

— Repará-lo não me levou mais que um momento — acrescentou Leam.

Kitty não queria nem olhá-lo. Odiava ter medo e odiava esse descontrole. Mas o que mais odiava, era não entender o que estava acontecendo. Deus havia o abraçado sem decoro algum, à vista de qualquer um que pudesse ter passado por ali. E nem por um instante pensara no risco que corria.

E, o mais importante, se ela o tivesse beijado em um lugar menos exposto, ele ainda a teria entre seus braços.

Ela ficou o capuz para ocultar o rosto, deu meia volta e passou junto ao hospedeiro e o conde. Não podia retornar à cozinha. Possivelmente fora da casa encontrasse a prudência que perdera lá dentro.

Leam desprendeu o casaco do cabideiro e o colocou. Com uma saudação rápida para o hospedeiro, saiu pela porta dos fundos. Teria avançado através da neve até o botequim, procurado Yale, e cavado um caminho direto a Liverpool, se fosse necessário.

O frio lhe golpeou a face, como a bofetada de uma mulher. O galês e o carpinteiro fizeram um caminho simples, através da neve. Leam o seguiu, escorregando e tropeçando, embora notasse que avançava.

Ela dissera que estavam indo muito rápido, e Leam não podia estar mais de acordo. Nada bom podia esperar de tomar Kitty Savege entre seus braços, somente uma dor na entreperna e uma forte bofetada se chegassem muito longe, justamente o que estava a ponto de fazer, se ela continuasse pressionando seu corpo contra o dele. Por Deus, ele não era feito de pedra, embora a comparação talvez fosse em parte apropriada neste caso.

Mas possivelmente ela não teria lhe dado uma bofetada.

Possivelmente...

Não importava o que tivesse feito, ela não era para ele. Parecia de gelo por fora e de fogo por dentro, fazia com que seu coração pulsasse com força em seu peito, que lhe secasse a boca.

Por Deus, até que ponto podia enlouquecer um homem?

Entrou no botequim, pediu uma cerveja, esvaziou-a de um gole, pediu outra com um gesto da cabeça e finalmente olhou ao redor.

O local possuía o teto baixo, as janelas estreitas e estava cheio de cantos escuros. Era o lugar ideal para os bandidos. Que o pendurassem na corda, se ainda lhe importavam Colin Grei e o maldito Clube. Tudo o que havia aprendido como espião, cada lição sobre como estudar um lugar, rápida e eficazmente já havia esquecido.

Agora Kitty Savege ocupava toda sua atenção.

Esfregou os olhos fechados e pegou a cerveja.

Deus, realmente desejava aquela mulher. E quanto mais a desejava, incitado por sua aguda inocência, mais difícil lhe resultava acreditar que ela fora a amante de Poole.

Passou a mão pelo rosto. Em Londres, o rumor durara todo o verão e no outono ela contribuíra com provas criminais, contra seu ex-amante perante o Conselho do Almirantado, porque ele a desprezara.

Ao escutar essas histórias e saber o que já sabia Leam não tivera nenhuma razão para desconfiar daquele rumor.

Respirou profundamente e abriu os olhos. Yale estava sentado em uma cadeira em atitude indolente, olhando-o. Leam se endireitou e o galês lhe fez um gesto de que se aproximasse e se sentasse à mesa com ele.

— Prefiro estar de pé — disse Leam com aspereza.

— Bebendo assim, quanto tempo mais acredita que aguentará?

— Mais do que você, asseguro — replicou Leam. Afastou-se do balcão e se sentou em frente a Yale. A mesa estava suja, o lugar cheirava a cerveja rançosa e suor, algo desagradável correu sob seus pés.

— Depois da reprimenda que me deu ontem à noite somente bebi esta caneca — disse o galês.

— Ainda se lembra?

— Minha mandíbula se recorda disso — disse Yale, assinalando uma marca roxa no queixo. — Agarrou a caneca de cerveja pela metade, com os olhos entreabertos. — Feliz Natal, velho amigo.

Leam lançou uma olhada à clientela do botequim, meia dúzia de homens com chapéus e calças largas, granjeiros e lojistas que pareciam levar a metade da vida naquele tugúrio.

— E Cox.

— Foi interessante a festa. — Disse Yale, sem se alterar.

— Nisso acredito, e acredito também que está por atrás do que aconteceu ao teto do estábulo. Mas ainda não faço nem ideia da razão, ou de porque mostrou para nós como o fez.

— Possivelmente esperava se esconder lá e que eu o guiasse ao sair. Ou possivelmente, simplesmente, admira seu precioso estilo e está louco de inveja. É um tipo muito peculiar, não acredita?

— Maldito seja, Wyn. — Leam empurrou a cadeira para trás e ficou de pé.

— Outra vez amaldiçoando?

— Ontem à noite também amaldiçoava, teria se dado conta se não estivesse empapado em uísque.

Yale sorriu.

— E onde está agora à bela lady Katherine?

— Rezo para que esteja longe e permaneça se afastada de mim, como deve ser.

— Ora, agora reza...

Leam passou uma mão pelo rosto. Ainda sentia o sabor dela na língua. Era irremediável, a necessidade crescia dentro dele, tão rápido e certeiro quanto o pânico.

O trabalho físico o ajudaria. Tiraria mais neve. Possivelmente, se se cansasse o suficiente, não teria energia para desejá-la. Ou, se a luxúria não o abandonasse, seria incapaz de levantar os braços para fazer alguma coisa. Ela possuía muitas curvas e era ardente, e Leam queria arrancar aquele maldito vestido verde, segurá-la debaixo dele, sobre um colchão, no chão ou onde fosse.

Sim, precisava tirar mais neve.

Yale dava golpezinhos secos com a unha, contra a caneca de cerveja. Cheirava algo.

— Blackwood, velho amigo.

— O quê? — disse Leam bruscamente.

— O taberneiro me disse que há uma preciosa granjeira que trabalha por aqui algumas noites — disse Yale em tom despreocupado.

— Me assegurou que a esperam esta tarde, apesar da neve. É muito

pontual com os cavalheiros seletos que passam pelo povoado. O que lhe parece? — acrescentou com um sorriso.

— Wyn...

— Leam?

— Vá para o inferno.

— Guardarei seu lugar.

Leam se apoiou na mesa e perguntou:

— O que sabe sobre Lambert Poole?

— Somente o que todo mundo sabe, que em julho confiscaram suas propriedades e o enviaram para o exílio por facilitar armas aos insurgentes e intentar subornar os oficiais para que traíssem o Almirantado. — Yale o olhou diretamente. — E que nesses três anos o investigou muito ativamente.

Leam se ajeitou na cadeira. Assombrava lhe dar-se conta de tudo o que ignorava sobre seu companheiro mais próximo, nos últimos cinco anos.

— Se agora seu interesse por Poole tem a ver com Katherine Savege, Leam, é assunto seu, é claro — continuou Yale. — Mas se acredita que guarda alguma relação com o Cox, deveria me dizer isso.

— E por que não diria?

— Porque você deixou o Clube. — Os olhos de Yale pareciam de

pedra na penumbra do local. — Embora seja difícil deixá-lo completamente, não é verdade?

— Para alguns, sem dúvida — respondeu Leam, apontando-o.

O galês começou a rir, relaxando a tensão que havia entre eles.

— Bom, não tenho nada melhor a fazer, depois de tudo — respondeu, e de repente adotou uma postura estudadamente elegante.

Leam já não voltaria para sua faceta de espião. Saiu do botequim.

Os cães começaram a dar voltas em torno dele, enquanto avançava pela rua coberta de branco, o jovem Ned os acompanhava. Embora apenas três ou quatro anos mais velho do que Jamie, o jovem de sorriso dentuço, não se parecia em nada, com o menino de dentadura perfeita que Leam encontraria em Alvamoor se deixasse o povoado.

— Já fui ao açougue, chefe. Temos um ganso jovem e bem macio para o jantar de Véspera de natal. — Levantou uma parte do pacote, suas bochechas se avermelharam e um brilho sonhador iluminou seus olhos. Leam não fazia nem ideia de que Jamie poucas vezes sorria assim, quando não estava em sua presença. Fiona, a irmã caçula de Leam, lhe dissera que era um menino feliz. Leam não queria saber. Não queria se recordar. Mas quando voltasse para casa seria obrigado a se lembrar a cada hora, de cada dia.

Nesse momento, entretanto, encontrava-se preso. E não só por

um povoado bloqueado pela neve.

Apanhado entre a vida que não valorizara e a vida que evitara durante cinco anos, pelo lugar onde os corpos de sua mulher e de seu irmão repousavam a menos de dois metros um do outro, em um enorme mausoléu de mármore.

Não queria refletir profundamente sobre isso. Basta de reflexões, jurou a si mesmo. Seria mais fácil pensar continuamente em Kitty Savege, em acariciá-la e seduzi-la, ou deixar que fosse ela quem o seduzisse, como parecia que queria fazer, e exilar-se no limbo do cativeiro hedonista.

— Ned, tenho duas perguntas para você.

— Sim, chefe? — disse o moço, caminhando com passo vacilante pelo caminho gelado.

— O que você consegue tocar nesse seu violino?

— O que quiser milorde — respondeu Ned com um amplo sorriso.

— Bem. E agora, me diga: há alguém neste povoado que possa saber algo sobre fundir ouro ou Prata? — Nesse mesmo dia, cedo, havia devolvido para Cox seu cachecol de cachemira e as moedas, enquanto observava sua reação. Cox agradeceu afavelmente, mas não disse nada sobre a corrente de ouro quebrada que Leam ainda retinha no bolso. Resultaria útil saber o que podia ser pendurado em uma

corrente como essa, mas se tratava de uma informação que Cox, evidentemente, não desejava compartilhar.

— Claro chefe. O velho Freddie Jones. Trabalhava como relojoeiro no Shrewsbury até que perdeu três dedos por culpa de uma vaca faminta — explicou o moço com seu inseparável sorriso.

— Pode me levar até ele?

— Agora?

Qualquer coisa para evitar uma bela mulher com intenções amorosas. Ao menos até que se esfriasse um pouco.

— Agora seria perfeito.

Puseram-se a caminhar pela rua coberta de neve, até a altura dos joelhos, Ned tagarelava todo o caminho sobre seu senhor e sua senhora, sobre o cocheiro de lady Emily e de Freddie Jones, sobre o carpinteiro que os ajudara a arrumar o telhado e sobre qualquer outro vizinho. Leam escutava atentamente, feliz de fazer nesse momento o que estava há cinco anos sem fazer. E se estragasse as botas pela necessidade de se preparar para o próximo encontro com Kitty Savege, ele mereceria.

Lorde Blackwood não retornou à estalagem. A senhora Milch, que pensava em servir o jantar as cinco em ponto, passou o dia na cozinha com Emily e deixara Kitty no atordoamento e na frustração de uma

tentativa falha. Como era uma mulher de ação, não estava acostumada a esse tipo de emoções.

Ela ficou decorando a estalagem para o Natal. Amarrou ramos de pinheiro ao final do pátio com fitas verdes e brancas, e dispôs um cesto com abacaxis e no meio um candelabro adornado com uma corda dourada.

Estava pensando o que poderia ter feito para redistribuir o mobiliário da sala e ter mais comodidade, quando algumas vozes suaves lhe chegaram da parte de trás do vestíbulo.

— É muito bonito, Milch — disse o senhor Cox em um tom estranhamente tenso. — Acredito que não foi pega por um dos seus.

O hospedeiro pigarreou.

— Bem, não tem porque se preocupar, senhor. Se caiu por aqui, a senhora Milch a encontrará enquanto limpa e a devolverá a você, rápida e perfeitamente.

— É melhor que seja assim, ou me ocuparei de que você sinta muito incômodo, senhor Milch.

— Isso não será necessário, eu asseguro. Não obstante, existe alguma possibilidade de que a perdesse antes de chegar?

— Não — respondeu Cox, que não parecia muito convencido e sim muito impaciente. Ouviram-se passos no corredor. Kitty estava

ordenando as almofadas. O senhor Cox apareceu na sala.

— Que bem que entrou senhor. Estava pensando em trocar essas cadeiras de lugar, mas pesam muito para que eu possa movê-las sem ajuda.

Kitty nunca antes estivera diante de um homem tão obviamente cheio de ansiedade, mesmo que tentasse se mostrar amável.

— Eu adoraria ajudá-la, milady.

Então, ambos reacomodaram os móveis. Agradeceu a Cox e foi à sua habitação para se pentear e colocar os poucos adornos que possuía entre eles um par de brincos que levava em sua bolsa de viagem, algumas pérolas engastadas em ouro velho que sua mãe lhe dera em sua primeira temporada social, na cidade. Pelo visto, o pai de Kitty os escolhera três anos antes, em ocasião de seu décimo oitavo aniversário, sem se dar conta de que eram mais para uma mulher adulta do que para uma garota.

Agora Kitty entendia melhor porque sua mãe não permitira que ele os desse de presente. Quem os escolhera fora a amante de seu pai, a quem ela nunca conheceu, mas com a qual ele compartilhou sua vida durante trinta anos.

Kitty brincava com os brincos entre os dedos. Lorde Blackwood dizia que não ela deveria ter ficado com Lambert. Supunha, como todo

mundo, que fora a amante dele. Não se equivocavam, ao menos em parte. Ela se entregou a Lambert Poole quando era uma jovem amalucada e namoradeira, e, também, quando procurava a informação capaz de afundá-lo. Ela mesma havia forjado seu próprio celibato; agora muitos a considerariam pouco respeitável como noiva de um cavalheiro. Mas seu comportamento com o escocês bárbaro havia deixado bem claro, que ela precisava de um homem em sua vida.

Não. Precisava desse homem. Um homem totalmente inadequado para ela em todos os sentidos exceto, em um: satisfazia-lhe muito mais do que jamais imaginasse possível. Repentinas e insatisfatórias, suas experiências com Lambert não a prepararam para Leam Blackwood. Ante o olhar cálido do escocês e entre seus fortes braços se sentia tão presa como a ave que Ned levara a casa para o jantar.

Inocente... Como era no momento em que conheceu Lambert, não foi durante sua primeira temporada social, mas, anos antes disso, em Barbados, quando ela tinha quinze anos. Nessa idade, a amante de seu pai já havia ocupado um lugar prioritário na vida dele. A mãe de Kitty tentou recuperá-lo, e não queria que sua filha presenciasse essa luta. Oportunamente, o conde levou seu filho mais velho a viver no campo, uma circunstância a mais em um comportamento pouco filial. Aaron foi acompanhado de seu gêmeo, como sempre, e Kitty foi

enviada com sua instrutora.

Lambert, que dirigia a plantação limite com a de seu pai, começou a rondá-la e a incitá-la a fugir da custódia de sua instrutora para estar a sós com ele. Aaron logo o descobriu tudo e colocou fim à história. Kitty foi enviada de retorno a Inglaterra com o coração quebrado, não podia acreditar no que Aaron lhe contara: Lambert odiava Alex e só queria utilizá-la, para desonrá-la. Quatro anos depois, depois do luto de sua família pela morte do conde, Kitty foi apresentada na sociedade e se encontrou novamente, com Lambert, em Londres. Ele fingia que ainda a queria. Ela acreditou suas promessas e finalmente lhe entregou sua inocência.

Mas jamais, nem na agitação do amor juvenil, havia sentido o puro e embriagador atordoamento, o desejo implacável que sentia agora.

Terminou de colocar os brincos, alisou a saia e, pela centésima vez nesse dia, tentou não pensar nas palavras do conde, quando se referia de que ele não sabia com quem ela estivera e que três anos atrás estivera a ponto de gritar com Lambert naquele baile. Naquele momento não podia imaginar até que ponto enlouqueceria. Ele adorara sua esposa e não queria voltar a se casar como uma amostra de fidelidade a sua lembrança. A sociedade o tachava de paquerador

incorrigível, mas não de mulherengo; não se envolvera em relações complicadas. Não se aproveitaria completamente dela.

No corredor Yale apareceu, levando um galgo irlandês pela corrente.

— Milady. — Fez uma reverência. — Entendi que quer expressar sua gratidão com detalhes natalinos a todos nossos companheiros de confinamento, por assim dizê-lo. Você é muito gentil.

— Senhor, sou consciente de que nossa relação será breve.

— E, contudo, nos sentimos como se já nos conhecêssemos de outra época — disse ele com um sorriso.

— Suponho que essa sensação de familiaridade se deve às circunstâncias extraordinárias. — Uma familiaridade, por certo, que a animara a abraçar e beijar alguém que era praticamente um estranho, justamente no lugar em que se encontrava agora.

— Sem dúvida — admitiu ele.

— Deixará de se meter com lady Emily?

Yale arqueou as sobrancelhas.

— Ora, acredito que temos aqui uma defensora de Marie Antoine.

— Não pense que me impressiona senhor Yale. Tenho dois irmãos e ambos são peritos em me incomodar.

— Sei que você pode ter uma companhia muito melhor e mais

digna do que a minha.

Kitty sentiu ressecar sua garganta. Todo mundo parecia estar a par de sua relação com o exílio de lorde Poole. Nunca se esqueceria.

— Trate-a educadamente, por favor, senhor? Ela é jovem, uma leitora ávida, não tem a malicia habitual dos círculos nos quais transitam as damas e os cavalheiros.

Ele a estudou por um instante; seu rosto refletia inteligência e reflexão. Kitty não podia imaginar como ele e o conde chegaram a ser companheiros tão próximos.

Segurou-lhe a mão e fez uma profunda reverência.

— Será um prazer cumprir com seus desejos, milady — disse, mas uma expressão maliciosa aflorou de seus olhos.

Ela sorriu.

— Tem certeza, senhor. Ao menos poderá...

De repente, ouviram passos de botas na escada e o cão começou a agitar a cauda. Lorde Blackwood apareceu no corredor.

— Não chega muito tarde, Blackwood? — disse Yale. — Seus animais voltaram já faz horas.

— Que, Yale, paquerando com a senhorita? — respondeu Leam, desta vez em escocês. Parecia totalmente desenvolto e absolutamente como se não a tivesse beijado essa manhã, até quase perder o sentido.

— Nem me ocorreria sonhar com algo assim. — Yale soltou a mão de Kitty e se dirigiu à escada. — A deixo nas mãos de um homem melhor do que eu, milady — acrescentou, e desceu.

O conde fixou seu escuro olhar em Kitty, que não conseguiu suportar esse contato confuso, não depois de ver algo diferente em seus olhos quando a tomou entre seus braços. Mas devia passar ao seu lado para descer pela escada.

Fez-se o silêncio. Ela se sentia cada vez mais inquieta.

— Isto é muito embaraçoso e absolutamente desagradável — disse ela, desprovida completamente de toda delicadeza social.

Na extremamente hábil boca de Leam se desenhou um sorriso.

— Então devo supor que já não se jogará em meus braços?

— Oh! Meu Deus! — Kitty se ruborizou. — Será que você não possui nem um pouco de cortesia?

Ele soltou uma gargalhada. Apesar de sua consternação e profunda vergonha, Kitty também esteve a ponto de começar a rir.

— Bom, não é necessário que seja tão direto — disse ela enquanto ocultava seu sorriso. — Já estou muito mortificada. — Precisava com urgência sentir suas mãos sobre ela. Somente de olhá-lo se sentia quente e úmida.

— Os escoceses são gente prática, moça.

— Isso é o que ouvi. Mas nunca o vi e, francamente, preferiria não tê-lo feito.

— Então, perdoa a este pobre homem — disse Leam, inclinando-se sem deixar de olhá-la.

— Por que, exatamente? Não! Não responda. — Kitty tampou o rosto com uma mão. Estava perdendo o controle.

Entre os dedos viu os olhos de Leam brilharem de satisfação.

— A senhora Milch avisou que o jantar será servido logo, — murmurou. — Horário do povoado, atreveria a dizer. — Avançou, em silêncio e sentindo-se perfeita, gloriosamente viva sob a pele. Sentia-se tão bem que ria por dentro, como se voltasse a ser uma menina, aquela menina que deixara de ser em uma idade tão tenra.

Passou pela frente dele, que a segurou pelo braço. Foi apenas um roçar, na realidade, mas ela sentiu que se desfazia, como se um fogo a derretesse.

— Moça — disse Leam com voz inequivocamente rouca. — Vou tomar isso por mal se se arrojar de novo sobre mim.

Ela se sentia deliciosamente fraca. Olhou-o nos olhos e, sem fôlego, sussurrou:

— Olhará fixamente para minha boca frequentemente e inoportunamente? Olhará?

— Poderia fazer de conta que não viu.

Ela tremia sob suas mãos. Não conseguia evitar. Ele inclinou a cabeça, sua boca a poucos centímetros da de Kitty, que suspirou e disse:

— Não está sendo coerente, milorde.

— Você, porém, sim, moça.

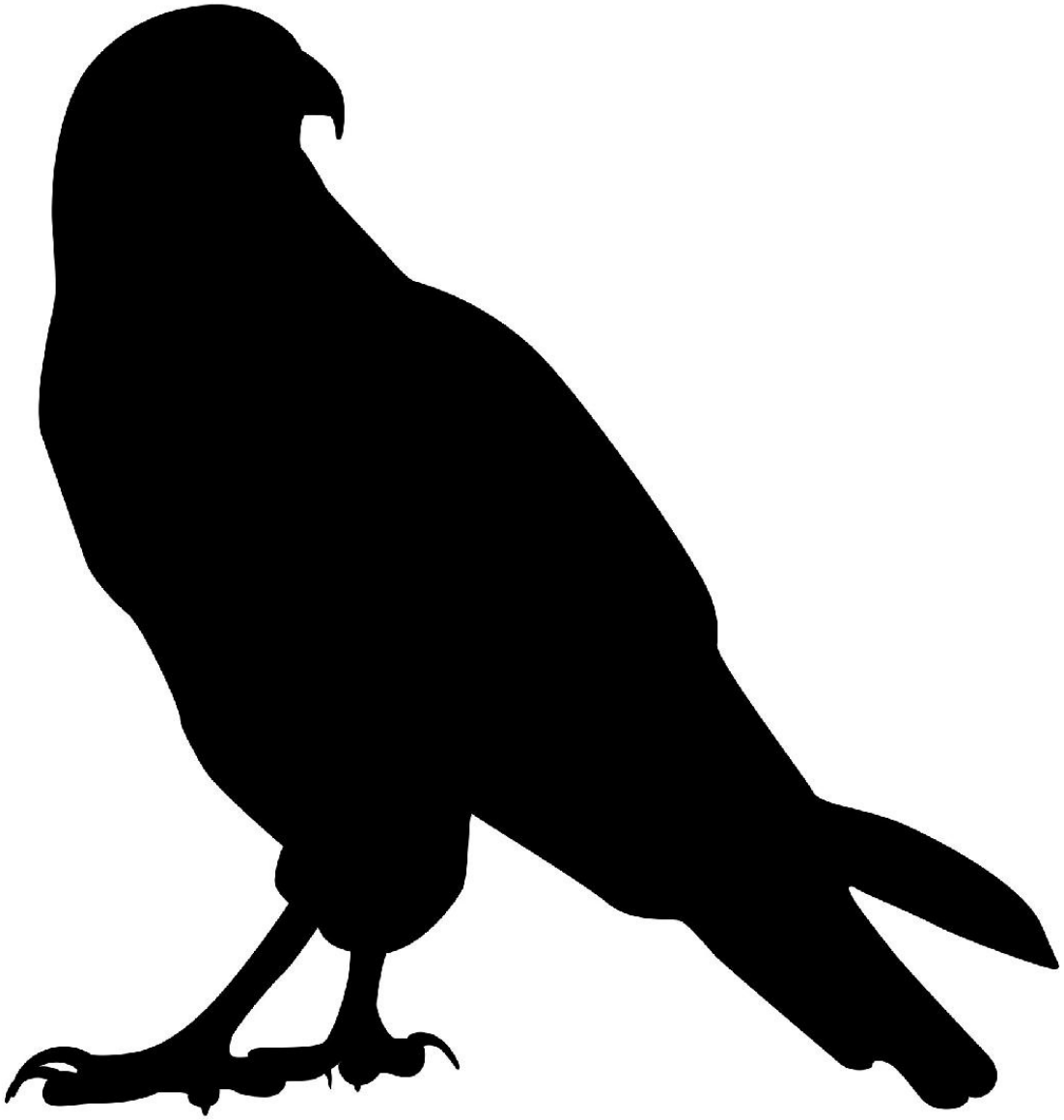
Kitty sentiu um nó na garganta.

— O que fazemos agora?

— O que quiser — repôs ele.

Ela respirou fundo, afastou-se e desceu a escada muito rápida.

Não sabia exatamente o que desejava, mas sim que, pela primeira vez em anos, possuía vontade a cada minuto, a cada hora seguinte. Sentia-se como uma menina esperando seu primeiro Natal. Como um presente, envolto e esperando para ser aberto pelo conde de Blackwood.



9

Não acontecera nada entre Kitty e o conde de Blackwood naquele baile de máscaras três anos atrás. Nada basicamente racional, em todo caso. Mas ele ainda se recordava como um fato significativo. E mudara a vida de Kitty, uma vida marcada até aquele momento, por um único e desgraçado erro.

Cinco anos antes, depois de que lhe arrebatou sua inocência, Lambert lhe disse que ela deveria estar contente de tê-lo como amante e não como marido. E Kitty aprendera a espionar. Com o propósito de se vingar. Para satisfazer a raiva que inundava sua alma.

Logo se acostumou a permanecer o mais próximo possível dele durante os atos sociais, a agudizar o ouvido para escutar sua conversa, sobretudo as que ele mantinha em voz baixa, com determinados cavalheiros. Ela o seguia discretamente de um salão a outro. Ela se achava imensamente preparada; estava recolhendo informação. Um homem como ele, que usara uma garota inocente da forma como ele fizera com ela, devia ter outros segredos tanto ou mais desonrosos.

E, de fato, tinha-os.

Kitty redobrou seus esforços.

Quando ele se deu conta de sua tenacidade, ela permitiu que ele acreditasse que ela ainda albergava esperanças de se casar. Ele zombou dela. Em ocasiões inclusive se gabava, revelando mais do que devia e desprezando-a por ter admirado uma vaidade e uma arrogância semelhantes. Às vezes fazia proposições, buscava-a em um lugar privado e se assegurava de que não seriam incomodados. Kitty suportava seus abraços para poder ter acesso a seus bolsos, a sua carteira e inclusive, em uma ocasião, a seus aposentos privados. Procurando parecer sincera, sugeriu que corria o risco de ficar grávida, e que em tal caso deveria se casar com ela, ao que ele respondeu que o que devia acontecer já deveria ter acontecido que, evidentemente, ela não podia ter filhos e que, pelo resto, certamente não continuariam se encontrando às escondidas. Kitty se submeteu a um exame secreto com um médico, para lhe provar sua determinação, e o que descobriu a feriu mais do que podia suportar. Mas o desejo de desforrar-se mascarou sua dor. Tudo foi por seu propósito de vingança.

Kitty fora muito direta. Muito orgulhosa. E muito fria.

Mas de repente, em seus vinte e três anos acabaram-se. À noite em que conheceu esse lorde escocês cretino. Um cretino muito bonito, na verdade. Um cretino de olhos escuros e insondáveis. Em um salão,

entre vestidos de festa, o olhar do conde parecia lhe dizer o que seu coração já lhe dissera durante anos, que ela estava acima de todo desejo de vingança, que devia deixar para trás o passado e se permitir viver outra vez.

Alguns momentos depois, depois de recuperar seu prumo, disse para Lambert que já não o odiava, nem se importava com o que ele lhe fizera. E depois ficou livre, até seis meses atrás, quando ele tratou de machucar Alex e ela, finalmente, afundou-o.

Agora, acomodada em uma acolhedora poltrona no salão do Cock and Pitcher, estudava o conde de Blackwood como antes fizera com Lambert. Correram as cortinas para se protegerem do frio da noite, os candelabros brilhavam e a luz do fogo projetava na sala um quente resplendor; os aromas de canela e vinho se mesclavam com o ambiente suave. Ela falava com outros, inclusive com o conde, a quem se dirigia somente em algumas ocasiões. Entretanto, lançando mão de suas velhas habilidades, escutava-o quase exclusivamente.

Descobriu coisas interessantes.

À medida que a tarde avançava e o jantar dava espaço ao chá e, mais tarde, ao uísque para os cavalheiros, a expressão do olhar que ela dirigia ao Yale mudou. Ao princípio era atento. Depois, de preocupação. Yale não manifestou mudança alguma, exceto,

possivelmente, que adotou um ar mais malicioso, quando bebia o licor aos goles.

Emily e o senhor Milch prepararam brandy quente com passas.

Os presentes improvisaram um jogo consistente em tentar pegar estas últimas sem queimar os dedos. Kitty não conseguiu, e o conde declinou participar. Parecia consumido em seus pensamentos, se alguém conseguisse dizer que um homem como ele pensasse profundamente.

Kitty se sentia como uma espiã, ou como imaginava que devia sentir um espião. Mas desta vez não havia nada que a impedisse de prestar atenção disfarçadamente, nada que a fizesse sentir-se desonrada: deixava se levar pelo instinto, e o desejo não suscitava culpa nenhuma nela. Ou possivelmente não fosse um simples desejo.

Ele afastou o olhar para o fogo que ardia na lareira. Em seus olhos escuros havia um mistério que não deveria existir, mas que ela de toda a maneira havia percebido. Kitty temia que o desejo não fosse suficiente para esclarecer seus sentimentos, o que, por outro lado, carecia de sentido; afinal não sabia nada dele.

Sentado no chão, entre os cães, estava Ned, sorridente e com o violino preso entre o queixo e o ombro. Com uma taça de vinho em uma mão e o olhar no conde, Kitty também sorria, embora por dentro

lhe fervesse o sangue. Afundada em uma poltrona macia, sentia-se como um gatinho mimoso aconchegado em frente ao fogo diante do atento olhar de um cão. Um cão com intenções pouco claras e uma mandíbula firme e magnífica.

— Oba! — exclamou Cox de repente. — Então, esta noite teremos música para celebrar o nascimento de nosso Senhor e Salvador. E para cantar. Sim, devemos cantar. — Havia um brilho estranho em seus olhos azuis quando passeava o olhar entre Kitty e o conde.

— Cantará para nós lady Katherine? — disse o escocês em sua língua.

— Ela nunca canta. — Emily evitava os licores essa noite, e agora parecia concentrar-se em seu livro, embora nem por isso, lhe desagradava à companhia.

— Pois o fez uma vez, e como uma cotovia.

Kitty não conseguia dizer nada. Aquela noite no baile de máscaras, depois de repudiar Lambert, ela cantou. Leam estava de pé perto dela, dizendo em voz baixa que ela se arrependeria de sua decisão e voltaria para ele com o tempo. Depois daquela noite, foi incapaz de voltar a cantar.

Emily se voltou para Kitty.

— Então por que não canta agora?

— Já não tenho talento para isso.

— Não precisa talento, Kitty, somente cordas vocais em bom estado e uma caixa torácica apropriada.

— Não saio de meu assombro ante as habilidades das damas — disse Cox, com um estranho matiz na voz. — Cantam, dançam, pintam com aquarelas, falam francês e italiano, bordam e realizam todo tipo de tarefas domésticas. Se tivesse uma esposa com semelhantes virtudes, lhe daria de presente rosas e chocolate todos os dias, para lhe agradecer seu talento generoso e seus esforços.

— Converter-se-ia em um hábito um pouco caro — apontou Yale pegando um baralho.

Cox ria entre dentes, estranhamente crispado.

— Ah, mas ela mereceria — disse, e olhou o conde, que permanecia distante em seus pensamentos, como se estivesse ausente.

— Como é que ainda não se casou senhor Cox? — perguntou Emily. — Já deve ter uns trinta anos. Os comerciantes como você não se dedicam a procurar filhas de nobres empobrecidos, para contrair matrimônio com elas e assim, assegurar contatos sociais úteis para os interesses de seu negócio?

Yale sorriu com satisfação manifesta.

— O que minha amiga quer dizer... — interveio Kitty.

— Está bem, lady Katherine. Não me importa; suponho que ela tem direito a dizê-lo — disse Cox. — Passei vários anos viajando pela América, de modo que não tive a oportunidade de procurar a companheira apropriada para minha vida.

Emily assentiu levemente com a cabeça e disse:

— Lorde Blackwood, você foi casado, não é verdade? Acredito que inclusive teve um filho.

Kitty sentiu que seu coração começava a pulsar com força.

— Sim — respondeu ele.

— Como foi o matrimônio?

No silêncio, as cartas estalavam enquanto o dedo de Yale as repartia e o fogo crepitava.

— Quero dizer... Meu pai deseja que eu me case logo, e não estou nada segura — disse Emily com sinceridade. Kitty não podia ir a sua ajuda, nem ajudar o conde, e estava intrigada para ouvir a resposta dele. — Acredito que casar com a pessoa a quem se ama deve ser maravilhoso. Mas me pergunto como seria se casar com alguém a quem não quer.

— Uma autêntica desdita, diria eu. — Yale fez um monte com as cartas.

Emily deixou o livro.

— Sou da mesma opinião.

Kitty não podia suportar que os bonitos olhos verdes de sua amiga se apagassem.

— Acredito que é a primeira vez que ouço que vocês dois estão de acordo em algo — disse, e se obrigou a sorrir. — Que bonito. Precisamente no Natal.

Yale fez uma reverência.

— A seus pés, senhora.

Emily não respondeu. Kitty esfregou as mãos.

— Quem quer jogar? — Yale brandia o baralho.

— É Natal, senhor — disse Emily, e em sua voz havia uma nota de tristeza. — Kitty, gostaria de jogar esta noite?

— Claro, ficarei encantada. — Não estava com vontade de jogar, mas Emily precisava se distrair de suas preocupações. — Por que não vai procurar seu moedeiro e então se una a nós?

— De acordo, e também trarei o seu. — Ela ficou de pé e subiu a escada.

— Cox, será você o quarto jogador? — propôs Yale.

— Temo que já tenha o suficiente por esta noite, senhor. — Voltou-se para o conde e acrescentou: — Suspeito que ele joga muito bem.

Yale começou a rir.

— Sim, claro que sim. Não me deixaria nenhuma moeda no bolso ao final da noite. — Dispôs as cadeiras ao redor da mesa. — Mas se tiver que ser que seja.

— Estupendo. — Cox fez uma reverência. — Milady, cavalheiros, desejo-lhes um Feliz Natal. — partiu e subiu a escada com certa pressa.

Kitty se sentiu inquieta de repente, Emily ainda estava lá em cima, e sozinha. Dispôs-se a ir atrás de Cox. O conde a segurou pela mão e pôs um pé sobre a cadeira, impedindo-a de passar. Emily apareceu no patamar justamente quando Cox chegava ao mesmo. Sorriu, desta vez com gesto de admiração.

— Boa noite, lady Marie Antoine.

Fez-lhe uma reverência e passaram perto um do outro. Lorde Blackwood lhe cedeu passagem e Kitty deixou escapar um suspiro. Emily retornou à mesa de jogo e colocou seu moedeiro em cima desta.

— Eu gostaria que lorde Blackwood fosse meu companheiro — ela disse.

— Que surpresa — murmurou Yale.

— Negarei-me a jogar se os dois continuarem assim, Kitty — disse

Emily, — lorde Blackwood é considerado um magnífico jogador de cartas. Isso até eu sei. Ainda não ouvi nenhuma palavra sobre as habilidades do senhor Yale. Estaria louca se não quisesse ter o conde como parceiro.

— Eu agradeço milady — disse Leam com um sorriso, mas dirigindo o olhar para a escada.

Kitty, muito nervosa, sentou-se junto a sua amiga. Não devia suspeitar de nada. Um verdadeiro cavalheiro protegeria às damas em qualquer circunstância, e ela sabia que ele era um verdadeiro cavalheiro, apesar da forma como a beijara.

— Ah, que bela cena! — O senhor Milch entrou da cozinha, com os olhos sonolentos. — Ned, sua mãe está lhe esperando em casa.

O menino ficou de pé imediatamente e o hospedeiro levantou uma grossa mão.

— Feliz Natal, damas e cavalheiros. Minha Gert envia seus melhores desejos também — disse, e abandonou a sala.

— Eu o verei pela manhã então, chefe? — disse o menino olhando para o conde.

Leam colocou uma mão no seu ombro e disse:

— Conto com isso, moço. Agora, vá.

Ned saiu disparado pela cozinha e a porta oscilou até se fechar.

Yale deu o baralho para Emily.

— Repartirá primeiro, milady?

Ela assim o fez. O calor do enorme fogo esquentava a sala, as portas e as persianas estavam fechadas, hermeticamente, para evitar o frio e por um rasgão nas cortinas podia se ver que era uma noite escura. Lorde Blackwood se sentou perto de Kitty, que podia olhar suas mãos enquanto segurava as cartas. Eram mãos grandes e belas, capazes de fazer todo tipo de coisas.

Ele queria que ela se lançasse em seus braços de novo. Não era uma mulher que tivesse perdido seus princípios morais, não importava o que dissessem os rumores. Entregou-se para Lambert loucamente apaixonada, ou ao menos, acreditava nisso. Mas Lambert Poole nunca fez que seu coração acelerasse pelo simples feito de se sentar a seu lado. Kitty nunca cuidara de suas mãos e nem as imaginara sobre ela. De fato, nunca cuidara das mãos dele.

Jogaram as cartas. Kitty se sentia cada vez mais nervosa.

Contaram os pontos obtidos e Emily disse:

— Milorde, seu irmão caiu no campo de batalha?

— Não, milady — respondeu o conde sem levantar o olhar.

Lentamente, Yale olhou através da sala para o vestíbulo. Kitty também o fez. Não havia ninguém ali, mas sentiu um calafrio. Ela não

acreditava em fantasmas, mas Emily insistia em falar de um.

— É uma pena — disse Emily. — Soube que muitos soldados morreram por enfermidade, sobretudo na Espanha.

— Ele não estava na Espanha quando faleceu, milady.

Yale pôs uma carta sobre a mesa. O conde pôs a sua. Kitty também o fez.

— Nossa mão, milorde. — Emily arqueou as sobrancelhas. — Então, onde ele morreu?

— Em Lunnon, milady. Bateu-se em duelo.

Ela piscou atrás dos óculos com arreios dourados.

— Espero que seu oponente tenha sido devidamente castigado.

Ele a olhou por um momento, depois torceu a boca em uma careta que distava muito de ser um sorriso.

— Foi.

Yale se remexeu na cadeira, com o olhar fixo, ou isso parecia, no copo vazio que estava perto de seu cotovelo.

— Blackwood, velho amigo — disse com uma voz estranhamente baixa, — esvaziou meus bolsos.

— Não seria a primeira vez.

Yale ficou de pé.

— Então, por esta noite acredito que é suficiente para mim. — Fez

uma reverência. — Senhoritas, passem uma boa noite. — Subiu a escada.

Emily contava as moedas.

— Pois para nós já está sendo uma boa noite, milorde — ela disse.

— Agradeço, de fato, embora suponha que o jogo seja assim, embora seria sensato não se deixar apanhar por ele. Meu pai e minha mãe, sem dúvida, têm caído em sua rede, mas, claro, não são nada sensatos, e acredito que o fazem sobretudo para parecerem modernos.

— Enrugou a testa e ficou de pé. — Kitty, o senhor Yale deu o jogo por finalizado. Vai à cama agora?

Kitty sentiu um nó no estômago.

— Subirei logo, Marie. — Foi a resposta de uma Jezabel, já que uma hora sentada perto dele a deixava marcada.

Emily olhou atentamente o conteúdo de seu moedeiro com aparente desgosto e subiu pela escada.

Lorde Blackwood parecia estudar a cadeira vazia enquanto o coração de Kitty parecia a ponto de explodir. Lentamente, seu olhar se centrou nela.

— O que faz essa menina aqui, conosco? — perguntou.

Sem dúvida ele era um professor em dizer muito, empregando poucas palavras. Kitty agora o entendia. Os tolos não falavam

sucintamente, somente as pessoas sensatas o faziam. Kitty possuía poucas amigas solteiras. Muitas mães não permitiam que suas filhas fossem vistas em sua companhia.

— Dou-me conta de que aparentemente lady Emily e eu temos poucas coisas em comum. Mas não é uma menina, somente uma jovem amável e desinteressada. E está preocupada com a visita a seus pais. Tentam fazer que se comprometa com um cavalheiro decididamente inadequado.

— Ora.

— Um amigo deles — prosseguiu Kitty. — Um partido inapropriado para uma garota como Emily. A situação a angustia. Mas, normalmente, é uma moça encantadora. — Fez uma pausa. — E acompanhá-la me ofereceu a oportunidade... — acrescentou com uma excitação que teria preferido não demonstrar.

O conde arqueou uma sobrancelha.

— De escapar... — sussurrou, completando a frase e olhando-a fixamente. — E do que quereria escapar uma mulher como você?

Kitty abriu a boca, mas voltou a fechá-la imediatamente. Ele poderia compreender como pareceu fazê-lo naquela noite, três anos atrás? Poderia compreender que ela não queria que sua vida estivesse unida a de Lambert Poole por mais tempo?

Por um instante que se fez eterno, ele guardou silêncio. Enfim, perguntou:

— Outra partida, milady?

Kitty deixou escapar um profundo suspiro. Alisou a saia e disse:

— Não me resta nada de dinheiro. Você é muito preparado, milorde, como era de esperar. — Ela não conseguia sustentar seu olhar.

— Nem um só dia em minha vida eu fiz armadilhas — replicou ele.

— Mas para ser justo, milady, darei a oportunidade de recuperar seu dinheiro.

— Já lhe disse que não tenho um penique. Escutou-me?

— Cada palavra — respondeu ele, que também a escutara quando ela lhe pedia que o beijasse. Em outras ocasiões. Embora seu olhar fosse sereno, via nela aquele brilho resistente. Agora, entretanto, não parecia frio, mas sim, a ponto de se derreter. — Com ou sem dinheiro, você ainda tem algo que me interessaria ganhar.

Ela esperou.

Ele acrescentou com voz profunda, tocando-a novamente:

— Essas roupas que usa.

Kitty ficou olhando fixamente, boquiaberta, um feixe de nervos.

— Minhas roupas? — Soou como uma perfeita boba. Eu não

esperava. O que tinha esperado era...

Mais.

Ao que parecia, como sempre, comportava-se como uma tola, pateticamente ingênua.

— Você perde uma mão e eu ganho uma joia. Você ganha uma mão e... — Esboçou um meio sorriso.

— Um jogo diabolicamente malicioso, não é? — disse ela, cada vez mais agitada.

— Incomoda lhe a ideia?

— Vejo que leva a sério — disse Kitty. Decididamente, ele não era um cavalheiro. Ela imaginara o resto, sua tolerância silenciosa e sua honra. Era quase um consolo saber. O que lhe dissera a respeito de Poole não tinha nenhuma importância, fora somente uma desculpa. O que ele queria era que ela tirasse a roupa diante dele, e possivelmente mais. Somente.

Somente.

Kitty se surpreendeu como lhe fez horrivelmente mal ao compreendê-lo, e também, o muito que desejava participar deste jogo escandaloso. Possivelmente quem a fazia objeto de suas fofocas a conhecesse melhor do que ela mesma. Possivelmente ela fosse uma libertina, ou sempre tivesse sido.

— Parece acalorada — disse ele.

— O quê?

— Tem as bochechas rosadas. De um rosa delicioso. — Os olhos do conde brilhavam com uma excitação muda sob a máscara de sua elegância.

— Não, não é verdade — disse ela, tocando as bochechas e separando os lábios.

Leam recordou como eram doces como as cerejas, e entre ambos um sugestivo brilho rosado. Desejava aquela língua e estava disposto a fazer o que fosse para consegui-la. O que fosse. Suas crenças ao longo dos últimos cinco anos, bem que poderiam ajudá-lo esta noite.

— Bom, suponho que sim, estou — admitiu ela por fim. — Mas não é para maravilhar-se.

— Tratando-se de uma mulher como você, é.

Kitty o olhou com cautela, e devia tê-la. Ele deveria dizer isso. Poole, aquele idiota libertino, a condenara. Kitty Savege era uma dama e merecia ser tratada como tal, coisa que o conde não fizera desde que ela colocara um pé na estalagem. Claro que Kitty não ajudara muito. Mas era muito tarde para lamentações. Leam já estava condenado, e ela com ele. A insensata não conhecia a solidão.

— Não me referia a isso — disse ela, em tom tão gelado quanto o

olhar que lhe dirigiu.

— Sei a que se referia.

— Eu não... — Kitty deixou a frase pela metade. Ele baixou o olhar para sua boca. Depois foi descendo lentamente por seu pescoço e seu peito, procurando com curiosidade. Por Deus, às vezes ela parecia uma menina, vulnerável e insegura atrás da fachada de princesa do gelo que queria mostrar: equilibrada e tentadoramente distante.

Voltou a olhá-la nos olhos.

— O que jogamos milorde? — ela disse em tom de ironia.

Leam não queria pensar nas consequências por mais tempo. Não essa noite. A frustração dos primeiros beijos fora muito para ele. Agora queria uma coisa.

— Que tal uma partida de piquet? — propôs ele.

Ela apertou os lábios. Seu peito ardia em desejo.

— Aceito a oferta — ela disse ao fim. — Uma ideia esplêndida. Não sei por que não pensei antes — acrescentou entre dentes enquanto se sentava diante dele, — talvez porque não sou um bárbaro malicioso como alguns.

— Claro.

— Acreditei que não gostava deste vestido — disse ela com um brilho travesso nos olhos que fez avivar ainda mais ao Leam. Kitty

queria jogar. Ele devia recordar o que sabia dela e não fazer caso do que pensava o poeta que levava dentro de si, mesmo que desse rédea solta a ele.

— É a graça do jogo — disse com suavidade.

— Pois você não ganhará. Yale joga bem, mas eu não sou lady Emily. Estou familiarizada com uma mesa de jogo. — Kitty fez uma pausa. — Mas se chegar a ganhar... — ruborizou-se. — Não pode queimá-lo ou fazer qualquer outra tolice pelo estilo. Preciso que me devolva isso, ao menos até que chegue minha bagagem. Não espera que eu fique de anáguas, não é verdade?

Leam conteve a respiração e lhe passou o baralho para que repartisse.

— Como vamos, milorde, declaração e vaza ou mão? Eu diria da forma antiga, visto que já é bastante tarde.

Leam sorriu, embora o que queria era rir. Nesse momento vivia uma fantasia. Ela era inteligente, bonita, descarada e até risonha. Leam sentiu desejos de cortar sua língua, de encerrar-se em seu quarto, sozinho. Nunca deveria ter feito isto, por mais razões do que podia expressar.

— Declaração e vaza.

Kitty pestanejou.

Jogaram e ela o fez muito melhor do que antes;

extraordinariamente bem, de fato.

— Quatro damas — ela disse sem levantar o olhar de suas cartas.

Leam não possuía nada com o que igualar. Desamarrou a gravata

e a tirou.

Uma jogada inesperada apareceu em seguida sobre a mesa, sob

os dedos do Kitty. A qual correspondeu o anel de selo de Leam.

— Antes soube me ocultar suas habilidades como jogadora —

murmurou ele.

— Então eu não possuía nenhum interesse especial por ganhar. —

Kitty o olhou nos olhos, e depois fixou sua atenção em seu pescoço.

Leam nunca se sentira mais nu apesar de usar bastante roupa.

Ela agarrou outra vaza.

— E agora o que, milorde?

Leam tirou os sapatos. Parecia o mais aconselhável.

Evidentemente não havia sido uma boa ideia, mas neste momento já

não podia voltar atrás. Desejava mais vê-la nua do que respirar.

As cartas foram da mesa às mãos, das mãos à mesa. Leam

continuou perdendo. Depois de suas meias saiu o lenço de seu bolso,

seguido de seu relógio.

Kitty fixou o olhar neste último, que estava sobre a mesa.

— Não está jogando precisamente bem, milorde. O que será depois, a tabaqueira?

— Nem sonhe. — Possivelmente somente desejava fazê-lo ficar como um tolo, mas seus olhos continuavam iluminados e lhe tremiam os bonitos lábios. — Está preparando-se para me deixar somente com os calções e mesmo assim segurá-los bem, não é assim?

— Não estou me preparando para nada. Só jogo as cartas, e você está perdendo.

— Estive deixando você ganhar.

— Duvido.

— Reparta as cartas.

Nessa mão Leam ganhou os brincos. Ver como ela os tirava era como contemplar um espetáculo, a inclinação de sua formosa mandíbula, a curva de marfim de seu pescoço, o hábil movimento dos elegantes dedos. Kitty deixou os brincos na mesa e disse, sem olhá-lo nos olhos e com certo tremor na voz:

— Muito impressionante, mas será a última vez.

Seus sapatos foram o seguinte, e depois o xale. Leam não podia ver do corpo dela, mais do que via antes, mas à medida que Kitty se despojava de seus objetos suas bochechas se ruborizavam cada vez mais e suas mãos não paravam de se mover.

— Minha vaza — murmurou ele, e jogou sobre a mesa um rei que deu fim à rajada de corações dela.

— Hum. Deveria lhe pedir que aparte o olhar, mas parece absurdamente afetado dadas as circunstâncias.

Não obstante, Leam afastou o olhar.

Ao fim de um minuto, ela disse:

— Muito bem.

Sobre o monte que formavam os sapatos e o xale, agora descansava um par de meias de fina lã e de uma cor discreta, ideais para viajar. Leam vira meias de seda fina como a água, tinha tirado-as de pernas femininas que elas cobriam. Mas a visão daquele par, o fez sentir algo que nunca havia sentido antes.

As pernas nuas de Kitty Savege apareciam agora debaixo de sua saia.

Devia conseguir aquela saia.

Voltou para montar sua estratégia.

Kitty ganhou o casaco. Enquanto Leam o tirava e o deixava de um lado, ela respirou fundo.

— Você disse que ganharia. — Sua doce voz perdera toda a suavidade. — Não deve jogar contra oponentes que não conhece.

Ninguém lhe disse isso antes?

— Ganharei, já verá.

— Não, não o fará.

Mas o fez. Os olhos de Kitty refletiam reticência e impaciência. O dia fora muito longo, e ao que parece a noite não seria menos. Mas a aparente e indecisa rendição de Kitty agora, o estava levando a perdição como nada fizera. A mescla de inocência e intimidade lhe resultava embriagadora. Estava enfeitiçado, vê-la era presenciar o passo lento da carruagem mais elegante, que iria se desmontar por vontade própria.

— Nove — disse ela. — Não pode melhorá-lo. Seu colete?

Ele o tirou diante o atento olhar de Kitty. Leam pendurou sua bolsa no braço da cadeira, sem se levantar dela.

Não fazia nem ideia de como ela conseguiu ganhar a mão, com o olhar fixo no peitilho de sua camisa, a menos que fosse porque ele já não olhava suas cartas absolutamente. Seus olhos tormentosos se abriram ainda mais, quando ele desabotoou o objeto de linho e começou a tirá-lo.

Kitty não conseguia disfarçar a satisfação que sentia. O coração lhe pulsava com tanta força, que por um instante, acreditou que explodiria no peito. Mas como ela parecia estudar com grande interesse o fogo minguante da lareira, Leam não fez nada para ocultar

sua seminudez. O ar frio lhe roçava os ombros. Se recompos na cadeira e agarrou as cartas para embaralhar.

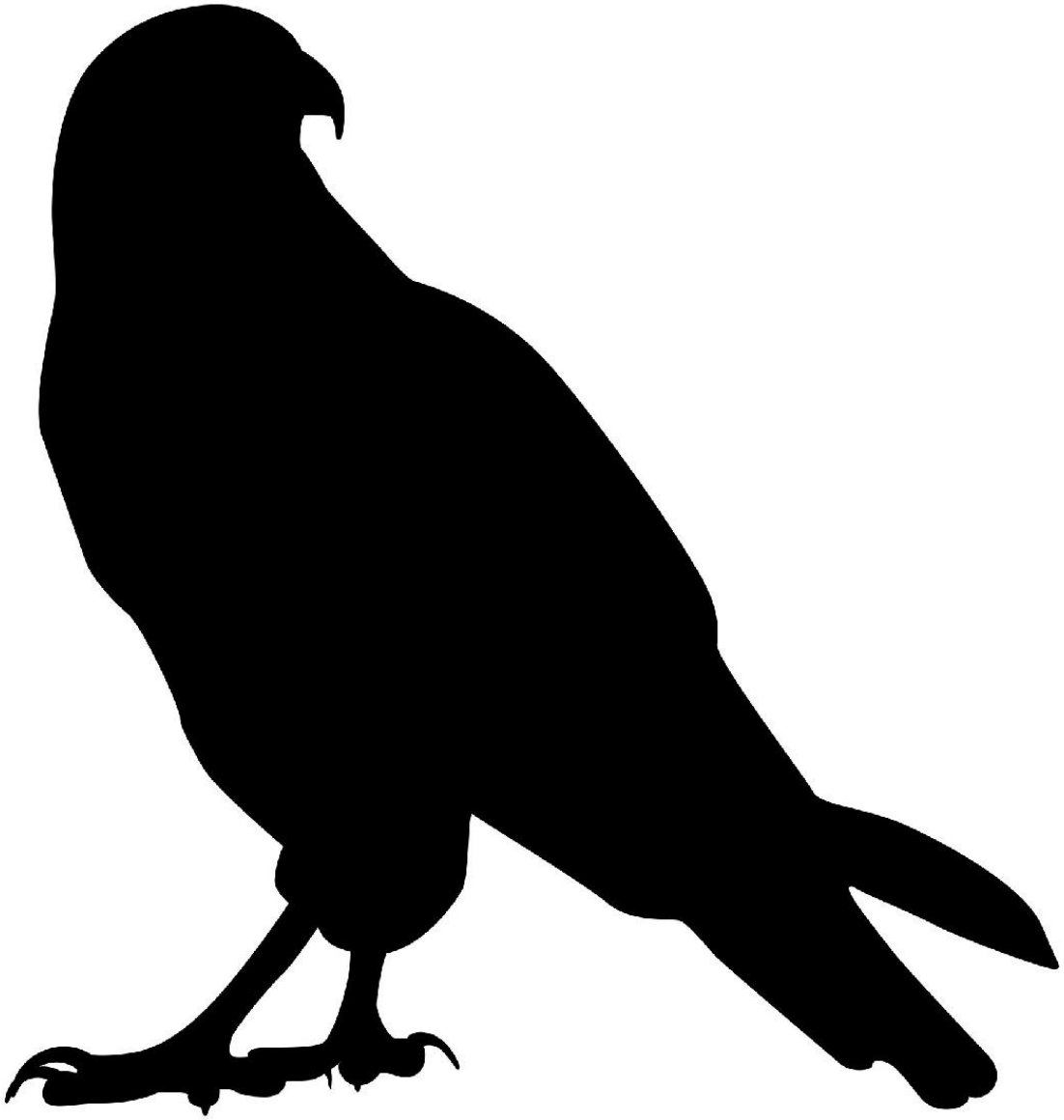
— Talvez seja melhor que paremos aqui — disse Kitty, quase sem fôlego. — depois de tudo, lady Emily e os cavalheiros estão justamente acima, e os senhores Milch do outro lado da cozinha.

Podia mencionar outras muitas razões, mas em qualquer caso, elas já existiam antes que começasse aquele jogo.

— Todos estão na cama, moça. Mas se já teve suficiente por...

Kitty se voltou para ele, e seus olhos estavam velados por nuvens de confusão. Deslizou o olhar por seu peito, tão intensamente que Leam sentiu como se o tocasse. Mas queria que o fizesse de verdade. Precisava sentir suas mãos sobre ele.

— Acredito que é sua vez de repartir — interrompeu Kitty.



10

Ele repartiu, ante o olhar de inquietação de Kitty. For um idiotia ao propor esse jogo, pensou Leam, mas agora não podia deixá-lo.

— Você tem um ás — a assinalou.

— Tem certeza?

— Bastante. Mas... — Kitty pestanejou rapidamente várias vezes.

— Mas?

— Mas se gritar a vaza, como imagino que o fará, agora serei eu quem perde algo.

— Assim é.

— Não me refiro ao vestido, pois já lhe disse que tenho a intenção de recuperá-lo. — Suas bochechas ardiam. — Quero dizer..., que não posso tirar isso sozinha. Há uma série de botões, nas costas, que não alcanço...

Leam atirou o ás, seguido por um rei, uma dama, um valete e um dez. Ela não possuía nada para igualá-lo.

— Meu problema é como tirar isso, ela murmurou. Ficou de pé e se voltou de costas para ele.

Leam estava como preso à cadeira.

Kitty o olhou por cima do ombro, arqueando as finas

sobrancelhas.

— Não darei para trás — ela declarou. — Tenho coragem para isto.

— As palavras pareciam deslizar por seus lábios como a água, e seus ombros se afundavam como se lhe escapasse um suspiro. Sorria, com um sorriso de gozo juvenil e de simples prazer.

“Deus bendito, o que estou fazendo?”, pensou Leam.

Ele ficou de pé e se aproximou dela.

O cabelo de Kitty, recolhido em uma grossa tranca, cobria bem acima do decote do vestido. Leam colocou seus dedos na suave curva da base do crânio, sedutora, de pele pálida. Uma pulsação de seda era notada debaixo, e ele pegou a trança com a mão.

— O que está fazendo? — sussurrou ela.

— Passo a passo. — Soltou um prendedor de cabelos com joias incrustadas e a brilhante cabeleira se derramou como uma onda em sua mão.

Leam conteve a respiração.

— Eu não queria... — disse ela.

— E o que é que queria moça? — A fragrância de Kitty, a cerejas amadurecidas e madeira defumada, enredou-se em seus sentidos. Ele se inclinou mais para ela. Mais perto da divindade. Mais perto da condenação de uma alma já maldita. Aspirou com força aquele

perfume.

— Eu, honestamente, não sei — se apressou ela a responder. — Mas acredito que deveria me ajudar a desabotoar o vestido. Depois pode voltar para seu lugar.

Leam sorriu. Essa mulher o cativava.

— Acredita que vou ganhar a seguinte mão?

— Claro.

— Onde está agora a confiança em seu jogo?

— Em meus sapatos, em cima dessa cadeira, diria eu — respondeu Kitty. — Agora, desabotoe o vestido, por favor.

Ele estendeu sua mão pelas costas dela, depois passou a outra ao redor do ombro e a atraiu para ele, roçando a bochecha contra seu cabelo.

— De modo que poderíamos dizer que já perdeste a mão.

Ela parecia aguentar a respiração.

— Isso não seria jogar limpo.

Leam soltou delicadamente o botão superior. Depois o seguinte, e assim sucessivamente. O vestido se abriu completamente sob seu cabelo solto, que Leam colocava para o lado uma e outra vez.

— Isso será suficiente — disse ela com tom aparentemente tranquilo, quieta como uma estátua. — Já posso me virar com o resto.

Leam retrocedeu diante daquela mulher com seu vestido desabotoado e o cabelo solto que caía como uma cascata sobre seus ombros. Esteve a ponto de cair na cadeira, como se as pernas não o aguentassem.

Entretanto, sentou-se, com cuidado. Ela o imitou e pegou as cartas de novo. Ele lançou uma carta vencedora.

Enquanto a olhava em silêncio, coberta com o vestido aberto, não se atrevia a falar, nem a se mover, nem a respirar. Ela ficou de pé e deixou escorregar as mangas por seus ombros, sem nenhuma intenção de seduzi-lo, mesmo que o seduzisse muito mais do que era capaz de imaginar. Empurrou o vestido por cima dos quadris de curvas suaves, o tirou e o deixou em cima da cadeira.

— Na realidade, estava cansada de usá-lo.

Ele sentia a garganta seca.

— É um bonito vestido.

— Pois acreditava que você não gostava dele.

A beleza de Kitty superava todo o aprimoramento, desde suas bochechas ruborizadas até os esbeltos tornozelos que se insinuavam sob as anáguas.

— Sou um descarado por lhe sugerir isto.

Ela sorriu e o olhou fixamente nos olhos.

Como se ela não quisesse...

A excitação animou seus olhos e um apetite com o qual ele somente havia sonhado. Ele repartiu. Ela igualou a mão, mas, em seguida, uma olhada a suas cartas confirmou que ele ganhara. Ele as mostrou, levantou-se e rodeou a mesa. Pegou-a pelos ombros e a atraiu para ele. Ela suspirou, suas pestanas se agitaram.

— Posso tirar isso sozinha — disse Kitty com um fio de voz, entreabrindo apenas os lábios, lábios aos quais Leam se sentia capaz de escrever dez odes e uma dúzia de sonetos. Se ela tivesse aberto novamente os olhos ele conseguiria compor uma epopeia em verso. Ele sentia o suave toque da roupa interior de seda de Kitty como um fogo em sua própria pele.

— Como preferir — disse Leam enquanto com o dorso dos dedos roçava o monte onde se limitava a sedosa pele de seus seios. Através do tecido a profunda abertura central era como um convite ao céu. Ela engoliu a saliva com dificuldade, respirou fundo, esticando o tecido da roupa que cobria seu torso, e sussurrou:

— Ou possivelmente você possa...

As cintas caíram sobre as mãos de Leam, o tecido amontoado, a roupa a um lado... Ele sustentava seus braços por cima da cabeça, sentindo o corpo dela sobre sua pele. Kitty jogou a cabeça para trás.

— Me diga que isto não é real — sussurrou. — me diga que estou imaginando isso.

Ele baixou as mãos até sua cintura e afundou o rosto em seu cabelo.

— Pois então somos dois. — Leam se apertou contra seu corpo e notou as rígidas varinhas do espartilho. — Apesar destas horríveis varinhas — acrescentou.

— Ainda não ganhou a partida — disse ela.

— Ganharei — disse ele enquanto puxava os laços do espartilho.

— Isso você não sabe fazer — disse Kitty.

Ele se virou para trás e algo o fez falar, algo imprudente e impetuoso como a juventude.

— Quer comprovar?

Ela abriu a boca, mas não emitiu som. Finalmente, disse:

— Isto não é normal, não acredita? Quero dizer, isto... Entre nós, tão rápido E... Inapropriado.

Ele colocou um dedo debaixo do queixodela e, lhe levantando o rosto, obrigou-a a olhá-lo.

— Você não é normal, moça.

— Isso não responde a minha pergunta — disse Kitty, tremendo sob seu contato. — Eu não provoquei isto, e sabe. A menos que

acredite que...

Ele capturou a formosa boca sob a sua e a fez calar. Não queria saber nada do que fizera ou não fizera. Somente queria sentir que ela o desejava.

Mas aquele beijo era, simplesmente, a menor de suas carícias.

Ele a incitou a separar os lábios, e lhe deu o que tanto esperava sua língua doce e o interior úmido e quente de sua boca. Leam aprofundou seu beijo até que ela o puxou pelos ombros e pressionou, até que ele começou a sentir-se fraco de tão excitado que estava. Então Leam deslizou uma mão para cima e tocou um daqueles seios perfeitos.

Ela gemia, era uma expressão suave de prazer e um convite. Ele acariciava sua pele tensa, sedosa, até que enfim introduziu um dedo debaixo do espartilho.

— Sim — disse ela entre ofegos. — Oh! Sim...

Ele continuou acariciando-a, excitando-a cada vez mais. Sob suas mãos Kitty era tão bela quanto ele podia desejar e se abria por momentos, ao prazer. Seu corpo respondia com sublime impaciência feminina, revelava sua necessidade com pequenos movimentos, e Leam se sentia sem fôlego. Sob as mãos de Kitty, até o último músculo de seu corpo ficava tenso. Não passara tanto tempo desde que esteve com uma mulher, mas não se recordava de ter sentido essa paixão,

esse impulso cego de agarrá-la pela cintura, estendê-la no chão e possui-la sem demora. Ao final resultaria ser o bárbaro que há muitos anos todos acreditavam que era com um apetite feroz por uma mulher e a cega intenção de fazê-la sua.

Kitty foi descendo as mãos por seu peito, gemendo brandamente, e ele introduziu a língua ainda mais, profundamente, em sua boca. Ela era uma dama e ele estava tratando-a como a uma prostituta.

Importava pouco o que dissessem os rumores. Kitty Savege não era nada disso. Seu tato de desejosa excitação e os suspiros de doce inocência lhe transmitiam.

Ele não deveria estar fazendo isso.

Interrompeu o beijo. Desta vez ela não o impediu. Ao contrário, permaneceu trêmula, olhando-o fixamente através de suas densas pestanas.

Sem lhe soltar os ombros, ele se obrigou a falar.

— Seria melhor que disséssemos boa noite, moça.

Kitty, cujos ofegos baixaram e cuja respiração se suavizou, disse:

— Sim, suponho que tem razão. — passou a ponta da língua por seu lábio inferior. Leam conteve um gemido. Por Deus, ele queria saboreá-la eternamente. Lamber cada centímetro de sua boca e seu pescoço, seus formosos seios, as palmas de suas mãos e sua quente

feminilidade.

— Mas... Não! — exclamou ela de repente, quase sem fôlego. — O que tento dizer é: o que faz? — Sua voz soava nervosa. — Somente está me excitando?

— Estou me reprimindo por você. — Mas o que ele estava dizendo? Não queria reprimir-se, mas, sim, levá-la para cima, para sua cama, e fazer com ela tudo o que estivera imaginando e mais, muito mais. Depois deixaria naquele povoado e retornaria à Escócia e à prudência. Deixou cair às mãos aos lados do corpo e se tornou para trás.

— Bem. Então, boa noite, milorde. — Kitty recolheu suas roupas e subiu a escada depressa.

Leam engoliu a saliva com dificuldade, não uma, mas várias vezes, pétreo como o que suas calças ocultavam. Deu um passo para frente, mas se deteve.

Tocar-se algumas vezes poderia passar, mas não mais não lhe convinha. Seu coração nunca pulsara com tanta fúria, nem tão rápido, com uma mera insinuação. Uma vez já escolhera o caminho errado, o qual o conduziu a volta do perigo durante os seguintes cinco anos, nos quais trabalhara para a coroa. O perigo ao qual se dedicara por anos tentando esquecer.

Não queria isso.

Mas queria a ela.

Passou a mão pela face. Não era um celibatário, Por Deus! Podia desfrutar de uma queda com uma preciosa mulher, sem medo às consequências. Ela queria, e ele daria. Não era o jovem louco que perder a cabeça por uma mulher, que se tornou cego acima de tudo o que o rodeava, incluindo a ela. E Kitty Savege não era uma prostituta, mas tampouco uma virgem a qual enrolar.

Permaneceu de pé, paralisado, sem sapatos, sem camisa, com o olhar perdido no vazio, incapaz de mover um só músculo.

Kitty com muita dificuldade conseguira chegar a sua cama.

Sentou-se nela, jogou suas roupas a seus pés e cobriu o rosto com as mãos.

Que divindade horrível, vil e ridícula a entregara a um homem que beijava como um Deus, que parecia possuir uma habilidade assombrosa para afastar-se de uma mulher nua, que se lançou a seus braços? Apesar de todos seus escrúpulos ela precisava sentir suas carícias, seus beijos, o toque de sua pele morna e seu rígido membro nas mãos. Tentara ganhar nas cartas, embora nunca devesse ter jogado. Mas quando ele tirou a camisa ela acreditou que morreria.

Deus santo, acaso todos os homens eram sob suas roupas, tão esculturais e tão perfeitamente proporcionados como as estátuas

gregas? Não podia ser. Ela estava segura de que ao menos dez cavalheiros de seu círculo social usavam espartilho e outra meia dúzia comprava recheios de entretela para fazerem acertos nas roupas.

Leam Blackwood não fizera nada disso, evidentemente. Era um homem atrevidamente autêntico, perfeitamente bem proporcionado e musculoso, atlético, sem um grama de graxa, como se comesse pouco, inclusive.

Ela o enlouquecera. A ele.

Acreditou que as forças a abandonavam. Ele a fez enlouquecer.

Por que ele não a queria? Ou por acaso era muito decente para se aproveitar dela? Asseguravam que era um libertino. E a isso chamavam de flertar, excitá-la com beijos e carícias até que ela não podia pensar em mais nada do que nele? Ele disse que estava se reprimindo. Por que ele faria isso a uma mulher com uma reputação manchada? Quisera dizer que queria mais dela com o tempo? Como ela mesma fizera. Oh! Deus, como ela mesma. Como era possível?

Desfez-se do apertado espartilho que Leam não se atreveu a tirar.

Por que ele precisava ser decente? Por que precisava ser inclusive um pouco cavalheiresco? Ela queria que ele fosse um bárbaro, o libertino que lhe disseram que ele era. Desejava que não tivesse ido atrás de Emily na escada para protegê-la de um possível perigo. Kitty

desejava, o contrário, que ele tivesse feito amor rápida e carinhosamente no salão, no sofá, inclusive no chão, em qualquer lugar onde um trapaceiro se aproveitasse de uma mulher perdida. Desse modo ela poderia ter alardeado de ter se desfeito da fria e controlada mulher na qual se converteu.

Mas se o tivesse feito, se a tivesse feito sua amante, teria confirmado precisamente os rumores em que todos acreditavam.

A porta rangeu. Kitty se voltou para ela. A porta se abriu e... Ele entrou no quarto.

Kitty deu um pulo.

Despenteado e com aquele brilho sensual em seus olhos escuros estava muito bonito. Usava a camisa aberta até a cintura, deixando descoberto o peito que os dedos do Kitty acariciaram até memorizar seu tato, a fina e escura linha de pelo escuro que descia até introduzirem-se em suas calças, os fortes batimentos de seu coração.

Ela sacudiu a cabeça.

— Mas disse...

— Kitty...

— Não posso — murmurou ela, contemplando seu peito firme e torneado.

— Nesse momento, quando você...

— Disse que se reprimia por mim — ela o interrompeu — o que é uma excelente ideia, e, e... — balbuciou. — E quando o senhor Cox foi atrás de Emily na escada e você estava preparado para... — Seria ele capaz de entendê-la? — Não vê? Já não é um estranho, e isso muda tudo. O que me converte na maior libertina neste lado de...

Ele se aproximou dela, lentamente, e lhe tampou a boca com uma mão morna e envolvente através da qual lhe enviava os batimentos de seu coração. Inclinou a cabeça e disse com voz baixa e profunda:

— E eu já sabia. Diria que de boa vontade abandonou à menina a seu destino.

Kitty riu. Ele afastou a mão de sua boca e ela passou a língua pelo lábio inferior.

— Não deveria... — disse.

— Sim, deveria — ele a interrompeu, com o olhar fixo em sua boca.

— Mas eu...

— Pois então finja — disse ele. Uma nota de urgência, ou possivelmente de desespero, dava cor a suas palavras. Seus olhos escuros refulgiam. — Finja, mesmo que seja por uma noite.

— Oh! Deus... Não — gemeu Kitty, que podia senti-lo sem

necessidade de tocá-lo. Sabia que tudo mudaria agora.

E ele também sabia. Tentara afastá-la, mas sucumbira. Estava ali para fazer amor, por mais insensato que fosse. Kitty e Leam não pareciam um para o outro, apesar do desejo mútuo que os unia, dessa ardente familiaridade que não deveria existir entre eles.

Mas possivelmente ele somente fosse um homem para Kitty, um desconhecido depois de tudo, alguém que não diria nada, para ganhar o acesso à cama de uma mulher. Kitty dependia disso. Fingiria que não havia nada mais, nada que pudesse sentir cada vez que ele a olhava.

Somente de pensar era uma tolice! E, além disso, ela não queria mais mentiras, nem mais segredos. Queria viver, rir, e bastava que esse homem pronunciasse uma palavra para que a fizesse sentir viva. Nunca desejara tanto, nada, nem a ninguém.

— Isto é uma ideia muito doida — sussurrou Kitty. — Você deve ir.

Ele respirou profundamente várias vezes.

Ela rezava em silêncio.

Leam se voltou para a porta. Kitty notou que lhe tremiam os joelhos. Desabou sobre a cama, tampando o rosto com as mãos. A porta se fechou. Ouviu o ruído da fechadura. Kitty acreditou que seu coração explodiria.

Ele se aproximou e puxou firmemente pelos ombros, obrigando-a a se estender de barriga para cima. Em seguida ficou escarranchado sobre ela, apoiando os joelhos no colchão. Olharam-se nos olhos, respirando agitadamente.

— Me diga que não — sussurrou ele.

Kitty não podia.

Sem deixar de olhá-la, ele insistiu que ela abrisse as pernas e aumentou a pressão sobre seu corpo.

Kitty tremia. Aquilo era muito rápido, não tinha nada a ver com sua vida, com seus princípios estritos e sua compostura habitual. Era o corpo de um homem esfregando-se com o seu desde seus seios até os tornozelos. Um homem impressionante cujos olhos ardiam de desejo.

— Sim, Oh! Sim — murmurou ela, quase sem fôlego, enquanto sentia a pressão de seus quadris.

Seu corpo era um vulcão de sensações. Sentia a ereção de Leam, quente e dura contra ela. Com os olhos entreabertos, Kitty gemia brandamente, e por fim levantou os joelhos para prender os quadris dele, enquanto com as mãos procurava sua cintura. Leam começou a se mover em cima dela, empurrando-a contra o colchão, enquanto ela gemia de prazer e se movia debaixo dele.

— Espera mais do que isto, não é verdade? — sussurrou ele muito perto de seus lábios. Kitty experimentava todo um mundo de sensações. Sentia a mão dele lhe rodeando a panturrilha, movendo-se sob o espartilho, lhe acariciando a coxa. Sou eu — disse Leam com voz áspera, tão quente como o corpo dela.

— Sim — disse ela com um fio de voz, e depois de um suspiro acrescentou: — Se me agradasse...

Ele tirou lentamente o espartilho por cima da cabeça. Depois fez o mesmo com sua camisa por debaixo dos braços, estendeu-se sobre os seios nus dela e procurou seus lábios com a boca.

Ela sentiu que se afogava ao contato com sua pele, seus firmes peitorais contra seus mamilos. Resultava desconcertante e espetacular. A língua de Leam aprofundava em sua boca, com urgência, suas mãos acariciavam seus seios, as curvas da cintura e os quadris. Ele se esfregava cada vez mais contra Kitty, liberando nela uma cascata de prazer e desejo. Ela bebia dele, faminta de sua língua, que se deslizava para dentro e para fora de sua boca, para depois lhe mordiscar os lábios e fazê-la desejar mais.

Ele se endireitou e passeou o olhar por seu corpo, da cabeça aos pés. Kitty conteve a respiração e virou o rosto. Sabia o que ele diria. Vivera antes com Lambert Poole.

— Por favor, não...

— Seu corpo é uma obra de arte, Kitty Savege — disse Leam, respirando profundamente, enquanto lhe acariciava os quadris com sua forte mão. — É... Absolutamente perfeito — acrescentou.

Kitty não podia respirar. O homem que lhe falava não era o mesmo que ela levou à cama. Suas palavras eram bonitas, intensas e suaves, o rude sotaque escocês se dissolveu completamente.

Abriu a boca.

— P... Mas... — gaguejou.

— Não — a interrompeu ele com tom peremptório.

Kitty o agarrou pelos ombros e o empurrou para trás.

— Mas... Sim! — disse. Arrastou-se para sair de debaixo dele, afastando-o com uma mão enquanto com a outra agarrava rapidamente uma ponta da colcha para se cobrir.

— Kitty...

— O que você disse? — disse ela entre ofegos. — Por que falou desse modo?

Os olhos do Leam eram um lago escuro de desejo.

— Kitty, amor — disse com voz entrecortada —, não sei nem o que digo, mas se de algo tenho certeza é de que preciso estar dentro de você.

Kitty soltou um gemido e se ouviu sussurrar:

— Muito bem, pois façamos.

Leam se estendeu em cima dela, deslizou as mãos para os lados de seus seios e com a ponta dos polegares começou a acariciar seus mamilos. Kitty voltou a gemer. Colocou as mãos por debaixo das calças dele e lhe apertou os glúteos. Enquanto isso, ele deslocou uma mão até a entreperna de Kitty e afundou um dedo nela.

— Kitty — o gemeu, afundando ainda mais o dedo enquanto ela se agarrava aos lençóis.

Ele a acariciava e ela tremia ante aquele toque perfeito, sublime.

Ele tirou o dedo, mas ela ofegava lhe pedindo mais. Por isso, voltou a entrar de novo nela, que tremia enquanto ele a excitava com seus movimentos. Ela arqueou o corpo, suplicando mais.

Ele lhe beijou a boca, o pescoço, o vale entre os peitos, e depois os duros mamilos, arrancando mais gemidos dela, que acreditava que enlouqueceria de desejo.

— Preciso tê-la, agora mesmo. — Profundo, maciço, perfeito, uma fantasia de palavras e ritmo.

— Ele tirou as calças e se posicionou entre suas pernas, depois de lhe separar brandamente, as coxas com as mãos. Kitty sentia a pressão de seu membro erguido, o que fazia com que se abrisse ainda

mais. Era como uma dura invasão, cativante e quase insuportável ao mesmo tempo.

Depois, tudo foi uma delícia. Perfeito.

Ele gemia, ela era seu eco. A cada suave impulso de Leam, Kitty experimentava uma agonia de prazer tormentoso. Entrava e saía. De novo, mais dentro, e outra vez. Cada penetração era melhor que a anterior. Ela estremecia, acoplava-se ao ritmo dele, enquanto lhe passava uma perna pela cintura para tentar aproximá-lo mais.

Mas Leam não daria tudo. Ela se debatia debaixo dele, deslizava-se entre os lençóis e voltava a se acoplar. Ele a acariciava brandamente com suas grandes mãos.

— Por favor — murmurou Kitty.

— Vainement je m’éprouve.

Kitty abriu os olhos e os fixou nos dele, que eram quase negros.

Leam a beijou com paixão e lhe sussurrou junto aos lábios:

— Isto é o que estava esperando, moça? — Saiu por um instante dela e voltou a penetrá-la. Seus gemidos se mesclavam. Ele a satisfazia completamente. Ela não queria que ele se retirasse. Não queria que aquela tortura terminasse.

Leam sabia disso e disse:

— Isto é somente o princípio.

— Faça com que dure — implorou ela enquanto movia os quadris para senti-lo profundamente, ao mesmo tempo em que afundava os dedos em suas nádegas.

— Para você e para mim, para os dois, amor. — Leam interrompeu suas carícias, saiu dela e voltou a penetrá-la. De novo, mais forte com cada penetração e um pouco mais profundo a cada vez, acariciando-a por dentro. Ele encontrou seu centro. Kitty estremeceu, esfregando-se contra ele, que acelerou o ritmo das penetrações até ouvi-la gemer. Ela mordia os lábios para conter seus gritos. Tampou-lhe a boca com um beijo e, com voz áspera e profunda, disse:

— Contre vous, contre moi.

— Oh! Leam... — Kitty sentiu que a empurrava contra o colchão. — Agora, sim! — O êxtase se apoderou repentinamente dela. Seus gemidos de prazer se confundiam com os de Leam, cujas mãos agarravam seus quadris enquanto se erguia mais sobre ela. Kitty o recebia, estremecia com seus rápidos arremessos e o sentia grosso e potente. Ele pressionava fortemente seus quadris dentro dela e por fim, em uma intensa expiração, ficou totalmente imóvel.

Ela exalou um suspiro entrecortado. Ele se deixou cair sobre ela, pressionando seus seios com seu tórax. Kitty afastou os braços que rodeavam sua cintura. Leam estava com a pele das mãos úmida, e os

batimentos dos corações de ambos soavam ensurdecedores.

Finalmente, Leam saiu dela e rodou sobre suas costas, enquanto agarrava uma mecha do cabelo de Kitty entre os dedos. Voltou a cabeça para ela e a olhou. Kitty se afastou dele, dobrando os joelhos para cima para aproximá-los de seu peito. A mecha escapou da mão de Leam.

Durante alguns longos e silenciosos minutos repousaram assim, ele lhe acariciando delicadamente um ombro, enquanto ela estremecia devido ao frio que fazia no quarto, e que somente agora ela se dava conta.

— Referia a isto? — perguntou ela finalmente. — Quando esqueceu seu sotaque escocês...

— Eu não sei moça — disse ele em escocês.

— Não acredito em você. — Kitty decidiu que lhe pediria uma explicação, mas esperaria o dia seguinte. Nesse momento de satisfação preferia não fazê-lo. — O que se supõe que vem agora? — acrescentou cada vez mais confusa. Nunca dera isso a um homem, essa desenvoltura.

Ela lhe dirigiu um olhar que era toda doçura; uma doçura que, de algum modo, não o surpreendeu.

— Perguntaria algo, não é assim?

— Boa pergunta.

Ele admirou em silêncio suas feições.

— E agora o quê? — Kitty devia tentar entender ao menos isso.

Estava acostumada a ter um plano.

— O que desejar — respondeu ele, depois de um suspiro. Apoiou o polegar nos lábios de Kitty e seguiu seu contorno. Era uma carícia ao mesmo tempo tenra e exigente.

Ela não sabia exatamente o que desejava, de modo que não falou.

— Agora será melhor que eu me vá — disse ele tranquilamente.

Kitty sentia a garganta seca.

— Claro — ela disse. Nunca pensara em outra opção. Libertina solitária, sua imaginação não foi mais à frente.

Apoiou-se sobre um cotovelo.

Seus olhos brilhavam como a lua em uma noite clara. Ele lhe deu um beijo, quente e assombrosamente terno, nos lábios.

— Feliz Natal, lady Katherine.

Kitty não podia lhe desejar o mesmo. Sua garganta seca a impedia de articular som. Na realidade, não sabia como conseguira gemer do modo como fizera. Ninguém a avisara que semelhante coisa era possível, e fora incapaz de descobri-lo por si só.

For beijada de forma tão diferente, antes, por um homem que lhe

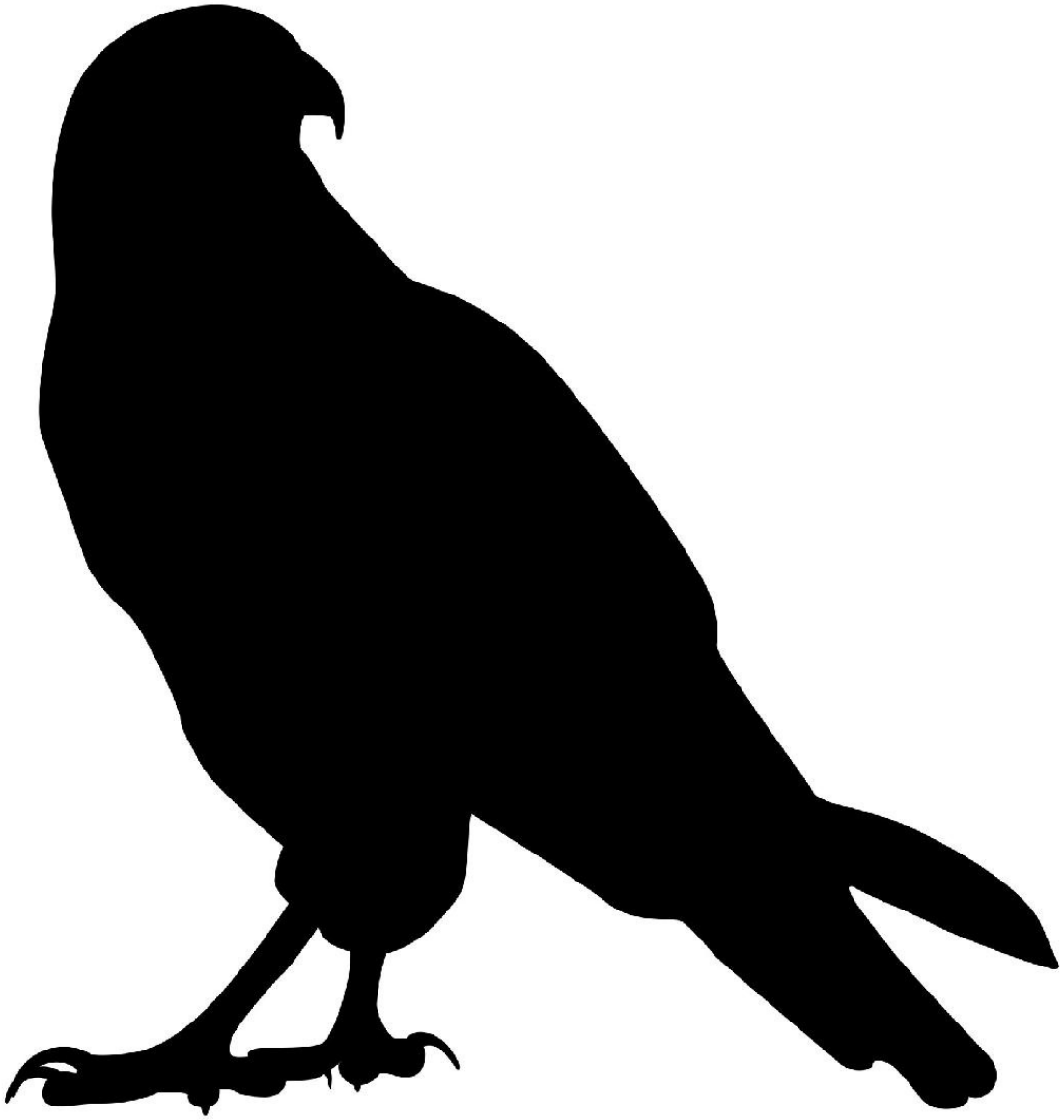
dissera que era imperfeita, que precisava se envergonhar de seu corpo, inclusive quando ele o usava que não era desejável. Não sabia que um homem pudesse beijar uma mulher com essa ternura.

Leam se sentou na beira da cama e, depois de se vestir, ficou de pé. Por um momento ficou assim, de costas para ela, olhando para fora pela janela. Depois se voltou, tocou-lhe a bochecha com dois dedos, sorriu e se foi.

Kitty permaneceu contemplando a porta fechada.

Nada poderia ter sido pior que a crueldade de Lambert Poole, que a usara, riu-se dela, lhe confessara que a humilhava pelo rancor que sentia por seus irmãos, a quem desprezava. Kitty acreditou durante anos que havia sido vítima do pior que um homem podia fazer para uma mulher. E assim dissera para Lambert.

Obviamente, equivocou-se. Por mais assombroso que parecesse, uma noite de amor e paixão com Leam resultava ser, apesar de tudo, pior.



11

Os sinos da igreja despertaram Kitty. O campanário devia ser inexperiente, pois os tangidos soavam irregulares e pouco harmoniosos. Levantou-se da cama em que praticamente um estranho fizera amor com ela, poucas horas antes, e olhou para fora pela janela. A neve que caía a deslumbrou.

De repente ouviu que batiam à porta. Pela suavidade com que o faziam não parecia que fosse um homem. Kitty tinha poucas dúvidas de que o conde de Blackwood se comportaria, como depois dos encontros anteriores, as mesmas olhadas furtivas, os mesmos comentários velados. Ainda não podia acreditar que o tivesse convidado à sua cama. Embora a rigor não o houvesse convidado, mas sim ele subira em seu quarto.

Sentia o corpo quente, e certas partes sensíveis ligeiramente doloridas.

Sem fazer caso dos golpezinhos de Emily (devia ser ela), arrastou-se de novo à cama e se aconchegou entre os lençóis enrugados, enquanto voltava a reviver todo o ocorrido. Nenhum detalhe era muito pequeno para que lhe custasse recordá-lo meticulosamente. Devia desfrutar enquanto pudesse, antes que tivesse que vê-lo em

companhia de outros e mostrar-se fria, a impassível lady Katherine de sempre. E antes devia enfrentar o feito de que Uilleam Blackwood não era tudo o que parecia em público.

A porta se abriu e Emily entrou.

— Feliz Natal, Kitty! Meu Deus, que desordem! — Começou a recolher a roupa. — Vamos, levante-se. São dez e meia e chegaremos tarde à igreja.

— A igreja? — Kitty se sentou na beira da cama e se afastou o cabelo do rosto, o cabelo que ele acariciara tão brandamente depois de fazer amor. Ainda não conseguia acreditar totalmente que não fora um sonho.

— Sim, parece que haverá igreja depois de tudo. Então vamos, vamos.

Kitty permitiu que Emily a ajudasse a se vestir. Ela era boa para poucos trabalhos de utilidade. Se qualquer um de seus sofisticados e literatos amigos de Londres a vissem nesse momento, sonolenta e despenteada, não a reconheceriam. Nem sequer ela se reconhecia.

Olhou atentamente a bacia onde ia lavar o rosto e piscou. A superfície da água estava coberta por uma fina capa de gelo.

— Como você gostaria que a penteasse? — perguntou Emily.

Kitty franziu o cenho, rompeu a capa de gelo da bacia com uma

mão e lavou o rosto com a água gelada.

— Muito esticado e bem fixado — disse depois de um estremecimento.

— Já sabe que não sou precisamente uma especialista, mas visto que é Natal, me esforçarei.

— Obrigada, querida.

Kitty se sentia um espantalho. Mas lorde Blackwood não parecia compartilhar sua opinião. Ao contrário do que ela esperava, recebeu-a ao final da escada com um sorriso encantador, um olhar cálido e uma reverência, com os cães pegos às pernas. Kitty tentou corresponder sem tropeçar: sentia que seu corpo havia se convertido em gelatina e seu interior fosse de caramelo quente.

Fazer amor com ele somente lhe causava mais problemas. Estava verdadeiramente apaixonada. Claro que estava. Converteu-se em uma tola patética, depois de todos esses anos procurando não ser.

Yale lhe ofereceu a capa e em seguida seu braço. Menos mal que foi ele; se tivesse sido o conde, teria derretido ali mesmo, no chão do vestíbulo.

— Como faremos para chegar à igreja com tanta neve? — disse Emily, apertando o braço de lorde Blackwood enquanto saía pela porta que dava ao pátio.

— Já veremos pelo caminho. — Yale fez um gesto indicando para Kitty um atalho limpo de neve, que ia do pátio a uma distância considerável rua abaixo. — De todos os modos, tome cuidado, lady Katherine. É escorregadio.

— Se chegar a cair, tentarei não arrastá-lo comigo.

— Não se preocupe. Na outra noite o punho de Blackwood me enviou direto à neve, de modo que já estou acostumado — disse, e, em efeito, um hematoma coloria sua bochecha.

— Meu Deus!

— Foi uma noite muito divertida. — Ele deu uma piscada.

Os cães corriam na frente, saltando pelas montanhas de neve.

— Bem, acredito que é o dia mais bonito para celebrar o Natal que eu tive — disse o senhor Cox, sorrindo para todos, enquanto se aproximava por trás. — Eu diria que não desfrutava de uma companhia tão especial para ir à igreja, há anos.

— Você não vai à igreja, senhor Cox? — perguntou Emily, que ia atrás de Kitty, devido ao que, felizmente, não podia ver o bonito homem com quem passara a noite.

— Suspeito que mais que à igreja se referia à companhia — interveio Yale, e Emily arqueou as sobrancelhas.

— Bem, então, com quem você vai normalmente à igreja?

— Temo que com ninguém que você conheça — murmurou Yale.

Kitty lhe apertou o braço de Yale, com os dedos e este se inclinou com um olhar de desculpas, seguida de um sorriso.

— Suspeito que seja verdade — disse Emily, sem que desse amostras de que se importasse com as brincadeiras, — embora minha acompanhante, madame Roche, sempre parece conhecer todo mundo e não tem inconveniente em me apresentar às pessoas mais singulares. Faz duas semanas, por exemplo, conheci uma dúzia de trabalhadores no mercado.

No momento em que subiam pela escada da igreja, limpas da neve por causa do sol, Kitty sentiu que lhe acelerava o coração, pelo esforço e, possivelmente, porque o conde se achava justamente atrás dela.

Frequentemente, em companhia de mais de uma pessoa, ele se mostrava taciturno. Somente com uma pessoa falava um francês e um inglês perfeitos, e dizia coisas deliciosas que jamais teria sonhado que algum homem lhe diria.

A pequena igreja estava cheia apesar da neve caída, os vizinhos abarrotavam os bancos. Era um edifício limpo, branco por dentro e por fora, com uma decoração modesta e no púlpito, um ministro vestido com uma casaca negra que era grande.

Kitty arqueou uma sobrancelha.

— Marie, não é esse seu cocheiro?

— Sim é. O que faz você aí em cima, Pen?

O cocheiro saiu de trás do púlpito. Kitty reconheceu a casaca, de fina lã e corte informal. Lorde Blackwood a separara de um trio de casacas semelhante na noite anterior.

Pen levou uma mão ao chapéu e fez uma pequena reverência.

— Feliz Natal, senhorita. Milady. Milorde. Senhores.

— O que acontece, Pen?

— O vigário não foi visto por aqui desde que começou a nevasca — disse Pen. Sua voz de barítono foi ouvida em toda a igreja. Sacudiu a cabeça tristemente e acrescentou, assinalando Blackwood: — Quando sua senhoria, aqui presente, procurava alguém para pregar esta manhã por ser o dia do Nosso Senhor e Salvador..., bem, não me importo de dizer-lhe que me alegrei de poder substitui-lo.

— Pen você é evangélico?

— Metodista milady.

— Lorde Blackwood — disse Emily, —de verdade você perguntou a meu cocheiro se ele podia celebrar a liturgia hoje?

Yale sorriu.

— Alguém precisava fazê-lo.

— Agora, senhoras e cavalheiros, se for dar o sermão hoje, o melhor será que eu comece. — Pen voltou a ocupar seu lugar no púlpito.

Kitty não conseguiria explicar sobre o que era o sermão do cocheiro, apesar de ter escutado a palavra “virgem” algumas vezes, possivelmente, porque estava predisposta a escutá-la devido à mescla de entusiasmo e vergonha que sentia.

No que pensava era que ele tinha vivido em Bengala e viajara pelas montanhas, certamente pelo Himalaia. Era capaz de recitar poesia francesa. Procurara alguém para que desse o sermão de Natal, apesar de ser uma alternativa certamente... Criativa.

Quando as animadas notas do violino ecoaram nos altos tetos do edifício, entrelaçadas com a voz de barítono de Pen e a de contralto da senhora Milch, Kitty saiu de seus pensamentos. Emily e Yale cantavam, e Cox, sentado ao final do banco, brilhavam as bochechas. Kitty olhava por cima do chapeuzinho de Emily. O conde estava de pé, com a cabeça ligeiramente inclinada, sua preciosa boca era uma linha reta. Como se se desse conta de seu olhar, piscou e se voltou para ela. Sorriu. Mas era um sorriso de aço, e o prazer nascente de Kitty desapareceu.

Caminharam de retorno à estalagem em boa companhia, Cox e

Pen conversando animadamente. Outros foram pelo estreito caminho tanto pela frente como por trás deles, os hospedeiros, Ned e os vizinhos, convidados, todos a tomar a cerveja amarga na estalagem e uma porção de pudim de Natal.

— Pen, também tirou a neve do caminho que conduz à igreja? — perguntou Emily.

— Não, milady — interveio Ned, que avançava a passo lento, com os cães pegos a seus calcanhares. — O fizemos eu e o milorde, ontem. Terminamos nesta manhã bem a tempo, não é assim, chefe?

— Sim, moço. E também tocou muito bem na igreja.

O menino do estábulo deu uma piscada ao senhor da realeza.

Na estalagem, Kitty tirou a capa, o chapéu, os tamancos e as luvas, e se sentou em uma cadeira diante do fogo para esquentar os pés. Emily se sentou a seu lado, e junto a esta, Cox. A estalagem se encheu de gente, vizinhos que chegavam, tiravam os casacos e pegavam uma cerveja.

— Ora que festa que se montou — disse Cox arqueando as sobrancelhas. — não é verdade, lady Katherine?

— Madame Roche adoraria ver isto; os granjeiros e os artesãos falando amigavelmente com cavalheiros de alta linhagem — observou Emily, e acrescentou: — Ela é republicana.

— Sua senhoria se mostra condescendente, como se gostasse. —

O cavalheiro parecia interessado no conde pelo modo como o olhava, mas não de maneira especial.

Kitty experimentou uma sensação de inquietação, e disse:

— Acredito que é sua condição. — Igual a arrumar coberturas quebradas e tirar neve, o que na realidade explicava porque ele possuía esse físico. Somente de olhá-lo, derretia-se, e precisava desviar o olhar para não ficar enfeitiçada.

Leam a surpreendeu observando-o. Kitty afastou os olhos.

Quando finalmente ele fez o mesmo, ela esteve a ponto de soltar um suspiro, mas seu despeito a impediu. Além disso, estava muito cansada, pois praticamente não dormira, ou não dormira nada, na realidade. Ele lhe deixara muitas interrogações, e agora surgiam outras novas.

Entretanto, sua necessidade de respostas se veria frustrada para sempre. Faziam torradas, muitas, do pudim não restava quase nada, apesar de ser insípido (não encontraram nenhuma noz), e os farristas não começaram a partir, até a tarde.

Ao contrário do que avisara, a senhora Milch serviu um ganso assado, também alguns nabos empanados, maçãs cozidas com brandy e um pão recém-assado. A Emily sinceramente adorou a festa, e

jantaram com um relativo esplendor. Yale e Cox os entretiveram com histórias de suas viagens ao estrangeiro, e Kitty poderia ter se divertido muito, se não estivesse tão preocupada evitando não olhar para o bonito escocês.

Cada vez que o fazia, parecia que ele já a observava, e não podiam olhar fixamente um ao outro durante o jantar.

Lá fora, o sol brilhava arrancando reflexos da neve, enquanto os hospedeiros recolhiam os restos do jantar. O senhor Yale se acomodou em uma cadeira diante do fogo, com um copo na mão e um velho semanário no colo. Emily e Cox começaram a fazer mapas topográficos de Shropshire com passas e nozes, sobre a mesa. Tudo tinha a aura pacífica e feliz de um lar em férias, e Kitty desejava poder desfrutá-lo. Mas a única coisa da qual podia se alegrar era de que sua amiga parecesse distraída das preocupações que lhe esperavam em sua casa, depois que o caminho voltasse a ser transitável.

Lorde Blackwood se aproximou de Kitty com uma capa.

— Gostaria de dar uma volta, milady? — disse em escocês.

Ela evitou olhá-lo, mas permitiu que ele colocasse a capa sobre os ombros. Colocou o capuz.

— Uma volta? — perguntou, embora não percebesse nele nenhuma expressão de malícia.

— Um passeio — ele lhe explicou Yale em inglês. — Não faz um pouco de frio lá fora, Blackwood?

— Quer vir, Yale?

— Obrigado, mas vá sem mim — disse Yale, levantando o copo a modo de saudação.

Kitty se sentia tão transparente como o cristal. Podia rechaçar a oferta do conde. Podia entregar-se novamente ao decoro. Emily e Cox não levantaram a cabeça do que estavam fazendo.

Kitty finalmente decidiu aceitar.

— Aonde vamos, milorde? — Olhou a rua coberta de neve, iluminada pelo último sol da tarde. — De volta à igreja?

Leam fechou a porta da estalagem atrás deles.

— Ao estábulo. — Sua voz era rouca e sua atitude, rude.

Não segurou o braço que ele lhe ofereceu e se dirigiu diretamente ao estábulo e a sua contínua ruína, sem ninguém que a ajudasse.

Já dentro, ele fechou a porta, aproximou-se dela, acariciou lhe o rosto e cobriu a boca com a sua.

Kitty se inundou literalmente nele, procurando com suas mãos sob as capas de lã. Ele a beijava lentamente, como se a saboreasse, depois com intensidade crescente, como se estivesse faminto, pressionando-a contra a parede e unindo seus corpos como se usasse

sua boca para esse magnífico propósito. Ela o desejava a cada segundo mais.

Desejava-o muito, dadas as circunstâncias.

Ela se afastou.

— Espere! Espere! — Empurrou-o esticando os braços, mas seus dedos a traíram agarrando-se a seu colete para evitar que ele se afastasse. — O que acredita que está fazendo?

— O que estive desejando todo o dia e o que desejo cada minuto, moça.

— Ontem à noite se mostrou muito romântico.

Depois partira e ela não conseguir conciliar o sonho. E agora, esgotada e extremamente tensa pelo dia que passara evitando olhá-lo, sentia-se muito irritada. Mas, sobretudo porque ele estava de pé a um braço de distância, com suas grandes e mornas mãos em sua cintura e, em vez disso, ela queria que ele a abraçasse apaixonadamente outra vez, até lhe fazer perder o fôlego.

— Contre vous, contre moi, vainement je m’éprouve — sussurrou ela. — “Luto em vão para fugir, de você e de mim mesma.” Racine, Fedra. O deixou para lady Emily, recorda-se?

Ele permaneceu em silêncio.

— Embora seja uma história trágica — acrescentou Kitty.

Ele sorriu.

— Se o que desejas for um bonito verso — ele disse, — estarei encantado de agradá-la. — aproximou-se de novo dela, que não opôs resistência. Acariciou-lhe o pescoço, lhe arrancando um suspiro, e com tom doce adicionou: — “ao redor de mim um céu de inverno arruína cada broto de esperança e alegria, e o refúgio, que nem sequer tenho em casa, a salvo está nestes seus braços”.

— Acredito que seu compatriota vive dentro de você — murmurou ela, que não conseguiu evitar voltar a tremer como na noite anterior. — O que aconteceu com o francês?

— Era para me inspirar — ele disse. — Blanditias molles auremque iuvantia verba adfer, UT adventu laeta sit illa tuo. — Beijou-a no pescoço e notou seu pulso vertiginoso.

— Não sei latim — disse Kitty, tremendo ainda. — Terá que me traduzir isso.

— “Trago adulações suaves e palavras que acalmam o ouvido, que sua chegada consiga contentá-la”.

Kitty sentiu que lhe afrouxavam os joelhos. Que outro homem infundiria a sua voz semelhante poder masculino como se fosse natural nele?

— De quem é a frase?

— De Ovidio.

— Ovidio?

— Será que prefere os poetas modernos aos antigos? — perguntou ele.

Evidentemente não sabia nada de suas preferências.

— Estou entre ambos — respondeu Kitty. — Os poetas medievais, possivelmente. — Sentiu que seu desejo aumentava, ao mesmo tempo em que sua inquietação.

— “E assim minha sorte ignoro na luta, e não querer dizer e que o diga: vagando vou em amorosa errata” — recitou Leam em espanhol.

Kitty jogou os braços ao seu pescoço; sentia-o como se a noite anterior não lhe tivesse permitido fazer nada do que fizera.

— E esse?

— Dante.

— Isso explica porque não entendi totalmente.

— “E assim — disse ele enquanto mordiscava ligeiramente seus lábios e acariciava suas costas, — sendo completamente inseguro do caminho a tomar, desejando dizer, o que sei que não devo expressar e me perdendo em amores errantes”.

Isso era mais do que Kitty podia suportar.

— Maravilhosas palavras —balbuciou. Respirou fundo e

acrescentou: — Ou deveria dizer mãos?

— Ambas.

— Já vejo. — Leam a abraçou com major força ainda e baixou lentamente as mãos até seus quadris.

Kitty sentiu que seu sangue se convertia em calda de açúcar quente, mas mesmo que as palavras e carícias dele lhe cortassem a respiração, o nervosismo a impedia de gozar.

Que jogo Leam estava fazendo com ela? E porque, dadas às liberdades que lhe permitia Kitty não sabia ainda?

Com o dorso dos dedos Leam lhe acariciava meigamente uma bochecha enquanto recitava em um perfeito inglês:

— “Tão bela com suas delicadas mãos, sua fina cintura e seus grandes olhos, cujo brilho envergonha a lua.”

— Mas como? — perguntou Kitty, sem fôlego.

— Um antigo poema hindú.

— Já me parecia... Mas ainda espero o francês.

Um sorriso maravilhoso iluminou o rosto de Leam. Então algo mudou. Seu olhar se tornou quente.

— Je reconnus Vénus et é feux redoutables — disse com uma voz profunda e absolutamente insinuante, — d’um sang qu’elle poursuit tourments inévitables.

Kitty tremia.

—A tortura de Vênus — sussurrou. Ela também sentia fogo no sangue. Durante dias seu sangue lhe pedir que se consumisse, e agora, ele não queria outra coisa que submetê-la completamente outra vez. Ali onde a tocava, as costas, os quadris, as coxas, Kitty sentia que a pele lhe ardia. Mas seria uma tola se pensasse que somente isto consistia a tortura de Vênus.

E afinal entendeu, possivelmente muito bem, como sua artimanha contra Lambert fora um engano. Ele lhe fizera mal, mas ela nunca deveria ter pretendido nada com ele, não importava a razão, igual estava fazendo claramente com Leam. Se se permitisse estar com o conde agora, lhe negando uma verdade tão evidente, sofreria. Quando fora jovem e influenciável, um homem afirmado sentir carinho por ela, mas somente estivera utilizando-a. Inclusive mais que sua reputação arruinada, doíam-lhe as feridas provocadas por aquela traição. Não podia se permitir estar com um homem que não lhe explicasse toda a verdade, e sem demora.

— É maravilhosamente experiente em versos — disse, ocultando seu aborrecimento. — Aprendeu na Universidade de Edimburgo?

— Por pouco a chamam de A Atenas do Norte.

— Pensava que a Escócia produzia, sobretudo engenheiros e

médicos, mas também poetas?

— Sim, poetas, filósofos e sacerdotes. Canalhas e ladrões. — Leam sorriu. Kitty não podia afastar o olhar de sua boca.

— Deve ter estudado muito.

— Pois sim, o fiz.

— Agora me diga a verdade.

Ele franziu o sobrecenho.

— Por que ontem à noite falou daquele modo? — prosseguiu ela.

Leam arqueou uma sobrancelha por debaixo do emaranhado e grisalho cabelo que caía sobre sua testa. Kitty desejou passar os dedos por aquela mecha e lhe perguntar se sempre fora assim, somente para saber algo dele real e tangível. Mas outro sorriso tolo apareceu em seu rosto.

— Digamos que se trata de uma capacidade tipicamente masculina para dizer as coisas apropriadas no momento indicado.

— Não me refiro ao que disse — replicou Kitty, —, mas ao modo como disse. Isso foi o que me chamou a atenção. — Para não falar da forma em que ele fizera amor.

Ele a olhou nos olhos, em silêncio.

— Também o ouvi falar desse modo com Yale — acrescentou ela.

— De que modo? — perguntou ele com tom inexpressivo.

— O que está jogando? Por que pretende me enganar? Ou será que para recitar poesia precisa ser perito no engano? Uma boa arma de sedução temo eu, para empregar com os incautos.

— Agora, moça, porque ia eu precisaria seduzi-la nesse momento?

Mas ela não retrocedia.

— Diga-me, é um trapaceiro, um cavalheiro ou um bárbaro? Devo saber.

— Um pouquinho de tudo, moça.

— Um pouco de tudo? Mas qual de todos é o autêntico? — Kitty se afastou novamente dele, fugindo. — Possivelmente, afinal de contas, deveria esperar até superar a tragédia. Fará? Deixará que eu o faça? Na outra noite mencionou Tosquio, assim suponho que sabe grego.

— Um pouco — ele confirmou.

Kitty cruzou os braços.

— E então?

Ele não respondeu imediatamente. Finalmente, disse:

— Em grego?

— Por favor, traduza para o inglês.

Ele a olhava sem parar.

— “Ele ardia em desejo de zombar de uma moça mortal e depois atormentá-la. Um pretendente arrependido de seu amor, pobre moça,

um amargo pretendente”.

Kitty apertava os olhos fechados. Aquilo não podia estar acontecendo outra vez. Já deixara a tortura para trás, fazia anos. Ou acreditava nisso.

Ele, com sua voz tão bonita, tão profunda e suave, encontrou-se novamente com uma frieza gelada.

— “Agora deixei que me afligir por minhas penas.”

Kitty abriu um olho.

Ele a olhou... Desconcertado.

— Este fragmento é...? — perguntou ela.

— Prometeo acorrentado.

— Ah, não sei porque me resulta familiar. Sim, eu o vi representado. É a cena em que Prometeo, acorrentado a uma rocha por toda a eternidade, diz essas palavras à águia que se pousa diante dele para lhe devorar o fígado. É correto?

Ele encolheu os ombros.

— É uma tragédia, moça.

Ela se voltou, lhe dando as costas e levando uma mão à boca. O coração de Leam pulsava tão forte que quase podia ouvi-lo. Ela o conduzira de novo a esse estado.

Era um estúpido ao mostrar a si mesmo desse modo. Ele sabia, e,

entretanto não se importava. Essa formosa e pronta mulher se entregou a ele e queria mais. Ele, por sua parte, queria muito mais. Esperou sentir o que sabia que poderia sentir se ela permitisse. Entretanto, algo o impedia.

No entanto, decidiu falar sem fingir, retomando sua paixão juvenil, a poesia que em um tempo seu coração adorara. Pela primeira vez em sua vida, ele desejou se livrar da língua que falava.

— Fiz loucuras antes — disse Kitty com voz pausada, apesar de estar tremendo, que tremera na noite anterior como se ele se perdesse nela de uma forma total. — Mas isso já faz tempo e não quero repetir a experiência. — Ela se aproximou da porta.

— Não desejo que faça loucuras, moça — disse Leam, cujo escocês parecia agarrar-se a ele. Queria abandoná-lo, mas não podia. E suspeitava por que. Conhecia seus nomes. Seu filho o esperava em Alvamoor para passar as férias. Seu filho, que o chamava de “pai”. Devia manter a farsa com Kitty até que conseguisse partir. Era a única forma de protegê-la do perigo em que quis se meter com ela. Não podia permitir que seu coração se envolvesse. Não podia confiar em seu autocontrole, um autocontrole que o abandonara completamente quando conhecera sua mulher e fizera que se tornasse cego acima de todo o resto. Quando descobriu que ela fora infiel, seu ciúme não

conheceu limites.

Um homem que viu morrer seu próprio irmão, por causa de seus ciúmes por uma mulher infiel, jamais se permitiria amar de novo.

Kitty se voltou para ele, com uma mão na maçaneta da porta.

— Oh! Não precisa se preocupar — disse sem olhá-lo nos olhos. — Já fiz isto antes, você sabe, e é bastante fácil. A gente simplesmente diz adeus e voilà!, Acabou-se a loucura.

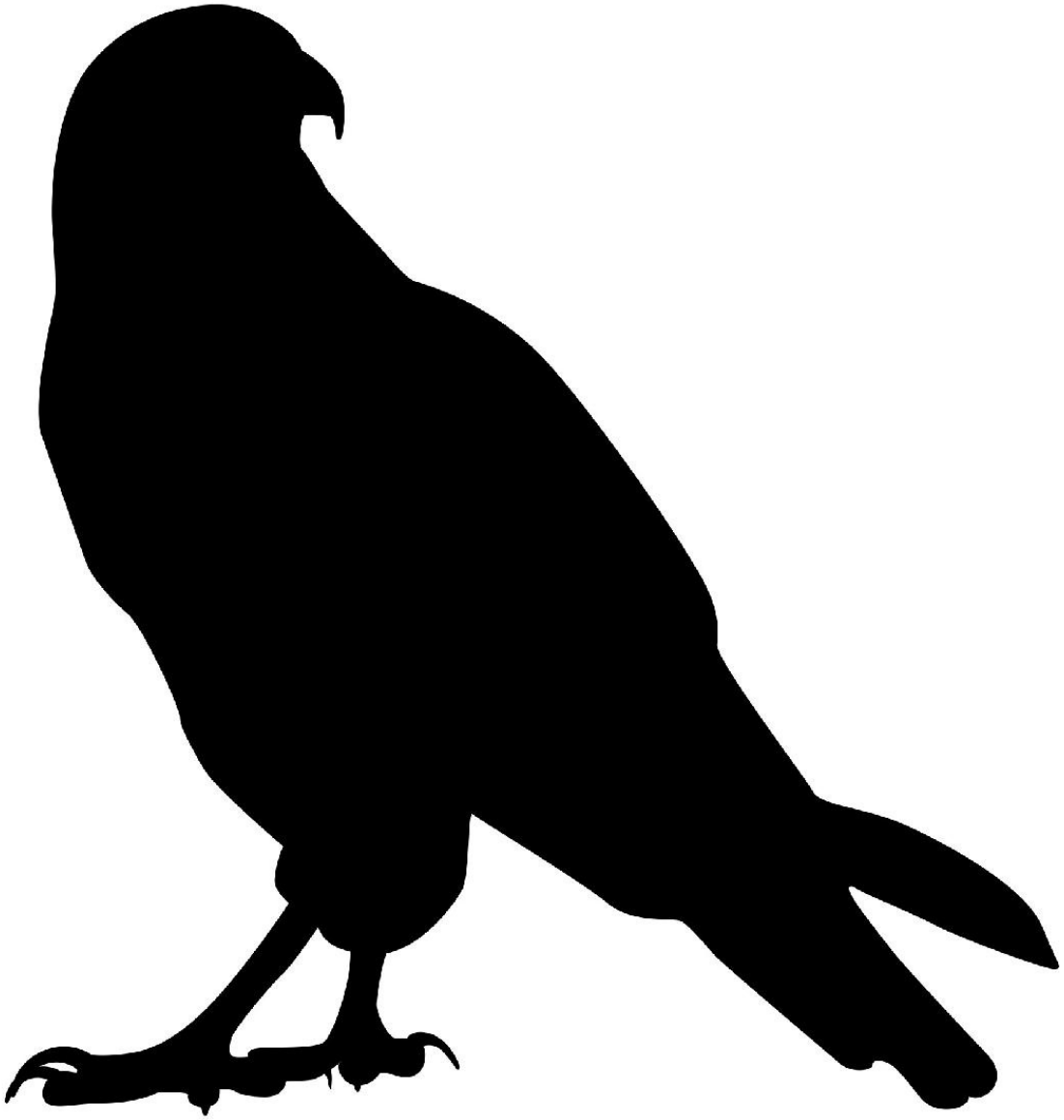
Puxou a maçaneta, mas a porta não se abriu. Leam se aproximou, estendeu uma mão para ela e pegou uma mecha de seus cabelos. Aspirou seu perfume, admirou sua beleza, uma beleza como jamais conhecera. Passou brandamente os dedos pelas costas, pelas bochechas e pelo pescoço, e ela não conseguiu evitar estremecer.

— Por favor, abra — disse ela com voz tensa.

— Kitty...

Leam a abriu, e lhe fez um nó no estômago. Kitty saiu e partiu.

De repente se ouviu um ruído. Ela gritou, voltou-se e caiu sobre um montículo de neve.



12

Leam deu um salto, olhando para os edifícios ao redor.

— Yale! — bramou. — Yale! — ajoelhou-se a seu lado. A neve a rodeava, salpicada de vermelho.

Procurava como enlouquecido. “Meu Deus, por favor, não!”, pensou. Desdobrou a capa em torno dela. Um pequeno círculo de sangue brotava de sua manga e se estendia pelo rasgo do tecido.

Tirou-se o lenço com um puxão, engolindo a saliva pelo pânico.

Onde estava quem havia disparado?

Uma escura sombra se movia em um edifício em frente.

“Maldição”, disse a si mesmo.

— Yale! — gritou novamente.

A porta da estalagem se abriu de repente.

— Dispararam! O tiro veio do norte, leve os cães — ele ordenou.

Yale chamou Hermes e Bella com um assobio, cruzou a rua e os cães saíram correndo da estalagem, direto para ele.

Kitty abriu os olhos. As bochechas e os lábios estavam pálidos. A ferida não parecia importante, mas doeria muito se ele a movesse, precisamente o que devia fazer sem demora.

— Ai, Por Deus. — A voz de Kitty soava mais surpreendida do que

angustiada.

— Meu Deus! — exclamou Leam. Ela estava assim por sua causa.

O disparo era dirigido a ele. O homem que o seguia devia ter o pulso fraco e errara o alvo. — Kitty, minha menina.

— Acredito que dispararam em mim.

— Sim, dispararam. Não se mova, moça.

Com cuidado, levantou-lhe o braço. Ela gritou. Ele deslizou o lenço por baixo, enrolou-o ao redor e o ajustou com força.

— Oh! Deus — ela se queixou fracamente. — Alguma vez deixará de me torturar?

Leam voltou a ajustar o lenço e a pegou nos braços. Levou-a para a selaria cruzando a porta do estábulo. Recostou-a com cuidado apoiando seu cotovelo em um banco enquanto ela respirava agitadamente e apertava os olhos e a boca. Ele agarrou uma manta, que cheirava a cavalo, e a colocou sobre seus ombros, depois colocou um balde vazio a seu lado.

— Deveria estar zangada e com razão.

— É certo, então sabe o que aconteceu? — disse ela a contra gosto.

— Sim. — Ele ficou de pé. — Fique aqui.

Aproximou-se da porta e saiu para olhar o pátio. O pistoleiro

fugira, mas podia ter um cúmplice, embora não parecesse. Nem sequer disparara outra vez.

Lady Emily e a senhora Milch apareceram na porta da estalagem.

— Vão para dentro — gritou Leam.

Elas se retiraram e a porta se fechou.

Yale apareceu entre os edifícios ao redor, movia-se rápido e Hermes o seguia de perto.

— Alguém fugiu em uma barcaça do outro lado do dique dos castores, mas não sei se é quem disparou — disse enquanto se aproximava. — Bella está rastreando a borda. Irei a cavalo.

— Não. — Ele ficou ao lado do galês e o galgo para entrar e fechou de repente a porta. — Não conhecemos o terreno.

— Tampouco sabemos se está sozinho — acrescentou Yale guardando-a pistola no bolso do casaco. — Tire-o e pendura-o, Leam.

— Yale! — Leam se aproximou de Kitty. Estava com as pernas recolhidas, como a deixara. — Perdão, meu amigo às vezes é um imprudente.

— Ouvi como se zangava, milorde. Ele também pode fazê-lo. — Ela o olhou imóvel enquanto ele se abaixava a seu lado e lhe afastava a manta. O lenço absorvera parte do sangue do vestido mas somente um pouco de sangue fresco transpassara. A ferida era somente um corte.

O pistoleiro não tinha a intenção atirar nela e possivelmente se arrependeu no último momento. Mas o nó no estômago de Leam não se desfaria.

— Precisaremos ver bem a ferida, moça. E você pode suportar tudo, eu...

— Milorde, me dei conta de que a você e Yale não se surpreenderam muito que alguém tenha disparado faz um momento.

— Sua voz soou tremente.

— Nada, absolutamente.

— Senhor, já falamos sobre tolices. Por favor, recorda-se.

— Vocês dois têm conversações interessantes — disse Yale.

Leam o fulminou com o olhar. Depois olhou para trás àquela formosa dama sentada em um banco de palha por sua culpa.

— Milady.

— Vai me dizer agora o que está acontecendo aqui? O...

— Ou o quê? — Seu gênio se avivava. — Irá correr atrás do pistoleiro e perguntará a ele?

— Algumas mulheres têm mais cabelo do que cérebro — murmurou Yale.

— Agradecerei que se mantenha a margem disto, seu tolo. Se insultar a dama outra vez, surrarei você.

— Duas vezes em uma semana? Adula-me com seus cuidados, velho amigo.

— Farei quando tiver terminado com isto.

— Eu diria que já terminou. — A voz dela era cortante, mas a tensão era notada em seus carnudos lábios e em seus preciosos olhos.

— Moça, vou levá-la até a estalagem. Agradeceria que não protestasse.

— Importa se eu protestar?

— Sim.

Ela deixou que ele a agarrasse, se aconchegou em seu peito e lhe rodeou o pescoço com seu braço. Mas afastou o rosto. Ele podia cheirá-la, senti-la e desejá-la, e agora estava zangado consigo mesmo por sua imprudência. Bella apareceu e Yale cruzou depressa o pátio enquanto os cães procuravam pelos edifícios próximos. Leam esperou na entrada até que o galês chamou, com uma mão na arma que tinha no bolso. A porta se abriu. Leam a cruzou.

Os outros caminhavam pelo vestíbulo.

— Graças a Deus!

— Kitty. Santo céu! Ela está bem?

— Sim, senhorita, foi somente um arranhão. — Leam a depositou no sofá.

— Alguém disparou em mim, Marie — disse Kitty com tranquilidade. — Tome cuidado hoje, quando passear pelo pátio.

— Dispararam em você! A senhora Milch me disse isso, mas eu não podia acreditar. Oh! Kitty. Porque demônios quereria alguém atacá-la? E quem?

— Não sei. Mas possivelmente não eu era seu objetivo.

A mulher do hospedeiro trouxe uma manta e lady Emily a agasalhou.

— Milch — disse Yale, — sua senhoria necessita água fervendo, tesouras afiadas, ataduras e bálsamo se você tiver algum.

— Eu tenho algum em minha bolsa — disse Leam.

Yale se dirigiu às escadas.

— Lorde Blackwood carrega um bálsamo para feridas em sua bagagem? E por que motivo?

— Eu diria que sua vida perigosa o faz ter arranhões frequentemente. — Agora as bochechas de Kitty estavam cinza. Milch parecia ter ido procurar provisões. Leam se inclinou e empilhou os troncos na lareira.

— Milorde, é melhor que os cavalheiros não façam essas coisas — disse a senhora Milch com voz entrecortada. Ao que parece, não havia muitos disparos nesse pequeno povoado de Shropshire.

— Senhora, para a milady agora viria bem uma taça de chá e algumas bolachas — disse Leam.

— De acordo, milorde.

— Kitty — disse lady Emily sacudindo a cabeça. — Temo que não sei nada sobre como tratar feridas. Mas tampouco sei se a senhora Milch seria mais útil, já que desmaiou quando a viu na neve. Precisei reanimá-la com sais aromáticos.

— Não são muitas suscetibilidades para a classe trabalhadora? — perguntou Yale com ironia, trazendo o bálsamo. — Mas não precisa se preocupar, Blackwood é um expert fazendo bandagens.

— Senhor — interveio Cox com formalidade. — Não acredito que isso seja totalmente adequado. Lady Katherine deveria ser transladada ao seu quarto e ser atendida pelas mulheres.

Yale esboçou um sorriso zombeteiro.

— Tenho certeza de que não há nenhuma razão para fazê-lo, senhor Cox — disse lady Emily. — Se lorde Blackwood for aquele que melhor pode fazer essa tarefa, certas formalidades insignificantes não devem permitir que lady Katherine corra algum perigo.

— Ela não corre perigo, senhorita — adicionou Leam, ficando de cócoras ao lado de Kitty. Não, com ele sentado a seu lado, isso não aconteceria.

— Estou somente um pouco incomodada — disse Kitty reclinando-se sobre ele e acrescentou em voz baixa: — Doerá?

— Não mais que um pequeno beliscão.

— Então porque não acredito em você? — Ela olhou os ombros e depois lhe acariciou o peito com seu olhar.

— Eu ainda sustento que isto não é correto — acrescentou Cox, agora com um tom mais enérgico. — Tampouco é correto que um cavalheiro esteja brincando de babá, nem que uma dama esteja exposta ao público.

— Senhor, gostaria de uma taça de chá? — A senhora Milch lhe apontava o salão.

— Assim é Cox — murmurou Yale. — Vá e a exposição será muito menos pública. Lady Marie Antoine, uma taça de chá?

Um dos cães alcançou as bolachas e comeu todas.

— Então, senhora, você deverá voltar a demonstrar sua habilidade para fazer doces.

— Senhor, suas falsas adulações não poderão melhorar a opinião que tenho sobre você.

— Mas é verdade, o pão estava muito bom — replicou Yale. Ambos se aproximaram da mesa. Lady Emily olhava para trás preocupada.

— Preciso cortar a manga — disse Leam em voz baixa.

— Então vai ficar com uma parte, em vez de todo o vestido? — perguntou Kitty com os olhos brilhantes.

— Me deixe ver — respondeu Leam sorridente e colocou as tesouras no tecido.

— Temo que planejou tudo. — Ela o olhava enquanto ele cortava.

— Ao final, não suportava precisar renunciar a este vestido. Mas agora somente terá uma parte. Uma parte rasgada.

Sorrindo, Leam lhe levantou o braço com cuidado e tirou a maltratada manga. Colocou a manta ao redor de sua mão. Ela possuía uma pele bonita, pálida e suave como um amanhecer invernal em Lodainn. Ele queria tocar cada centímetro dessa pele, beijar cada sedosa concavidade e cada curva.

— Sim, mas esta parte de tecido guarda o tesouro de uma dama de sangue azul.

— Se me recitar poesia agora, milorde, começarei a gritar.

— Você me inspira Kitty Savege. — E assim era. Até a medula de seus ossos. — Suponho que isto deva doer. Embora pareça uma ferida superficial é muito dolorosa.

Kitty apertava os lábios enquanto olhava a ferida.

— Não olhe — ele lhe pediu.

— Não desmaiarei. Não sou uma dona de pousada de Shropshire.

Ele a olhou com seus escuros olhos e, como sempre, Kitty não conseguiu afastar o olhar.

— Não. Você é uma dama. — Com o máximo cuidado ele aplicou alguns toques de bálsamo diretamente sobre a ferida.

Ela não devia se surpreender. Assombrava-a cada instante.

— Lorde Blackwood, onde aprendeu a fazer curativos?

— Na Índia, lady Katherine.

— Admirável — respondeu, para ocultar a satisfação que lhe brindava em cada pequeno detalhe, o que lhe parecia tão natural quanto respirar. E tão imprudente como respirar fogo. — Teve algum ajudante para fazer tantas coisas ao mesmo tempo?

— Passei onze anos, moça. E não tive ninguém.

Seu irmão e sua mulher haviam falecido em uma década. Mas tinha seu filho. É obvio, alguns homens se preocupam pouco por seus filhos, como o próprio pai de Kitty.

Ele pegou uma parte de linho limpo para lhe enfaixar o braço, enquanto lhe roçava o seio com uma mão como se nada fosse. E como se não se desse conta de que Kitty estava completamente acordada.

Suas mãos se detiveram.

— Então terminou?

— Sim. Agora se encontrará melhor. — Cobriu-lhe o braço com a

manta, ficou de pé e se afastou.

Mas ela não se encontrava melhor. Ele a desconcertava mantinha-a entre o prazer e a frustração.

Kitty não entendia, Leam Blackwood. Um homem disparara nela, ao que parece tentando disparar nele. O conde não lhe explicaria a verdade sobre a poesia, nem sobre o pistoleiro, nem nada disso. Levianamente, parecia o homem mais simples, de bom caráter e um pouco indolente, sempre presente com seus enormes cães. Mas ela temia que ocultasse algo muito importante, atrás de seu rude sotaque e seus escuros e penetrantes olhos.

Sentia-se zangada e ferida, apaixonada e confusa. O homem que lhe causava tudo aquilo parecia completamente incorrigível. Ao final, o que restaria de seu sonho em uma estalagem perdida de Shropshire não parecia prometer muito.

Na manhã seguinte, cedo, depois de uma noite agitada em que lhe doeram terrivelmente o braço e outra parte mais interna, a estadia de Kitty na estalagem de repente foi cortada.

Madame Roche apareceu na porta, com a capa cheia de neve, com manchas rosadas nas bochechas e seu incrível sotaque francês de sempre. Usava seu cabelo negro com reflexos prateados, recolhido sob um chapéu de tafetá violeta e plumas de avestruz tingidas. Seu vestido

era extremamente inapropriado tanto para viajar como para a temporada, com mangas curtas abalonadas e um tule drapeado, salpicado de diminutas lentejoulas douradas e negras.

Elevou seus impertinentes olhos, para estudar a sala e o salão, e com uma pequena aspiração disse:

— Bon.

— A carruagem do correio chegou ao amanhecer desta manhã — explicou Yale, que entrou e lhe ajudou a tirar o casaco. — Blackwood enviou Cox à granja. Ele nos contou isso e os encontramos. E agora estamos rodeados de damas. — Sorriu e saiu para receber outras duas mulheres.

— Estamos muito contentes de que esteja bem. — Kitty se aproximou e segurou as mãos da madame Roche, enquanto sorria para sua donzela e para a de Emily.

— Bon Dieu, lady Katrine, está pálida! — A mulher francesa segurou a mão de Kitty e com a outra estalou para chamar as criadas.

— Vão, vão, filles preguiçosas! Deve haver brandy para preparar água de rosas. Tout de suíte! — Levou Kitty para a escada. — E o vestido, Hélas, os vestidos! Venha ma petite! — Voltou a estalar os dedos diante de Emily.

— Lady Marie Antoine — disse em voz baixa o galês — tem os

serviçais mais estranhos.

— Sim. Mas são muito bons para mim.

Kitty olhou para trás. O conde entrou, carregava com uma chapeleira e outro pacote da segunda carruagem. Ela se voltou e correu pela escada acima. Parecia que não podia esperar nem um momento para colocar um vestido limpo.

Se uma mulher mortal havia sido criada para tentar um homem mortal, então Leam era o primeiro na fila dos pecadores.

Ela apareceu para o almoço com um elegante vestido rosa e marfim que acentuava suas curvas, seu cabelo reluzente ligeiramente arrumado com forquilhas que ele havia tirado uma vez. Kitty reluzia como uma deusa pela sala. Ele preferia vê-la sem nada em cima e com o cabelo solto sobre os ombros; durante da interminável noite estivera pensando naquelas curvas e esforçando-se para não ir chamar a sua porta, embora certamente ela lhe teria rechaçado.

Escapou, de novo, se lançou à fria neve, mas desta vez não ia dar nenhum uso em especial. Fingia procurar a quem disparara. Sabia perfeitamente que esse tipo já se foi fazia muito. Esses homens sabiam se proteger bem; os cães procuraram muito pelo povoado na noite anterior e não encontraram nada.

Cox partira antes do amanhecer, inclusive antes que a carruagem

do correio chegasse, alegando que teria uma entrevista inadiável. Pen, que estava vigiando nesse momento, disse que ele saíra rumo ao este. Yale ficou pálido quando soube. Ao que parecia, ele estava fora do salão quando o atacante havia disparado. De toda a maneira, Leam abriu caminho por entre os montículos de neve que chegavam aos joelhos, ao atravessar o rio seus pés eram blocos de gelo e o nariz e a cabeça estavam congeladas. Ao menos os cães faziam exercício. Cox bem podia ser o tipo que o perseguia e o que tentou disparar nele. Ou, possivelmente não. Leam somente suspeitara dele porque havia paquerado com Kitty. Porque ele queria monopolizar toda sua atenção.

Por Deus, deixar de ser um agente da coroa era algo bom.

Francamente, não o havia pensado. Do momento em que Kitty Savege o beijara dois dias antes não estivera em sã consciência. Ele não levava à cama damas respeitáveis, inclusive às que já possuíam amantes. Tampouco as levava até as paredes de um estábulo para tocá-las. A mera ideia de que algum descarado fizesse para suas irmãs ou a sua prima Constance o levava a empunhar sua pistola.

Ele a colocara em perigo. Agora a deixaria tranquila, igual à deixara na última noite, com grande esforço de sua parte. Assim que pudesse falaria com ela.

Deu a volta pela ferraria e voltou para a estalagem pela parte dos

fundos do pátio. Encontrou os hóspedes no salão. Wyn estava apoiado na lareira, fazendo de conta que dormia. Sua atitude nunca enganava Leam. O galês estava tão alerta quanto ele, com um assassino rondando. Também fingindo ler, madame Roche olhava de esguelha para Yale com supremo interesse. Lady Emily estava sentada imersa em um livro, como sempre.

Kitty remexia uma taça de chá. Levantou as escuras pestanas, seus olhos cinza tão expressivos como foram na intimidade de seu quarto e no estábulo quando se despediu dele. Igual fizera antes com outros homens, dissera ela.

— Lady Katherine — disse ele pigarreando, — pode me dedicar um momento antes da tarde? — Apontou-lhe a capa que levava no braço.

Ela se levantou e foi até ele, que lhe colocou a capa sobre os ombros. O roçar de seus dedos enquanto lhe segurava a gola foi diretamente à virilha de Leam.

— A sós?

Ele assentiu.

A francesa olhava sem disfarçar. Leam indicou para Kitty que saísse, na frente dele. Empurrou a pesada porta para fechá-la e a seguiu pelo ângulo ensolarado que cruzava o alpendre sob o terraço, onde um milhão de pulsares antes tivera seu primeiro contato com ela,

e descobrira seus olhos cinza. Os pedaços de gelo formavam uma cortina sobre sua cabeça e ela levantou o rosto para olhá-lo.

— Afinal decidiu me explicar a verdade? — Ela disse sem preâmbulos e todas suas suaves curvas convergiram com sua mente inteligente. Ele observou sua preciosa face, era tão bonita que os anjos poderiam tê-la esculpido em uma parte do céu.

— Não.

— Pensei que minha posição com respeito isto havia ficado clara ontem à tarde, milorde. Dirá a verdade sobre o disparo, sobre a poesia e todo o resto, ou não saberá mais nada de mim.

Ele não conseguiu lhe responder.

— Bem, então... — Ela ficou tensa. — Não posso imaginar o que é que me deve dizer que precise de tanta privacidade.

A ira se apoderou dele. Ela insistira de não era uma colegial. Seu toque na escuridão da noite provara isto. Mas, por Deus, ela se entregara a qualquer outro descarado antes dele. Pelo menos a um que Leam já conhecia.

— Moça. — Ele se aproximou. Não havia outra forma de dizer algo assim. — Se esperar uma criança, eu me encarregarei de você.

Somente precisa me dizer isso, ele lhe disse em escocês.

A julgar pelo intenso brilho de seus olhos, parecia que

possivelmente ele escolhera a forma mais equivocada de dizer.

— É muito galante de sua parte, milorde, diria que devo me sentir consolada. Mas não tem nada pelo que se preocupar. — Ela se dirigiu para a porta lhe roçando ao passar. Ele a segurou com cuidado pelo braço saudável. Ela parou. Sua boca voluptuosa se manteve distante, mas seus olhos não ocultavam sua emoção. Ele agora sabia que ela não revelaria essa debilidade. Leam sentiu um ardor no estômago. Possivelmente ela não era a moça que ele havia imaginado.

— Não tive a intenção de insultá-la, moça.

— Não posso entender que ideia tem do que eu penso.

Custou-lhe engolir a saliva. Ela não fazia nem ideia de como um homem podia ser cativado por um olhar, uma vulnerabilidade encoberta, por uma lucidez sofisticada. Que desejasse ficar de joelhos e se declarar a ela.

Ele abriu a boca para lhe responder. Mas ela falou antes.

— Não posso ter crianças. — Ela evitou seu olhar voltando-se para a camada branca de neve. — Não posso, embora tenha sido tola e descuidada. Na realidade, muito tola. — Parecia extremamente preocupada por isso. Leam se sentiu tão mal como fazia cinco anos, quando esteve perdido em Bengala, com uma bala de chumbo no ombro e com febre pelo calor da selva.

— É isto — ele disse.

— Sim. Agora sabe. Tão claramente que não deverá se preocupar por nada. — Ela deu um passo para ir, mas ele a segurou com firmeza.

— Não me preocupo. — Ela ficou petrificada. Seu estômago começou a doer. Mas agora, muito mais, porque ele não precisava se preocupar e se deu conta de que possivelmente ele desejasse.

Ela somente o olhava estranhando, como se ele houvesse dito algo desconjurado, mas não tão grave.

Desta vez afastou o braço com firmeza, com controle e compostura, e com indolência. O irmão de Leam, James, aperfeiçoara esta desenvoltura e não era mais velho do que esta mulher.

Ele viu como ela partia. Não podia segui-la. Conseguira uma trégua que não merecia.

Ele franziu o sobrecenho. Assim eram os tolos imaturos.

Mas ele desejava tocá-la. Desejava seu corpo, sua boca, ansiava colocar a língua nela até fazê-la gemer. Não teve o bastante dela.

Desejava mais. Queria recitar a maldita poesia em seus seis idiomas.

Queria-a tão desesperadamente que não conseguia gostar das palavras, de suas reações, de seu olhar úmido.

Ao que parece, ela se desfizera de Poole sem olhares.

Possivelmente de outro homem também. Ela dizia que fora

imprudente.

Um repico no ombro tirou Leam de seu atordoamento. Algumas gotinhas de água formavam um atoleiro em seu capote e caíam cada vez mais rápido. O degelo começara. Ele estava com os punhos fechados.

Onde estava aquele serviçal galês quando precisava dele?

— Tracei um plano d’attaque! — anunciou madame Roche em voz muito alta com um perfumado lenço floreado nas pontas dos pés. Sentada no sofá com sua teatral pose, toda em branco e negro, com as bochechas e os lábios vermelhos. Rondava os cinquenta, era uma mulher bonita, viúva de quatro maridos.

Lorde Blackwood entrou pelos fundos do vestíbulo. Kitty falou tratando de não cair na tentação de olhá-lo.

— Um plano de ataque para que possamos voltar a nos colocar a caminho, madame? — Perguntou sem pegar sua taça de chá. Não confiava na estabilidade de suas mãos e em todo caso o chá se esfriaria enquanto ele a pedia em matrimônio se fosse necessário e ela prodigalizaria em voz alta seu segredo pela primeira vez. O segredo que somente Lambert Poole conhecia. Quando soube que era estéril, ainda muito zangada e vingativa, agradeceu; assim, nenhuma gravidez inconveniente a afastaria da sociedade. E ela poderia continuar

obtendo informação sobre ele sem inquietar-se.

Naquele momento lhe parecera ideal, porque então ignorava a dor interna que lhe explicava o muito equivocada que estava. Agora se sentia enojada pela mulher que fora.

— Oh! Não, não, lady Katharine! Os cavalheiros farão isso manhã pela manhã, não é assim, senhores?

O conde assentiu.

— Será um grande prazer — disse Yale.

— São tão amáveis estes cavalheiros. E muito bonitos! Por isso risquei mon plano.

— Clarice — interveio Emily afastando o livro que estava lendo, — de que demônio está falando?

— Somente disto: iremos todos juntos para Willows Hall, onde sua senhoria e monsieur Yale a cortejarão diligentemente, lhe fazendo a corte com descaramento, com bonitas palavras e gestos, até que seus pais desistam dos planos inconcebíveis de casá-la com le Gros canard, Warts More. — Madame cruzou os braços em cima de seu peito, muito satisfeita.

O senhor Yale empalideceu.

— O senhor Worthmore é na verdade um pato gordo? — perguntou Emily sem pestanejar.

— Mas oui! Todos os homens que triplicam sua idade e querem se casar com você, ma petite, são uns patos gordos. E ele é... Como se diz? Um dandi! Com o pescoço até aqui em cima. — sacudiu-se o queixo com os dedos. — O que lhes parece meu plano?

— Não conte comigo — disse Emily voltando a concentrar-se em seu livro. — Toda a sociedade sabe que lorde Blackwood nunca voltará a se casar pela trágica perda de sua jovem esposa depois de nascido seu filho, e do senhor Yale eu não gosto.

— Você é muito modesta, senhora — a voz de Yale soou sincera.

— E ele não gosta de mim.

— De toda a maneira, agora careço de recursos para me casar.

— Não importa. Meu dote é realmente esplêndido. Meus pais querem me dar uma estabilidade.

— Não, não, senhor! Ma petite! — Madame Roche levantou o dedo indicador e deu dois golpes sobre a mesa com um estalo da unha. — Ninguém vai se casar. Tão somente será, como se diz? Uma simulação.

— Para fazer uma pantomima, Clarice?

— Oui. Uma pantomima. Seus pais enviarão longe ao Le Gros canard e você e eu, Emily, retornaremos para Londres, onde você poderá escolher entre todos os cavalheiros que lhe admiram.

— Meus pais são bastante vaidosos — disse Emily deixando o

livro, — e admiram as pessoas que possuem grandes carruagens e roupas de valor. O que vocês têm? Eles não levariam em conta um pretendente que carecesse de posses ou de um imóvel importante, ou ao menos alguns ganhos folgados. Lorde Blackwood é bastante rico, mas o senhor Yale não tem dinheiro.

— Eu disse, “por enquanto”.

— Bem, então está disposto a me pretender ou não? — Emily o olhou franzindo o cenho.

Ele arqueou as sobrancelhas.

Kitty sentia náuseas. O conde parecia estudar os tabuões do chão. A ideia do matrimônio com não o desagradara. Havia pensado falsamente e, um pouco mais alarmante, lhe resultar prazenteira. Ele teria devotado o mesmo a cada mulher com a qual fizera amor desde a morte de sua esposa, apesar da promessa de não se casar? Também lhes teria recitado poesia?

Kitty voltou a sentir uma sensação de enjôo muito mais intensa, agora lhe subia do peito.

— Então, todos de acordo. Monsieur Yale e monseigneur Blackwood serão galants extraordinaires. — A francesa bateu algumas palmas. — Como vamos os divertir!

O senhor Yale se recostou, fechou os olhos e pressionou o

tabique do nariz com dois dedos.

— Se o fizer — lhe disse Emily, — é possível que eu o tenha em mais alta consideração. Seria um gesto desinteressado e demonstraria que não se move somente por vaidade.

— Sou todo gratidão, milady. — Ele entreabriu um olho.

— Você é um narcisista contumaz — disse Emily, mas sua voz carecia de sua convicção habitual. — Entretanto, mesmo assim, apreciarei sua ajuda. E a de lorde Blackwood. — Nesse momento soava tão jovem quanto insegura, Kitty nunca a ouviu falar assim.

— Não permitiremos que a obriguem a um matrimônio inaceitável, Marie — disse Kitty tomando as mãos de sua amiga entre as suas. — Faremos tudo o que esteja em nossas mãos, não é verdade, cavalheiros?

Yale assentiu de sua cadeira:

— A seus pés, lady Katherine.

Ela se encheu de coragem e cruzou um olhar com o conde.

Depois ele se apoiou no suporte da lareira, com os olhos penetrantes.

Um torvelinho de ar frio atravessou o salão, avivando as chamas da lareira. O senhor Pen entrou dando fortes pisadas na sala; sua rude face papuda estava gelada.

— O caminho já é transitável, senhorita. Faz um quarto de hora

que apareceu uma carruagem de seis cavalos. O cocheiro disse que o caminho está bom para chegar até Oswestry.

— Oswestry? Tão longe? — A voz de Emily ainda não se recuperara.

— O degelo está sendo bastante rápido. Seria melhor que partíssemos agora antes que se formem atoleiros no meio-fio. Irei eu mesmo para desenganchar os animais para que possamos chegar em Willows Hall esta noite. — Voltou a partir dando fortes pisadas.

— Bon. — Um sorriso apareceu no rosto de madame Roche.

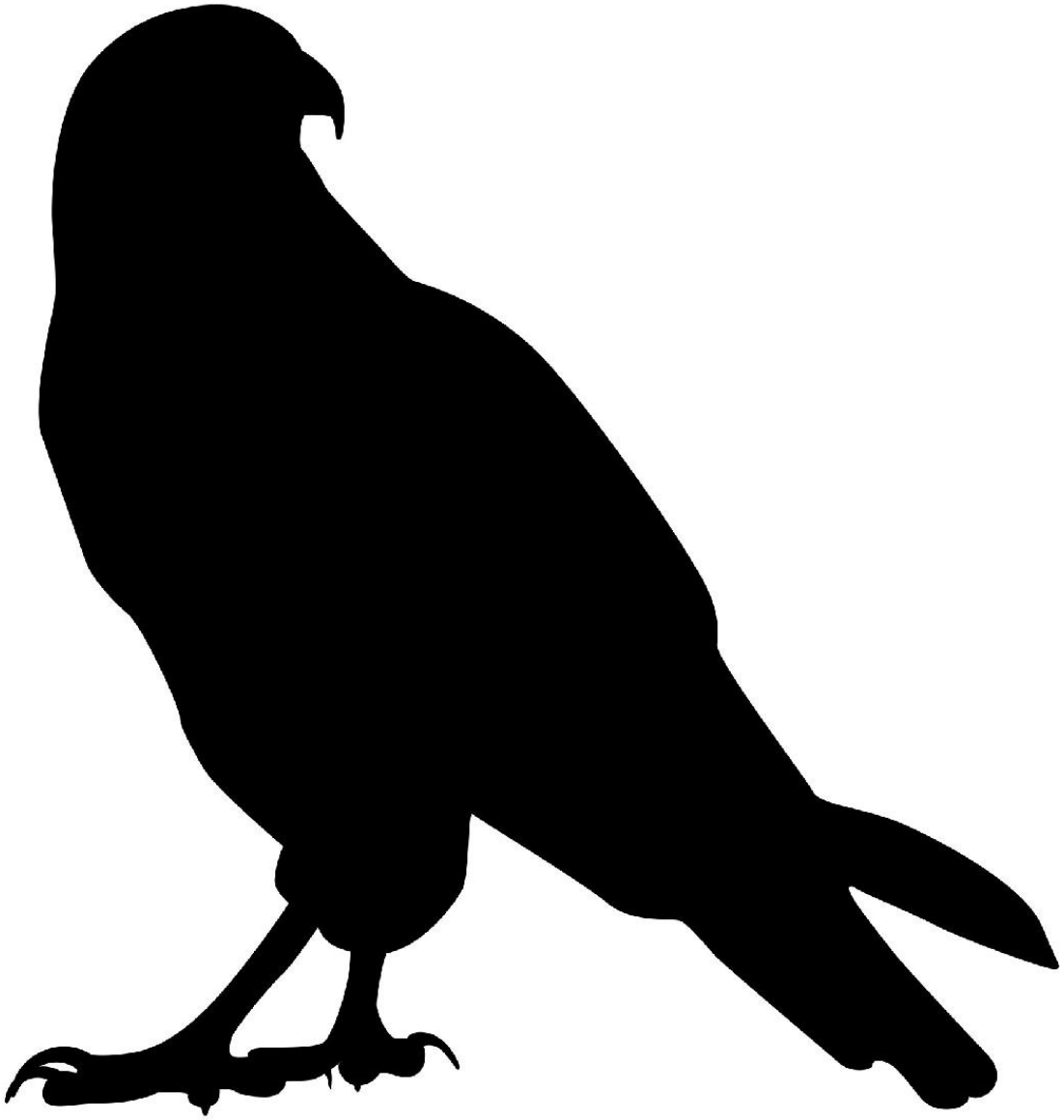
—Então agora começará o plano do cortejo! Os bonitos cavalheiros se apaixonarão por Ma petite diante dos olhos de seus pais e tudo sairá bem.

— Bom, suponho que devemos preparar nossa bagagem — disse Emily enquanto soltava as mãos de Kitty e se dirigia à escada para cumprir com seu objetivo.

Kitty a seguiu, imaginando que o conde a olhava e desejando não ver-se obrigada a vê-lo flertar com outra mulher, embora fosse sua amiga e tudo fosse uma montagem.

Especialmente uma montagem.

Seu idílico Natal acabou. Sua fantasia de escapar havia terminado sem ninguém mais ferido do que ela mesma.



13

Willows Hall se erguia no alto de uma suave colina, a menos de oito quilômetros da cidade e do castelo de Shrewsbury, e a só três, da pequena estalagem em que Kitty passara o Natal fazendo amor com um escocês exasperante. Aquele sólido edifício de pedra cinza, com uma única janela estilo Tudor sobre a entrada e um pórtico bem proporcionado, de colunas e corrimões de pedra calcária, resultava muito simples para ser dos pais de Emily, tão interessados de sempre estar na moda.

A carruagem percorreu o caminho circular de acesso. O parque se estendia pela costa entre bosques de carvalhos e salgueiros. Para o sul da mansão se estendia um jardim escalonado, coberto de neve, somente perceptível pela presença de uma fonte e uma coleção de esculturas que apareciam ao longe, o amplo leito do rio Severn refulgia em seu lento percurso para o sudeste.

Enquanto Pen as ajudava a descer da carruagem e os cavalheiros desmontavam, seis meninas, vestidas todas com saias e aventais vaporosos, e por ordem da maior para a menor em estatura e idade, saíram em corrida, da casa, escorregando pela neve meio derretida dos degraus, entre exclamações de regozijo. Todas menos uma possuíam o

cabelo encaracolado e de um encantador tom dourado pálido, igual a Emily; a sexta garota, ao contrário, que parecia a mais velha, possuía o seu da cor do fogo.

— Irmãzinha!

— Emily!

— Está em casa!

— Reesey!

— Hurra!

— Oh! Madame!

Começaram a dar voltas em torno de Emily e a de sua companheira, as agarrando pela cintura e nas pernas, em uma massa branca e dourada, de braços e sorrisos.

— Que jogos de anáguas! — murmurou Yale às costas de lorde Blackwood.

— Controle-se, guri!

— Atrevo-me a dizer que especialmente aquela ruiva.

— Muito especialmente.

Kitty, irritada, afastou-se para não ouvir a voz inconfundível do conde. Falava com seu amigo como se fosse inglês. Isso deveria enfurecê-la. Entretanto, sentia-se simplesmente doída. Desta vez, sua habilidade para escutar o que não devia lhe fazia um fraco favor.

Os pais de Emily apareceram no alto da escada. Formavam um casal elegante. Lorde Vale tinha uns dez anos mais que sua jovem esposa; embora, sem dúvida, em outros tempos tiver uma compleição atlética, agora estava deteriorado; vestia de ponta em branco, com a gola até as orelhas, uma jaqueta com colete e grandes botões dourados. Depois de fazer uma reverência, cedeu passagem a sua esposa. Lady Vale estendeu suas mãos diminutas, cobertas de renda italiana com incrustações de pedraria, e tomou as de Kitty.

— Queridíssima lady Katherine, como nos alegramos com sua visita!

Kitty, afundada por um momento em uma nuvem de cachos pálidos, organza e aroma de lírios, deixou que sua anfitriã a beijasse na bochecha.

— Vocês possuem uma casa linda! Você gosta da neve?

— Na verdade: é bastante ruim. Mas lorde Vale se ocupa para que eu me sinta feliz.

Em geral, para Kitty a mãe de Emily lhe parecia uma mulher de poucas luzes, julgamento escasso e pobre conversação. Ao que parecia, sua única habilidade era adorar a seu adorável marido. Entretanto, pareciam estar tão apaixonados um do outro como de suas filhas, que eram seu vivo retrato, por isso ela os admirava. Eram

pessoas honradas.

Emily subiu a escada.

— Olá, papai. Mamãe. — Deixou-se abraçar por sua mãe.

— Minha querida Emily! E, madame Roche, é obvio. — Lady Vale saudou com uma inclinação de cabeça à veterana e chamativa empregada francesa.

Emily entrou na casa seguida pelas pequenas e sua amiga, deixando para trás sua irmã ruiva. A moça se atrasava dirigindo tímidos olhares aos cavalheiros, que seguiam os criados que conduziam suas bagagens pela escada.

— Milorde e milady — disse Kitty, — permita-me que os apresente ao conde de Blackwood e ao senhor Yale? Conhecemo-nos pelo caminho e tiveram a gentileza de nos acompanhar até aqui.

— Oh! Por Deus! Não me digam que vão seguir seu caminho hoje mesmo — disse lady Vale com uma piscada. — O lorde Vale agradaria tê-los como convidados.

— E confio em que não seja somente por esta noite — acrescentou lorde Vale com uma reverência. — Estou a muitos dias encerrado nesta casa com sete mulheres e agora ainda serão mais, com todo meu respeito, lady Katherine. — Voltou a inclinar-se e Kitty ouviu o característico rangido do espartilho. — Minha única companhia é o

senhor Worthmore. Alegrarei-me de contar com um terceiro e um quarto cavalheiro na mesa. Além disso, lorde Blackwood sei que você é um excelente jogador de cartas.

— Será um prazer. Obrigado, senhor. Obrigado, milady. — O conde se inclinou ante lady Vale. Nada de espartilhos. Era puro nervo e músculo. Kitty sabia muito bem.

Depois de desembaraçar-se dos casacos e capas, entraram em um salão muito quente, decorado à última moda, com papel pintado de listras brancas e amarelas, cadeiras com pés em forma de garras e mesas com viés dourados. Kitty agradeceu o calor excessivo da sala e se aproximou o mais possível à lareira. Deste modo, a cor vermelha de suas bochechas poderia ser atribuída ao fogo e talvez não notassem o calor que sacudia suas vísceras ao se recordar do corpo nu dele.

Madame Roche e Emily apareceram na porta seguidas por um cavalheiro.

— Ah, Worthmore! Aproxime-se para conhecer nossos convidados.

— Papai, ele também é um convidado. — Emily entrou rapidamente na sala.

O senhor Worthmore a seguiu com seus olhos redondos e saltados. Seu aspecto, pelo resto, era discreto. Estava um pouco entrado em anos e não era, em nada, tão atraente quanto seus amigos;

entretanto, também se vestia com elegância, com uma reluzentes gola alta debruada de branco e um monóculo de ouro pendurando do bolso do colete, que brilhava, com incrustações de diamante.

— Emily, se aproxime e faça uma reverência ao senhor Worthmore — disse seu pai com amabilidade, mas em tom firme. — Você e ele precisam se conhecer melhor.

Ela voltou a cruzar a estadia até o senhor Worthmore.

Yale a seguiu.

Madame Roche sorriu como uma gata, e olhou de esguelha para lorde Blackwood.

Deste modo começaria a comédia. Kitty desejava fugir, mas uma intensa fascinação a reteve. O conde continuaria o jogo, e ela precisava ficar e olhar como ele enganava a todos, igual fizear com ela.

— Como está você, senhor? — Emily fez uma reverência. O senhor Worthmore pegou sua mão e a aproximou da boca. Ela fez uma careta de desagrado com o nariz e apertou sua fina mandíbula.

— Minha estimada, seus pais me falaram tanto de sua beleza...

Sou um fervente admirador dela.

— Worthmore, encantado, meu nome é Yale. — Yale lhe estendeu a mão e o senhor Worthmore precisou deixar de acariciar os dedos de Emily para estreitar lhe Com um gesto discreto, Emily esfregou a mão

na saia.

O senhor Worthmore olhou com atenção ao atraente galês de cima abaixo.

— Que tal está senhor? O que o traz até Willows Hall?

Yale tomou ar de forma notória e disse com um tom bastante firme:

— Já que pergunta... É por lady Mary Antoine. Entre ela e eu surgiu certo afeto e me desagrada a ideia de que você se interponha.

Lady Vale deu um salto.

Lorde Vale engasgou.

Madame Roche riu internamente.

Lorde Blackwood conseguiu ouvir uma risadinha.

Os olhos redondos do senhor Worthmore se tornaram ainda mais redondos enquanto escrutinava a cada um dos presentes na reunião.

— E quem é essa tal lady Marie Antoine? — perguntou.

— Foi para morrer de rir. Nunca esquecerei sua cara. — Kitty se sentou diante da penteadeira para recolher o cabelo em uma trança antes de se deitar.

— Parece um peixe. Além disso tem uma desagradável voz de apito. Atua com a confiança que se sabe bem-vindo em casa. — Emily se deitou de barriga para baixo na cama de Kitty, um leito com bandô,

muito ao estilo vaporoso e feminino que tanto lady Vale parecia apreciar, para os tecidos e para todo o resto. — Não entendo o que meu pai vê nele. Em sua conversação durante o jantar ficou claro que não é uma pessoa inteligente. Normalmente, papai gosta dos homens preparados, sempre e quando forem ricos.

Emily movia os dedos com destreza, em uma massa de laços, puxando daqui e desfazendo por lá. Era o trabalho mais caseiro que Kitty vira sua amiga fazer e parecia muito hábil. Em que pese sua conversação, deliberadamente franca, Emily Vale não era mais que uma menina. Como Kitty em outros tempos. Como se sentira durante aqueles breves e preciosos momentos em uma estalagem de Shropshire, até que o homem pelo qual estava apaixonada lhe deu a entender que, se fosse necessário, se casaria com ela.

O certo é que já não era uma menina. Absolutamente.

— Não me referia ao senhor Worthmore. Falava da cara de seu outro pretendente.

Emily abriu seus olhos cor esmeralda com surpresa.

— Esteve odioso.

— Esteve encantador. E foi muito amável ao fazer o que fez.

— Colocou-se em ridículo e a mim também. — Emily se endireitou e deixou cair os laços em seu colo. — Kitty, não me cabe a menor

duvida de que quer me incomodar com todo este assunto.

— É possível. Mas ele tampouco parecia muito contente com tudo isso.

— Hum! — Emily pareceu refletir seriamente. — Ao menos lorde Blackwood tem mais juízo e não se comporta de um modo tão estúpido.

Kitty não soube o que responder. Na estalagem, não se mostrar ade acordo, nem tampouco tinha rechaçado o plano de madame Roche. Kitty, entretanto, supunha que ele consentiria. Ao contrário, durante a noite não mostrara o menor indício de querer participar.

Uma cabecinha avermelhada e dourada apareceu pela porta.

— Lady Katherine, posso entrar? — perguntou.

— É claro.

— Amarantha, a estas horas deveria estar de cama. A babá não estará lhe procurando?

— Já não estou o seu cargo. — A jovem subiu de um salto à cama e abraçou a sua irmã pela cintura. — Mamãe diz que já sou maior para ter quarto próprio. O seu!

Emily acariciou o cabelo brilhante de sua irmã.

— A verdade é que eu gosto da cidade, com seus museus e tantas outras coisas, e espero ficar lá. Você pode ficar com meu quarto.

— Somente se compartilhar com você, Emmie. — Amarantha se apoiou sobre os cotovelos. — O senhor Worthmore não pode lhe agradar. É muito feio. — Um sorriso tímido apareceu em seus lábios. — O senhor Yale, ao contrário, é tão simpático...

Kitty contemplou como os pensamentos iam e vinham atrás dos óculos de sua amiga.

— Alegra-me que você goste dele — disse Emily.

— É muito atraente.

— Poderia se dizer que sim.

— Quantos anos tem?

— Não me ocorreu perguntar.

— Emmie! Uma dama precisa sempre averiguar a idade e a data de nascimento de seu pretendente.

— Para quê? — perguntou Emily abrindo os olhos com surpresa.

— Assim todos os anos pode lhe enviar um cartão de felicitação por esse dia.

— Quem te contou estas coisas?

— Mamãe. É o que faz com papai. Todos os anos.

Emily parecia escutar essa informação com certo desconforto.

Kitty se enterneceu. Ver como sua amiga mentia para sua família a fazia se sentir incômoda, e sabia perfeitamente por que.

Ela não poderia fugir para sempre. Aquela noite, depois de que Lambert lhe disse que jamais se casaria com ela, sua mãe a esteve abraçando durante horas enquanto ela chorava. Kitty não lhe contara todo o ocorrido, mas, por suas palavras de consolo, parecia que a viúva entendera. Por que permitira que sua filha continuasse solteira, se não fosse porque sabia na realidade, que ela não poderia se casar? Entretanto agora, pela primeira vez em anos, ela não podia suportar a indulgência tácita que sua mãe lhe concedera fazia tanto tempo. Desejou ter lhe contado a verdade, imediatamente, antes de se entregar à vingança e descobrir sua incapacidade para conceber. De toda a maneira, talvez então não conseguisse fazer nada. Kitty estava perdida. Que homem a quereria? Mas, pelo menos, não estaria sozinha em sua dor e em sua raiva. Talvez sua mãe a ajudasse a se livrar disso e não teria que esperar o olhar de um senhor escocês para fazê-lo por si só.

— Talvez o senhor Yale lhe envie um ramalhete, Emmie, então precisa lhe fazer saber também sua data de nascimento, mas não sua idade — advertiu Amarantha a sua irmã. — Não quererá que pense que é muito velha para se casar.

Muito velha, desencaminhada e estéril. De toda a maneira, as lamentações agora não a ajudariam em nada e precisava se encarregar

da situação de Emily.

— Sua irmã não tem nenhuma necessidade de se preocupar com isso, Amarantha. — Kitty se levantou da mesa e colocou uma bata sobre as anáguas e o espartilho, um objeto sem mangas de seda muito fina. Era um grande luxo dispor de toda sua roupa, salvo um vestido que nunca voltaria a colocar. — O senhor Yale está tão apaixonado por ela como seus pais estão um do outro.

— E é tão atraente...

— Isso você já disse antes, Amy — resmungou Emily.

— E, além disso, é alto. Não tanto quanto lorde Blackwood, mas o conde é um homem mais velho; diria que tanto como mamãe. Não pode evitar ter aquela mecha branca, embora resulte elegante em um cavalheiro entrado em anos, e suponho que pareça atraente apesar disso. Ao contrário, o senhor Yale tem o cabelo totalmente negro, não é verdade?

— Não faço a menor ideia...

A menina olhou para sua irmã com estranheza.

Emily fez uma careta de desespero.

— Sim. Completamente negro. Tem um cabelo muito bonito.

Kitty conteve a risada. Emily deslizou fora da cama e foi para à porta, lhe dirigindo um olhar severo.

— Vou me deitar. Amy venha?

Amarantha se levantou de um salto. Emily abriu a porta. No corredor se ouviram algumas vozes de homem, e logo os cavalheiros passaram pela frente. Pararam. Yale parecia cansado; nada em sua postura ereta dava indícios disso, mas seus olhos cinza pareciam um pouco fundos. Lorde Blackwood fez uma leve reverência.

— Senhoritas — disse com seu sotaque escocês.

Amarantha soltou uma risadinha. Emily franziu os lábios. Kitty se fechou a bat sobre o peito, esforçando-se para ignorar o olhar que ele cravou ali.

— Milorde, senhor Yale — disse ela com toda a calma que lhe permitia a voz. — Obrigada por sua agradável companhia durante esta noite. Lady Marie Antoine e eu estamos muito agradecidas.

Yale fez uma reverência bastante forçada e continuou andando pelo corredor. O conde cruzou seu olhar com o de Kitty; não havia nesse gesto pingo algum de indiferença fingida, mas só prazer. Ela ficou de pé no meio do dormitório e desejou que Emily e sua irmã estivessem fora, e que o conde estivesse dentro, e a porta bem fechada com chave.

Desejos equivocados. Ela não precisava de mais enganos em sua vida, nem por sua parte nem por parte de outros.

— Boa noite, milorde.

Ele assentiu, dirigiu um sorriso encantador à irmã de Emily e partiu. Kitty fez às garotas saírem, fechou a porta e, apoiando-se nela, deslizou-se até o chão enquanto rezava para que o romance de Emily e Yale transcorresse com rapidez.

— Passou somente uma noite? — O galês reclinou a cabeça na poltrona e bebeu o que restava do brandy. — Diga que tudo isto terminará amanhã.

— Você faz porque quer.

— Para nada.

Leam se absteve de dizer o que pensava. A atitude despreocupada do galês em seu tratamento com as mulheres encobria uma natureza galante, mas poderosa. Leam nunca quis saber o porquê dessa máscara.

— Acredito que é a primeira vez desde que nos conhecemos que eu o ouço se queixar.

— Não estou me queixando. — O jovem se endireitou em seu assento. — Me limito a lamentar o tempo perdido. Estendeu-lhe a taça.

Leam inclinou o decantador de brandy, serviu-o e acabou de encher sua taça. Depois de ver Kitty naquela camisola transparente, com aquele espesso cabelo recolhido em uma trança, sobre seu seio

perfeito, precisava de um ou dois goles a mais.

— Quando partiremos para Liverpool?

— Suponho que assim que você convença nossos anfitriões de que não pode viver sem sua filha.

Yale deixou a taça, levantou-se e se dirigiu para a porta.

— Se deita tão cedo? — murmurou Leam.

— Limito-me a lhe deixar em companhia de alguém muito mais atraente do que eu. Será melhor que se apresse. Ela poderia não esperar acordada — disse Yale antes de partir.

Leam se aproximou da lareira, acendeu uma vela comprida e percorreu o salão para acender o resto das velas. No inverno lhe desagradavam as estadias pouco iluminadas. Recordavam-lhe muito aquele outono de cinco anos atrás, com Alvamoor sumido na escuridão e no frio, e seu coração se convertendo em pedra entre os lugares gelados de sua casa. Antes disso, retornara a Londres e se encontrou, por acaso, com Colin Gray.

De toda a maneira, ainda não podia se deitar. Estava ali por um único motivo: assegurar-se de que Kitty e lady Emily já não se encontravam em perigo, e de que Cox não estava escondido em algum lugar com uma pistola, esperando que elas aparecessem. Quando todo mundo se deitasse, faria uma ronda de reconhecimento. Outra vez sua

experiência no Clube Falcon lhe resultaria útil.

Acomodou-se em uma poltrona e ficou olhando com inapetência o periódico que havia sobre a mesa. Não se importava com as notícias de Londres. Nem de Paris, Edimburgo ou Calcutá. Era como um descanso ter recuperado essa sensação: o alívio agradável e sólido de não precisar se preocupar com nada.

Por quase nada.

— Monseigneur, quanto me alegro de vê-lo aqui!

Madame Roche entrou feito um redemoinho de saias e véus, como se fosse um cruzamento de monge e cantor de ópera.

Ele se levantou.

— Oh!, non, non, senhor. Não precisa fazer isso! Deve me tratar como ao pessoal de serviço, visto que isto é o que eu sou nesta casa.

— Madame, o cavalheiro que não se levanta quando uma dama entra em uma sala deveria ser açoitado.

— E você, lorde Blackwood, é um cavalheiro educado, n’est-ce pas? — Deu-lhe um golpezinho no ombro, com o leque, e se sentou em frente a ele, enquanto o tecido de seu vestido se esparramava sobre os braços da poltrona e pelo chão.

Ele se permitiu um sorriso.

— Deseja tomar algum licor, madame? — perguntou com seu

típico sotaque enquanto assinalava sua taça.

— Não, não. Senta-se! Precisamos conversar.

Ele obedeceu. Ela se inclinou para frente e franziu os lábios pintados de carmim.

— Já não chora a morte de sua jovem esposa? — Ela o atravessou com seus olhos escuros e penetrantes.

Leam, acostumado a este tipo de intromissão, não respondeu.

— Bon — continuou dizendo ela depois de dar um tapinha. — Já imaginava. Me diga, porque você não intervém no plano do cortejo?

Ele ficou olhando-a por um instante. Sua intenção parecia sincera, e era evidente que adorava a moça que estava sob sua reponsabilidade. Mas as mulheres eram criaturas complicadas.

— Madame, o moço está fazendo muito bem.

— Oui, oui. Monsieur Yale é extraordinaire. Mas não acredito que esta seja sua razão. Emily é uma boa garota. Quanto a lady Katrine, ela não permitirá que ma petite sofra dano algum, non? Ela é como... como vocês dizem?... Um cão perdigueiro?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Non! — As plumas que levava no cabelo rangeram quando ela sacudiu a cabeça. — Peut-être que não seja um cão perdigueiro. Esses caçam com o focinho pego ao chão, n’est-ce pas? — Pousou um dedo

sobre seus lábios vermelhos. — Um cão pastor escocês! Oui. Você tem um?

As colinas de Alvamoor estavam cheias de cães pastoras escocesas e seus rebanhos.

— Sim.

— Pois bem, ela é comme ça! — afirmou ela assentindo.

— Madame, eu não compararia uma dama com um cão — objetou ele com seu forte sotaque escocês.

— Oh!, non! Bem sûr. Mas é muito leal. Não quer ver desventurada a ma petite. — Baixou a voz. — Afinal de contas, muitas desditas sofreu ela, non?

Ele não soube o que responder. O certo é que não sabia nada sobre o coração de nenhuma mulher. Nada que fosse confiável.

— Com todo meu respeito, madame. Não sou muito dado à fofoca.

— Mentiras e mais mentiras. Nunca se livraria delas. Durante cinco anos, não fizera outra coisa em seu negócio particular do que converter intrigas de mulheres como aquela. Agora se livrara disso. Entretanto, a vontade de ouvir falar de Kitty Savege era muito forte e permaneceu sentado.

Madame Roche se inclinou para frente e lhe falou em confiança, como se não tivesse ouvido ou entendido.

— Eu não acredito que ela sentisse afeto algum por aquele homem — afirmou, negando com a cabeça. — Não acredito. Os fofoqueiros, aquelas tolas amizades de minha senhora, dizem para lady Vale que minha Emilie não deveria estar com a bela Katrine, que ela é um mau exemplo para uma moça. — Ela fez um gesto de desdém com a mão. — Mas eu digo que as velhas fofoqueiras se equivocam. C'est a jalousie! Isso é o que digo à minha senhora. A jalousie insalubre é o que enlouquece o coração. — Madame Roche lhe dirigiu um olhar penetrante. — Você sabe o que é o ciúme?

Leam sentiu as mãos geladas.

— Sim.

— Lady Katrine é muito bonita, non?

Mais do que ele era capaz de suportar.

— Oui! Que cavalheiro não admiraria aquela beleza! Igual a Poole, et canard! — deixou ouvir um estalo. — Ora! É melhor que esse se mantenha bem longe da bela Katrine; assim ela não teria que se esquivar nas festas e bailes. — Negou com a cabeça fazendo um gesto de pesar. — Está sempre tão triste, a bela, e dança com tanta graça com todos os cavalheiros elegantes. Mas veja, não conseguem curar seu coração ferido. — Suspirou, ao mesmo tempo que baixava as pálpebras e movia os dedos de um lado para o outro.

Abriu os olhos. Ficou de pé.

— Oh!, bon! Estou contente de ter mantido esta conversa, monseigneur.

Leam se levantou de seu assento e fez uma reverência.

— Madame...

— Alors, boa noite. — Saiu pesadamente da sala, deixando-o com uma taça cheia de licor e com fogo nas vísceras.

A tentação de ir ao dormitório de Kitty e que ela o deixasse entrar era grande. O desejo que brilhara em seu olhar, por um instante, lhe dizia que ela aceitaria e que durante toda uma noite, novamente, os dois saboreariam o prazer. Mas uma noite não bastaria e, se houvesse mais, ele não poderia responder por si.

Abandonou o salão e pegou o corredor mais afastado das quartos dos convidados. Examinaria a mansão na escuridão. No dia seguinte, com a luz do dia, ampliaria suas pesquisas. Deste modo descobriria se alguma ameaça o seguira até Willows Hall e se alguém corria perigo. Assim que se certificasse de que tudo estava bem, partiria.

Yale e lady Emily seguiram com sua farsa diante dos pais dela, que pareciam encantados pelas excelentes maneiras do galês e seu porte. Familiarizado já com o terreno, Yale se vestia com muita elegância, com a gravata engomada e amarrada, e coberto com todas

as quinquilharias brilhantes que possuía. A moça, por sua parte, parecia se esforçar para sorrir quando ele a agradava. Resultava um divertimento vê-los fingir para obter a avaliação interessada de seus pais e a consternação crescente de Worthmore.

Mas não era distração suficiente para Leam. Resultava-lhe impossível estar sempre na companhia de Kitty e não olhá-la, nem desejá-la.

Afastou-se voluntariamente do grupo. O primeiro dia partiu à cavalo para os povoados próximos, atravessando campos enlameados por causa da neve derretida. Vestido com sua jaqueta mais velha frequentou os pubs e travou conversação com granjeiros e lojistas. Tempos atrás, aprendera o truque de que para obter informação precisava perguntar primeiro às pessoas do lugar. Cinco anos antes criara sua outra identidade porque lhe era útil nesse cometido.

Não soube de nada importante. Nenhum forasteiro estivera pela área, salvo seu grupo, recebido em Willows Halls. Nenhum moço do campo se ausentou do imóvel, nem das áreas circundantes, no dia de Natal. Ao que parecia quem disparara em Leam não entrara, nem saíra da área.

No segundo dia retornou à estalagem acompanhado de Bella e Hermes. Milch lhe deu as boas-vindas e ambos se sentaram para

tomar uma cerveja e conversar; então Leam soube o que deveria saber dias atrás, se tivesse a cabeça em seu lugar.

Cox poderia ser o autor do disparo. Por certo, segundo Milch, e tal como Yale suspeitava, antes do tiroteio se ausentou vários minutos. O galês e os cães correram em direção ao rio quando, na realidade, deveriam ter seguido as pistas na entrada dos fundos da estalagem. Leam se amaldiçoou por esse engano, por não ter dado importância às suas suspeitas com respeito a Cox, ao acreditar que seu ciúme pelas galanterias do homem para Kitty lhe nublaram o julgamento. Contudo, sua intuição fora correta. Outra vez, o ciúme lhe confundia.

Depois, prosseguiu até a casa do magistrado local, um nobre ancião mais preocupado pela inundação devida ao degelo, em suas terras, do que pelas rixas pessoais de alguns “londrinos bêbados”. Ele fora informado do tiroteio e de que as damas e cavalheiros se esconderam em uma estalagem, como naipes perdidos. Dirigiu um olhar severo para Leam e propôs que ele e seu amigo resolvessem em particular suas diferenças, a respeito daquela “comédia fantasiosa” em vez de incomodar a ele ou a outras pessoas. Em todo caso, advertiu, para seu próprio bem que era preferível que no próximo deixassem as “pistolas” em seus bolsos.

Leam retornou tarde para Willows Hall, desculpou-se por sua

ausência com seus anfitriões e se deitou.

No terceiro dia voltou a sair a cavalo, com a única intenção de se manter a distância, preferindo a atividade ao ar livre sob o céu plúmbeo, do que as cartas e outros jogos dentro da casa. Horas mais tarde, ao retornar, ocupou-se de seu cavalo o tempo suficiente para que lhe servisse de desculpa.

Quando estavam em grupo, Kitty não se dirigia a ele diretamente.

Essa noite, depois de que as damas subiram a seus aposentos, Leam comunicou a lorde Vale que lamentava precisar partir tão cedo.

No dia seguinte, de madrugada, fez sua bagagem e partiu para Liverpool.

Yale o alcançou justamente antes de chegar em Whitchurch.

— Por todos os diabos, Blackwood! — espetou-lhe. — Se tivesse se incomodado em me informar de seus planos, eu teria dito que Jinan enviou uma nota para Willows dizendo que se encontraria conosco em Wrexham.

— Como...?

— Como conseguiu saber tantas coisas? De Cantón até a Índia ele tem contatos e mensageiros que nenhum de nós conhece.

— Não é o único. — Leam se deteve no caminho, que estava coberto de grandes nuvens cinza. — Wyn, por que não trabalha para o

Ministério de Assuntos Exteriores agora que o Clube terminou? Também no Interior o aceitariam. Poderia ser útil à França ou em qualquer outro lugar que escolhesse.

— Está a semanas querendo me perguntar isso, não é verdade? — Os olhos do galês indicavam que ele estava totalmente sóbrio.

— Querer não é a palavra. Simplesmente, não me interessava.

— E então porque me pergunta isso agora?

Sem lhe responder, Leam esporeou o cavalo.

— Gray passou para me cumprimentar na primeira hora, antes que você e eu abandonássemos a cidade.

Leam voltou a cabeça de repente.

— E não me conta isso, até agora?

— Segundo dois dos melhores informantes do Interior, ao que parece a informação sobre os rebeldes escoceses é muito boa. Há alguém nas Terras Altas que agita a turma rebelde. O Interior tem, inclusive, uma lista dos possíveis cabeças.

— Já disse a ambos que isso não me inspira cuidado — disse Leam. — Prometi me reunir com Jin e memorizar a informação que ele tem para o diretor, e que não pode ser enviada por correio. De fato, por isso está aqui.

— Sim, assim você pode partir a toda pressa para Alvamoor e me

enviar de volta, como mensageiro, para Gray com todos os detalhes suculentos. Sim, lembro-me muito bem.

Durante vários minutos só se ouviu o ruído dos cascos e o rangido dos ramos das árvores.

— E a encantadora lady Katherine?

Leam puxou as rédeas, tirou sua pistola e apontou para o outro lado do caminho. Yale se ajeitou comodamente em sua sela, enquanto os cascos de seu cavalo negro chapinhavam nos atoleiros pelos quais passava.

— Amigo, antes precisa amansá-la.

— Você gostaria que eu disparasse em você, não é verdade, Wyn?

Você adoraria.

— Fala por você.

Leam guardou a arma e esporeou o cavalo.

— Não parecia muito abatida quando soube de sua marcha repentina — comentou o galês. — Se por acaso se interessar em saber.

— nem um pouco.

— Descarado.

— Wyn, cada dia fala mais igual a Colin. Cuidado ao andar por ai.

O galês soltou uma risada.

— Tampouco minha prometida pareceu lamentar que eu partisse.

Entretanto, madame Roche deixou claro que esperava voltar a nos ver, a você e a mim, dentro de uma semana. Lady Vale também repetiu a mesma proposta com seu encanto habitual. Inclusive nosso anfitrião nos convidou, formalmente. À vista de pedidos tão gentis, não pude resistir e prometi voltar.

Leam cravou o olhar em seu amigo.

Yale encolheu os ombros.

— Pareceu-me que tivesse aceitado minha sorte. — Olhou a cara de Leam e deixou explodir uma estranha gargalhada. — Minha falsa sorte! Por Deus, Leam, seria como me casar com minha irmã.

— Você não tem irmãs.

— Tenho agora. — Sorriu ligeiramente. — Me sinto um pouco protetor com respeito a essa jovem dama. Sentiria o mesmo por um inútil spaniel, mas preparado entretanto, para sacrificá-lo.

— E o que tem lady Emily?

— Disse-me ontem que se voltasse a beijar sua mão, ela a deixaria ferver em azeite para que na próxima vez eu tivesse que beijar uma ferida purulenta.

Leam sorriu abertamente, o que parecia ser a primeira vez, em anos.

— Somente isso — murmurou seu amigo.

— Bom, em tal caso, nos apressemos em Wrexham para que possamos retornar logo a Willows Hall e acabar de jogar por terra, os planos de Worthmore.

Mas seu amigo, o marinheiro, não estava em Wrexham. Os mensageiros se desencontraram pelo caminho. Jin se dirigia a Willows Hall por Oswestry, e Leam e Wyn vieram pelo caminho do este. Passaram a noite em Wrexham; depois, quando a temperatura baixou e a neve caiu, novamente em rajadas ligeiras, voltaram para o sul por atalhos cobertos de barro gelado. Nas colinas das terras fronteiriças galesas, cobertas de árvores de folhas perenes, enquanto ajudavam alguns carreteiros a saírem da sarjeta, o sotaque de Cambridge de Yale desapareceu e adquiriu a áspera cadência celta, de sua terra natal. Leam compreendia apenas algumas palavras do que diziam aqueles três galeses, mas não se incomodou. Os segredos de seu amigo eram deles, como sempre foram.

A nevasca foi aumentando, e voltou a deixar a terra empapada. Quando o telhado de Willows Hall brilhou ao longe sobre a colina, Leam sentiu encolher o peito.

Lady Vale saiu para recebê-los no vestíbulo, enquanto tiravam os casacos e os chapéus.

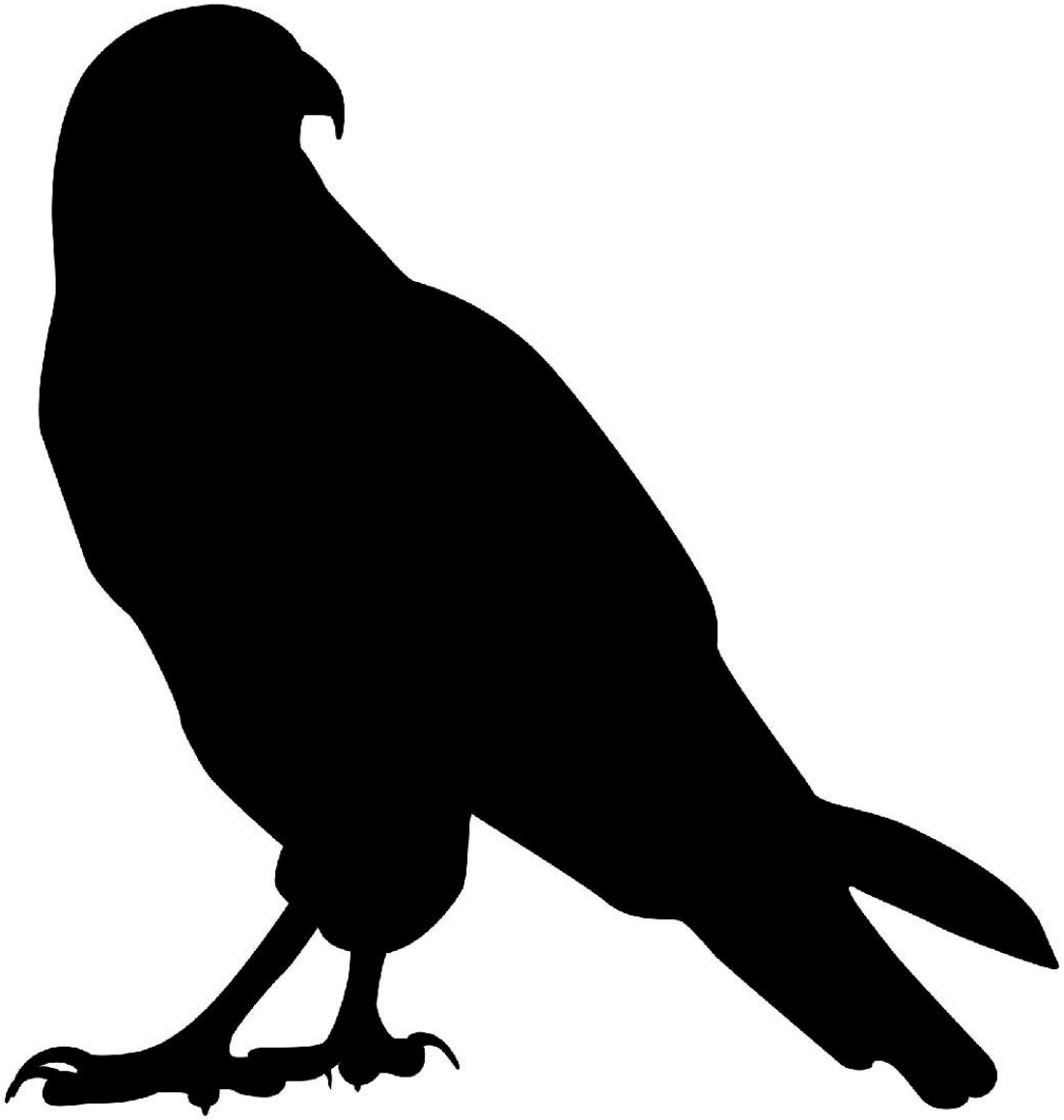
— Senhor Yale, alegra-nos que tenha retornado tão cedo. Milorde,

é uma honra.

Lady Emily apareceu no alto da escada. Franziu os lábios. Deu a volta rapidamente e bateu contra Kitty, que se aproximava do corrimão.

— Desculpe-me, Mar... — Kitty piscou e seu olhar se encontrou com o dele. As bochechas se ruborizaram tão rapidamente que, para satisfação de Leam, não conseguiu tampar a tempo, com as mãos. Pela primeira vez em vários dias, sentiu ar nos pulmões. Fez uma reverência. Ela levantou a comissura dos lábios e Leam soube que retornar fora a decisão mais imprudente que havia tomado.

Ao que parecia, estava condenado pela segunda vez. Seria jogado sob as rodas do carroção e sofreria as consequências.



14

— Lorde Blackwood! — O senhor de Willows Hall se aproximou pelo corredor seguido pelo semblante áspero de Worthmore, que via como seus planos caíam ao chão. — Senhor Yale. — Lorde Vale inclinou a cabeça com elegância. — Bem-vindo novamente. Como estava o caminho com este tempo tão terrível?

— Passável, senhor, o bastante para nos permitir chegar aqui, rapidamente — respondeu Yale enquanto dirigia um olhar eloquente ao corrimão onde sua falsa amada se escondia atrás de sua amiga.

Lorde Vale era todos sorrisos.

— Tire o barro das botas e reúna-se conosco no salão — disse assinalando para a escada. — Esta manhã recebi a visita de alguém que resulta ser um conhecido seu. Um tal senhor Seton, de Liverpool. Mostrou-se muito contente de poder aguardar sua volta, embora nós não esperávamos que fosse tão cedo. Agora ele está na biblioteca.

Leam subiu a escada e se encontrou diante a mulher cujos lábios tinham sabor de fumaça de madeira e cerejas.

— Milorde — disse ela delicadamente, com apenas um resquício do rubor em suas bochechas de porcelana, — não esperávamos vê-lo novamente, e certamente não tão cedo.

— Precisava cuidar de algo urgente.

Os lábios de cereja e de sabor de madeira tremeram nervosos.

— Lady Marie Antoine. — Yale fez uma profunda reverência,

olhando para trás do ombro de Kitty. — Tão encantadora como sempre.

— Oh! Cale-se! Minha mãe, meu pai e aquele bicho com cara de

pescado, já se foram.

— De toda a maneira, preciso dizer a verdade.

— Você é abominável.

— Sua gratidão me comove senhora.

Ela endureceu o olhar.

— Você agora pensa que eu lhe devo algo em troca, não é

verdade? Ocorreu-me essa ideia quando partiu.

— A dama me dedica um pensamento. Calma, coração!

Lady Emily se voltou e desapareceu pelo corredor com passo

firme e rápido. Kitty a olhou enquanto partia.

— Acredito que começa a pensar que você a pretende, de verdade.

— Sou todo humildade — disse ele com perfeita afabilidade.

— Sim, isso eu acreditava. Mas ela está um pouco preocupada.

O galês desenhou um sorriso. Ela ficou olhando um instante.

— Senhor, você tem quebrado a promessa que me fez. Disse-me

que não zombaria dela. — A voz de Kitty havia adquirido um tom um

pouco mais grave apesar de sua amabilidade. — Na verdade não sei por que confiei em vocês. — Voltou seus grandes olhos cinza para Leam. — Afinal de contas, não conheço nada de vocês.

O olhar penetrante daqueles olhos cinza fez Leam sentisse a garganta ressecada. Ela passou junto a ele e desceu pela escada, apressadamente. Yale, por uma vez, não disse nenhuma palavra.

Quando Leam cruzou a biblioteca, Jinan se levantou e se aproximou para lhe estreitar a mão.

— Jin, quanto tempo!

— Leam, suponho que está bem, não? — Jin se reclinou em uma poltrona; embora se sentisse cômodo, aquele lugar suntuoso lhe resultava um pouco alheio. A aparência estranha e aristocrática de seus traços, obscurecidos pelo sol, contrastava vivamente com sua vestimenta simples, e em seus olhos claros se refletia uma inteligência aguda. Jinan Seton, alguns anos mais jovem do que Leam, tomara as rédeas de sua vida antes que Leam falasse inglês.

— Estou tão bem como se podia esperar com Colin intrometendo-se ainda nos assuntos de todo mundo — disse Leam tomando assento.

— Sim. Enviou-me umas palavras, recentemente, antes que você partisse de Londres.

— O quê?

— Pergunta-a correta seria sobre o quê? — disse Yale ao entrar.

Jin se levantou, mas o galês desprezou, com um gesto, essa formalidade e se dirigiu para o móvel dos licores.

Leam negou com a cabeça.

— Maldito seja, Wyn, você já sabia que Colin esteve em contato com Jin?

— Se sabia que nosso amigo visconde disse uma mentirinha para que você se interessasse no assunto que Jin veio tratar conosco? Não, não sabia. Mas não me surpreende. Colin Gray sempre consegue seu homem.

Leam se voltou para o corsário.

— Então, Colin soube todo o tempo onde eu estava?

— Conforme parece, não compartilhou essa informação com você — respondeu Jin. — Em troca, fez chegar a mim uma notícia interessante, e me disse que nos encontraríamos.

— Leam, talvez devesse permitir que Jin nos conte isso. Colin encontrará mais adiante o modo de envolvê-lo embora agora não sinta, pelo menos, curiosidade. — Yale serviu três taças de conhaque e distribuiu-as.

Jin colocou a sua sobre a mesa.

— O Ministério do Interior soube por duas fontes diferentes, que

recentemente um navio mercante com destino à Calcutá desapareceu, depois de abandonar o porto de Newcastle Upon Tyne.

— Isso está muito perto da fronteira escocesa. — Yale arqueou uma sobrancelha. — Piratas ou insurgentes?

— Como os proprietários do navio ainda não se apresentaram, com uma reclamação, ao seguro, ainda não se sabe que carregamento levava. Conforme parece, os informantes acreditam que os rebeldes escoceses o tomaram, porque acreditavam que seu carregamento possuía um valor especial.

— Um carregamento que poderia financiar uma insurreição contra a coroa britânica — acrescentou Yale. — Esses insurgentes são burros. Que carregamento de tão alto valor poderia ser enviado para Calcutá? Seguramente que não, lã inglesa.

— O mais provável é que se tratasse de informação sobre as estratégias britânicas em Bengala, que seria enviada, camuflada como artigo comercial — respondeu Jin. — Isto é feito, às vezes, a fim de proteger informação importante mandada, também, duplicada em navios navais.

— Ora. — Yale se reclinou em seu assento. — É o tipo de informação que os franceses na Índia certamente adorariam ter, não? Que belo círculo de amigos! Os rebeldes escoceses reclamam a ajuda

francesa e estão dispostos a comercializar com segredos ingleses para assegurar. O galês tomou um pequeno gole. Quando trabalhava, poucas vezes se permitia um gole.

— Nosso diretor pediu ao Almirantado que me concedesse permissão para subir em todos os navios, britânicos ou não, em busca de informação — disse Jin.

— E o Almirantado está de acordo?

O marinheiro assentiu.

— O Cavalier parte de Liverpool na semana próxima.

— Pensei que você também iria, Jin. — Yale o olhou atentamente.

— Renunciei ao Clube Falcon. — Jin enfim aproximou a taça aos lábios, um anel grosso da cor do rubi se agitava em sua mão. — Mas não as minhas custas.

— Como se você necessitasse de mais ouro. Se é tão rico quanto Midas.

Jin fez uma careta.

— De novo anda curto de recursos, Wyn?

— Cavalheiros. — Leam, com o rosto contraído, ficou em pé. — Como este assunto não é de minha incumbência, vou me retirar.

— Leam...

A porta se abriu com um rangido. Kitty entrou na estadia. Os

homens se levantaram. Ela se dirigiu para Jin e lhe estendeu as mãos.

— Jinan, que contente estou em vê-lo! — Seu sorriso era autêntico. —Se soubesse, antes, que estava aqui, teria lhe procurado. — Soltou-lhe as mãos.

— Olá, Kitty! Como veio parar aqui?

— Vim com minha amiga, a filha mais velha de lorde e lady Vale. Mas, me conte, que tal está seu navio?

Seus olhos cinzas refulgiam naquela estadia pouco iluminada, refletindo um afeto que Leam nunca vira neles, antes; sua face refletia mais calidez, do que desconforto. Sua elegância deslumbrante o impressionou vivamente.

Isto era por outro homem, e Leam não gostou disso.

— Muito bem — respondeu Jin. — E Alex?

— Igual a sempre. Serena espera poder lhe dar um herdeiro muito em breve.

— Então, Seton conhece lorde Savege — inquiriu Yale.

— O senhor Seton e meu irmão se conheceram faz muitos anos, na Índia. Conhecemo-nos há séculos. Mais do que vocês se conhecem? Por acaso são marinheiros? E eu que acreditava que vocês fossem alguns dândis indolentes da cidade... — Embora suas palavras fossem mordazes, o brilho de seu olhar diminuiu.

— Não. Esse seria o caso de Worthmore, é claro — disse Yale com uma risadinha.

— Temos uma amizade em comum, em Lunnon, milady — disse Leam com seu sotaque característico. — Nos tem feito chegar notícias de interesse comum.

— Seriamente, milorde? E que tipo de notícias? — Embora o tom de voz dela era o mesmo, Leam reparou no brilho desafiante de seu olhar.

— Notícias sobre navios — respondeu ele.

— Ah, entendo. — Kitty dirigiu um rápido olhar para todos. — Lady Vale me pediu que lhes comunique que o jantar será servido em um quarto de hora. — Dirigiu para Jin um breve sorriso, fez uma breve inclinação e partiu.

Yale se sentou de novo em sua poltrona e pegou a taça.

Jin se voltou para Leam.

— Katherine Savege?

— Conhece bem à dama? — murmurou Yale. — Tenho certeza que passou um tempo bebendo rum, com uva sem semente, de seu irmão na Índia, antes que Savege sentasse cabeça e se dedicasse a isso do “foram felizes para sempre”.

— Poderia se dizer assim. — Os olhos claros do marinheiro

ficaram pensativos. — Leam, ela e sua mãe jogam cartas frequentemente com o conde de Chance, não é verdade?

— Acredito que sim.

— Temos ele em nossa lista.

— Uma lista?

— É um escocês... — murmurou Yale.

— A lista de quem? — insistiu Leam.

— A do diretor, com dados do Almirantado — respondeu Jin. — É uma lista de lordes escoceses suspeitos de estarem dispostos a se aliar com os franceses.

Yale, com um charuto entre o polegar e o dedo indicador, acendeu um fósforo.

— A verdade completa toma forma. Sem dúvida, o diretor quer que Leam trave amizade com esses lordes escoceses.

— Os espiões e os traidores são coisa do Ministério do Interior, não do Clube Falcon — asseverou Leam com uma sensação de vazio nas vísceras. — Entretanto, embora este não fosse o caso, eu já não trabalho para a coroa — disse lenta e definitivamente.

O olhar claro de Jin não se alterava nunca.

— Então o que faz aqui?

Um Leam mais jovem, talvez, teria a tentação de dizer que o

destino o conduzira aos pés de Kitty Savege. Mas, por mais que a presença dessa mulher provocasse nele um ciúme, que lhe queimava como se fosse de ferro incandescente, ele já não era aquele jovem amalucado. Sem aguardar sua resposta, Jin colocou a mão no bolso do colete.

— Estou indo.

Yale lhe dirigiu um sorriso.

— Olá e adeus. Por que não me surpreende?

— Preciso resolver alguns assuntos antes de levantar âncora. —

Jin jogou um papel dobrado sobre a mesa.

— A lista do diretor?

Depois de um breve assentimento, o marinheiro partiu.

Leam inspirou lentamente e se dirigiu para a porta.

— Não quer ver os outros nomes da lista? — Quis saber Yale.

— Quero ir a casa. Tentarei partir amanhã.

Nada o retinha na Inglaterra. Nem um clube, nem os rebeldes das Terras Altas, nem os lordes traidores, nem os navios repletos de informação secretas. Nem sequer uma mulher. Se um assassino procurava por ele, também o seguiria até Escócia.

Depois do jantar, já na sala, Leam comunicou a seus anfitriões que partiria na manhã seguinte.

— Se vai! — lamentou-se madame Roche. — Mas se você acaba de voltar...

— O senhor Yale partirá com você? — perguntou Worthmore, com aspereza.

— Não poderei partir daqui a menos de duas semanas, senhor — disse o galês. — A companhia é muito grata para ir de um modo tão repentino. — Dirigiu um sorriso a sua anfitriã. Ela riu disfarçadamente, e Leam viu nela um reflexo do que Cornelia teria sido, bela ainda e tremendamente amável.

— Minha família me aguarda em casa, milady — acrescentou com seu sotaque.

— Você deve ser um pai muito atento. Que lástima que sua querida esposa não possa ver seu filho crescer! — Lady Vale agarrou a mão de Leam. — Vamos sentir saudades. — Essa ingenuidade superficial e irritante; essa simpatia doce e dourada... Sim, em efeito, Cornelia teria sido assim. Ele deveria ter se dado conta em seu momento. Ao contrário, fora um idiota ingênuo e perdidamente apaixonado. E, além disso, ciumento.

Mas o ciúme era parte de seu modo de ser. Isso não se podia mudar. A única coisa que podia fazer era evitar situações nas quais ele pudesse voltar a se deixar arrastar.

O grupo se separou e Leam se despediu de todos. Kitty não disse nada. De novo tinha as bochechas brilhantes e seus olhos refletiam certa hesitação. Algo totalmente inoportuno.

Ele foi para seu dormitório, destampou uma garrafa de cristal e se serviu de um brandy. Uma hora mais tarde, com a bebida sem tocar e o fogo chispando na lareira, levantou-se da poltrona em que havia permanecido imóvel e se aproximou da janela. Correu as cortinas.

A luz da lua se refletia na neve fresca, e o céu espaçoso era das cores preto e prata. No jardim, movendo-se graciosamente entre as estátuas e dirigindo-se para um trio de árvores antigas, situadas na borda da colina, com a capa agitando-se as suas costas, um anjo passeava. Um anjo de grandes olhos cinzas e lábios doces, de conversa inteligente, e um passado de encontros imprudentes, com cavalheiros entre os quais Leam não desejava estar. Maldição!

Contemplou-a enquanto vagava entre os ramos dos salgueiros e dos abetos e, apesar da advertência procedente do fundo de suas vísceras, não conseguiu evitar de sair atrás dela.

Kitty afundava os pés na neve branda; apesar do frio e da umidade lhe resultava agradável. Precisava distrair-se com algo. Não podia se sentir assim, porque ele partiria no dia seguinte. Ele já havia partido de Willows Hall em uma ocasião sem aviso prévio,

deixando-a na maior das confusões, ao ver que ele era capaz de abandoná-la sem nem se despedir. De toda a maneira, inclusive antes de ir de Willows Hall, de um modo tão repentino, ele se mantivera bastante distante. Parecia que agora, não queria ter nada a ver com ela.

Melhor assim. Não confiava nele. Além disso, pela associação dele com Jin, ela agora sabia que lorde Blackwood estava metido em assuntos que iam muito além da mera aparência.

Jin não era uma alma cândida. Absolutamente. Atraente, rico e carente em sua opinião de qualquer pingo de moral — exceto uma lealdade feroz para seu irmão mais velho, — Jinan Seton não era homem de se confiar. Alex não conhecera Jin nas mesas de jogo, ele não era um cavalheiro de berço. Agora se dedicava a navegar com seu navio como um corsário, ao serviço da coroa. Entretanto, durante mais de uma década sulcara o oceano como pirata.

Um velho salgueiro se descortinou diante dela, com os ramos enredados em um pinheiro ao lado. A meia lua conferia a todo o conjunto, um contorno azul prateado que destacava muito claramente as sombras. Kitty penetrou entre os ramos; no chão, a neve era mais fina, dando espaço a um leito macio de folhas.

Se o conde fazia negócios com Jin, devia se alegrar de que ele

partisse. Mas lhe era impossível. Quando a olhava, ela sentia ao mesmo tempo a pontada e o ardor do desejo. Mas queria que a desejasse. E também havia aquelas coisas que ele lhe dissera.

Tirou uma luva e pousou a palma da mão na casca áspera, estremecendo sob sua capa. Não devia pensar nisso. Logo retornaria a Londres e continuaria com a vida de antes; era muito covarde para mudar o modo como vivera durante anos. Possivelmente poderia se casar com um velho como Worthmore, ou com um homem de pouca fortuna, alguém que a aceitasse, apesar de tudo, em troca de seu dote. Talvez, se sua mãe se casasse com lorde Chamberlayne, ela poderia passar o resto de seus dias nas casas de seu padrasto e de seus irmãos, indo de uma a outra por não ter sua própria família. Seu empenho e sua firmeza a levaram a isso. E a seu coração furioso. Mas, agora seu coração já não conhecia a ira, e desejava outro tipo de vida.

Ouviu, nesse momento, um rangido de ramos a suas costas.

Voltou-se. Ele estava de pé, bem entre a cascata de folhas verdes, cinzas e branco, escurecido sob a lua.

Ele se aproximou. Ela sentiu que as pernas se afrouxavam e conteve a respiração. Ficou quieto diante dela. Sem dizer uma palavra, afastou-lhe a capa e a puxou pela cintura. Ela recuperou o fôlego,

puxou uma baforada de ar e sentiu o calor de seu corpo através das mãos e do espaço que restava entre eles. Os olhos escuros dele, como naquela ocasião, na estalagem, transbordavam de um desejo que Kitty temeu sucumbir sem pensar.

De forma fraca, como se fosse a visão de um sonho, ajoelhou-se diante ela. Com as mãos pousadas em seus quadris, apertou a face contra sua cintura e pareceu aspirar com força. Então marcou com os polegares os ossos de seu quadril e depois seguiu o caminho com a boca.

Ela voltou a cabeça para um lado, incapaz de olhar.

— O que está fazendo?

— Apenas sinta. — Falou em voz baixa, sussurrando baixo naquele manto invernal.

— Isso não parece muito alentador.

— Estou fazendo amor em uma linda moça.

— Não deveria.

— Sim.

— Não se dá conta... — que dela algo escapava de entre as suas mãos, o controle que conseguiu manter, com tanta firmeza, desde que havia jurado ferir um homem. Soube então onde se enganou. Sempre tivera esperança. Não em Lambert. Em algo mais. Em algo que, na

realidade, ela não deveria desejar, porque havia acumulado tanta sede de vingança, durante tanto tempo, fingindo afeto, que não merecia o afeto verdadeiro. Sua alma estava corrompida. — Leam. — Sua voz era um sussurro, uma súplica ou uma renúncia. Ela não sabia.

— Kitty, carinho?

Ele estava com as mãos em suas nádegas, envolvendo-a com calor, no meio do frio.

— Por que você não quis intervir no plano de madame Roche? Por que não quis fingir pelo bem de Emily?

Ele elevou o olhar para ela. As feições duras à luz da lua.

— Por quem me toma? — Murmurou com aspereza com seu sotaque escocês. Então ele deslizou as mãos pelo exterior das coxas dela, possuindo-a enquanto as acariciava. — Como eu poderia?

— Quer dizer que como poderia fingir algo assim com minha amiga tendo sido meu amante? Mas já não somos.

Ele agarrou com força o tecido de seu vestido pelas costas.

— Foi um dia, por Deus!

— Mas...

— Querida, nem todos os homens são uns descarados.

Mas ela já não sabia o que convertia um homem em um descarado. O que pedia em matrimônio por obrigação, ou o que fazia

como ato final de crueldade?

— Lorde Poole me pediu a mão... — As palavras dela caíam como flocos de neve sobre o chão brando e frio, como um casaco nos ramos.

— Nunca antes me pedido isso, até aquela noite do baile de máscaras, quando finalmente eu lhe disse que me deixasse tranquila. Essa noite faz três anos, quando você e eu nos conhecemos.

Ele ficou de pé. Acariciou-lhe o rosto e a olhou.

— O que você lhe disse, moça?

— Disse-lhe que se eu quisesse me casar, já teria feito faz muito tempo. Que não esperava por ele.

— Você fez isso?

Ela não conseguia respirar. Desejava que ele convertesse em realidade a sensação que albergava em seu peito. Sacudiu a cabeça. A cálida mão dele lhe percorreu o rosto, debaixo de sua cascata de cachos.

— Leam?

Ele a olhou fixamente o rosto, as bochechas e a boca.

— Moça?

— Acredito que deveria ir agora mesmo, imediatamente, porque se ficar eu poderia voltar a me jogar em seus braços.

Ele a tomou entre seus braços como uma menina, mas seu beijo

foi o de um homem. Kitty acariciou, com as mãos, o formoso rosto do homem, ao mesmo tempo em que as esquentava.

— Aonde podemos ir? — Ela perguntou quando ele a beijou no pescoço. Abraçou-o pelos ombros e notou seu vigor e segurança. Ele, entretanto, de novo lhe fechou os lábios, desta vez com um beijo voraz, o que a excitou, rapidamente. Ela se apertou contra seu corpo e deslizou a língua na boca dele.

— Kitty.

Ele ficou de joelhos enquanto a sustentava nos braços, embalando-a em seu colo e beijando-a como se fosse comê-la. Ela se acomodou para sentir a excitação dele nas costas; ele gemeu e mediu o corpete com a mão. Subitamente, deslizou a palma da mão por debaixo do vestido e lhe agarrou o seio. Ela gemeu enquanto o frio daquela mão lhe percorria o corpo.

— Perdoe — murmurou enquanto lhe acariciava o mamilo rígido e tomava seus lábios entre os seus, alternando ambas as coisas, para excitá-la.

— Não, não faça... — Ela se deixou levar por suas carícias, quis dobrar o joelho para cima, mas a saia o impedia.

— Poderá me perdoar por isso? — Baixou-lhe a roupa que lhe cobria o seio e colocou a boca sobre a ponta sensível. A acariciou com

a língua, arrastando-a para o prazer.

— Sim, sim, faça... — Ela gemia enquanto o agarrava pelos ombros e tentava encaixar o centro aceso de seu corpo, com a excitação dele através da roupa. A frustração a fez levar as mãos aos quadris dele, depois à sua saia, puxando-a com força enquanto ele a lambia e fazia crescer aquela doce urgência. — Mas vai a... — O prazer a deixou sem palavras. — vai ter que continuar fazendo isto. Senão eu negarei meu perdão.

Ela levantou-lhe a cabeça, enquanto em seus lábios umedecidos aparecia um sorriso de puro deleite e a luz da lua se refletia em seus olhos.

Ela negou com a cabeça.

— Acaso não ouviu o que acabo de dizer?

— Sim. Mas você, Kitty Savege, é muito linda e sua boca foi feita para a risada. — Ele estava com uma voz deliciosamente rouca e o ar gelado formava redemoinhos entre eles, em véus de brumas. — Por que não ri mais frequentemente?

— E por que você, quando o faz, não faz seriamente?

Ficaram se olhando durante um longo instante; ela notou a umidade lhe cravando ferroadas de frio no peito. Os ramos do salgueiro titilavam e a luz da lua penetrava entre as folhas, para se

refletir sobre o tapete de agulhas de pinheiro seca e macias. Tudo adquiria um tom pardo e prateado.

Ele se aproximou e sua voz tosca penetrou em seu ouvido.

— “Tive um sonho, e não há engenho humano que diga que sonho.”

— Shakespeare. — Um sorriso puro brotou dos lábios dela. — Também em Sonho de uma noite do verão escreveu: “Fora deste bosque, não queira sair.”

— Moça, prometi me comportar com você como um cavalheiro — ele disse com uma voz gloriosamente rouca.

— Não o faça... — Ela apertou os lábios contra os seus e colocou os braços em torno de seu pescoço. Aproximou-se. Ela puxava seu colete e a camisa que usava debaixo. — Faça amor comigo aqui mesmo. Agora.

Afastou-lhe a saia das pernas e conseguiram que ela pudesse sentar escarranchada sobre ele. Ela começou a mexer nos fechamentos da calça.

— Não sei o que estou fazendo aqui — gemeu ela com os dedos gelados.

— Kitty, querida, tudo o que faz está muito bem.

Agarrou-lhe a mão e a pousou sobre seu membro ereto. Debaixo

da malha se mostrava rígido, com todo seu ardor. Ela tentou puxar o ar. Afundou sua boca na dela e acompanhou sua mão até o órgão endurecido, movendo-a para frente e para trás, ao mesmo tempo que a explorava com a língua. Acariciá-lo daquele modo o fazia perder a cabeça e aumentava sua vontade. Um gemido de prazer retumbou no peito dele. Deslizou então a mão por debaixo da saia: ela estava fria ao toque, mas isso não lhe importava. Queria sentir aquelas mãos em todo seu corpo. Acariciou-a e ela gemeu em sua boca.

— Kitty, quero saboreá-la. — Ele possuía uma voz tão grave, áspera e bela.

Não sabia o que ele queria dizer com isso. Estava disposta a lhe permitir tudo.

— Sim.

Ele tirou o capote, estendeu-o no chão atrás dela e a deitou de barriga para cima. Mas, quando pensava que ele ia se colocar em cima dela, lhe levantou a saia por cima dos joelhos e lhe abriu as coxas com mãos firmes. Depois se inclinou para ela.

— Leam? O quê...? Oh!!

Estava com a boca sobre seu corpo, branda, quente, úmida. Uma delícia.

— Sim — sussurrou ela.

Isso devia ser errado, muito errado, mas seu corpo se abriu para ele, desejando seu beijo. Se não era esse seu fim, então não sabia de que pareceria seu corpo. Aquilo parecia muito bom, sublime, um pouco entristecedor. Ofereceu-se para ele para ter mais, incapaz de manter os quadris quietos, com as costas arqueada de prazer. Leam se inundou nela e emitiu sons que jamais proferira Acariciava-a, sua boca convertida em uma tortura, até ficar sem fôlego, sem forças para nada, salvo para essas carícias e explorações rápidas, o transbordamento da urgência. Ela ardia em desejo e ele respondia a eles. Soube que não havia compaixão neste mundo. Quando alcançou o êxtase, ela gritou em silêncio, com a garganta ressecada de satisfação, afogada por soluços e risadas.

Quando ele a soltou, ela puxou o ar. Sentia as extremidades frouxas. Suas mãos percorreram suas coxas e depois as panturrilhas; o frio então se impôs e a devolveu à realidade.

— Isto é uma perversão! — Ela sussurrou, sentindo um rasgo de vergonha. — É isso o que os homens fazem com suas amantes?

— Não. Isto é o que um descarado faz com uma mulher que não pode tirar da cabeça. — A tensão de sua voz rasgou a tranquilidade gelada. — Kitty...

— Está bem... — Ela se endireitou e baixou a saia. A voz tremia. —

Está mais que bem. De fato, deveria dizer obrigada.

Ele a pegou pelos ombros, aproximou-a dele e lhe falou por cima da cabeça.

— Kitty, não posso fazer amor como eu gostaria. Não sei porque você acredita que não pode conceber, mas não quero voltar a ter a oportunidade. Já, na primeira vez não deveria ter acontecido.

— Acredito que isso foi minha decisão. — Nada a temer. Nada de se desesperar ao constatar que seu afã por não engravidá-la e depois se sentir obrigado a se casar com ela, era maior que o desejo que sentia por ela. — De qualquer forma, agradeço sua consideração. — A dolorosa lembrança do prazer em seu corpo se mesclou com a dor em outros lugares. Em todas as partes.

Puxou-a com o braço pela cintura e a aproximou para ele.

— Moça, não agradeça a nenhum homem que a use sem honra.

Falou com dureza, de forma diferente do amante que recitava poesia no estábulo. Ali havia uma intensidade que ela somente vira uma vez antes. Isso a estremecia e a alarmava.

— Certamente não deveria. — Ela escrutinou seus olhos brilhantes, mas não viu nada neles que pudesse entender. — De toda a maneira, uma parte de mim se sente agradecida. E, como um de nós deve dizer a verdade, supõe que serei eu.

Ele apertou-lhe a mão. Inclinou-se, roçou-lhe os lábios e a beijou. Beijou-a e o mundo se deteve, exceto para sua boca, que, na dela, parecia apressá-la para que lhe desse tudo que ela queria lhe dar, aquele desconhecido do qual ela sabia tão pouco, exceto que ele nunca lhe parecera um autêntico estranho. Nele se sentia uma tensão que não correspondia com o doce prazer que habitava nela. Entretanto, desejava satisfazê-lo se ele precisava. Pela primeira vez em anos, desejou obedecer os desejos de um homem, independentemente do que isso significasse para ela.

Ele se afastou bruscamente dela e pousou a mão em uma bochecha, forçando-a a olhá-lo.

— Foi somente Poole? — A voz se quebrou. — Com quantos homens esteve? diga-me isso.

Ela acovardou-se ante o ardor desse ciúme possessivo. Agora nada tinha importância, nada do mundo no qual ela se refugiou. Nem sequer os segredos dele. Mesmo se arriscando a cair, somente lhe importava os braços daquele homem tão estranho que talvez a prendesse.

Não devia lhe contar a verdade, que havia sido somente Lambert. Não era tão tola para isso. Se ele não manteria uma relação permanente com ela, teria que convencê-lo de que não podia deixá-la

grávida. Desejava-o mais do que jamais desejara o homem ao qual entregara sua inocência. Mas também sabia como jogar jogo do engano.

Porque assim seria. Adeus à alegria da esperança. De novo se impunha o sombrio fingimento. Ao que parecia, seu coração voraz não conseguia ficar um pouco mais nobre. Entretanto, pelo menos, por um breve espaço de tempo, talvez somente por essa noite, ela poderia sentir um eco de felicidade.

— Oh! — se forçou a dizer. — Eu diria que foi uma dúzia pelo menos.

Ela riu com um triste e doce som de lamento, e Leam se sentiu perdido. Perdido em um lugar que ele jurara que nunca mais voltaria a entrar. Ela se aproximou, e lhe ofereceu a boca gostosa, as mãos e o suave contorno de seu pescoço que descia até seus seios. Seu coração aflito palpitou com força enquanto ela o acariciava com suas mãos curiosas.

Ela deslizou a ponta da língua pelo borda da orelha dele e sussurrou:

— Faça amor comigo, Leam. Livre-me me desta urgência.

“Salve-me, salve-me”, Leam, pensou.

Afastou-se dela, empurrando-a com brutalidade, enquanto as

imagens vinham a sua lembrança. Uns olhos azuis, suplicantes, o pranto, as lágrimas lhe empapando a pele, o ciúme e a raiva rasgando-o por dentro. O corpo enfraquecido de seu irmão, o sangue sobre a terra. Uma saia suja nas águas do rio e um opaco anel de compromisso.

"Nem sequer me queria. Não me queria", Leam disse para si mesmo.

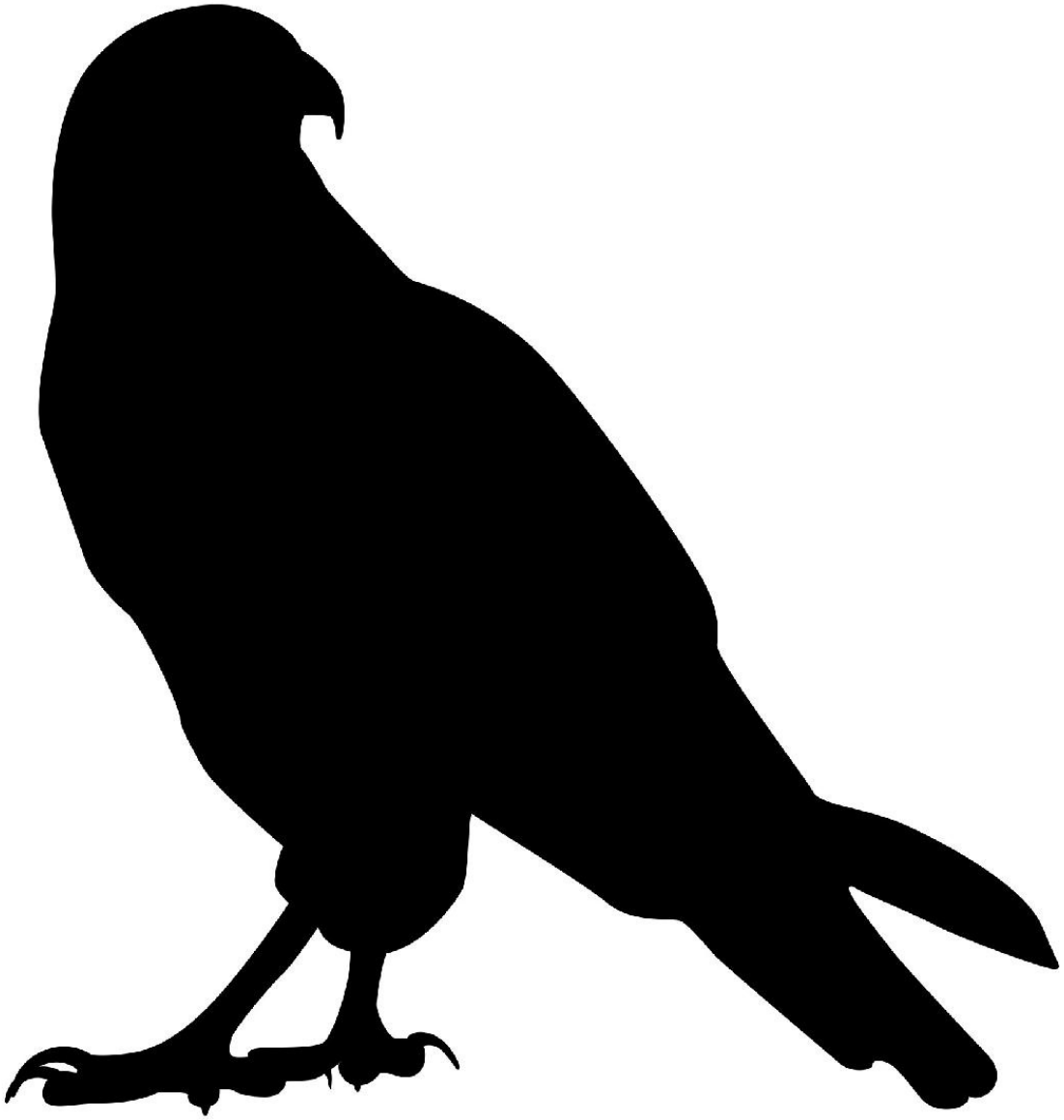
Ele ficou em pé, puxou ar e se voltou. Cinco anos e meio de raiva, impotência e dor saíram à luz.

— Não — ele disse com voz entrecortada, sentindo um nó no estômago e a cabeça que lhe dava voltas. — Não, Kitty, rogo-lhe isso, por favor, rogo que me perdoe. Por tudo. Não posso.

Sem voltar o olhar para trás, partiu a toda pressa pelo jardim iluminado pela lua.

Sem esperar à alvorada, Leam recolheu seus pertences e escapou de Willows Hall, afastando-se de uma tentação que superava sua capacidade de resistência. Esporeou seu cavalo e seus cães, e cavalgou naquela direção e depois para o norte. Ao norte, para Alvamoor, onde sua esposa e seu irmão o esperavam, desaparecidos em uma paz sepulcral, afastados do tumulto que eles haviam criado em sua alma. Ao norte, onde, com sorte, também poderia sepultar a si mesmo, em

um lugar onde a alma não poderia voltar a ser tentada.



15

Leam encontrou suas irmãs no terraço. O elegante telhado de Alvamoor se erguia as suas costas, com o esplendor vermelho e craquelado de seus blocos de arenito. O parque se estendia em diferentes desníveis, até os campos de pousio acastanhados e alguns pastos de ovelhas, escondidas na neblina, limitados por taipas serpenteantes de pedra. Além dos estábulos, o bosque que recebera o nome de seus ancestrais, descia como uma grande sombra escura pela colina, como zombando dos parques e do jardim que rodeava a casa. Aquela mistura da natureza selvagem escocesa e da elegante ordem inglesa era algo do que ele sentira saudades.

Fiona e Isobel tomavam o chá sob o sol brilhante, agasalhadas com peles e cachecóis. Sua irmã mais nova se levantou de um salto, deslizando pelo terraço como uma sílfide graciosa envolta em musselina e faixas, com uma capa vermelha e cachos escuros. Jogou-se sobre ele e Leam a levantou.

— Você veio! — Ela o apertou com seus finos braços. Ele se inclinou para beijá-la em uma bochecha e depois na outra. Quando sua mãe morreu, Leam tinha quinze anos e Fiona era muito pequena. Agora, a ponto de completar os dezoito, era uma beleza, alta como

Isobel, mas esbelta como um junco. — Pensávamos que não voltaria jamais.

Ele sorriu contemplando seus olhos risonhos.

— Eu também comecei a acreditar que nunca o faria.

— O que o reteve?

— Uma nevasca em Shropshire. — Segurou-a pela mão e a acompanhou de volta à mesa. — O que fazem aqui fora? Por acaso não possuem lá dentro um lugar quente para tomar o chá?

— Não pude resistir a tentação de aproveitar o sol. É a primeira vez que ele sai depois de muitas semanas cinzentas. Agora eu entendo: a natureza sabia que hoje você voltaria para casa. — Um sorriso iluminava o rosto da garota.

— O que fazia em Shropshire? — Perguntou Isobel sem se levantar nem lhe estender a mão.

Diferente de Fiona e de seu irmão Gavin, nesses cinco anos ela não o perdoara. Embora nenhum deles nunca falasse sobre o assunto, Leam supunha que Gavin o entendia; Fiona, por sua vez, nunca sentira um grande apego por James. Desde pequena, convertera Leam como seu favorito, e sua personalidade estava impregnada de lealdade; tal como Leam deixava a sociedade acreditar, em relação a sua esposa, durante anos. Entretanto, o afeto inquebrável de Fiona era

sincero.

Ela lhe apertou a mão e se pendurou em seu braço.

— Sim, nos conte. Quero saber tudo o que fez desde que o vimos no Natal passado. Oh!! Que lástima que este ano você perdesse isso! Jamie e eu fizemos uma croque-em-bouche.

— Supõe-se que eu deveria saber o que é isso?

— Uma torre francesa de profiteroles de nata. Bobo! — Fiona lhe beliscou o braço. — Li sobre esse bolo em uma revista de moda, de Paris, e pensei que em suas viagens pelo mundo deveria tê-la comido em alguma ocasião. Assim, a fizemos para você. Aguentou em pé durante quase uma hora, até que Mary o aproximou muito à lareira e o açúcar se fundiu. De qualquer jeito, os profiteroles estavam muito bons, embora, claro, ficassem um pouco pegajosos.

— Claro.

— Ainda não nos contou o que o levou até Shropshire, irmãozinho. — Isobel mostrava a pele pálida, as bochechas muito fundas e usava um penteado muito austero. Chegado a isso por própria vontade, e ele não impedira.

— Yale me pediu que eu o acompanhasse à casa de alguns conhecidos, aonde ele não queria chegar sozinho.

Em Fiona brilharam os olhos.

— Quem dera houvesse trazido ele com você em vez de ir para lá.

— Tenho certeza de que você gostaria. — Leam sacudiu a cabeça.

— O que vou fazer com você quando lhe permitir entrar na sociedade nesta primavera?

— Permitirá, Leam? — Por um instante os olhos de Fiona se iluminaram, mas aos poucos adotou uma expressão tristonha. — Mas não terei ninguém para me acompanhar. Isa, como não está casada, não pode.

— Eu a acompanharei. — Ele puxou ar, lentamente. — Tenho intenção de ficar em Alvamoor, permanentemente.

Ela agarrou seu braço com força.

— Sério? — A esperança brilhava em seus olhos.

— Vai fazer dezoito anos. — Por mais que quisesse se manter encerrado em sua casa, chegaria a primavera e teria a obrigação de acompanhá-la pela campina, em volta de Edimburgo e apresentá-la às mães de possíveis candidatos. Seu irmão Gavin ainda era muito jovem para se encarregar disso; estava com somente vinte e cinco anos, a idade de Leam quando conheceu miss Cornelia Cobb, no salão de atos.

— Terei dezoito anos e você me acompanhará às festas e talvez a algum baile. — Abraçou-o novamente.

— Não se até lá ainda não aprender a se comportar um pouco —

murmurou Isobel.

Fiona o soltou e conteve a risada.

— Eu me comportarei, Leam. Prometo. — Era toda sorrisos. — Viu Jamie?

— Acabo de chegar.

— Está com seu tutor, mas irei correndo para buscá-lo.

— Não. Aproveite o chá enquanto tenha sol. Irei eu, mas fico preocupado que fiquem constipadas se permanecerem aqui fora muito tempo.

Fiona sacudiu a cabeça com um sorriso; Isobel, ao contrário, dirigiu-lhe um olhar imperturbável:

— Com as poucas vezes que está por aqui, é de supor que não se importa muito com o que fazemos em sua casa.

— Também é sua casa, Isobel. Todo o tempo que quiser.

Isobel franziu o cenho e Fiona fez um gesto nervoso. Leam dirigiu um sorriso a sua irmã mais nova e entrou na casa.

Ao atravessar o saguão percebeu o aroma de lírios como um murro no ventre. Havia um buquê de flores decorando uma mesa. Aproximou-se dali a grandes passadas e tirou o ramalhete do vaso. Deu a volta e viu um criado.

— Retire isso. — Encarregou um moço a quem não reconheceu. —

Você quem é?

— É o novo rapaz — disse a ama de chaves de Leam, um exemplo de eficiência, apressando-se para o saguão. — Veio o mês passado. — Fez sair o criado e fez uma reverência para Leam.

— Bem-vindo a casa, milorde.

— Olá, senhora Phillips. Como está?

— Bem, senhor. Pensei que talvez quisesse que fossem retirados os objetos pessoais de milady, para poder dispor daquele dormitório de convidados e dos demais. Sobretudo agora que vai ficar.

— Ao que parece, as notícias voam. — Ele assentiu. — Sim. Eu mesmo me encarregarei do dormitório de lady Blackwood.

Dirigiu-se então para a escada, aborrecido pelo aroma penetrante dos lírios no nariz. O dia do funeral de James, a igreja esteve embebida dessa fragrância. Dois meses mais tarde, quando Leam enterrou Cornelia, esmigalhado entre a dor e o alívio, novamente havia percebido esse aroma. Ao fim de umas semanas, depois daquele segundo funeral, uniu-se ao clube de Colin Gray e pouco depois ,conhecera Wyn Yale em Calcutá.

Ele fugira, mudara de vida, mas ele não havia mudado.

Imaginar Kitty com outros homens era suficiente para lhe fazer perder a cabeça. Entretanto, ainda era pior era ver-se entregando seu

coração e ela rechaçando-o. Continuava sendo o mesmo louco apaixonado, incapaz de controlar a intensidade de seus sentimentos quando permitia que eles aflorassem; emoções que conduziam sem remédio, à violência contra seus entes queridos, como já acontecera antes. A queimação que sentia em seu interior nunca se extinguiria completamente, e em especial quando fora inspirada por uma mulher como Kitty Savege.

Cinco anos fugindo seu próprio lar não o haviam mudado, absolutamente. Mas, ao menos, aprendera a fugir. Ao recordar a cara de assombro de Kitty sob as árvores nevadas, soube que era um professor nisso.

Deteve-se junto ao patamar e elevou o olhar para o retrato sorridente de sua esposa. Como sempre, ficou sem fôlego. Sua beleza loira resultava assombrosa inclusive no tecido. Mas isso já não o afetava. Durante os últimos cinco anos, cada vez que retornava para casa e via aquele quadro, não sentia mais que remorsos.

Encomendara essa obra durante o primeiro mês de casamento.

Ela posara para Ramsay, o pintor mais caro que Leam conseguiu encontrar, o melhor para sua perfeita noiva, esse alguém incomparável de origem nada destacável e cujos pais, entretanto, não viram com bons olhos, suas bodas com um escocês, embora fosse

nobre. Por sua origem inferior, não tiveram os meios para apresentar sua filha, adequadamente, em sociedade, mas, a enviaram para visitar uma amiga da escola, escocesa, durante sua primeira temporada em Edimburgo. Apesar de tudo, o esnobismo e reticência dos ingleses com respeito a ele, um escocês, eram profundas.

Mas Cornelia insistiu. Chorou, verteu lágrimas desesperadas e suplicou que a deixassem se casar com ele, porque ela, simplesmente, era incapaz de viver sem ele. Ao final, aceitaram.

Contemplou o retrato. Enquanto posava para Ramsay, ela dirigia para Leam justamente esse sorriso, com seus brilhantes olhos azuis e seu queixo com covinhas. Ele passara longos dias olhando-o, preso a sua cadeira a cada minuto, como um idiota apaixonado, sem saber que no ventre dela crescia o filho de seu irmão. Antes que Leam a conhecesse, seu irmão James se negou a se casar com ela, porque estava com o coração quebrado.

— Minha mãe era muito bela.

A voz a seu lado era firme e jovem. Baixou o olhar e encontrou-se com o olhar grave de seu sobrinho. Com quase seis anos, continuava se parecendo mais com James do que com Cornelia. Por isso, pensou Leam, também se parecia com ele. Era um Blackwood.

Voltou de novo sua atenção ao retrato.

— Sim, é verdade, ela era. — Linda, egoísta e manipuladora.

Entretanto, não sentiu a antiga raiva que antes sempre lhe sobrevinha. Sentia remorso pelo que lhes fizera quando descobriu seu segredo, mas não se sentia furioso pelo que eles lhe fizeram.

Inspirou lentamente, comprovando essa sensação. Ela persistia.

Quando havia desaparecido aquela raiva?

— Bem-vindo a casa, pai. — Jamie lhe estendeu a mão. O menino era de compleição robusta e apertou com firmeza sua mão.

— Parece que cresceu uns dez centímetros desde o último Natal.

— Não, pai. Foram somente cinco centímetros e meio. A senhora Phillips me mediu na semana passada.

— Sério? Bom, em tal caso, a senhora Phillips deve estar certa. Atrever-me-ia a dizer que ela nunca se equivoca.

— Equivocou-se quando disse que você viria para casa para o Natal. — Falava muito sério, como se depois de dar voltas a este assunto, ao fim tivesse aceitado aquele fato equivocado.

Leam se abaixou para ficar à mesma altura que o menino e olhá-lo nos olhos.

— Sinto não ter conseguido chegar a tempo para o Natal. Perdoa-me?

— Sim, pai. — Os olhos negros do pequeno refletiam muita

seriedade para ser alguém tão jovem. — Se atrasou por negócios? Tia Fiona diz que a maior parte do tempo você está muito ocupado com os negócios e que, por isso, não pode ficar muito tempo.

— Desta vez minha intenção é ficar, Jamie. Você gostaria?

O menino abriu os olhos com surpresa e engoliu a saliva.

— Sim, senhor. Isso seria a coisa que eu mais gostaria.

Leam assentiu, sentindo em seu peito uma inquietação que não cessava. Apesar de tudo, amava a esse menino, o filho de seu irmão. Permanecera ausente durante muito tempo.

— Muito bem. Então, já está decidido. — Ele se endireitou. — Tenho certeza de que quando me encontrou ia a algum lugar.

— O senhor Wadsmere diz que me lerá algo sobre Hércules se eu terminar a caligrafia antes do jantar.

— Sobre Hércules, verdade? Então, será melhor que não se atrase e termine a tarefa. — Pousou a mão sobre o ombro do menino. — Posso acompanhá-lo e olhar como você faz? Houve um tempo em que eu era assim como um professor em caligrafia, mas acredito que tenho esse assunto um pouco oxidado. Talvez você pudesse me refrescar a memória.

A boca do menino desenhou uma ameaça de sorriso.

— Não acredito que isso seja verdade. Mas tia Isobel diz que

frequentemente os cavalheiros leem contos, para que outros façam o que eles querem. Mas não me importo. Pode vir comigo, inclusive se disser a verdade. — O sorriso se completou. Subiu a escada e Leam o seguiu, sentindo uma opressão na garganta.

Depois de três semanas de seu retorno a sua casa, enfim entrou na habitação de Cornelia para ordenar seus pertences. Não havia pó em seu quarto, nem no vestidor. Nenhuma criada escocesa supersticiosa limparia, durante cinco anos e meio, por vontade própria, os objetos de uma mulher morta, mas a ama de chaves, a senhora Phillips, era implacável.

O lugar continuava irradiando a aura feminina de Cornelia; era tudo cor pêssego e rosa, a fim de ressaltar seus objetos de cor marfim e dourado. Sobre a penteadeira havia três frascos de perfume em uma bandeja de prata e um conjunto de pente e escova de prata. Roçou com a ponta dos dedos o cabo da escova, a um centímetro apenas de onde um único fio de cor dourada estava aderido às cerdas.

Conteve o fôlego. Fazia anos que o coração não se acelerava ao pensar nela, tão somente se limitava a pulsar lentamente pelo que ele lhe fizera. Pelo que ele a fizera fazer a si mesma.

Entrou no vestidor. A roupa continuava pendurada nos cabides.

Ela sempre se vestia à última moda; os tons pálidos e a moda, do

momento, se ajustavam a sua figura delicadamente arredondada.

Quando se conheceram, ela tinha somente dezoito anos, e as curvas de suas carnes eram visíveis nas covinhas dos cotovelos e nas bochechas.

Naquele salão, os admiradores formavam redemoinhos a seu redor. Recém chegada em Edimburgo, seu perfeito rosto inglês emanava frivolidade. Entretanto, assim que ele encontrou uma pessoa conhecida para que a apresentasse, todos os sorrisos de seus lábios rosados foram para Leam. Ou, pelo menos, ele acreditou nisso. No curso das duas semanas seguintes, cortejou-a sem cessar. Ela cedeu rapidamente, e pensou que ela estava tão louca por ele, quanto ele por ela.

Leam admitia que em sua raiva houve muito orgulho ferido.

Durante as três semanas prévias à bodas, quando foram publicadas as admoestações, tanto Cornelia quanto James poderia ter impedido; entretanto, em vez disso deixaram que ele se comportasse como um patético idiota.

Na pequena sala destacava-se uma contundente arca de cedro.

Aquele era um lugar tão bom, quanto qualquer outro, para começar.

Abriu a arca e seu conteúdo ficou à vista. Tratava-se de coisas próprias da vida de uma jovem mulher: lenços, laços, um ramalhete

seco, e inclusive uma nota que ele lhe escrevera durante a primeira semana, repleta de poéticas declarações de amor.

Curiosamente, tudo aquilo não o fez se sentir mau. Enquanto arrumava os pertences de sua esposa, não foi assaltado pela dor da traição ou pelas esperanças frustradas, nem sequer um pingo de ressentimento. Talvez enfim a tivesse perdoado. Ela somente havia sido uma moça impetuosa e egoísta, não muito diferente do jovem impetuoso e egoísta com o qual se casou para se salvar da perdição. Entretanto, ao final, ele na verdade, a levara a perdição.

Conduzira ela à morte, igual fez com seu irmão. Aquela dor o acompanharia para sempre, como se tivesse uma faca enfiada no peito.

— Então, afinal se decidiu.

Isobel estava de pé na porta. Seu rosto, antigamente tão delicado, possuia uma expressão séria, que contrastava com o encanto feminino das coisas de Cornelia.

— Já era hora — ela disse assinalando o baú aberto.

Ele assentiu.

— É possível.

Ela permaneceu de pé em silêncio e o olhou fixamente.

— Você gostaria de me ajudar? — disse ele ao final.

— Com essas tolices? Não me insulte.

— Se não lhe interessa fazer isto, porque está aqui?

Ela se aproximou e lhe mostrou um caderno fino de cor negra.

— Encontrei isto quando guardava os pertences de James depois do funeral.

Leam não o pegou.

— O que é? — Ele perguntou.

— Ele lhe deu de presente isso no Natal, quando ambos estavam na universidade.

— Por que não me mostrou isso antes?

— Porque até agora você nunca viveu aqui de forma permanente. E isto deveria ficar aqui. Onde ele está. — Aproximou-lhe o caderno. — Pegue-o.

Ele ficou de pé e o segurou.

— Suponho que pouco se importe de tê-lo ou não — disse ela com voz tensa, — mas é seu e eu não sou uma benjamina.

Sem levantar o olhar ele disse:

— Eu também o amava, Isa.

— Então por que o matou?

Ele elevou a cabeça; seu coração pulsava com força. Ela nunca dissera isso em voz alta. Em todos aqueles anos, nunca até então, o

acusara diretamente. Entretanto, ambos sabiam por que ela retirara seu afeto. Depois do funeral, ele lhe falara do duelo. Havia sentido a necessidade de admiti-lo em voz alta; do contrário, esse segredo lhe teria carcomido por dentro. Algo que, de qualquer jeito, acontecera.

— Eu... — Ele tentou achar as palavras que estavam enterradas em seu coração. — Nunca pensei que eles fariam isso, Isobel. Eu preciso que você saiba que nunca pensei. Não desejei sua morte. Nunca a desejei. Jamais.

— E não lhe parece que organizar um duelo para ele, foi a pior maneira de demonstrar isso?

— Eles eram amigos íntimos.

— E você era seu irmão!

— Eu era... — “um marido cornudo”, ele pensou.

Não totalmente, já que Cornelia e James estiveram juntos antes das bodas, não depois. James insistiu nisso. Inclusive Cornelia admitira isso, abatida diante daquele amor não correspondido e debilitada depois de dar a luz a seu filho. Quase a beira da loucura, ela confessara tudo, admitindo que se aproveitou de Leam porque, em seu estado, não via outra opção do que se casar logo. Além disso, ao se casar com ele, acreditava que poderia estar perto de James.

Entretanto este, apesar da insistência dela, não a amava, e ela não

cansou de repetir, uma e outra vez, a dor que sentira ante o rechaço de seu irmão.

Ouvindo tudo isso, Leam a abandonou, desterrando-a em Alvamoor, aonde jurou não retornar, enquanto ela vivesse. Depois partiu à cidade para procurar seu irmão.

Mas Isobel, por ser então recém saída da escola, não sabia dessas coisas. Igual aos outros; sua lembrança de James Blackwood era a de um moço risonho e pícaro; um homem atlético e zombeteiro, de desejos francos e diversões simples. Essa era a imagem que precisava perdurar. Ninguém jamais conheceria a verdade. Pelo bem de James e de seu filho, Leam jamais a revelaria.

Havia somente outro homem que conhecia a verdade, Felix Vaucoeur. O homem que o matara.

— Eu estava zangado com ele — disse com voz fraca. — Quis assustá-lo. Foi sozinho isso, Isa. E com esse engano agora precisamos viver.

— Você é uma pessoa cruel e sem sentimentos, Leam.

Por Deus, como gostaria de ser. Desejara durante cinco anos, mas fora em vão. Quando se entregava de coração, ainda sentia muito intenso e profundamente.

Sustentou o olhar de Isa, enquanto a frieza o envolvia novamente

como um casaco. E agradeceu essa sensação.

— Você não faz nem ideia de como eu sou.

— Nem tenho vontade. — Ela deu a volta e desapareceu pelo corredor a passos inquietantemente silenciosos, como o fantasma que ela adorava.

Leam olhou o caderno e seu coração começou a se tranquilizar. Acariciou a capa de pele com os dedos, temeroso de abri-lo. Era verdade, seu irmão lhe dera quando ambos retornaram de Cambridge para passar as férias. James havia voltado para casa semanas antes que ele, enganando seus professores para que o deixassem sair, porque ele era James Blackwood e podia se permitir. Campeão de cricket, cavaleiro arrojado, remador destacado e, adicionando, um diabo lindo que, no início do segundo ano mantinha deslumbradas às esposas dos decanos, suas filhas e inclusive, aos próprios decanos. Os livros não lhe importavam um mínimo, tão somente o esporte ou as festas, e não se incomodava em disfarçar.

Ninguém lhe reprovava em nada. Todos o adoravam. Generoso incorrigível e sempre rindo de coração, por algo, fosse uma comédia, uma subida de tom, ou o gosto pelos livros de seu irmão, ninguém nunca lhe jogara a culpa de nada, nem sequer pelas lágrimas que foram vertidas, por sua culpa, por várias jovens damas. Seu coração

era um livro aberto para todo mundo, sempre fora. Se uma moça chegasse a acreditar que um rapazola tão encantador e voluptuoso queria somente a ela, era muito ingênua.

Entretanto, naquele outono, quando apenas passaram dois meses desde que retornaram à escola, James escapou para Alvamoor. Quando Leam chegou a casa depois de terminar o trimestre, o jovem que encontrou não tinha nada a ver com o rapazola despreocupado que todo mundo conhecia. Durante as festas de San Miguel, James conhecera a outro estudante, o jovem conde, francês, Felix Vaucoeur, e descobrira algo de si mesmo, que não conseguia suportar e que o fazia sofrer. Do mesmo modo que Leam fazia agora, James fugira para Alvamoor em um intento de escapar de si mesmo.

Leam abriu lentamente a capa daquele caderno fino e contemplou as folhas.

Seu irmão não havia sido um grande estudante, mas possuía o cérebro dos Blackwood, e na universidade não passou todas as horas, nos campos de jogo. Naquele ano, o presente de Natal de Leam fora escolhido com supremo esmero.

Era um livro de poesias de um escritor francês. Ao princípio, apesar das brincadeiras constantes que James fazia por seu amor aos versos, Leam se surpreendeu muito. Entretanto, quando leu os

poemas, compreendeu. Séculos atrás, o poeta Théophile de Viau escrevera, embebedou-se e havia exibido sua conduta libertina pelas principais cortes da Europa. Mas no final, seu rei o traiu e foi desprezado em público, abandonado para morrer no anonimato. Exilado por amar à pessoa errada.

Leam passou as folhas e se sentiu invadido por um profundo desgosto. Duas linhas de letras audazes e chamativas atravessavam o papel, em sintonia com o caráter crédulo de James. Era o único poema que ele escrevera em sua vida, uma confissão para Leam, a única pessoa com a qual ele podia ser sincero.

Se amar livremente eu pudesse àquele que eu escolhesse,
Amaria me unindo com o melhor dos homens.

Leam não conteve as lágrimas que apareceram nos olhos. Deixou o caderno sobre a penteadeira e comprimiu os olhos com os dedos, depois com as palmas das mãos, depois com a manga da jaqueta. Não chorara quando viu seu irmão morrer, nem tampouco, quando, dois meses depois, encontrou sua esposa no rio com o corpo inchado e desfigurado, somente reconhecível por seu vestido e o anel de casada. Nessa época, a dor o paralisara.

Mas agora as lágrimas fluíam. Sem saber como, Leam se encontrou no estábulo, depois se viu escarranchado, montado em seu

cavalo ruano, galopando a toda velocidade, em direção ao bosque. Quando alcançou o interior escuro, deixou-se perder nele, necessitado da penumbra das velhas árvores. Cavalgou alheio aos ramos que lhe arranhavam a face e lhe puxava a roupa. Seus arreios se ressentiram, até que Leam desmontou, e soltou o cavalo. Deixou-se cair de joelhos, e a sozinho no bosque, somente com sua alma imperfeita, inclinou a cabeça e chorou.

Seu irmão lhe confessara o maior segredo de sua vida. Desde aquele momento, James lutara diariamente para desafiar sua própria natureza, como se algum dia pudesse deixá-la para trás, derrubá-la e abatê-la. Quis superá-la amando todas as mulheres que encontrava.

Ao final, não havia traído Leam. De fato, fora o contrário. Ele se servira do que seu irmão lhe confessara e havia virado em seu favor.

Merecia que Cornelia fosse a única mulher que tivesse amado.

Merecia o castigo eterno de um coração vazio. Embora Isobel só conhecesse uma parte da história, ela tinha razão. Não conseguiria viver com o que fizera.

Quando Bella o encontrou, o sol estava se pondo atrás de um muro de céu cinzento. Retornou a pé ao estábulo, acompanhado por sua cadela; ali encontrou o cavalo. Depois se encaminhou até a casa. Pediu que lhe trouxessem o chá a seu estúdio; depois foi aos

aposentos de Cornelia, e tirou do baú suas cartas de amor e o diário dela. Após, fechou o baú com chave.

Entregou a chave à ama, e lhe deu instruções para que rebuscasse entre os pertences de lady Blackwood os objetos pessoais, e os guardasse no sótão para que o senhor Jamie pudesse tê-los em seu momento. Também lhe disse que entregasse a roupa e todo o resto a instituições beneficentes.

Depois disso, dirigiu-se a seu escritório e se encerrou nele. Havia permanecido ausente durante todo um ano; tinha muito a fazer e essa noite não veria sua família. No dia seguinte, os encontraria com uma nova cara. Já não era um poeta. O que na escuridão do bosque frio lhe parecera uma verdade imutável, diante o calor da lareira, na comodidade de seu lar, lhe pareceu um excesso dramático. Precisava planejar o futuro de Fiona e possuía um filho a quem cuidar. Com um pouco de sorte, talvez inclusive algum dia convencesse Isobel, que se casasse e partisse de Alvamoor. E tinha outro irmão. Se Gavin precisasse dele, também estaria ali, por ele. Recordou o poema de Robert Burns: “Que em todo mundo, os homens sejam irmãos por tudo isso.” A vida precisa seguir para os vivos, e ele não estava disposto a evitar suas responsabilidades por mais tempo.

Aproximou-se da lareira e jogou o diário de Cornelia e suas

cartas. Colocou-os cuidadosamente no fogo e revolveu as brasas até que ardessem. Depois se serviu de uma taça de brandy e se sentou para se dedicar aos assuntos de negócios que seu administrador lhe deixara. Aquela era uma ocupação limpa, sem emoção alguma, e lhe vinha muito bem.

Dentro de um momento, o criado novo entrou para acender as velas acompanhado de uma moça que trazia mais carvão. Leam agradeceu com um gesto de cabeça e lhes indicou que saíssem disposto a continuar com seus documentos.

Reparou em uma nota pregada que havia em uma quina de sua escrivaninha. Pegou-a.

Sei que você o tem. Quero que me devolva. Nada de jogos e o deixarei em paz.

Lady Katherine retornou a Londres. Seria bom que você fizesse o mesmo.

Entrarei em contato com você quando eu chegar. Se não vier, ou se continuar brincando comigo, desta vez apontarei para ela, de propósito.

Leam sentiu suas mãos gelarem. De repente se endireitou e puxou a corda para chamar o serviço, enquanto saía apressadamente para o corredor. O mordomo se levantou sobressaltado de seu assento.

— Milorde?

— Onde está aquele menino novo, o criado? E Jessie, a criada que veio antes com o carvão. Que venham em seguida.

— Posso chamar Jessie, milorde. Mas o rapaz novo pediu que eu lhe permitisse ir ao povoado e assistir à briga de galos desta noite. Como não o havia liberado nenhum dia desde que entrou na casa, já faz um mês, dei-lhe permissão.

Embora sentisse pânico, afastou-o de si.

— Quanto tempo faz que o deixou partir?

— Eu diria que foi há somente uma hora, senhor.

— Que selem imediatamente meu cavalo. — Ainda havia tempo. Se a briga durasse o bastante, talvez encontrasse o rapaz.

Com um lampião que atravessava a noite fria e nebulosa, na singela cidade da colina, situada a um quilômetro e meio de Alvamoor, Leam escrutinava os rostos da multidão, homens bêbados que empurravam, amaldiçoavam e riam ao redor dos animais que lutavam com seus bicos e garras. Mas, como Leam já suspeitava, não havia nenhum criado para encontrar. Havia perdido o tempo.

Aquele “você o tem” devia ser a corrente de ouro quebrada que Cox deixara cair, ou o objeto que estava pendurado, um objeto que, segundo o velho joalheiro do povoado, Freddie Jones, era de pouco valor. Leam não fazia nem ideia dos jogos que Cox acreditava que

jogava, mas a nota era uma clara ameaça. Cox queria aquele objeto e acreditava que Leam estava com ele. E sabia que ele iria para Londres se Kitty estivesse em perigo.

Depois de dar ordem a seu criado para que lhe preparasse os baús, correu ao quarto de seu filho, subindo os degraus de três em três. Jamie dormia. Leam contemplou a respiração plácida daquela pequena réplica de seu irmão, e lhe prometeu em silêncio retornar assim que o fosse possível.

Fiona saiu ao seu encontro no corredor.

— A senhora Phillips me disse que pediste ao Albert que prepare sua bagagem. — amassou seu robe para se abrigar. — Parte agora? Acariciou lhe o queixo.

— Não resta outro remédio. Mas retornarei.

— No meio da noite? O que está acontecendo, Leam? E não finja que não é nada. Não sei o que fez todos estes anos, em Londres, mas sei que não se dedicava a jogar, nem a perseguir saias. — Ela se expressava apressada. — Sabe? Leio as colunas de fofocas de Londres, e o homem do qual falam, não é meu irmão.

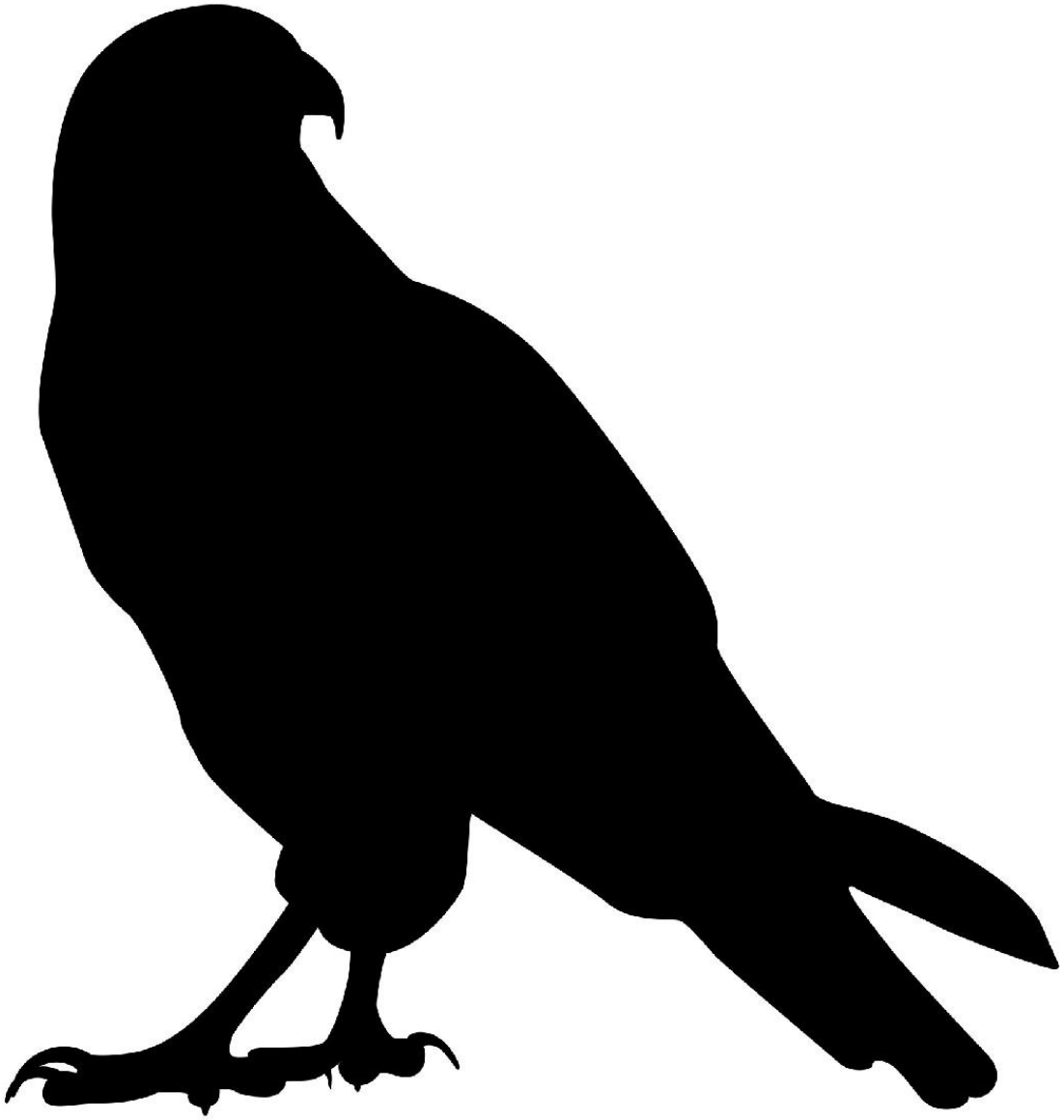
— Não, não é, e você é uma moça muito ardilosa. Mas agora não tenho tempo para lhe explicar isso Basta que confie em mim.

Ela franziu o cenho, mas lhe ofereceu a bochecha para que a

beijasse e depois se abraçou a ele.

— Não vá por muito tempo. E retorne mais feliz do que estava hoje. Eu não gosto de vê-lo triste. Recordo-me de James.

— Diga a meu filho que prometo retornar logo. — Deu a volta e partiu com pressa com seu cavalo.



16

Companheiros britânicos:

Prometi não retroceder em minha busca de informação relativa ao exclusivo clube para cavalheiros do 14½ de Dover Street. E não o fiz. Disponho agora de uma curiosa informação. O clube se chama Clube Falcon. Seus membros se conhecem pelo nome de pássaros. Desconheço o motivo disso, mas assim que o averigue os farei saber isso.

Seria fantástico que eu agora descobrisse que se trata de uma sociedade de observadores de aves. De tiver tempo, talvez me uniria a ela. Mas duvido que os encontre. Os observadores de aves são pessoas silenciosas, mas, por isso eu sei, não são especialmente herméticos.

A Dama da Justiça

Senhor:

Rogo-lhe que leia o folheto anexo. Desejo que desta vez empreenda alguma ação?

A Águia voltou para a cidade e pediu que ao senhor Grimm seja atribuído à vigilância de uma casa, para a segurança de sua moradora. Consenti nisso, com a condição de que a Águia aceite o outro assunto no qual você deseja sua ajuda.

A moradora do lugar é alguém bem conhecido por você, por causa

de sua intervenção no assunto concernente ao L. P., de junho. A Águia acredita que ela pode estar em perigo. Não estabelecemos com exatidão uma fonte, mas, é obvio, faremos brevemente. Enquanto isso, o Gavião tem feito correr a voz, de que a moradora poderia nos ser de utilidade, no projeto no qual você, atualmente, está imerso. A Águia se nega a dar mais informações, mas me resulta impossível acreditar que se trata de uma coincidência. Posso contar com sua permissão para tratar este assunto do modo que me pareça oportuno?

Falcão Peregrino

17

Ela era a única dama solteira no almoço político. De maneira nenhuma deveria estar ali! Nunca deveria ter ido. Mas sua mãe sempre consentia, fingindo não se dar conta dos sussurros de desaprovação, inclusive em atos nos quais uma mente informada, contava mais que o status de solteira ou a reputação manchada de uma dama. A viúva lady Savege era uma figura muito destacada para que lhe importassem os rumores, e, além disso, sempre estava ali para agir de dama de companhia.

Entretanto, corriam rumores e Kitty não conseguia evitar ouvir alguns. Nunca havia se sentido tão censurada quanto naquele momento. Possivelmente fosse porque já não fazia nenhum sentido estar em sociedade, constantemente. Ou, possivelmente, simplesmente porque já não se importava com a política, visto que não desejava se casar com nenhum político corrupto. Emily deveria castigá-la por sua superficialidade e não ao pobre Yale.

— Não experimentou o soufflé de berinjela, Kitty — disse sua anfitriã, a condessa de March. — Pedi ao chef que o fizesse expressamente para você.

— De verdade? Você é muito amável, senhora.

Era previsível. Seus amigos sabiam o que ela gostava de comer em uma festa. Podiam ter a certeza de que ela iria às reuniões, porque não tinha nenhuma outra coisa para fazer. Iria inclusive quando tivesse oitenta anos, com as meias enrugadas nos tornozelos, e contaria histórias escandalosas a qualquer um que a escutasse.

Mas pensar em meias enrugadas a fez se lembrar de Leam Blackwood. Quase tudo a fazia pensar nele. E não queria, porque cada vez que o fazia, suas bochechas se acendiam de vergonha.

Meu Deus! Aquela lembrança a fazia querer desabar no chão e morrer. Como podia ter feito um ridículo tão espantoso? Implorara-lhe que ele fizesse amor. Implorara. Mas pior que a vergonha, era a tristeza que sentia em seu interior e que não diminuía. Pensou que voltar para a cidade aliviaria aquele sentimento. Quando Worthmore, uma hora depois de Yale, deixou Willows Hall e Emily voltou a ficar tão séria, voltou a ser o de sempre, Kitty se sentira livre de ir para casa e deixar o lugar no qual ele fizera amor e, mais tarde, a abandonara.

Mas nada mudara, absolutamente. Ainda se sentia tola e deprimida.

— Kitty, você está irreconhecível desde que retornou do campo — disse lady March, aproximando-se do sofá. A condessa era muito esperta e Kitty gostava da tranquilidade que ela transmitia.

Entretanto, naquele momento, a condessa franziu o cenho ao olhar para Kitty.

— Oh! Estou feliz como uma perdiz — respondeu, possivelmente com muita alegria.

A condessa arqueou uma sobrancelha.

— Uma perdiz?

— Ou o que quiser. — Kitty fez um gesto vago com a mão.

Os murmúrios foram se ampliando até que todo o salão explodiu em gargalhadas, durante um momento. Depois, fez-se o silêncio, novamente.

— Diga-me, o que você fez você em Shropshire?

Alimentou um afeto absolutamente desesperado, por um homem inadequado e que não era absolutamente de se confiar.

— Terminei um bonito bordado. Minha mãe já o enviou aos marceneiros. Você conhece lá de Cheapside. Colocará em uma moldura. Rosas e cerejas sobre um fundo cobre. Eu adoro a cor vermelha.

— Kitty Savege, você fala como uma perfeita tola.

Kitty abriu os olhos.

— O que aconteceu com a jovem dama, admirada por todo mundo que podia conversar sobre política, livros, teatro, e todo o resto? — A

condessa apertou os lábios. — Está incomodada com o cortejo de Chamberlayne?

— Oh! Não. Acho muito bom. — O pretendente de sua mãe era extremamente amável com ela. Não satisfizera totalmente as esperanças de Kitty durante as férias, mas ela possuía razões para pensar que logo haveria uma proposta de matrimônio. Ao retornar, vira que sua mãe possuía um colar precioso de prata e turmalina, um presente do cavalheiro. Kitty fechara a joia, ao redor do pescoço de sua mãe, pouco antes, elogiando sua delicada beleza, e as bochechas da viúva se ruborizaram. O pai de Kitty nunca lhe agradara com joias, mas, sim, reservava aquele tipo de presentes para sua amante.

Naquele instante, Ellen Savege apareceu no salão, junto ao lorde Chamberlayne. Em seus olhos se vislumbrava um fio brilhante.

— Então qual é o problema? — perguntou lady March.

— Não me resta dúvida de que, simplesmente, eu estou aborrecida. — Ou possivelmente se tratasse de um algo mais profundo. Sem dúvida, era algo mais profundo.

— Como ainda restam semanas para a temporada, há muito poucos entretenimentos e não são especialmente atraentes. — Sua voz soou extremamente triste. Na verdade, não era próprio dela.

A condessa franziu o cenho.

— Kitty Savege, você não foi mal educada nem um dia em toda sua vida.

— Oh! Disso não resta dúvida. — Fui horrivelmente mal educada com lorde Blackwood. Depois, fizera exatamente o mesmo que ele estivera fazendo a ela, para justificar sua falta de educação: havia retido ele durante muito tempo.

— Você me ofendeu e nem sequer se deu conta — disse a condessa, sem rancor. — Me preocupo com sua cabeça, querida.

— E o que poderia lhe preocupar de uma cabeça tão bonita, milady? — disse lorde Chamberlayne, quando se deteve diante delas, levando sua mãe pelo braço. Não havia um pingo de falsas adulações nele, o que agradava a Kitty. Parecia tão sincero, diferente de certo escocês que escondia segredos e que, em várias ocasiões, falava com uma voz tão rica e profunda que ela desejava comê-lo pouco a pouco.

— É verdade que me sinto um pouco intranquila nestes dias — admitiu.

Lady March a observou atentamente. Lorde Chamberlayne franziu o cenho e olhou à mãe de Kitty, que como sempre a contemplava, sem se alterar.

— Possivelmente uma noite consiga tranquilizá-la jogando os naipes ficará bem — sugeriu sua mãe.

— Mamãe — disse ela levantando-se, — não desejo jogar. As cartas já não me interessam. — Nunca voltaria a jogar depois da partida que jogara na véspera do Natal.

— Bom isto é uma novidade, filha.

Kitty se afastou de sua mãe.

— Milorde, me substituirá na partida de cartas desta noite?

— Ficarei encantado — respondeu Chamberlayne, olhando com admiração o rosto resplandecente da mãe de Kitty. Realmente, parecia um para o outro, os gostos de duas pessoas nunca foram tão semelhantes. Por que não a pedira em matrimônio ainda? Por acaso Kitty se lançou em uma nevasca e, posteriormente, aos braços de um conquistador escocês para nada?

Voltou-se para sua anfitriã, com um nó do tamanho de um punho lhe pressionando o estômago.

— Milady, devo deixar sua hospitalidade agora. Foi um prazer.

— O aborrecimento também pode ser divertido — murmurou a condessa.

Kitty fez uma reverência.

— Que tenha um bom dia, milady. Mamãe, milorde. — E saiu correndo.

O criado de Alex lhe abriu a porta principal, com seu libré branco

e dourado, brilhante como o ouro. Kitty lhe entregou a capa, o chapéu e as luvas, e subiu as elegantes escadas que levavam à sala.

A casa estava praticamente vazia. Durante as férias, Alex e Serena compraram uma residência maior a duas quadras dali, antecipando-se ao bebê. Kitty e sua mãe deviam se mudar à casa nova, em duas semanas. Naquele momento, isso significava que Kitty estava sozinha.

Possivelmente, somente precisava de um bom livro. A distração poderia ajudá-la, embora não resultasse de grande ajuda durante o último mês.

Era evidente que precisava de uma mudança. Poderia contratar uma dama de companhia e partir à França. Todo mundo dizia que Paris era agradável na primavera. Poderia limitar-se a escapar uma e outra e outra vez, até que a velhice ou algum acidente trágico acabasse com ela.

Abriu a porta de cristal da livraria e percorreu as capas douradas dos livros com os dedos. Sua mão se deteve em um volume. Pegou-o. História dos clãs da Escócia seria uma leitura interessante. Informaria ao criado que não estava disponível para visitas e se perderia nas páginas do livro.

Deixou o volume em uma mesa, deslizou em uma cadeira tal

como Emily teria feito, e cobriu os olhos com um braço. Aquilo não funcionaria. Nunca se curaria daquela teimosia, se a alimentava constantemente.

Levantou-se e pegou o livro para voltar a colocá-lo na prateleira.

O criado apareceu na porta.

— Milady, chegou um cavalheiro. Convidei-o a esperar na sala.

Kitty voltou a colocar o livro no vazio correspondente e fechou a estante, procurando não se fixar no eloquente olhar do criado. Nos últimos anos, os serviçais chegaram a se familiarizar com a questão das visitas que lhe faziam os cavalheiros. A ama de chaves, a senhora Hopkins, inclusive havia informado para Kitty sobre quais eram os cavalheiros que ela aprovava, em particular.

— Obrigada, John. Por favor, fique no corredor. — Passou as mãos pelo cabelo e pela saia, e atravessou o curto corredor.

O conde de Blackwood estava de pé, em sua sala.

Simplesmente, ela ficou sem fala.

O cabelo lhe chegava à altura do pescoço, mas tinha o rosto bem barbeado. Sua jaqueta, seu colete e suas calças eram extremamente elegantes, de uma qualidade excelente e do melhor corte, suas botas brilhavam e estava com uma expressão perfeitamente benigna. Não havia cães à vista.

— Boa tarde. — Leam fez uma reverência, um gesto cortês e sem a mínima afetação. — Confio de que esteja bem, milady.

— Ah sim? — Foi tudo o que ela conseguiu dizer. Não fez nenhuma reverência, nem disse nenhuma outra palavra. Nunca teria imaginado que ele voltasse, e menos ainda, com aquele aspecto e com aquelas palavras. Ele estava com o chapéu e bastão em uma mão, como se não tivesse a intenção de ficar muito tempo.

— Posso perguntar pela ferida? A ferida do braço — disse ele.

— Oh! Está bem. — Ela não conseguia pensar. Mas ele somente permitiu uma pausa breve.

— Venho lhe pedir ajuda. Espero que, apesar das circunstâncias, considere isso.

— Circunstâncias? — As sílabas lhe requeriam um esforço.

— As circunstâncias de ter ocultado a verdade.

Kitty segurou as mãos para acalmar seu tremor.

— Qual é a verdade, milorde?

— Que, durante vários anos, fui agente secreto da coroa, interpretando um papel para fazer meu trabalho. Recentemente o deixei, exceto por um último fio solto que devo amarrar agora. Para esta tarefa é que preciso de sua ajuda.

Ela não sabia se gritava, ria ou chorava. Possuía sentimentos

desencontrados.

— É um espião?

— Era, e não era. A organização a qual eu pertencia procurava pessoas desaparecidas, de grande importância, cuja recuperação exigia uma discrição especial. Reuníamos informações somente para encontrar essas pessoas. — Falava como se se referisse ao tempo que fazia, enquanto o mundo de Kitty dava voltas.

— Isso é absurdo. Como é possível que interpretar aquele papel o tenha ajudado a solicitar informação?

— Você confiou em mim — disse ele olhando-a fixamente.

Sim, ela confiara. Confiará seu corpo.

Leam era conhecido como um conquistador, um cretino afável, mas bonito. Quantas mulheres antes dela haviam pensado que ele era perfeitamente inofensivo? Ela entendeu. Se ele lhe tivesse feito alguma pergunta, ela poderia ter dito qualquer coisa.

— Não — disse ele com tranquilidade, — em Shropshire não procurava informação de você, Kitty. Somente mantive aquela fachada para evitar ter que lhe contar toda a verdade, pois não era algo que eu pudesse contar livremente.

Seu coração ia explodir. Mas aquilo não explicava porque ele não fizera amor com ela, em Willows Hall. Se ao menos pudesse acalmar

aquele estúpido tremor. O profundo e limpo timbre de sua voz, a fazia ansiá-lo em cada poro de sua pele. Estar a seu lado agora...

Ela havia sonhado, tolamente, com a esperança de que ele voltasse. Mas não assim. Não havia imaginado aquilo.

— Entendo — respondeu ela.

— Seriamente?

— Suponho que deveria pensar que tudo isso são fantasias. Mas não perdeu tempo para dizer, diretamente, o assunto de sua visita de hoje, assim devo acreditar.

Ele se aproximou.

Com os nervos a flor de pele, ela se dirigiu à porta e a fechou diante o olhar curioso de John. Leam parou no centro da sala, seus olhos escuros se dirigiram primeiro ao painel fechado e depois para seu rosto.

— Não compreendo porque na outra semana em Shropshire — disse ela em voz baixa — não me disse a verdade, mas agora — assinalou a porta, atrás da qual estava sentado o criado, e depois para sua roupa elegante — parece completamente feliz de contar ao mundo inteiro.

— Nada de tudo isto me faz feliz, absolutamente — respondeu Leam. — vim a Londres por uma razão. Quando tudo se arrumar,

tenho a intenção de voltar para casa e nada do que aconteceu — levantou seu chapéu de seda e apontou a rua através da janela — terá significado.

Ela já não conseguia suportar aquele olhar distante. Olhou para o tapete. As lágrimas não o manchariam, irremediavelmente. Possivelmente teria se debruçado sobre aquele desenho oriental, se ele não estivesse na frente dela.

— Sabe Leam, acredito que preferia a poesia a esta conversa banal.

— Este é meu verdadeiro eu, Kitty. — Sua voz soava tensa.

— Então, me assombro em saber que eu gostava mais do seu outro eu, o falso.

Nesse momento, quando ele se aproximou, ela não teve onde se esconder. Apoiou as costas na porta e ele se deteve, tão perto, que qualquer mínimo movimento o roçaria. Leam inclinou a cabeça e lhe falou pausadamente.

— Me permita cumprir com a missão que me encarregaram e a deixarei em paz. — Respirou com força, e o ar moveu as mechas de cabelo que caíam no rosto de Kitty. — Peço-lhe isso.

— De acordo — sussurrou ela. — Então, me diga no que acredita que posso lhe ajudar?

A mão de Leam agarrou o bastão com veemência. Ela não podia afastar o olhar da força vigorosa que a havia tocado com tanta ternura e paixão possessiva.

— Você e sua mãe com frequência jogam às cartas com o marquês de Drake e o conde de Chance, não é certo?

— Sim, mas isso qualquer um poderia lhe dizer.

— Os agentes do Ministério do Interior procuram informação sobre Chance. Acreditam que você pode ter algo útil para lhes dizer.

— Lorde Chance? — Ela levantou o olhar. — O que querem saber?

— Suspeita-se que ele venda informação aos franceses.

Ela não conseguiu evitar rir.

— Ian Chance? É absurdo.

— Meus colaboradores não acreditam o mesmo.

— É um jogador contumaz e um pouco libertino, mas não é um esp... — lhe travou a língua, somente em parte pelas palavras inocentes que estivera a ponto de dizer. O olhar dele se dirigia agora para seus lábios, e, de repente, ela já não conseguia pensar em nada.

— O Ministério do Interior — disse Leam, seguindo lentamente com o olhar sua boca e a linha de sua mandíbula — tem razões para pensar que o traidor é um escocês que tenta organizar uma rebelião. O avô de Chance era jacobita.

— Mas ele não é — disse ela vacilante. — Não acredito que ele saiba, nem o que é um jacobita.

Ele não disse nada durante um momento. Depois a olhou nos olhos e o desejo que havia em seu olhar fez com que ela se debilitasse. Naquele momento, poderia ter chorado de alegria, de prazer e de medo.

— Possivelmente não seja. — Sua voz era dura. — E penso que provavelmente seja uma tolice suspeitar dele.

— Então o que faz aqui? O que faz aqui? — Somente se levantasse a mão ela podia tocar sua face perfeita e estar no céu. Podia sentir seu calor e fingir que era sua proprietária. — O que pensa que eu posso fazer sobre a possível inclinação jacobita de lorde Chance?

— Contar a meu colaborador o que sabe dele.

— Isso é tudo?

— Isso é tudo — respondeu ele engolindo a saliva, com a mandíbula tensa.

— Mas você deve saber tanto quanto eu sobre ele. Por acaso os cavalheiros não fofocam quando vão ao clube? E joga às cartas tão frequentemente quanto minha mãe.

— Seu amigo íntimo, Drake, fala muito com as damas. É provável que você saiba algo mais. — Sua mão se moveu e o pulso de Kitty se acelerou quando ele colocou a palma contra o marco da porta de

madeira.

— Por que me confia isto? — Ela perguntou negando com a cabeça.

— O príncipe regente e os membros do gabinete real estão agradecidos pelo serviço que prestou a Inglaterra no verão passado.

— No verão passado? — O coração de Kitty deu um salto inesperado.

— No assunto de lorde Poole. — Olhou-a nos olhos. — O príncipe tem muita fé em sua acuidade. — Ele poderia estar falando de qualquer assunto, se não a tivesse pego com força, e não lhe tivesse exigido que lhe dissesse se havia se entregado a outros homens além de Lambert.

Possivelmente devia esbofeteá-lo. Ou gritar. Ou simplesmente começar a chorar. Em um momento de debilidade, ele lhe dissera que fugira da vida que vivera no passado. Mas ali estava ele, forçando-a, precisamente, a voltar para o passado.

— Esse foi um assunto especial — disse ela afastando o rosto, com um tom impessoal, enquanto, por dentro, desintegrava-se como se não existisse nenhuma Kitty Savege.

Ela ficou em silêncio. Quando voltou a olhá-lo, quase esperava ver o Lambert. Entretanto, era aquele escocês de olhos escuros a quem

ela se entregou durante uma nevasca nem Shropshire e que, pelo visto, utilizava-a, precisamente agora, pela primeira vez.

— Foi sua ideia me envolver?

Ele negou com a cabeça. Era um pequeno alívio sabê-lo.

— Então de quem?

— Jinan Seton fazia um trabalho muito parecido ao meu. Depois de vê-la em Willows Hall, ele sugeriu...

Ela se dirigiu para o centro da sala, com um soluço preso na garganta.

— Pensarei — ela disse. — Ou não tenho escolha?

— É obvio que tem escolha. — Em seu olhar, ela não sabia o que ele ocultava. Determinação. Intensidade séria. Possivelmente remorso.

— Kitty, pode se negar. Por favor, se negue. Eu darei desculpas por você e poremos fim a esta história.

O fim, outro fim com ele, desta vez para sempre. Tinha vindo à cidade para cumprir com aquela missão e, quando acabasse, ele partiria. Se ela se negasse, não o veria mais.

Não sabia nada sinistro sobre Ian Chance, somente que a cada semana derrotava a sua mãe no whist, e a cada mês levava uma viúva, impressionante, diferente pelo braço.

— Se posso dar a informação que lhe convença de que ele não é

culpado de traição, farei o que puder.

Ele parecia considerar a ideia. Finalmente, assentiu. Agarrou o chapéu com ambas as mãos como se se preparasse para sair.

— Venha ao lago Serpentine as nove em ponto, amanhã pela manhã. Pode?

— Se eu conseguir? Será melhor se eu estiver acordada. — Tentou sorrir sem muito êxito.

— Há essa hora, poucos a verão sem a companhia de uma dama.

— Irei com minha donzela.

— Não. Vá a cavalo. Acompanhada por seu moço das baias.

— Parece que está me dando uma ordem.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Sim, é uma ordem.

Agora, ela não conseguiu evitar sorrir.

— Mas eu não lhe dei permissão para que me desse isso.

— Na próxima vez, me assegurarei de perguntar primeiro — disse ele sorrindo. Uma profunda familiaridade ainda os unia, desenhando entre eles, um vínculo silencioso e inquieto.

— O que pode me acontecer? — perguntou ela. Lutava contra si mesma apelando à razão.

— Eu estarei lá — Leam se limitou a dizer. E foi tudo o que

precisava para que a razão voasse e o prazer de dois espíritos compenetrados, a superassem. De repente, pareceu que ela deixava escapar um suspiro.

Ele cruzou o espaço que os separava, segurou sua mão e colocou os dedos dela em seus lábios.

— Kitty — disse em voz baixa, lhe beijando os nódulos, enviando o último pingo de resistência para a perdição. — Eu sinto muito. Não sabe quanto.

Lutou contra a sensação embriagadora que seu toque lhe provocava, e conteve as palavras que desejava dizer. Esse tipo de confissão não serviria de nada, para ninguém, especialmente para ela. E ele não queria ouvi-la. Deixara muito claro em Willows Hall.

Ela retirou a mão.

— Obrigada — conseguiu dizer. — Ela merecia uma desculpa por sua falta de sinceridade.

— Sério, eu lamento que esteja envolvida neste assunto.

— Está bem — afirmou ela para dissimular sua confusão. — Seu decurso somente precisa de delicadeza. Mas, possivelmente, se me desse ordens com esse sotaque horrível e com os cães a seus pés, eu me inclinaria para se submeter a sua autoridade.

— Já se submeteu, embora eu duvide que tivesse algo que ver

com minha autoridade.

Ele pareceu ter se dado conta do que dissera no mesmo momento que ela. Olharam-se fixamente.

— Sinto muito, Kitty — Ele repetiu em voz muito baixa, com delicadeza.

— Você já disse. Várias vezes. — Suas sobrancelhas quase se tocaram quando ele inclinou a cabeça. Kitty sentia que lhe faltava o fôlego. Ainda podia sentir que ele a tocava sob a roupa, na pele e dentro de seu corpo. Desejava-o ali, outra vez, mais do que podia suportar.

— Estou cheio de remorsos, por aquilo. — Seu tom de voz era seco.

— E eu, por isso. — lhe custava respirar. — Eu também devo repetir.

— Como?

— Devo dizer: “Isto é má ideia.” — Ela se obrigou a pronunciar aquelas palavras porque seu coração não conseguia suportar aquele jogo. Se ele não a levaria a sério, ela não queria continuar. — Deve ir agora.

— Sim, devo ir — ele admitiu, mas sem mover. — Irei — sussurrou com voz rouca.

— Quando? — Ela podia levantar ao rosto e ele a beijaria. Então ela o levantou.

— Dentro de pouco. — Ele não a beijou. — Agora.

— Por quê? Porque você é um cavalheiro e não um bárbaro?

— Porque você, Kitty Savege — sua voz era tensa, — é um luxo que não posso me permitir.

A porta se abriu com um chiado.

Afastaram-se bruscamente. Kitty foi até a janela, com o coração acelerado.

— Ai! — balbuciou a criada. — Desculpe-me, senhora! Sua mãe enviou uma nota que devia ler, imediatamente, então... a deixarei na mesa. — A porta se fechou.

Kitty olhou às escondidas por cima de seu ombro.

— Partirei agora — anunciou ele. Seus nódulos estavam brancos ao redor da aba de seu chapéu.

— Está bem. Mas não me lançarei a jogos como este. Se for agora, não me procure mais. De acordo?

Depois de uma pausa muito breve, ele disse:

— Sim, de acordo.

Ela piscou presa de desejo e confusão, com o coração em um punho. Possivelmente ela não deveria ter feito um ultimato. Nesse

momento compreendeu que ele era um homem de convicções fortes.

— Está bem.

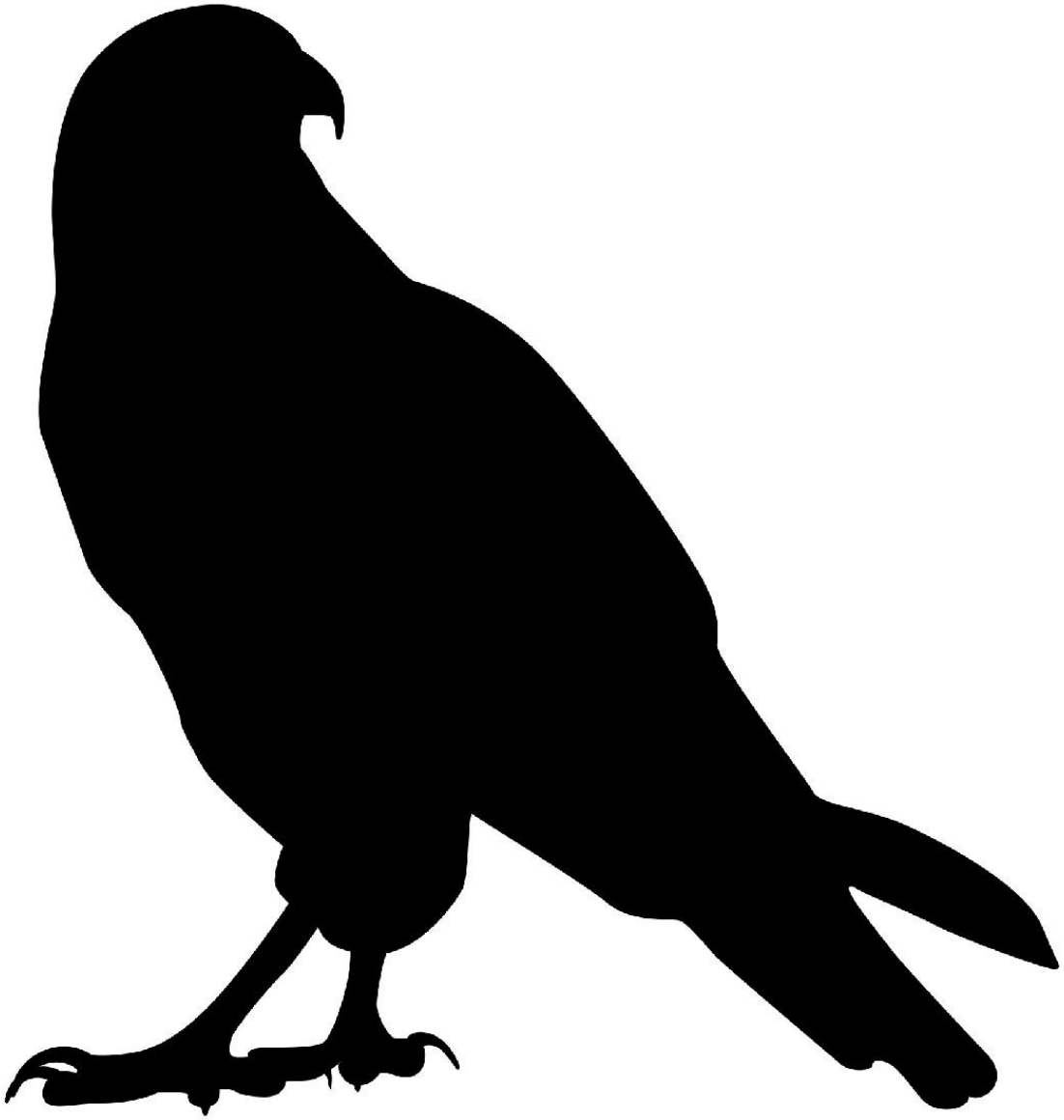
— O visconde Gray me acompanhará ao parque pela manhã.

Conhece-o, acredito.

Ela assentiu com um gesto, sem confiar em sua própria voz.

— Então, até manhã. — Fez uma reverência e partiu.

Kitty se sentou, colocou suas mãos trêmulas sobre os joelhos e descansou, vários minutos, em companhia de seu triunfante amor próprio. Depois, seu coração deixou o amor próprio de um lado e, finalmente, chorou.



18

Kitty se vestiu esmeradamente com uma modesta capa de veludo bordô de gola alto, um simples chapéu em conjunto, com uma crinolina negra e luvas negras. Por seu aspecto parecia que estava de luto, e assim ela se sentia, de certo modo. Sua mãe havia passado a noite fora, com seu pretendente, e ainda dormia quando Kitty saiu às escondidas, à indecorosa hora, das oito e meia. O moço das baias foi a seu encontro com seu cavalo e partiram para o parque.

Viam-se algumas pessoas na grande extensão verde: cavalheiros idosos que tomavam ar, com passo lânguido, uma charrete que passeava com duas velhas damas vestidas com rendas tão antigas quanto elas, e babás com pequenos sob sua responsabilidade, esbanjando a energia da manhã, entre a fria neblina.

Kitty cavalgou lentamente pelo atalho a beira da água. Ao ver dois cavaleiros em direção a ela, ao meio galope, com duas grandes sombras cinza correndo a seu lado, franziu os lábios.

Os cães chegaram primeiro, o maior ficou a pular em frente a seu cavalo; o outro deixava seu enorme corpo peludo a uma distância prudencial. Ela se obrigou a olhar para os dois cavalheiros, enquanto se aproximavam, e saudou Leam com tanta cortesia quanto lorde

Gray. Desejava estar irritada com o conde de Blackwood, inclusive ansiava chegar à aversão, mas lhe era impossível. Viera aqui somente porque ele havia pedido, e para poder voltar a representar o papel de moça sem juízo, que se entregava a um homem que não possuía o mínimo interesse nela.

— Milady — lorde Gray a saudou da sela, — você é muito generosa reunindo-se conosco, aqui, nesta manhã. — Ele era um homem atraente, com olhos de um azul extraordinariamente escuro e gestos autoritários. — Podemos caminhar um momento?

Ela assentiu. Os cavalheiros desmontaram e lorde Gray se aproximou para ajudá-la. Leam a observava, indiferente, como quando entrou em sua casa no dia anterior, antes que a olhasse longamente com desejo e a tocasse.

— Não me surpreenderia que lhe inquietasse esta conversação, milady — disse o visconde enquanto pegava sua mão e a colocava sobre seu braço. Depois a conduziu pelo caminho. — Mas não há motivo para isso. O príncipe regente e os ministros possuem grande fé em você.

Ele devia notar o tremor de sua mão; não conseguia evitar, como mulher amalucada que era ao ver-se na presença de um escocês taciturno. Normalmente taciturno.

— Asseguro-lhe que estou perfeitamente bem — respondeu ela. — Por que não acabamos com isto, de maneira que eu possa aproveitar do resto do dia, tal como eu havia planejado? Para ser sincera, tenho muitas tarefas que me aguardam em outro lugar. Já sabe o que acontece aos informantes: não temos tempo para o aborrecimento.

Lorde Gray não se alterou.

— É obvio milady. Compreendo seu esforço. Procuraremos que isto seja o mais breve possível.

Lançou um fugaz olhar para Leam, que olhava o chão enquanto caminhava ao lado do visconde, mas não conseguia ocultar seu sorriso. Usava novamente seu folgado casaco, passado de moda e a gravata descuidada, e uma sombra se estendia por sua mandíbula. Parecia não ter abandonado seu falso personagem, apesar de tudo.

— Não sei se alguma coisa do que eu possa lhe dizer, lhe será de utilidade — replicou ela, — não faço nem ideia da implicação de lorde Chance na política. Na verdade, sempre acreditei que todos estes assuntos não lhe importavam.

— Na realidade, senhora, não viemos aqui para lhe perguntar a respeito de Chance.

— Sobre o marquês de Drake então?

— Não.

— Gray. — A voz do Leam soou grave ao pronunciar aquela única sílaba.

Kitty soltou sua mão e se deteve no caminho entre a névoa úmida.

— Milorde, não sou aficionada aos jogos. Pelo menos, não até este ponto. Fale com franqueza.

— Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas a respeito de outro cavalheiro que você conhece: Douglas Westcott.

Ela cravou seu olhar no Leam, que franzia o cenho.

Kitty fechou os olhos e uma profunda aflição se apoderou dela.

Não teria imaginado que voltaria a sofrer uma traição tão grande como a de Lambert . Mas, ao que parecia, estava muito equivocada. Muito equivocada, ingenuamente equivocada.

— Douglas Westcott, lorde Chamberlayne. — Praticamente não conseguia articular as palavras. — Todo este tempo você procurava informações sobre o pretendente de minha mãe.

O cenho de Leam se franziu ainda mais.

— O pretendente...

— Sim — acrescentou lorde Gray, — faz tempo que o Ministério do Interior tem suspeitas sobre atividades indecorosas por parte de pessoas próximas a Chamberlayne, principalmente de seu filho, que

ainda está na Escócia. Sabe-se que está interessado em fomentar uma nova rebelião entre os clãs das Terras Altas.

Ela dirigiu seus olhos para Leam.

— Que oportuno foi para você tropeçar comigo em Shropshire, lorde Blackwood. Ou possivelmente não tenha sido casualidade.

Kitty sentiu uma pontada de dor no estômago, que se estendeu por todo seu interior.

— Sinto não lhe ter dado, voluntariamente, informações sobre o homem que corteja minha mãe. Se simplesmente me tivesse pedido isso, com amabilidade, tal como está fazendo, agora, lorde Gray, possivelmente me houvesse sentido obrigada e teríamos economizado esta pequena reunião tão desagradável.

— Eu não possuía conhecimento disto — disse ele. Sua mandíbula parecia de pedra.

— Não?

— Milady, sua parceria com nossos desejos seria de imensa ajuda à coroa.

— Maldito seja, Gray, isto é imoral.

— Parceria? — Ela se voltou para Leam. — Você sabia algo sobre isto?

O visconde respondeu primeiro.

— O nome de lorde Chamberlayne estava na lista que enviei ao senhor Seton meses atrás. Mas nesta mesma semana, quando lorde Blackwood esqueceu de mencionar a relação de sua mãe com ele, comecei a duvidar que tivesse visto tal lista.

— Poderia ter perguntado. — A voz de Leam soou estridente.

O visconde sustentou o olhar de Kitty.

— Suspeitava que você seria contra a marcar este encontro se soubesse todo o assunto.

— Ou, mesmo a metade — interveio Leam. Seu rosto se via sombrio à luz da manhã invernal. — Lady Katherine, me permita que a acompanhe para casa.

Kitty negou com a cabeça; agora via com toda a clareza as circunstâncias em que sua mãe se encontrava.

— Que tipo de atividades indecorosas?

— Não posso dizer — respondeu o visconde, —, mas você pode nos ajudar nos revelando o que sabe dele.

— Eu não sei nada, a não ser que é um cavalheiro muito próximo de minha mãe. E, é obvio, espero que não tenha nada mais para saber, visto que eu o aprecio. — Não sabia mais o que dizer. Deu meia volta e confusa, caminhou velozmente para o moço das baias que guardava os cavalos.

— Lady Katherine — ouviu o visconde dizer, — a bala que a alcançou no Shropshire não era dirigida a você. Mas a próxima poderia ser. Se por acaso meu amigo aqui presente não lhe disse ainda?

Kitty parou e deu meia volta. Leam permaneceu imóvel.

— Não consigo entendê-lo — ela disse, mas sim, ela o entendia.

— Existe uma ligeira possibilidade de que se trate de uma vingança — acrescentou o visconde, como se lesse seu pensamento, —, mas não acredito que lorde Poole seja capaz de cometer semelhante ação, e seria muito fácil seguir sua pista se ele o fizesse. Agora, ele se encontra na França, e nossos informantes estão assombrados com o modesto estilo de vida que está levando. Eles pensam que ele espera conseguir algum dia o perdão e a reposição de seus bens, por seu bom comportamento.

— Mas você ainda não sabe com certeza quem disparou — disse ela olhando para Leam. Resultava-lhe quase doloroso fazê-lo. — Não é assim?

Os olhos dele diziam que ele não desejava dizer-lhe, mas falou:

— Não exatamente.

— Lorde Blackwood recebeu uma mensagem da pessoa que disparou faz menos de quinze dias na Escócia — acrescentou lorde Gray.

— Não o entendo. — A voz dela tremia. — Se alguém desejava me machucar, porque enviaria uma mensagem a você?

Um músculo se moveu na mandíbula de Leam.

— Milady — disse lorde Gray com tom firme, — devido a seu trabalho em favor da coroa, no passado, lorde Blackwood pode ter frustrado o propósito de uma ou duas pessoas de separar a Escócia da Grã-Bretanha. Suspeitamos que você esteja sendo ameaçada para controlar suas ações agora, para garantir que ele não seguirá impedindo os planos dos rebeldes.

O coração de Kitty pulsava com força. Não podia afastar o olhar de Leam.

— É isso é verdade? —Ela perguntou.

— Não acredito que seja.

— Você também me disse que não é um espião.

— Não sou. Mas você está em perigo.

— E como posso me afastar desse perigo? — Uma histeria violenta e desconhecida brotou nela, açulada pelo medo por sua mãe, e pela ideia de que, possivelmente, ele tenha tentado conseguir informação através dela em Shropshire. Isso era tudo o que havia sido para ele, igual à Lambert, que tão somente a utilizara para desonrar seus irmãos.

— Devo confessar aqui, diante de você e lorde Gray, tudo o que sei de lorde Chamberlayne? — prosseguiu ela. — Bom, pois acredito que tem debilidade pelo conhaque, mas o que realmente o apaixona é o porto. Prefere jogar whist, e gosta de muito seus dois cavalos tordos, embora em minha opinião sejam muito chamativos para um cavalheiro de sua idade. Recentemente deu de presente à minha mãe um formoso colar, de muito bom gosto, por certo, e acredito que pretenda pedi-la em matrimônio brevemente, a menos que já o tenha feito a passada noite, mas não a vi ainda, pois fui obrigada a sair de casa muito cedo para escutar as mentiras de um par de homens que insistem que não são espiões, apesar de que o comportamento deles não dista muito do que é próprio dos espiões.

Lorde Gray estendeu uma mão apaziguadora.

— Milady...

— O que deseja saber? Pergunte e lhe oferecerei uma resposta considerada. E depois disso, espero que me diga o que devo fazer para proteger a mim mesma e a minha mãe.

— Não precisa se proteger — disse Leam tranquilamente, — nós o faremos.

Kitty fechou os olhos. Isto seria tudo o que receberia dele a partir de agora? Alguém a ameaçava e esse era o motivo pelo qual ele

continuava em contato com ela?

— Milady — disse lorde Gray, interrompendo o gélido silêncio, — não desejamos incomodá-la por mais tempo nesta manhã. Aceitaria escrever o que sabe de lorde Chamberlayne para que nossos agentes possam analisá-lo?

Estes homens não estavam brincando como ela fizera em uma ocasião ao espiar Lambert Poole. Isto era real, e ela precisava colaborar, especialmente se isso pudesse inocentar o pretendente de sua mãe. Ao contrário... Pelo bem de sua mãe, não conseguia imaginar nada disso agora. Quase trinta anos com um marido dedicado a uma vida dupla, não deveriam ser recompensados com outro homem assim. Mas por que a coroa suspeitava dele?

— Como me protegerá? — Ela perguntou finalmente.

O visconde assinalou para trás, por cima de seus ombros. A uns quinze metros, um homem descomunal apoiava suas costas no tronco de uma árvore sem folhas, as mãos em seus bolsos.

— É o senhor Grimm — ele informou.

— Com um guarda-costas?

— Milady, devemos lhe pedir algo mais.

— Não. — Leam se aproximou dela. — Lady Katherine...

— Queremos que interrogue sua mãe a respeito de lorde

Chamberlayne, e faça com que ela compartilhe informações particulares com você, assim como o que faz Chamberlayne, se lhe for possível, e que depois escreva tudo isto em seu relatório.

— Maldição, Gray! — Leam se aproximou mais dela, mas sem tocá-la, — Kitty, deve ir agora.

As lágrimas lutavam para sair de seus olhos, e Kitty sentia uma horrível pressão no peito e na garganta.

— Sim. — Obrigou-se a olhá-lo, e o que percebeu ali lhe revolveu o estômago: novamente o via frio como o aço, com raiva, mas também havia algo mais, aquela suavidade, aquela intensidade do inicio, que a conduziu miseravelmente para ele.

— Você voltou para Londres por causa da mensagem que me ameaçava? Este é o objetivo que disse que o mantinha aqui, quando seu desejo era estar na Escócia?

Leam respirou fundo e colocou a mão dela sobre seu braço.

— Permita que eu a ajude a montar — ele disse.

— Você deve falar com seu amigo abertamente. Ele está muito zangado, pois está claro que o interrogatório não foi como ele esperava. O que vai fazer Leam, bater em lorde Gray agora, como bateu em Yale na estalagem?

— É possível. — Conduziu-a até seu cavalo.

— Vi o hematoma dele no caminho à igreja, no Natal. — Ela dizia às palavras que lhe ocorriam, porque pensar nesse momento lhe resultava muito difícil. — Estou intrigada. O que Yale perguntou para que sentisse a necessidade de "enviá-lo à neve", tal como ele disse? Por acaso queria utilizar minhas habilidades para interrogar o senhor e a senhora Milch, ou possivelmente a Emily e ao senhor Cox? Isso teria sido maravilhoso. Imagine, poderia ter descoberto todos os seus segredos e começado a enfrentá-los entre si, ali mesmo, presos no povoado. Poderia ter provocado um grande drama. — Sua voz era quebradiça, seu coração estava confuso.

— Sim, era por isso — respondeu ele com certa frieza. — É muito esperta.

— Yale trabalha com você, lorde Gray e Jinan, não é verdade?

— Sim — respondeu ele enquanto segurava suas mãos para que ela subisse depois a elevou. Ela se virou para frente na sela e ele a ajudou a ajustar suas saias, como faria um cavalheiro cortês, auxiliando uma dama em uma tarefa comum. Tudo era bastante natural, como se não tivesse acontecido nada entre eles, e o mais certo é que, agora, não voltaria a vê-lo.

— Pergunto-me como se sentiu ao ser colocado nos problemas domésticos e insignificantes de Emily — murmurou ela. — Um espião

fingindo cortejar uma moça para salvá-la daquele homem-peixe.

— Acredito que Emily o chamou de animal com cara de pescado.

E não existe nada de insignificante em se comprometer com a pessoa errada. — Ele acabou de ajustar o estribo e seus olhos cruzaram com os de Kitty. Por um momento, pareceu que falaria. Depois se afastou do cavalo e deu uma palmada na anca do animal. Ele começou a avançar, e Kitty não olhou para trás. Pelo menos, desta vez não seria obrigada a ver como ele a abandonava.

Leam se voltou para Gray.

— Maldito seja por enganá-la, Colin. E maldito seja por me utilizar. O único motivo pelo qual marquei este encontro foi por sua ameaça de me prender na Escócia se não o fizesse.

Com Cox ameaçando Kitty, não poderia abandonar Londres. O descarado ainda não se deixara ver para recolher o objeto que supostamente Leam possuía. Mas quando aparecesse, Leam lhe romperia o pescoço.

— Necessitamos dessa informação. — O visconde estava à vontade, parecia não se importar com grunhido ameaçador da cadela que estava a sua frente.

— O que ela pode contribuir que não se possa obter de outra fonte? De um informante realmente preparado?

— Sei que ontem você foi ao Serviço Secreto, Leam. Foi ler o dossiê de Poole.

— Que orgulhoso deve estar de sua rede de empregados e homens de fé, Colin. Admirável — respondeu Leam apertando os punhos.

— Viu os documentos. As cartas dela são minuciosas, suas observações, muito agudas. Fez tudo isso, durante anos, sem preparação alguma, nem nenhuma outra vantagem. O diretor ficou impressionado, e pelo menos dois almirantes disseram que nunca viram um trabalho tão minucioso, de um informante, especialmente de alguém perfeitamente integrado na sociedade como ela. Incluindo Constance.

— Kitty Savege não era uma informante. Se também tiver lido o relatório, sabe muito bem que aquilo era um assunto pessoal para ela.

— Então, já vai sendo hora de que dedique seu talento aos assuntos de Estado.

— Maldito seja, Colin, desafiaria você a um duelo se pudesse suportar essa ideia, mas sabe bem que não posso.

— Não desejo lutar com você, Leam. Eu somente estou aqui para lhe convencer de que trabalhe para nós.

Ele ficou atônito por um momento.

— Nós? Já não há nenhum nós. Ou por acaso não se deu conta

disso enquanto realizava seus planos secretos? Não li a maldita lista de nomes que Jin levou, porque me importa nada.

— Não estou falando do Clube Falcon. Querem você no Ministério do Interior. Muito seriamente.

— Pois lhes diga que peguem Yale. Ele está ansioso para retornar para lá.

— Desconfiam de Yale, embora eu lhes tenha assegurado que não deveriam.

— É o mais inteligente de seu grupo, e são estúpidos se não souberem disso. — Leam se voltou sobre seus calcanhares. — Vá procurar você mesmo um candidato adequado, alguém que precise de trabalho, sem família, nem patrimônio pelo qual velar. Alguém que deseje seus malditos segredos e mentiras. — Subiu ao cavalo com uma pernada. A névoa se transformou em chuva e as gotas caíam sobre seu chapéu e seus ombros, sobre a pelagem brilhante de seu cavalo. A ira fervia em seu interior, quente e se desesperada. Em seus olhos refletiram uma traição maior que o céu que os cobria. Possivelmente ela acreditara nele, mas agora, já não o faria.

Era o melhor.

— As pessoas o seguem, Leam — disse Gray.

Ele colocou as rédeas em seu lugar antes de responder.

— Se está se referindo a Wyn e Constance, é claro que me seguem. Praticamente criei a ambos.

— Inclusive Seton o escutou algumas vezes, apesar de sua atitude indisciplinada para com o Clube e de sua incerta lealdade à coroa. Absolutamente todos os que estavam sob sua responsabilidade, voltaram para casa sem pigarrear. As pessoas vão para onde você lhes diga Leam. O reino precisa de você.

Sim, as pessoas faziam o que ele queria, como seu irmão, que enfrentou um duelo com seu melhor amigo, porque Leam assim o quis. Colocou um pé no estribo e montou.

— Não me interessa.

— Interessaria se eu lhe dissesse que não incomodaremos mais lady Katherine para obter informações, se você aceitar a oferta?

A cabeça de Leam se voltou rapidamente.

— Querem que retome seu cargo anterior e encabece a equipe da França — disse Gray.

— Está utilizando-a para me convencer?

— Não exatamente. A ajuda dela, com Chamberlayne, seria muito útil, inclusive essencial. Não duvidam que ela possa continuar sendo útil depois disto, com suas conexões sociais e sua habilidade natural. Como mulher solteira não tem nenhum marido que lhe atrapalhe —

acrescentou dando uma piscada. — Leam, lamento ser o mensageiro. De verdade. Somente estou dizendo o que me pediram que lhe transmitisse. Estão dispostos a prescindir dela em troca de sua promessa.

Leam respirou fundo. Como podia ter permitido isto? Estivera cego, não vira nada daquilo ao que deveria ter dedicado toda sua atenção. Outra vez.

— Colin, devo encontrar David Cox. — Ele lhe assegurara que trabalhava para o Lloyd's, a primeira companhia asseguradora de Londres. O procurar primeiro ali, mas ao que parecia Cox não trabalhara para o Lloyd's durante anos. Outra razão para suspeitar dele, quem quer que fosse.

— Quando este assunto termine — disse Gray, — poderemos ajudá-lo com isso.

— O diretor, os ministros e sua rede de informantes são um bando de idiotas, alguns aficionados — acrescentou Leam franzindo o cenho. — Por que pensam que eu poderia me aliar com eles?

— Para se assegurar de que não convidarão lady Katherine para que os ajude, nunca mais.

Leam sentia o peito doer. Sacudiu a cabeça.

— Fui realmente um idiota ao procurá-lo para que me ajudasse a

protegê-la. Disse-lhes exatamente a maneira de me estender uma armadilha.

— Eu gosto tão pouco quanto você. Mas me ordenaram fazer o que devo fazer.

— Me responda a isto: se eu aceitar, como me garantirá o amparo dela se eu estiver do outro lado do canal ou no norte?

— Terá a promessa do diretor, do príncipe regente, se esse for seu desejo. Dei minha palavra e lhe prometo que o governo se esquecerá para sempre de Katherine Savege.

Leam segurou as rédeas com as mãos geladas. Fez uma promessa a seu filho. Fez uma promessa a si mesmo.

— Não tenho coração para isso, Colin — disse para seu velho amigo. — Seria um espião medíocre.

— Nunca teve coração para isso, Leam. Isso é o que o converte no espião perfeito. — O rosto do visconde estava com a mesma expressão de segurança e confiança, de cinco anos atrás, quando em um encontro casual em seu clube, tomando um brandy, havia falado pela primeira vez com Leam sobre o Clube do Falcão. Uma nova organização secreta, dissera Gray, com uma tarefa para a qual Leam parecia especialmente correto naquele momento. Precisavam de um escocês, e isso lhe permitiria abandonar a Inglaterra. Deixar tudo para

trás.

Mas agora não desejava partir. Pela primeira vez em anos, desejava ficar, e na companhia de uma mulher que não poderia ter.

— Devo apresentar a minha irmã para a sociedade nesta primavera.

Era a última coisa que poderia fazer por ela. Se se casasse com um homem de bem, Fiona poderia levar Jamie para sua casa quando Leam precisasse partir. O menino não podia ficar sozinho em Alvamoor para que a amargura de Isobel arruinasse sua juventude.

Levantou a cabeça e se encontrou com o olhar de Gray.

— Pois diga que estou disposto a fazer o que desejarem. Mas se alguém importunar novamente lady Katherine, farei você pagar por isso, pessoalmente, Colin.

— Está bem.

Leam virou a cabeça e seus arreios e partiu cavalgando.

Kitty esperava que sua mãe se levantasse. A respeitável viúva continuava na cama. Às onze horas, Kitty se dirigiu ao quarto de sua mãe e bateu à porta. Uma donzela respondeu.

— Ainda não retornou hoje, milady.

Kitty manteve a calma.

— Ora, que estranho. Possivelmente ficou na casa de meu irmão a

noite passada. Lorde e lady Savege querem que todos nos mudemos para sua nova casa antes que nasça o bebê.

— Claro senhora. — Mas a donzela, tampouco, acreditava.

Não teria nem sequer um dia, nenhuma hora para decidir o que dizer para sua mãe. Diferente de sua filha, a condessa viúva não se entregaria para um homem, nem se arriscaria a ser descoberta tendo relações com um cavalheiro, sem uma promessa de matrimônio. Ao que parecia lorde Chamberlayne estava destinado a ser um membro da família. O que teria para dizer lorde Gray a respeito disso? E como Kitty ocultaria isso de sua querida mãe?

Não poderia.

Foi à sala e soou a campainha, depois se sentou em uma escrivaninha e tirou uma folha de papel e tinta.

— Milady? — disse o lacaio da porta.

— Se perguntarem por mim, esta tarde não estou em casa, John. Se minha mãe chegar em casa, me avise imediatamente, por favor.

O criado se inclinou e fechou a porta.

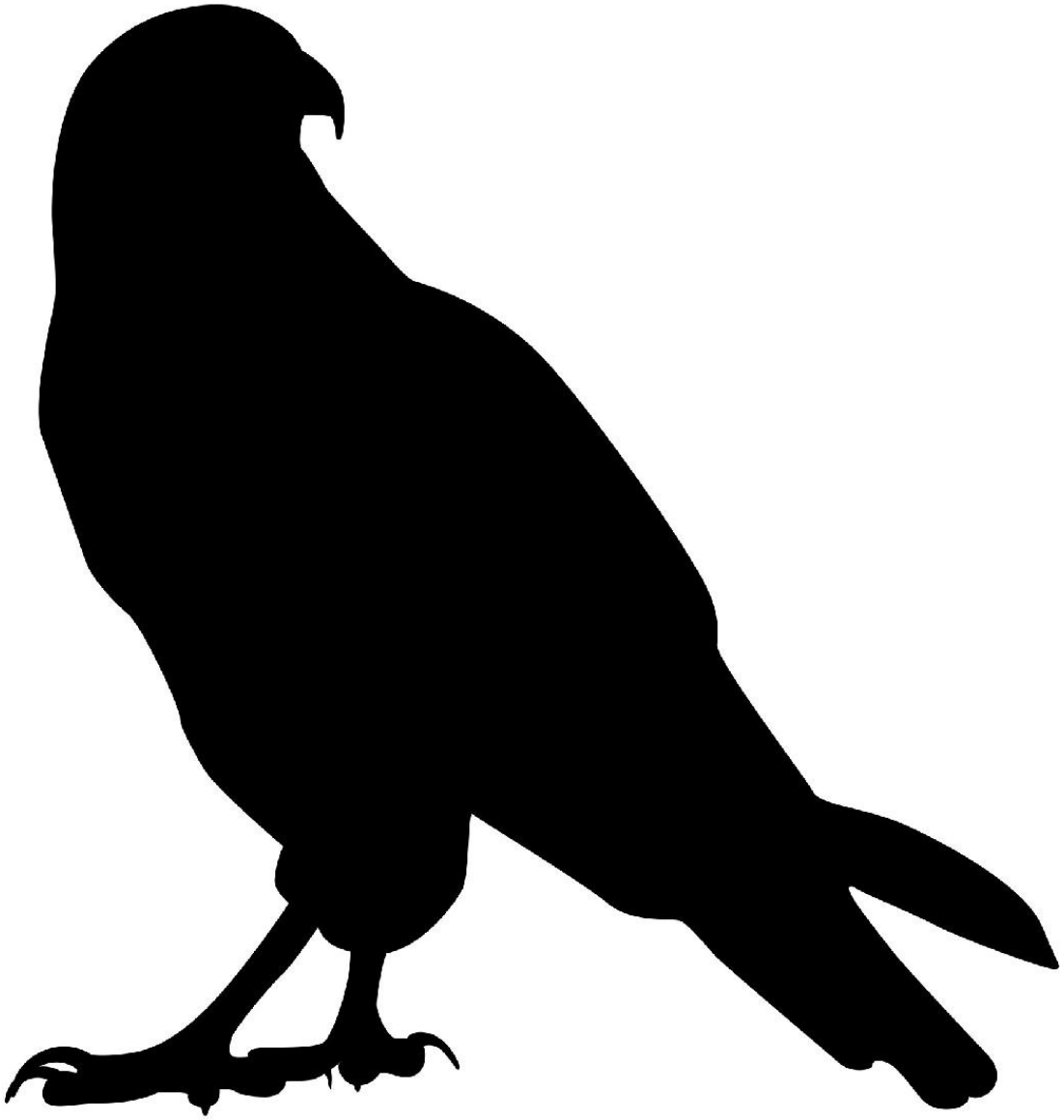
Começou a escrever, mas não o que lorde Gray desejava ler. Não podia fazer o que lhe pediam. Se procuravam informação sobre lorde Chamberlayne, deveriam procurar através de outra fonte. Não diria nada a sua mãe, mas, tampouco a trairia. E ela não era uma espiã.

Devia deixar isso para outros mais qualificados. Se lorde Chamberlayne fosse culpado de fomentar a rebelião entre os habitantes das Terras Altas, o governo o levaria perante a justiça com outros métodos. Precisava acreditar nisso. Mas a consciência lhe remoía, ao que se acrescentava a ansiedade por sua mãe.

Quando a tinta secou, ela selou a carta e escreveu o endereço.

Levantou-se, as lágrimas escorregavam por suas bochechas, e se dirigiu à janela.

— John — ela chamou, e se dirigiu ao patamar. Mas quem subia a escada não era o criado. Era Leam.



19

Ele parou. Sua mão se agarrava ao corrimão da escada.

— Esta chorando.

— O que está fazendo aqui? Parta! — Não havia preparado aquelas palavras, e a surpreenderam tanto quanto a ele, que abriu mais os olhos.

— Volte a entrar na sala — disse ele, subindo a escada.

— Deixe de me dar ordens. Não tem nenhum direito.

— Sim eu tenho maldita seja! — Aproximou-se dela e a agarrou pelo braço.

— Não, nada disso. E deixe de me insultar. Não é mais do que um cretino.

— Não estou insultando você. Não exatamente. — Arrancou-lhe a carta da mão. — Não deveria ter escrito isso.

— Eu não...

— Milady? — O criado a observava do vestíbulo de baixo.

— Estou bem, John. Quem permitiu a entrada de lorde Blackwood?

— A porta estava aberta — disse o conde bruscamente.

— E entrou tranquilamente sem ser convidado? Em realidade

“desconvidado”: Eu lhe disse que não voltasse mais aqui.

— Seus criados deveriam receber umas boas chicotadas por deixá-la desprotegida diante dos intrusos.

— Estamos nos mudando para uma casa ao final da rua, há muito movimento de um lado para outro. De todo modo, pensei que o senhor Grimm se encarregaria dos intrusos.

— Entre na sala — ele ordenou novamente.

— John, por favor, se assegure de que a porta principal esteja bem fechada — disse ela, admoestando o criado. — Não será necessário o chá, lorde Blackwood ficará pouco tempo. — Soltou-se, entrou na sala e cruzou-a, afastando-se dele.

Ele fechou a porta e depois se dirigiu à porta que se comunicava com o salão e também a fechou.

Kitty sacudiu a cabeça.

— O que faz? Por favor, não faça isso, abra a porta agora mesmo.

— Quando ele se aproximou, ela o deteve com a mão. —Pare não se aproxime mais.

Mas Leam se aproximou, não lhe permitiu manter-se distante de seu corpo, sua força e seu vigor. Ele colocou a carta sobre a mesa, com cenho severo.

— O que está escrito? — perguntou-lhe.

— Ao final, lerá. Por que não espera para averiguar quando lorde Gray lhe entregar? Melhor manter as expectativas e não frustrá-las agora, não lhe parece? De fato, esta tática funcionou muito bem conosco em Shropshire.

Segurou-a pelos ombros, atraindo-a para si, e ela agradeceu, inclusive, aquele contato tão pouco amoroso.

Leam a observava atentamente; estava com os olhos estranhamente brilhantes.

— Kitty, isto não é uma brincadeira — ele disse.

— Como pode me dizer isto?Para mim?

— Não posso deixar que lhe façam mal.

— Isso eu entendo. Mas, pelo menos, pode respirar tranquilo, pois seu inimigo escolheu me ameaçar, no lugar de algum inocente membro de sua família. Afinal, eu tive entendimentos com um malfeitor durante anos. Sou muito capaz de...

— Deixa-me sem fôlego — sussurrou ele.

Ela ficou aturdida, sentindo que se derretia. Ele parecia absorver, com seus olhos escuros, os detalhes de seu rosto. Levantou uma mão e lhe rodeou sua bochecha. Depois fez o mesmo com a outra mão. Afundou seus dedos em seus cabelos e a agarrou com mais força.

— Não permitirei que se aproxime, nunca mais. — Sua voz era

dura, destilava violência.

— Quem...? De quem estamos falando? Da pessoa que disparou de lorde Gray, o...

— Quando fala, não ouço nada mais. Quando se move, não posso deixar de olhar — disse ele bruscamente. — Não posso resistir a você. — inclinou-se e seus lábios roçaram a boca dela.

Kitty tomou ar, estava tremendo.

— Mas você tenta resistir? — Perguntou ela com muita dificuldade.

— Sim, mas fracassei. — Ao abraçá-la, suas mãos eram quentes, seguras.

— Antes me diga que não conhecia as suspeitas a respeito de lorde Chamberlayne, em Shropshire. Diga-me para que possa acreditar em você. Por favor, Leam.

— Sabia de seu olhar e seu sorriso, de suas palavras e do roçar de sua mão, nada mais. Sua mera existência me cativa, Kitty Savege. Desde o momento em que a vi pela primeira vez, três anos atrás. Basta isso para convencê-la?

— Possivelmente...

Ele capturou seus lábios abertos. Ela elevou os braços e permitiu que ele se aproximasse mais, até que seus corpos se encontraram

completamente, e o alívio de tocá-lo de novo, a inundou. As mãos de Leam deslizaram por suas costas, depois por seus glúteos, com força. Ela se permitiu tocá-lo, deleitar-se nas duras facetas de sua face, seus ombros, seus braços fortes, sentindo o prazer de fazê-lo. Poderia se perder em seus beijos e desejar não ser jamais encontrada. Estava a ponto de deixar que isso acontecesse.

Já permitira. Estava perdida.

Acariciou-lhe com sua boca o queixo, depois a zona tenra atrás do ouvido.

— Não deixei que pensar em você — ele disse. — Não passou uma só hora em que eu não tenha rememorado a música de sua voz, o perfume de sua pele ou o prazer de estar dentro de você.

— Saiu de Willows Hall tão de repente. Pensei que me desprezaria por desejá-lo. E agora me diz isto. E me beija. Não consigo pensar.

— Não me disse a verdade, não é? — A boca de Leam se apertava contra seu cabelo, sua voz era baixa. — Foi somente Poole, não? Por que queria me fazer acreditar em outra coisa?

Ela fechou com força os olhos.

— Queria que você estivesse seguro de que não sou fértil. O que importava se tivesse um amante ou cem?

— O que ele fez com você, Kitty?

— Que me empurrou a me vingar dele? Nada — sussurrou ela, — não fez nada.

Foi ela quem fizera a si mesma transformando sua dor em vingança. Agora ela entendia.

A respiração de Leam era irregular.

— Algo ele deve ter feito.

— Não tem porque se preocupar, Leam. Não vou persegui-lo agora que nós terminamos. A ruína de um homem já é suficiente para mim, nesta vida.

— Kitty, não diga essas coisas. Não, por favor. — As enormes mãos de Leam agarram seus quadris e deslizaram por sua cintura; estava no comando de seu corpo, como se fosse dele, para fazer com ele o que mais desejasse. Falou bem junto a sua bochecha: — Eu não quero que isto termine.

— Agora não, mas...

Sua boca encontrou a dela. Kitty afundou os dedos em seus cabelos e deixou que a beijasse como se aquilo não tivesse fim.

Ele se afastou, voltou a lhe acariciar o rosto, roçando seus lábios com o polegar, tal como fizera, anteriormente.

— Agora preciso me ocupar de algo. — O olhar de Leam passeou por seu rosto, depois a olhou nos olhos. — Prometa que não fará o que

Gray lhe pediu.

— Por que não?

— Porque não é próprio de sua alma turvar-se com tais enganos. Deixe isso para aqueles cujas almas já estão manchadas. — Roçou ligeiramente seus lábios, com ternura, depois com mais força. — Devo ir — sussurrou junto a sua boca, depois a soltou e retrocedeu, respirando fundo.

— Voltará? — Kitty mordeu os lábios, mas as palavras já haviam escapado de sua boca.

Ele sorriu.

— Então não existe mais a proibição de minha entrada nesta casa?

Queria lhe fazer uma pergunta. Se ele voltasse, isso significaria que suas intenções eram sinceras? Mas em vez disso, disse:

— Possivelmente deveríamos deixar uma interrogação aberta.

Ele assentiu, fez uma reverência e partiu. Desta vez Kitty deslizou sobre uma cadeira, suas pernas pareciam de gelatina, fraquejando, mas sem chorar. Tinha esperanças.

Londres não descansava nunca, nem sob o frio da chuva de fevereiro. Leam abria caminho entre carruagens, carros e pedestres, atravessando atoleiros e ruas cintilantes, onde se elevava o fedor de

uma cidade invadida pelo frenesi do comércio, decidido a alcançar seu destino.

Deixou seu cavalo aos cuidados de um moço, em uma baia próxima. Por um momento, contemplou a estreita casa diante dele; não havia nada de especial para observar em sua sóbria fachada marrom, com vigas de ferro negro. Pode ser que a pessoa que a habitava não estivesse em casa. Entretanto, a aldraba estava colocada para cima; o homem ao menos estava na cidade.

Leam continuava sendo tão impetuoso como sempre. Sua presença ali corroborava isso, e a breve visita a Kitty, no dia anterior, ratificava, com segurança. Amava-a e precisava estar com ela. Se isso significasse enfrentar os demônios, assim o faria. Primeiro precisava encontrar David Cox. Transcorrida uma semana depois de sua volta à cidade, Cox ainda não entrara em contato com ele. Leam e seu advogado visitaram Lloyd’s em busca de informação sobre o agente de seguros, mas ninguém sabia nada, desde sua partida para a América, cinco anos atrás.

Não se daria por vencido. Mas sentiu tensão em seu interior quando se dirigiu à porta e chamou. Respondeu um criado de cara anguloso e pálido, que avaliou a aparência desalinhada de Leam antes de elevar as sobrancelhas.

— No que posso lhe ajudar monsieur?

Leam entregou um cartão de visita.

— Me leve até seu senhor — disse em escocês.

As janelas do nariz do servente bateram as abas. Assentiu com a cabeça, deixou-lhe passar ao vestíbulo e pegou seu casaco e seu chapéu.

— Vamos rápido — continuou dizendo Leam, em escocês, com um gesto de impaciência, — não tenho todo o dia. — Com muito gosto teria esperado eternamente para ter esta conversa, mas o momento chegara, e, agora, possuía uma determinação que nunca tivera antes.

— Je vous em prie, milorde — disse o criado com evidente desagrado, — se quiser, pode esperar no salão.

Leam entrou no salão, dirigiu-se à janela e contemplou o dia cinza, observando a fila, ordenada, de edifícios elegantes daquela rua. Por Deus, queria fugir daquelas casas senhoriais. De Londres. Da Inglaterra. De todos os modos, ele jamais pertenceria a esse mundo, ao qual mentira durante anos.

Alguns passos na soleira lhe fizeram virar a cabeça. Quase tão alto quanto Leam, com uma mecha de cabelo negro no meio da testa, os olhos verdes e penetrantes, e uma elegância em seu aspecto e sua vestimenta, Felix Vaucoeur era um homem bonito.

— Vi seu cartão — disse sem nenhum rastro de sotaque; seu inglês era tão fluente quanto o de Leam, quando este se propunha, —, mas não consegui acreditar.

— Seu criado é um esnobe impertinente, Vaucoeur. Paga-lhe para que assuste às visitas?

O conde se dirigiu à estante e tirou uma garrafa de um líquido escuro.

— É bastante tarde para que finalmente me faça uma visita, Blackwood. — Encheu dois copos e cruzou o salão. Ofereceu um para Leam e seus olhares se encontraram. — E também é uma hipocrisia.

Leam estudou o homem que matara seu irmão. Durante quase seis anos seus caminhos não se cruzaram, absolutamente. Para proteger Leam e James do escândalo, seu tio, o duque de Read, conseguira que Vaucoeur fosse indultado, e se fez correr a voz de que em vez de um duelo, havia sido um acidente de caça. Vaucoeur partiu para o campo para evitar as fofocas, onde permaneceu até o final da guerra e voltou durante algum tempo para suas propriedades no continente. Mas apesar de seu título francês, a parte de sangue inglês de Vaucoeur sempre fora mais forte.

Leam depositou o copo em uma mesa.

— Não tem ideia de porque estou aqui.

— Ah. — O conde deu meia volta e voltou para a estante.

— Preciso de sua ajuda.

Vaucoeur parou enquanto levantava a garrafa.

— Estou procurando um homem que afirma ter lutado com você e com meu irmão, na Península — disse Leam. — David Cox, loiro, bonito. Diz que agora se dedica aos seguros. Lembra-se de um tipo assim?

— Por que não pergunta diretamente ao Ministério da Defesa?

— Estou mais interessado nele do que em seu endereço.

Os olhos de Vaucoeur se entrecerraram.

— E o que me interessa isso?

— Não sei se lhe interessa ou não. Cox esteve me seguindo, e ameaçou pessoas próximas a mim. Devo me assegurar de que não tem nada a ver com meu irmão, antes de contemplar outras possibilidades.

— Imagina que eu poderia ter algo a ver com ele, com esse comerciante que afirma ter conhecido James. Um tipo bonito, um de nossos companheiros de regimento. — Vaucoeur deixou seu copo com um suave estalo. — E?

— O que quer dizer?

— Que assunto eu poderia ter com esse senhor Cox que tivesse comprometido seu irmão?

Durante um longo silêncio, os dois se olharam.

— Por que permitiu que me empurrasse para isso? — perguntou Leam finalmente. — Inclusive estou exagerando: depois que precisei animá-lo para que o desafiasse.

Vaucoeur falou lentamente:

— Ele seduziu a minha irmã.

— Seduziu a algumas irmãs de outros homens... — replicou Leam, —, mas estava apaixonado por você.

— Essa foi sua desgraça. — A resposta foi muito rápida, muito fluída, ensaiada, como se estivesse esperando para dizer aquelas palavras durante quase seis anos.

Não bastava para Leam. Não depois de tanto tempo.

— O que aconteceu na Península, Felix? Dois homens jovens que foram lançados juntos à guerra, que compartilham campo de batalha e tenda, como Felipe Augusto e Ricardo Coração de Leão, partindo através do deserto contra o inimigo infiel. Qual dos dois você foi? O jovem rei Felipe, o provocador, o aproveitador? — Sua boca possuía um sabor metálico. — E meu irmão, o desconsolado Ricardo.

— Fora daqui, Blackwood. — As palavras eram geladas, mas algo em seus olhos deteve Leam, algo profundo e que parecia ter deixado um profundo rastro, inclusive anos depois. Vaucoeur ainda não fizera

as pazes com seu papel na morte de James.

— Cuidava dele, não é verdade? — Nunca ocorrera antes ao Leam. Não desta maneira.

— É claro. Era meu melhor amigo.

— Mas não seu amante.

— Nunca. — Seu olhar se cruzou com o de Leam. — Sabe, eu gosto exclusivamente das mulheres, muito.

Finalmente Leam entendeu a tortura de seu irmão, e possivelmente a dor e remorso deste homem, também. Vaucoeur nunca fora o que James queria e ao mesmo tempo temia que fosse. Durante anos a ira ardera em Leam porque seu irmão havia mentido ao não lhe falar sobre o filho de Cornelia. James poderia ter se casado com ela; os homens como ele se casavam com mulheres que geralmente não queriam. Mas o desespero que levara James a se deitar com todas as mulheres que encontrava, fez com que um matrimônio real, com uma mulher, fosse impossível. Seu irmão quisera alguém que não podia ser dele, e isso o levara a beira da loucura. A paixão dos Blackwood não fora reservada unicamente para Leam.

— Devo entender então — ele disse — que não sabe nada que possa me ajudar no assunto de David Cox?

O conde lhe deu as costas e voltou a colocar a tampa na garrafa de brandy.

— Não me lembro dele.

Leam o saudou com a cabeça e se dirigiu à porta, sentindo um vazio estranho em seu peito.

— Ele odiava a si mesmo. — A voz de Vaucoeur lhe alcançou, firme e segura.

— Sim — disse Leam tranquilamente, — e ele sofria por ser quem era — de um modo que Leam não sofrera em sua vida.

Enquanto James desprezava sua própria natureza, Leam não se importava absolutamente, com o que seus companheiros de classe pensassem dele. Discretamente, estudou, escreveu e aguentou as brincadeiras com excelentes notas e elogios do professor. Mas nada de tudo isto lhe importava unicamente à poesia, a expressão da verdadeira emoção, aquilo que tão profundamente acreditava, naquela época.

Mas vira seu irmão sofrer muito, e sentia em seu próprio coração. Depois de um tempo, ele também quis sofrer para poder enfim compartilhar um pouco daquela dor. E Cornelia Cobb lhe ofereceu a oportunidade perfeita para isso.

Atraiu-o com sua frivolidade juvenil, agora entendia. Apaixonar-

se por ela lhe fizera sentir, finalmente, como se traísse a sua própria natureza. Como o insensato que era, seduzia-lhe saber que ela não era a mulher adequada para ele, com aquelas risadas alegres e superficiais, com seus frívolos devaneios. Depois de todos aqueles anos observando seu irmão e sofrendo por ele, Leam recebera o sofrimento com os braços abertos.

Não havia parado para pensar, nem por um momento, o que aconteceria realmente se ela o aceitasse.

— Você não o matou — a voz de Vaucoeur era dura, — eu gostaria de acreditar que inclusive eu não o fiz. Ele queria morrer e nos utilizou, porque lhe faltava à coragem para ele mesmo apertar o gatilho.

Leam olhou os olhos brilhantes de Vaucoeur e viu neles tal frieza que desejou não senti-la nunca mais, uma frieza que o olhar franco e o contato ofegante de Kitty estava começando a derreter em seu interior.

Fez uma reverência.

— Vaucoeur.

O conde se inclinou.

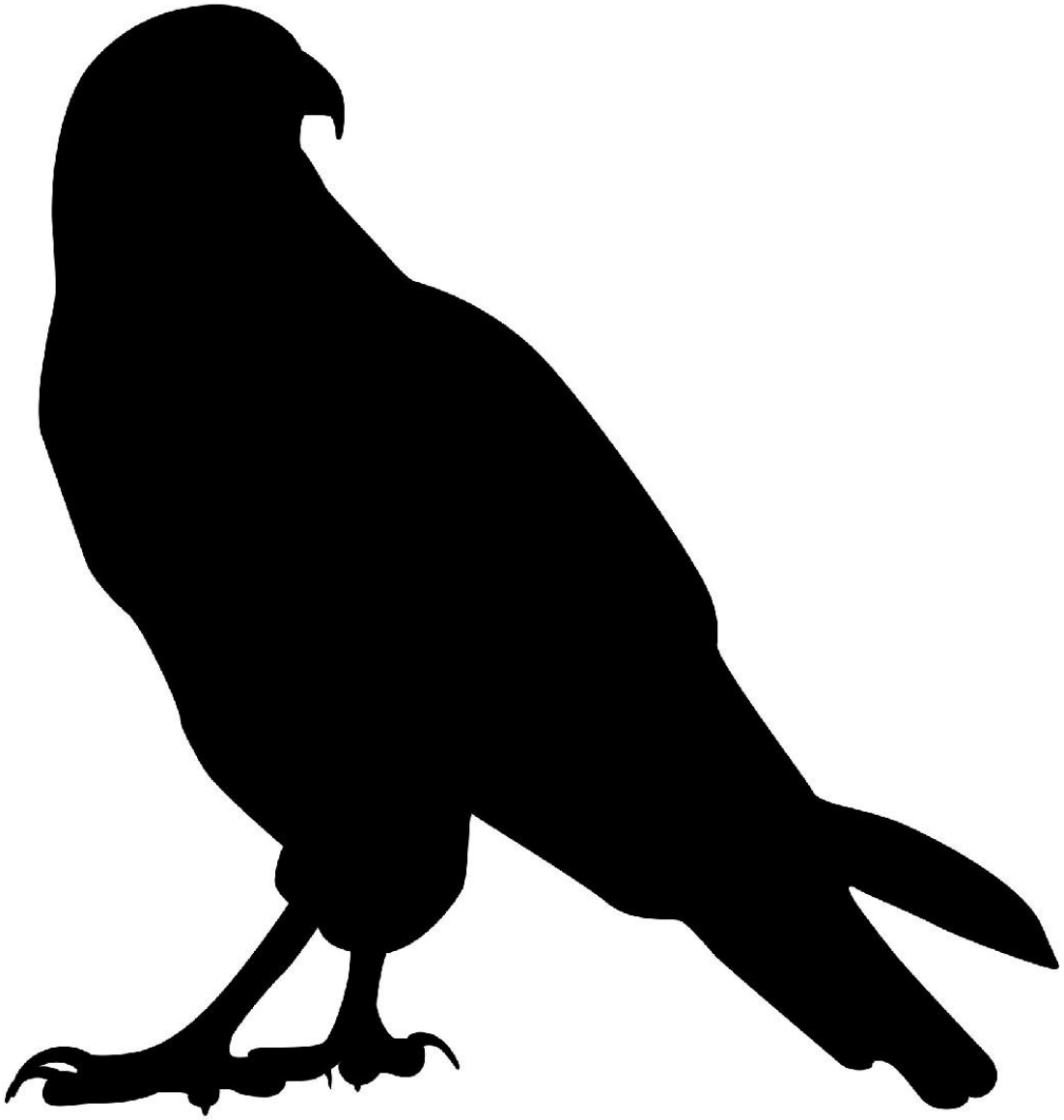
— Milorde.

Leam saiu. As ruas da cidade continuavam lotadas de pessoas e de veículos, o céu coberto por espessas nuvens de chuva, com a cor

dos olhos dela. Devia rumar ao Ministério de Defesa em busca de qualquer informação sobre Cox que pudesse encontrar ali. Ainda se sentia estranhamente à deriva, sem âncora.

Parou para deixar passar um carro pela rua lamacenta, rodeado pelo estalo continuado das rodas, pelos gritos e pelo aroma de chuva. Já não se sentia à deriva, mas sim, livre. Livre de culpa. Livre de remorsos e de dor.

Suas mãos esticaram as rédeas e aspirou uma grande baforada de ar, a água gotejou sobre seu capote e a aba de seu chapéu. Dirigiu o cavalo para o Ministério de Defesa.



20

Kitty não falou com sua mãe das suspeitas do visconde Gray com respeito a lorde Chamberlayne. Simplesmente, não sabia por onde começar. “Mamãe, tive uma aventura (e ao que parece, ainda tenho) com o lorde Blackwood, e seus companheiros espiões acreditam que seu pretendente, tem entendimentos com pessoas que planejam uma rebelião, e me pediram que os ajude a obter informações sobre a família de lorde Chamberlayne e suas possíveis atividades delitivas.” Não, não faria isso. Não podia fazer o que lorde Gray lhe pedira, mas tampouco ocultar isso de sua mãe.

De pé, em frente à lareira de seu quarto, tirou de seu bolso a carta que escrevera e a depositou sobre o suporte. Precisava de tempo para refletir, especialmente para averiguar até que ponto, na realidade, lorde Chamberlayne era importante para sua mãe.

No dia seguinte a acompanhou a fazer visitas. O dia depois desse, transcorreu de um modo muito similar, e incluiu um passeio com lorde Chamberlayne pelo parque. Os dias passaram, lentamente, até completar uma semana. Leam não voltou.

— Kitty, está inquieta — sua mãe lhe disse quando a carruagem parou no meio-fio da Praça Berkeley para recolher Emily e madame

Roche.

— Não é verdade. Eu nunca estou inquieta. — Com gestos rápidos tratava de liberar seus dedos da rede de cabelo. — Mamãe, onde estava já faz uma semana, quando não retornou para casa de noite?

A respeitável viúva a olhou com olhos brilhantes.

— Perguntava-me quando me faria esta pergunta.

— Estava aguardando que você me contasse isso. É o que eu esperava que fizesse. Onde esteve?

— Não há nada que contar. Estive na casa de seu irmão. Serena se sentia mal e, como bem sabe, sou a única mãe que ela tem agora. Poderia ter me perguntado isso a qualquer momento. — A viúva cruzou as mãos enluvadas em fina pelica, sobre seu colo de tafetá listrado.

— Lamento que Serena se encontre mal. Visitarei ela amanhã — disse Kitty bruscamente. — Mas isto é ridículo. Quando lorde chamberlayne vai fazer uma proposição?

— Já a fez.

Olhou-a com uma mescla de alívio e decepção em seu interior.

— Não o aceitou?

Sua mãe estendeu o braço e pegou pelo queixo, como se fosse uma menina.

— Kitty, passei quase trinta anos casada com um homem que era

pouco indicado para mim. É muito tentador, mas não vou embarcar em um novo matrimônio com tanta rapidez.

Kitty afastou o olhar. Precisava ter certeza.

— Mas teve tempo de sobra. Esteve cortejando-a durante meses.

— E o que diz de seus pretendentes, filha? Alguns a estiveram visitando durante anos.

Kitty olhou pelo guichê da carruagem. Emily e seu acompanhante desciam pela escada de sua casa. Sua mãe nunca lhe perguntara sobre isso. Nunca a pressionava. Por que o fazia agora?

— Normalmente eles fazem, atraídos pela novidade — ela disse, — mas nenhum deles sente um afeto sincero. É minha imagem de inacessibilidade, de frieza e reserva frente aos rumores o que os atrai, não eu.

As finas sobrancelhas de sua mãe se uniram formando um v.

— Katherine, espero nunca mais ouvir você dizer algo assim. É ofensivo para um cavalheiro julgar sua atenção desse modo.

Kitty voltou à cabeça bruscamente.

— Mamãe, não fala a sério, verdade?

— Seu orgulho a superou, minha filha. Está tão acostumada a rechaçar os homens, que não acredita que algum possa estar à altura de sua exaltada ideia, sobre como deveria ser um cavalheiro.

As bochechas de Kitty flamejavam.

— E como deveria ser?

— Extraordinariamente culto bem situado nos círculos elegantes, um conversador excepcional, com títulos e riquezas, um homem de bom gosto e elegância, tão leal quanto você com seus entes queridos, e me atreveria a dizer que, também, bonito.

— Nunca disse algo assim. — Seu coração pulsava com grande rapidez.

— Não é necessário. Eu sinto. Mas você não encontrará este ideal, filha. Os homens assim não existem. A maioria deles é como seu pai. — Não havia amargura na voz de sua mãe, somente aquele julgamento, claro e simples, que Kitty sempre admirara. Mas apesar disso, faltava-lhe franqueza.

— Mamãe, preciso saber algo. Por que você nunca...?

A porta da carruagem se abriu.

— Bonjour, Katrine! Milady. — Madame Roche se desfez em sorrisos corteses, toda ela uma revoada de babados em negro, vermelho e branco. Emily sentou seu esbelto corpo junto a Kitty e lhe colocou um livro na mão.

— Aqui está o que lhe prometi. Não é nem por indício tão apoteótico, como a obra de Racine que lorde Blackwood me deixou,

mas acredito que você gostará, e de toda a maneira, disse que lera Fedra.

— Foi um grande prazer nos encontrar tão cedo com sua senhoria outra vez. Que cavalheiro tão amável!

— O vimos ontem no salão de lady Carmichael — acrescentou Emily.

— E veja, com seus enormes cães — choramingou a elegante viúva.

— Kitty, não sabia que conhecia lorde Blackwood — disse sua mãe, aguçando o olhar.

— Um pouco.

— Bastante bem, diria eu — comentou Emily —, mas era de se esperar, dadas as circunstâncias.

O coração de Kitty pulsou com força. Sua mãe a escrutinava. A carruagem entrou em marcha com um ruído surdo.

— Estive pensando sobre aquele duelo, Kitty, no qual o irmão dele morreu. — Emily franziu os lábios. — Foi enormemente trágico.

— Assim são os homens, querida menina — disse a viúva.

— Parece-me que não os entendo muito — replicou Emily.

Kitty sentiu o olhar de sua mãe sobre ela. Ela estava equivocada. Não é que exigisse muito de todos os cavalheiros. Pode ser que, igual à

Emily, simplesmente não os entendesse.

A inauguração da exposição ocupava três salas, com altos tetos, do Museu Britânico. Era uma exposição espetacular, uma amostra de óleos dos professores italianos do Renascimento tardio. Alguns vigorosos Massacios competiam por sua posição na parede, com delicados Botticellis, e escuros e meditabundos Caravaggios.

Kitty não prestava muita atenção neles. Tempo atrás teria se divertido com uma exposição desse tipo, mas agora sua distração parecia não ter limites.

— Kitty, você não é a mesma. Lady March me fez notar isso recentemente e me atreveria a dizer que tem razão.

Ela apertou a bolsa contra si para dissimular sua angústia.

— Então simplesmente deve ser assim, mamãe.

— Me dê seu braço.

— Não, pegarei o de Emily — ela disse, e olhou procurando sua amiga entre a multidão.

— Não franza o cenho, Katherine, que lhe sairão rugas.

— Não preciso me preocupar com as rugas. Tal como me indicou amavelmente na carruagem, ao que parece não tenho nenhum interesse em chamar a atenção de um cavalheiro.

— Está trocando minhas palavras — disse a viúva, enquanto

observava um gracioso retrato da Virgem e o Menino; a gordinha criatura tratava de alcançar com suave abandono o seio exposto de sua mãe; uma serena graça inundava seus rostos radiantes. — Sim, você chama a atenção, somente mostra pouco interesse.

Mas sim, estava interessada, mais do que conseguia suportar.

A viúva pegou seu braço, mas ela se afastou. Se houvesse dito a verdade para sua mãe, anos atrás, possivelmente agora poderia confiar nela. Mas era muito tarde. Deveria suportar sozinha toda essa incerteza e confusão.

Procurou Emily novamente e a encontrou diante do retrato de uma jovem camponesa sentada junto a algumas aves recém-caçadas, amarradas com uma corda.

— É bastante realista, não acredita? — disse Emily, pensativa.

— Muito. — Kitty puxou seu braço e a afastou dali. — O que esteve fazendo a semana passada outra vez na cidade, Marie Antoine?

— Deixei esse nome, Kitty — respondeu ela, — estou disposta a encontrar outro.

— Tenho certeza de que lhe ocorrerá um precioso, como sempre.

Sob sua mão, notou que o corpo de Emily ficava rígido e ela parava. Kitty seguiu a direção de seu olhar. Alguns metros mais longe, através de um oco entre a multidão, viu um jovem cavalheiro, bonito e

moreno, que levava pelo braço a uma beleza cativante. Era o senhor Yale com lady Constance Read, a prima de Leam.

— Que olhas Emily? É Yale — ela disse coisa bastante desnecessária. — Você voltou a vê-lo depois de Shropshire?

— Não. — Os lábios de Emily estavam tensos. O coração de Kitty pulsou com força. O cavalheiro e sua acompanhante olhavam ostensivamente para elas. Se falasse com eles, pode ser que dissessem algo a respeito de Leam. Ele não lhe prometera nada. Nem sequer sabia se ele continuava em Londres. Ao que parece, ele conseguira resistir a ela depois de tudo, mas esta certeza não mudava nada em seu coração ferido, nem no ardor que fervia em seu sangue a cada noite, quando ficava insone pensando nele. Pensando nele e desejando viver outra vida, a de uma mulher que não precisasse se lamentar, recordar, nem fantasiar, uma vida de verdade.

— Viu-nos, devemos saudar. — Kitty empurrou sua amiga para frente.

Yale sorriu com amabilidade. Emily soltou seu braço de Kitty, voltou-se e desapareceu entre a multidão.

— Lady Katherine, que tal está? — disse ele, inclinando-se, — me permita que a apresente a lady Constance Read.

A jovem sorriu e a cumprimentou com uma formosa reverência.

Era mais alta do que Kitty, três ou quatro centímetros mais, cheia de tranças douradas, com um elegante vestido e brilhantes olhos azuis.

— Lady Katherine, estou encantada em conhecê-la — disse com um suave sotaque do norte, — meu amigo me contou histórias muito divertidas sobre sua estadia tempestuosa em Shropshire. Meu primo é muito mais introvertido, mas você já sabe que os homens escoceses podem ser bastante taciturnos.

Kitty estava com as mãos úmidas. De repente se sentiu...

Estudada. Ambos a observavam, e lhe pareceu que no azul brilhante e prateado daqueles olhares havia muita perspicácia para um encontro casual.

— De fato, sei muito pouco sobre os cavalheiros escoceses, lady Constance — disse ela com um pouco de sinceridade.

— Mas o pretendente de sua mãe, lorde Chamberlayne, é patrício meu, é claro, embora de muito mais ao norte, que Read Hall ou Alvamoor — disse Constance com um encantador sorriso que parecia completamente genuíno. — Estou mais relacionada com cavalheiros escoceses do que acreditam.

Kitty cruzou um fugaz olhar com Yale.

— Parece que minha prometida me rechaça — disse ele, olhando para a multidão.

— Então devo entender que lady Constance conhece sua comédia de Willows Hall?

— Conhece sim.

— Teve o efeito desejado, sabe? Os pais dela abandonaram os planos de prometê-la em matrimônio para o senhor Worthmore. Ela já o agradeceu?

— Com algumas palavras ariscas — disse ele, com um leve sorriso. — E falando de comédias, milady, viu nosso amigo em comum, recentemente? Possivelmente esta semana?

Kitty ficou sem palavras.

— Acredito que você deve saber que sim.

— Mais recentemente do que no parque, com nosso honorável visconde? Por certo, nenhum dos dois me falou de tal encontro, do contrário eu teria estado lá, para jogar minha luva em sua defesa, diante dos dois — disse, fazendo uma reverência. — Me vi obrigado a saber disso através de outros canais.

Ela quase não podia pensar.

— Não sei o que quer saber — acrescentou.

— O que quer saber, lady Katherine, ou posso chamá-la Kitty? — disse lady Constance com encanto, — não suporto a excessiva formalidade.

Excessiva?

Kitty assentiu.

— O que quer saber, Kitty, é se tem visto Leam nos últimos dias, desde que voltou a colocar sua vestimenta de granjeiro e começou a circular, novamente, pelos salões das damas, com seus cães.

— Mais devagar, Con, eu diria que está desconcertando Kitty.

— Muito obrigada, senhor — replicou Kitty com mais compostura do que seu pulso descontrolado recomendava —, mas não sou tão lenta quanto você acredita.

— Sem dúvida, lady Constance também estava implicada nos segredos.

— É claro que não. Rogo-lhe que me desculpe senhora.

— Deixe de tantas reverências, senhor.

Os visitantes da exposição pareciam deslizar a seu redor como um arroio de águas rápidas, e elas se achavam no centro, com os pés inundados na água gelada. Estava desconcertada, e a pele lhe ardia de pura agitação. Estavam lhe falando como a uma confidente, como se soubessem que sabia de tudo. Então, afinal, eram espiões. Ou quase, se acreditasse em Leam.

— Se não lhe comentou o encontro com lorde Gray, por acaso ele sabe que você está falando assim comigo agora? — perguntou Kitty.

Yale negou com a cabeça lentamente.

— E por que o faz? Não se trata de informação secreta?

— Para falar a verdade, já não estamos nisso, milady. Todos o deixamos, exceto Gray, e o mais preocupante é que Blackwood tenha voltado para isso. Era quem mais desejava deixá-lo.

— Vamos ao ponto, Kitty. — Lady Constance colocou sua suave mão sobre o braço dela. — Meu primo confiava em você.

Em Shropshire tudo fora muito rápido, seu encontro foi como uma tormenta repentina. Agora sentia o mesmo, sentia-se arrastada pela corrente do irreal. Mas igualmente a aquela vez, agradeceu que isso acontecesse. Desejava-o.

— Disse que pretendia abandonar esse papel e voltar à Escócia.

Então, porque ele está fazendo isto? — perguntou lady Constance, elevando suas finas sobrancelhas. — Pensamos que possivelmente você poderia saber.

— Então vieram até aqui para falar comigo?

A beleza loira assentiu.

— Sinto-me observada.

— E assim é — disse Yale com um sorriso.

— Mas não só pelo senhor Grimm — disse lady Constance. — Por isso pedimos seu apoio agora. Ajudará? Se o fizer, ajudará também a

sua mãe, é claro. Não acredito que queira permanecer alheia à verdade do assunto.

— O que… o que acreditam que eu sei?

— O que nós sabemos — disse Yale com o olhar brilhante — é que há quem suspeita que Chamberlayne tenha entendimentos com rebeldes escoceses, possivelmente, que esteja instigando uma rebelião e vendendo segredos de Estado aos franceses. E que lhe pediram que facilitasse informação que corrobore tudo isto. Tem feito isto?

Kitty negou com a cabeça.

Lady Constance sorriu.

— Bem, porque temos um plano melhor, um que poderia acabar com todo este assunto, de uma vez por todas.

— Um plano?

— Um plano que pode ser que vocês não gostem — acrescentou Constance.

Kitty permaneceu em silêncio.

— Recentemente, um navio inglês com um valioso carregamento desapareceu em frente à costa leste da Escócia. Queremos que finja diante de lorde Chamberlayne que teve uma aventura com Leam, durante a qual ele revelou que estava envolto na pirataria, e que, agora, deseja compartilhar este segredo com o amigo de mais

confiança de sua mãe, visto que Leam lhe rompeu o coração e deseja se vingar dele.

A grande sala parecia encurralar Kitty, séculos de cores vibrantes e rostos de Santos se amontoavam a seu redor.

— Possivelmente tenha exposto que forma terminante, Con, — murmurou Yale, com seu olhar fixo em Kitty.

— Oh! Não acredito. Leam não a admiraria tanto se ela não possuísse uma grande perspicácia.

Kitty se viu obrigada a engolir a saliva por causa da secura de sua língua.

— De que modo exatamente Leam estaria envolvido na pirataria?

Yale sorriu. Os olhos azuis celestes, de lady Constance cintilaram e disse brandamente:

— Deve dizer a lorde Chamberlayne que Leam sabe onde se encontra o carregamento, e que está trabalhando com um cúmplice, para entregá-lo aos rebeldes das Terras Altas, decididos a se separarem da Inglaterra.

Um estremecimento subiu pela coluna de Kitty. Seu olhar foi de um para outro.

— Isto é verdade?

— Não que nós saibamos — replicou Yale —, mas se Chamberlayne

está envolvido com os rebeldes, não vai querer que a localização do carregamento, ou, a de seus novos donos seja difundida, não é verdade?

— E o que ele poderia fazer com alguém que saiba?

O olhar de Yale permaneceu fixo.

— O fato de urdir uma rebelião, milady, torna os homens ansiosos por eliminar os obstáculos.

— Você acredita, realmente, que lorde Chamberlayne tem entendimentos com os rebeldes? — Kitty quase não conseguia articular as palavras.

— Sinceramente, não fazemos nem ideia. Mas os informantes apontam que assim é.

— Então por que… por que ele não? Ele me disse que não acreditava em nada disso.

Os olhos de Constance se escureceram. Yale cruzou as mãos atrás das costas. O coração de Kitty pulsou rapidamente.

— Não lhe importa nada, não é verdade?

— Não lhe importa nem um pouco.

— Então por que ele não retorna para sua casa? Não é lá onde ele deseja estar na realidade?

Yale inclinou a cabeça, mas não disse nada. O suave olhar de

Constance se tornou muito penetrante. Kitty quase não conseguia respirar.

Não era possível que ele estivesse fazendo tudo àquilo por ela.

Embora eles parecessem dizer exatamente aquilo. E também lorde Gray. Inclusive Leam admitira até certo ponto. De algum modo, sua segurança tinha algo a ver com tudo isto.

— Leam sabe que vocês querem que eu faça isso?

— Oh! Não — falou Constance. — De fato, não deve saber, ou estragaria tudo. Não gostaria que você estivesse implicada.

— De maneira nenhuma — murmurou Yale.

— E a ele, colocará ele em perigo?

— Em última instância, se estivermos certos, salvará ele, completamente, do perigo, e também a você.

Seu coração palpitava.

— Como sei que posso confiar em vocês?

— Porque nos preocupamos com ele. E muito. — Constance sorriu com uma cordialidade, tão genuína, que não podia ser mentira. Yale elevou uma sobrancelha e sorriu com um ar, assombrosamente, juvenil.

— Sim — disse Kitty inspirando profundamente, com o coração descontrolado.

Sua mãe não poderia culpá-la de não se comportar como sempre na carruagem, nem sequer depois de deixar Emily e madame Roche em casa. Kitty conversou como se não tivesse uma só preocupação no mundo. Entretanto, nunca estivera tão preocupada. Na noite seguinte, no baile, colocaria em marcha o plano. Ela era um feixe de nervos.

— Mamãe — ela disse ao entrar na casa, — vou cavalgar um momento. — Não poderia ficar quieta, nem ficar bordando, lendo ou escrevendo cartas, nem sequer recebendo visitas.

— Não a acompanharei querida. Devo acabar minha correspondência, e lorde Chamberlayne virá mais tarde para tomar o chá. — A respeitável viúva tirou as luvas e as deixou sobre a mesa do vestíbulo. — Há um pacote para você. Possivelmente outra amostra de afeto de um de seus desinteressados pretendentes.

Kitty olhou o criado. John lhe sorriu e depois voltou a mostrar um rosto impassível.

Ela pegou o grande envelope e se dirigiu à escada. Não reconheceu a letra, mas era firme e de risco grosso. Seus dedos tremiam um pouco ao rasgar a parte superior. Este assunto de espiões lhe deixava os nervos em pé. Recolher informação para arruinar Lambert fora uma afeição, não outra coisa, embora não deixasse de ser uma afeição espantosa. No verão anterior, quando enviara a

informação às autoridades, fizera cheia de medo e só como um último intento para ajudar Alex. Agora não possuía essa desculpa, salvo a convicção de seu coração, e estava trabalhando com espiões de verdade. Tudo isto a… inquietava.

Santo Céu. O passo seguinte seria admitir seu orgulho e sua desobediência. Logo sua mãe e Leam poderiam se congratular sobre quão bem conheciam seus defeitos.

Tirou o conteúdo do envelope. A meio caminho na escada parou para agarrar-se ao corrimão e recuperar o equilíbrio.

Era uma flamejante caderneta, recém-impressa, de partituras: a versão original em francês da obra de Racine, Fedra, em sua adaptação musical. Um cartão de visita sobressaía de uma das páginas. Abriu-a, e o cartão em relevo do conde de Blackwood caiu em sua mão.

Sob os compassos de uma simples nota, no início da página, havia um texto, a poesia do dramaturgo. Era a conversação do príncipe Hipólito com um amigo. Nele falava da mulher que amava secretamente, apesar de saber que não deveria fazê-lo.

As mãos de Kitty tremiam quando leu aquele verso: Se je a haïssais, je ne a fuirais pas. “Se eu a odiasse”, leu ela, com um tremente sussurro, “ eu não fugiria”.

— Como quer que celebremos seu aniversário amanhã, Kitty? — Ouviu sua mãe dizer.

Kitty deslizou o cartão de Leam dentro de sua manga, continuou subindo a escada e colocou as partituras sob o braço, como se não fosse nada. Como se não fosse tudo.

Bom, não exatamente. Fedra continuava sendo uma tragédia, à margem da música que alguém lhe pusesse. Kitty recordou os corpos pulverizados pelo cenário ao final do primeiro ato. Mas se negava a viver uma tragédia. As tragédias eram para as jovens insensatas, não para ela. Não mais.

— Como você queira mamãe. — Queria que sua voz soasse firme, mas seu passo era ligeiro, sua respiração breve, agora devido a algo mais que o nervosismo, mais que a ansiedade. Entrou na sala, colocou a partitura no suporte de livros e abriu o pianoforte. Suas mãos tremiam quando as deslizou sobre o banco e as colocou sobre as teclas.

Tocava habitualmente, e agora as notas fluíram de seus dedos com facilidade, delicadas e tristes. Mas debaixo daqueles compassos, a letra era formosa, plena de desejo e traição, de esperança e desengano, por um amor impossível, e ela não conseguiu ficar em silêncio.

Cantou, sabendo que ele queria que cantasse, e sua voz soava horrível.

Sua garganta não estava mais acostumada a cantar e, de todos os modos, a emoção a afogava. Isso a fez rir, e se permitiu esta doce liberação. Permitiu-se sentir.

Era realmente espantoso, e seus dedos tropeçavam com as teclas.

— Kitty, o que é o que está cantando? Soa realmente horrível. — Sua mãe estava de pé na porta.

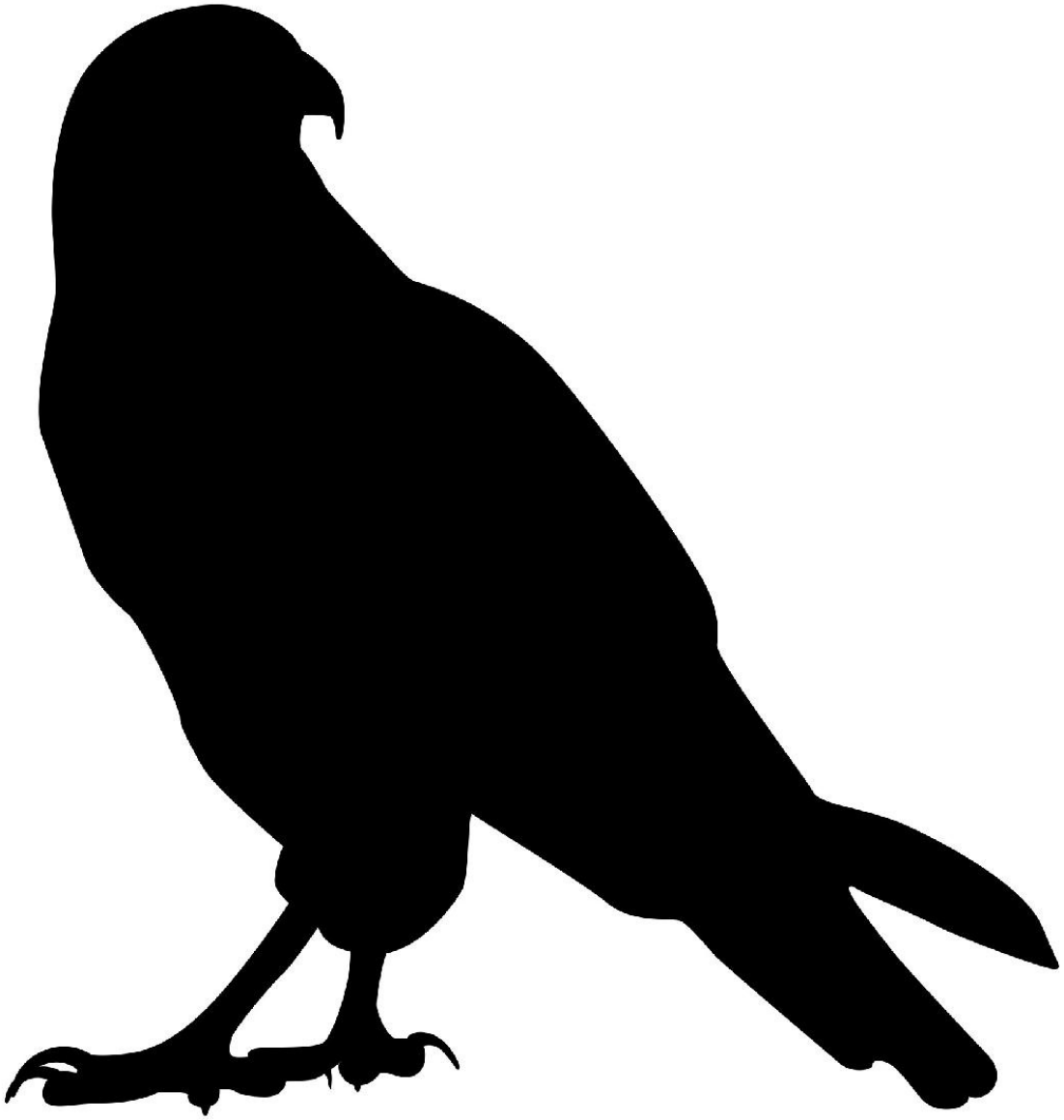
— Oh! Não é a música, sou eu. — Suas mãos se moviam pelas teclas de marfim e ébano. — Mas conseguirei fazê-lo bem. Preciso praticar.

Praticar para permitir que a vida habitasse de novo nela. Praticar para deixar para trás o passado.

— Acreditei que estaria cavalgar um pouco.

— Possivelmente mais tarde.

Cantarolou a melancólica melodia, seus lábios esboçavam um sorriso, irrefreável. Ele era um homem peculiar, um homem impossível, e ela o amava.



21

Leam observou o salão de baile cheio de gente, não havia nada em seu penetrante olhar que revelasse seu particular interesse por alguém ou por algo. Desta vez sua aparência enganava mais que nunca.

Foi muito pouco o que encontrou sobre Cox no Ministério da Defesa, somente um registro e justificativas de pagamentos, mas nenhum endereço ou condado de origem. Cox não mentira quando disse que estivera com James no mesmo regimento. Mesmo assim, parecia um fantasma. Um fantasma com uma pistola que apontava para Kitty Savege e que ainda não reclamara sua autoria. Ao que parecia, agora era ele quem jogava.

— Não posso acreditar que tenha este aspecto e eu esteja ao seu lado — murmurou Constance, pegando uma taça de champanhe da bandeja que um criado passava.

— Mas fez tantas vezes, antes, querida, e não precisa estar ao meu lado. Estou seguro de que há ao menos uma dúzia de cavalheiros que ficariam encantados de acompanhá-la. — Algumas bailarinas faziam piruetas sobre o cenário, acompanhadas de violinos, violoncelos e flautas. Duas aranhas que pendiam do alto teto

iluminavam a reunião com um resplendor acalorado, o salão sufocante, e quase transbordando com a alta sociedade.

— Eu não estaria tão segura, mas temo que você iria embora se me afastar somente por um momento — disse ela contemplando os desalinhados ornamentos noturnos dele.

— Não penso em partir por enquanto. — Antes de sair de casa para ir procurar Constance um menino havia trazido uma nota do Grimm. Kitty compareceria ao baile esta noite. Leam não sabia se fugia ou ficava e colocava a prova sua coragem. Ele se propôs a não lhe pedir nada, até que estivesse completamente seguro de que ela estava a salvo. Ele devia a ela.

Assim. Ele ficou. Desejava somente vê-la.

— Não sou uma trapaceira para deixá-lo com seus entusiasmados admiradores sem o conveniente amparo — sua prima disse em voz baixa.

— Onde está a sua dama de companhia, a senhora Jacobs?

— Em algum canto mantendo uma conversa íntima. — Constance sorriu.

— Pensei que meu tio viria esta noite.

— Papai mudou de planos. Mas possivelmente... Oh! Lá está Wyn. Que agradável surpresa!

Mas Leam não lhe prestou atenção. Uma mulher entrara no salão de baile. Uma mulher engenhosa. Uma mulher com tanto orgulho e cordialidade quanto beleza. Entre os bailarinos, viu seu esplêndido cabelo recolhido levemente com forquilhas brilhantes, a suave linha de suas bochechas, os ombros sedosos e os braços cobertos pela metade, por um simples vestido marfim. Um homem sedento bebia enquanto a olhava. Ela sorria para seu acompanhante, um cavalheiro elegante, e Leam sentiu um golpe de prazer do peito até a garganta.

Mas já não possuía a obsessão que sentira tempos atrás. Ao contrário, a confiança se mesclou com o ciúme. Ela o queria e não desejava brincar com ele.

Yale se aproximou de Constance.

— Boa noite, primos — saudou, com as mãos cruzadas nas costas.

— Blackwood, não o via há uma eternidade. Onde esteve nesta semana?

— Isso não lhe interessa.

— Perseguindo os rebeldes escoceses apesar de ter dito que não o faria? Procurando informação sobre Chamberlayne, suponho. O diretor parece decidido a lhe segurar novamente, não é assim?

— Aqui não posso lhe dar seu castigo, Yale, mas seria um prazer fazê-lo lá fora. Acompanha-me?

— Tenho certeza de que você adoraria. Novamente se parece com um de seus cães, com bigodes e tudo.

Leam se dirigiu para sua prima:

— Agora que tem uma companhia adequada, Constance, me vou. Yale faça algo proveitoso e acompanhe à dama para casa quando ela desejar?

Constance colocou sua mão sobre o braço de Leam.

— Precisamos falar com você agora. Em particular — ela lhe disse.

Ele olhou para o galês. A dama arqueou sua negra sobrancelha.

Leam enrugou a testa.

— “Que agradável surpresa!”, Constance — disse com calma, — seus dotes para a interpretação impressionam, às vezes, inclusive a mim.

Nela se formaram covinhas ao sorrir.

— Obrigada — ela respondeu.

— E se me negar?

— Não quer se negar. — Os olhos do galês se perderam na multidão. Leam lhe seguiu o olhar, até Kitty.

Seu aborrecimento aumentou vertiginosamente.

— Devo supor que vocês dois confabularam com Gray outra vez? — perguntou com tranquilidade, enquanto ia ficando nervoso.

— Oh! Não exatamente — disse Constance com doçura. — Bem ao contrário. Mas não franza o cenho. Por sorte, está disfarçado.

Ela segurou seu braço com cuidado, lhe dedicando um amplo sorriso entre dentes, como se estivesse se divertindo.

Leam se voltou para trás para olhar Kitty. Ela também o olhou. Através do salão de baile, seus olhos cinza lhe convidavam, com um sorriso brincalhão nos lábios, e não parecia existir outra coisa entre eles, que o puro desejo e a beleza da harmonia. Nesse instante, teria ido até ela, a teria tirado do baile e teria feito amor com ela. Então, não haveria outra coisa entre eles do que o que ambos desejavam.

Ela olhou além das costas dele e seu sorriso se eclipsou. Deu meia volta e deslizou entre a multidão até desaparecer na outra sala.

— Venha, milorde — lhe disse Yale. — Precisamos informá-lo de alguns assuntos.

Ele obedeceu.

Kitty se aproximou de lorde Chamberlayne, abrindo caminho entre as pessoas, entre amigos e conhecidos, como fazia nas festas; mantinha a cabeça alta, o rosto risonho, alheia aos olhares e os rumores, que reiniciaram desde que Lambert fora banido.

— Milorde — disse lhe tocando o braço, como uma filha. — Poderia falar um momento com você?

— É claro, lady Katherine. — Ele saudou seus acompanhantes e ficou ao lado dela. A seu redor, a música subia e baixava, somente para voltar a subir. Kitty ainda sentia o olhar de Leam em seu interior, cálido, lhe comunicando tantas coisas sem uma única palavra, como sempre.

— Sua mãe não se encontra bem? — perguntou lorde Chamberlayne. — Temo que a perdi entre a multidão.

— Oh! Não, milorde. Eu lhe buscava por algo diferente. A ver... — Custava-lhe pronunciar mentiras. Os olhos de lorde Chamberlayne brilhavam, mais claros que os de seu pai. Em seu rosto havia compaixão, coisa que nunca vira no rosto de seu pai. Este homem possuía um coração terno. Se houvesse outra opção; mas nada a teria convencido da necessidade de fazer aquela pantomima, se não fosse pela desastrosa aparência do Leam, seu rosto barbudo e, sobretudo, seu olhar, antes de encontrá-lo. Precisava fazê-lo e descobrir a verdade, pelo bem de sua mãe e pelo de Leam.

Lorde Chamberlayne lhe segurou a mão e a pousou sobre seu braço.

— Kitty, espero que possa me confiar qualquer preocupação, seja importante ou não. Considero-a como se fosse minha própria filha, se eu a tivesse.

— Claro você tem somente um filho.

— Sim. E o vejo muito pouco, porque prefere permanecer na casa da Escócia.

— Sim. — Ela fez uma pausa. — Como vê, vim em busca de conselho, ou melhor, dizendo, de ajuda em relação a um cavalheiro escocês.

— Tem um admirador do qual deseja me falar? Sei que não sou seu pai, mas espero que algum dia possa lhe ajudar como se o fosse.

— Oh! Bem, obrigada. — Ela foi ao ponto. — Na realidade, milorde, não é um admirador. Temo que suas intenções foram além de uma simples admiração e, agora, estou em um certo apuro.

Ele ficou tenso.

— Esse cavalheiro a ofendeu?

— Não, não sem meu consentimento — se apressou a dizer Kitty.

As palavras lhe escapavam da boca. — Bem, não me envergonho totalmente de admitir que eu esperava mais dele. Mas ele me decepcionou.

— Quer que vá vê-lo de sua parte, Kitty? — perguntou ele com a face rígida. — Se o desejar, posso fazê-lo, considero a sua família como a minha própria.

Ela sentiu que estava perdendo a coragem. Como poderia um

homem dessa lealdade para com sua mãe ser um traidor da sua pátria?

— Acredito — disse devagar — que não será necessário. E, por outro lado, poderia ser bastante incômodo para ele.

— Seria mais simples entendê-la se desse um nome a esse indivíduo — opinou ele levantando uma sobrancelha.

Assim o fez Kitty, disse-lhe o nome e lhe soltou o resto da falsa história, o navio e seu carregamento roubado, e que sua confiança, para um amigo como lorde Chamberlayne poderia ser de ajuda, para descobrir a vilania do conde de Blackwood diante das autoridades pertinentes. Disse-lhe, também, o lugar e a hora na manhã seguinte em que Leam planejava se encontrar com um informante. Não seria estupendo se os oficiais do governo estivessem lá para prendê-lo por seus delitos?

Foi surpreendente quanto rápido os olhos de lorde Chamberlayne brilharam com interesse e como ele lhe pediu que lhe desse mais detalhes. Kitty sentia doer o coração. Recordou-se que a segurança de sua mãe e a de Leam estariam a salvo, graças a esta comédia.

Lorde Chamberlayne lhe deu um golpezinho na mão com a sobrancelha levantada.

— Verei o quanto contribuem para o cavalheiro, algumas

atividades indignas como essas.

— Eu também verei. Também estarei lá amanhã pela manhã.

— Não posso permitir isto, ele disse firmemente. — Esses homens não estão para brincadeiras.

— Kitty? Douglas? — Sua mãe apareceu ao lado. — Os dois parecem conspiradores. Espero não interromper.

— Não, mamãe, absolutamente. Estávamos nos dando boa noite. Dancei até cair exausta e não consigo ficar, nem um minuto mais. Poderá encontrar outro modo de voltar se eu levar a carruagem?

Sua mãe a olhou com seus olhos marrons, cheios de sabedoria, e finalmente disse:

— Sim, querida, claro.

Kitty escapou para o salão de baile. Mas ali tampouco achou alívio para seus tumultuosos sentimentos. Abriu caminho com muita dificuldade entre a multidão de convidados que se divertiam bebendo e dançando, e atravessou o vestíbulo cheio de farristas, depois outra sala e outra. Desceu a escada da mansão até o frio andar de baixo. O que ela fizera? Por que acreditara neles? Tudo o que queria era vê-lo de novo, estar com ele e, entretanto, outra vez, a desonestidade e a simulação.

Chegou ao corredor que havia sob o oco da escada,

completamente vazio, mas uma criada corria de um lugar a outro. A moça passou por sua frente, com uma saudação rápida e Kitty apoiou as costas contra a parede, com suas mãos quietas por trás, e respirou lentamente.

Uma porta se abriu, no outro extremo do corredor e o conde de Blackwood apareceu. Ouvia-se a música do piso superior, mas os batimentos de seu coração a suplantou. Ambos se olharam imóveis, com os olhos brilhantes.

— É... — As palavras se amontoavam em seus lábios. — Hoje é meu aniversário.

Ele sorriu com um sorriso malicioso que penetrou profundamente no interior de Kitty.

— Sim — replicou Leam em voz baixa falando em escocês, — assim é.

Ele não se movia. Ela tampouco.

— Contaram-lhe o plano, não é certo?

— Sim — respondeu ele.

Acima da escada se ouviam vozes e passos que desciam. Ela tinha muitas perguntas para fazer e necessidades inconfessáveis, que era melhor não mencionar. Olhou para outro lado, cruzou o vestíbulo, foi até a carruagem e partiu para casa.

O criado a saudou com olhos sonolentos. Havia dito ao Leam que retornasse ao salão tranquilamente. Não podia descansar imaginando a entrevista da manhã seguinte e o que poderia significar para sua mãe e para ele. O conde passaria a noite fingindo beber e jogando cartas com Yale em algum lugar, à vista de qualquer que pudesse estar observando. Depois, pela manhã, iria ao lugar do encontro para esperar lorde Chamberlayne.

Sentia-se nervosa, foi até embaixo e colocou um bule com água sobre o fogão da cozinha. Era melhor esperar que sua mãe voltasse e a enfrentaria com a verdade, longe de qualquer curioso.

Devia explicar-lhe nessa mesma noite.

A aldraba da porta principal a fez saltar de susto. Deixou o bule e foi à escada com os nervos a flor da pele. Apareceu o criado.

— Disse que podia se deitar John — ela murmurou enquanto se dirigia à porta principal.

— Sim, senhora.

Ele colocara uma camisola, uma peruca sobre o cabelo e o gorro de dormir. Abriu os ferrolhos e a porta. Na entrada havia um moço.

— Da parte de milady — soltou com entusiasmo, como se estivesse em plena luz do dia. John pegou a mensagem, deixou cair uma moeda na mão do menino e fechou a porta outra vez.

— Senhora, posso lhe preparar uma taça de chá?

— Não, obrigada... — Ela abriu o envelope. — Eu posso fazer isto...

Ouviram um golpe na porta de serviço, na parte posterior da casa. Kitty e o criado se olharam e ela encolheu os ombros. Ele caminhou pelo corredor iluminado somente por uma vela. Depois de ler a nota na penumbra, ela baixou os ombros. Ao que parecia, sua mãe não retornaria essa noite. Serena voltara a não se sentir bem; a viúva ficaria na outra casa.

Kitty não podia com esta espera. Precisava esperar por tudo.

Sentia-se como se já tivesse esperado toda uma vida.

Cobriu o rosto com as mãos, fechou os olhos e quando voltou a abri-los, Leam estava de pé na porta de entrada; a borbulhante escuridão da noite chuvosa perfilava sua silhueta.

— Milady? — perguntou John, aparentemente surpreso por encontrar um conde no corredor da entrada no meio da noite.

Possivelmente não estava tão surpreso quanto Kitty. John não fazia nem ideia de porque o conde não deveria encontrar-se ali, salvo pelas razões mais óbvias.

— Por favor, John, feche a porta. Pode retornar à cama.

Por um momento, estiveram de novo sozinhos, nos extremos de um corredor vazio. Desta vez, a luz era suficiente para ver seu rosto

formoso, para apreciar o brilho de seus olhos e gravar a imagem em sua memória, antes de lhe pedir que se fosse.

— Isto não foi uma boa ideia — lhe advertiu. — Alguém poderia tê-lo visto entrar. Tudo poderia dar errado

— É verdade, mas também podido dar errado se eu não tivesse vindo. Não conseguia pensar com claridade. Por pouco coloco o cavalo contra uma luz. Não é a melhor forma de trabalhar.

— Não está..., não está bêbado, não é verdade?

— Não da forma habitual. Agora venha aqui, ou prefere que eu vá?

Ela evitou suspirar.

— Poderíamos nos encontrar no centro?

Ele assentiu.

— Parece-me bom.

Ambos cruzaram o corredor. Já estava em seus braços. Ele a segurava firmemente contra seu peito, um corpo contra o outro. Ela apertava o rosto sobre sua jaqueta, desdobrando as mãos por suas costas e afundando os dedos nela.

— Por que veio? — sussurrou Kitty.

— Vim trazer seu presente de aniversário.

Ela levantou a cabeça e, ao olhá-lo nos olhos, sentiu-se imersa na

submissão, em uma vulnerabilidade tão pura que a inundou. Tentou sorrir.

— Então o que era a formosa partitura que recebi justamente ontem, senão meu presente de aniversário?

A mão de Leam subiu até sua face, e apenas lhe roçou a bochecha.

— Por que faz isso? — disse Kitty.

— Porque sou o adequado para este trabalho. Seriamente, não poderia ser mais adequado.

Ela passou sua mão pela suave mandíbula, adorava senti-la.

Poderia ficar lhe tocando sempre.

— Barbeou-se antes de vir.

— Um cavalheiro não pode visitar uma dama como um bárbaro — disse em escocês.

— Leam...

— Kitty, não vim para falar.

Ela sentiu sua garganta ressecar. Mas tentou pigarrear.

— Leam, vivo com minha mãe.

— Sua mãe foi à casa de seu irmão para passar a noite. Sua cunhada não se sente bem.

— Como sabe isso? Pelo senhor Grimm?

— Nada é sagrado para os criados quando se mesclam os rumores e os guinéus.

— Oh! Meu Deus! Preciso dizer ao Alex que se ocupe deles.

— A verdade é que escutei no baile — replicou Leam torcendo a boca.

Ela sorriu.

Ele cobriu os lábios dela com os seus e a elevou do chão. Quase sem separar-se de sua boca, beijava-a, satisfazia-a e acalmava seu desejo, tudo de uma vez. Jogou-lhe a cabeça para trás e a beijou no queixo, os dedos se perdiam em seu pescoço para voltar novamente para sua boca. Sempre com delicadeza, a ponta da língua roçava o contorno de seus lábios abertos. Ela suspirava, agarrava-lhe o casaco com a ponta dos dedos. Durante um momento, ele deixou de beijá-la para tirar o casaco, depois lhe rodeou a face com suas mãos e a beijou de novo.

— Não me satisfaço com sua boca. — Acariciou lhe o lábio inferior com seu polegar, a fez tremer e depois continuou acariciando-a com sua boca. Suas mãos, grandes e fortes, rodearam lhe os ombros, e ela se sentiu segura, apreciada.

Enquanto lhe acariciava o corpo com suas mãos, do ventre até as coxas, atraindo-a, ela lhe rodeou o pescoço com os braços. Na

estalagem, havia a agarrado assim, como se precisasse tocá-la toda, ao mesmo tempo. Agora, deslizava a língua pelo interior de seus lábios e ela o recebia suspirando, ante a deliciosa intimidade. De repente sentiu uma premente necessidade em seu interior. Quando as mãos de Leam deslizaram desde seus ombros até a cintura e depois rodearam seus seios, ela o agradeceu.

— Não me basta cada parte de ti — disse ele junto a sua boca, e os ofegos irregulares de sua respiração ecoaram nela. — O contorno de sua bochecha. A curva de seu pescoço. É a perfeição, Kitty Savege — acrescentou, enquanto seus polegares lhe acariciavam os seios e os joelhos dela fraquejavam. — Cantou? Diga-me que cantou.

Ela se agarrava a seus ombros, ansiando suas carícias.

— Cantei horrorosamente. — Ela apertava seus quadris contra os do Leam, que sentiu um estalo de prazer em seu peito e deslizou suas mãos por trás, para empurrá-la contra ele. Ela já não conseguia respirar pelo desejo de senti-lo em seu interior. Mas ele não lhe daria isso outra vez. Ele dissera em Willows Hall.

— Preciso de você agora, Kitty. — Levantou-lhe as saias bruscamente. — Agora.

Ela sentiu o ar frio nas panturrilhas. Ele estava despindo-a no corredor. Desejava-a. Ela lhe puxou o casaco, empurrando-o pelos

ombros.

— Os criados — foi o que conseguiu dizer.

Leam tirou o casaco e a levantou completamente do chão, levando-a nos braços. Então entrou pela primeira porta que encontrou aberta.

— A cozinha, Leam?

Deixou-a sobre a mesa, fechou e bloqueou a porta, e foi direto até o canto da pia. Ela olhava confusa e trêmula pelo que se desenhava. Atrás estavam penduradas fileiras de panelas de cobre que pareciam imaculadas, pelo brilho avermelhado das brasas que ainda estavam acesas na cozinha.

— Nenhuma criada com o cabelo emaranhado à vista. — Leam voltou do canto e se aproximou dela. — Eu gosto de ver que é uma ama dedicada.

— Sim, ela tem a cama acima...

Ele tampou a boca dela com a sua e a segurou contra seu corpo.

Ela afundou os dedos em seu cabelo enquanto Leam lhe levantava as saias até o quadril e lhe afastava os joelhos. Com uma mão lhe acariciava a coxa que estava quente e com a outra desabotoava as calças ao mesmo tempo que a beijava novamente.

— Leam? — Tremia-lhe a voz.

Sua mão lhe rodeava a nuca para mantê-la perto, depois lhe acariciou as costas baixando rapidamente para aproximá-la ainda mais e conseguir que suas pernas se abrissem.

— Não pode dizer que não. — Houve um gemido. Seu membro quente e ereto se afundou no sexo dolorido de Kitty até aturdi-la.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não!

Leam franziu o sobrecenho com os olhos fechados.

— Kitty — ele disse desesperado.

— Quero dizer que não direi que não! Não poderia. Oh! Leam...

Puxou-a para ele, guiando-a até que estava, completamente, dentro dela, quente e grosso, exatamente como Kitty sonhara.

Agarrava-lhe os quadris sob as saias e respirava em cima de sua testa, ao que parecia tenso em cada um de seus músculos.

— Deus bendito — ele conseguiu sussurrar.

Obstinada a seus ombros, ela tremia e a satisfação ia crescendo com rapidez até sentir um desejo doentio, enquanto movia os quadris contra ele.

— Não — ele lhe ordenou muito tenso e a manteve quieta. — Não se mova.

— Mas...

— Fique imóvel.

Ela obedeceu apesar de que todo seu corpo vibrava. Depois de um momento ele acariciou seus seios presos no corpete. Com cuidado a ajudou a relaxar as costas e ela se recostou em suas mãos. Seu polegar deslizou sob o tecido e acariciou o mamilo ereto.

— Oh! — Sentiu-o por toda parte. Ele a fazia vibrar. Desta vez não lhe ordenou que ficasse quieta quando moveu seus quadris contra ele, embriagada pela fricção em seu interior e querendo mais. Leam lhe permitiu que se balançasse com ele, para senti-la completamente e lhe fazer recordar como a havia possuído antes, e como a desejava agora. Depois a agarrou pelos quadris e pressionou em seu interior. Depois o fez outra vez com tanta força que o cotovelo dela bateu no vidro.

— Oh! Deus. Outra vez.

Ela escutou essas palavras que saíam do fundo de sua garganta, reclinou a cabeça para trás e deixou que ele a possuísse. Deixou que ele fizesse uma e outra vez. Afundava os dedos em sua carne colhendo com ardor seus quadris.

Ela gemia de desejo. Depois notou como seu ombro golpeava uma panela e a deslocava do gancho. Ao cair, a panela se chocou contra a mesa e depois contra o chão, causando dois enormes estrondos.

Ela gritou. Ele a levantou e tampou a boca outra vez com a sua,

arrastando-a para ele com mais força. Ela se jogou para trás procurando um fim, o doloroso prazer tentava chegar ao final. Sua mão encontrou-se com uma sopeira. Leam continuava penetrando-a, fazendo-a sentir. Ela gemia apoiando-se no aparador, quando a sopeira tilintante impactou contra o chão. Mas não o impediu de continuar puxando-o com veemência. Ela agarrou-o pelo ombro com uma mão, e com a outra por trás chegou a tocar em algo metálico enquanto alcançava o clímax muito rapidamente; era uma espiral de prazer. Por fim, Kitty se agarrou, arqueou as costas e ele chegou ao máximo de sua excitação dentro dela.

— Oh! Deus!

Ela deslizou o braço ao redor de seus ombros, as panelas de cobre golpeavam umas com outras. Ele se apoiou na parede e, ao levantar o joelho de Kitty, as panelas caíram em cascata.

— Kitty!

Juntos se esforçavam por empurrar cada vez mais profundamente e com mais ardor. Ela jogou a cabeça para trás e gritou, emitindo sons, até que de repente ele a agarrou com força e tudo acabou. Ela se sentiu cheia. Queria rir e chorar ao mesmo tempo. Abraçou-se a ele, já sem fôlego e com calafrios.

Kitty respirou profundamente. Os peitos de ambos se moviam um

contra outro, profundamente unidos, e os braços de Leam a rodeavam com força. Ele pousou a boca em sua testa. Beijou-a ali, depois na têmpora, nas pálpebras e no nariz.

Uma luz cintilava no fio da ampla janela ao nível da rua. Depois voltou a aparecer, movendo-se com rapidez para iluminar a cozinha.

— Ai, Deus. — Ela sentiu que seus olhos saíam das órbitas. — Pode ser o guarda?

Ele se afastou e começou a colocar as roupas em ordem. Quando fechou as calças, cobriu-lhe as pernas com as saias, desceu-a da mesa a colocou em frente à porta, no momento exato em que a luz do farol fez com que todas as panelas e os pratos quebrados do chão, brilhassem.

Leam abriu a porta, Kitty olhou a seu redor e se encontrou com os sobressaltados olhos do criado, da ama de chaves e do afetado cozinheiro francês de sua mãe. John estava ruborizado e o cozinheiro, zangado. A ama de chaves levantou as sobrancelhas e seus lábios tremiam desaprovando a situação. A senhora Hopkins fez uma reverência.

— Está tudo bem, milady?

Kitty alisou o cabelo.

— É claro. Eu... Oh! Meu deus!

Elevou o olhar e sentiu as suas costas que Leam ria entre os dentes.

— Senhora Hopkins, monsieur Claude, sinto muito...

Ouviu-se o golpe de uma porta ao ser fechada no vestíbulo do piso de baixo.

Por um instante, ninguém se moveu. Agarrando-a pela cintura, Leam abriu a porta da cozinha. Uma luz tão clara como a do dia penetrava pelas janelas da cozinha.

— Temo-me que é o guarda — murmurou Leam sorrindo. Ela queria girá-la, cobri-la com as mãos e beijá-la com todo seu ser.

O sino da entrada soou como os sinos da igreja na Páscoa, como um carrilhão completo. E voltou a soar pela segunda vez.

— Mas o que acontece? — murmurou ela.

— Vai despertar a toda a vizinhança — advertiu a ama de chaves, dando uma olhada tanto em Kitty quanto em Leam.

— Alguém deve ser — disse Kitty. — John.

O criado se dirigiu para a escada mordendo o lábio. Leam o seguiu até o patamar e se deteve na sombra. No silêncio eloquente todos escutaram como se abriam os ferrolhos. Depois se ouviu um murmúrio de vozes.

Monsieur Claude avançou alguns passos e apontou o nariz para

ver o que acontecia.

— Madame, posso? — Ele perguntou inclinando-se para a cozinha.

Kitty se afastou. Com cuidado, o cozinheiro empurrou a porta e lançou uma olhada. Levou a mão ao peito e revirou os olhos.

— Sacre bleu.

Kitty sentiu uma doce alegria em seu interior, mas logo desapareceu. Os olhos escuros de Leam brilhavam.

John apareceu no patamar.

— O guarda quer ver o cavalheiro da casa.

— Hum. — Kitty subiu alguns degraus. O sorriso de Leam era quase perfeito. Sentia-se pleno, com os nervos a flor da pele. Ele a puxou pelo braço, com carinho, e ficou na frente.

— Permita-me. Pode me emprestar seu gorro e sua bata? — perguntou dirigindo-se ao John.

O criado tirou velozmente sua indumentária de noite e as entregou ao nobre. Leam desapareceu escada acima.

— Se me permitir o atrevimento, milady — sussurrou o criado, — ele é um cavalheiro.

Kitty não conseguiu lhe responder.

— Mas homem, por que faz tanto ruído? — espetou Leam ao guarda em um rude escocês, mais alto que o ruído das travessas e as

panelas juntas. — Já despertou minha mulher! Agora não haverá quem a faça se calar, imbecil. Grr! E também despertou o bebê! Não o ouve? Bem, homem, espero que goste de trocar fraldas! Porque a babá está doente na cama e minha mulher estará cansada porque a despertou no meio da noite, e eu não penso trocar nenhuma fralda!

Os toscos sons se filtraram para baixo, ao menos durante um minuto. Kitty aguçava o ouvido oscilando entre o prazer e a hilaridade.

— Não sabia homem — acrescentou ele em um tom muito mais razoável. — Possivelmente sejam os gatos, os gatos, homem.

Ouviu-se um murmúrio.

— Os gatos! Se não conhecer a diferença entre um gato e um bandido, melhor buscar outro trabalho. — Leam fechou a porta de repente e colocou os ferrolhos. Pouco depois apareceu no patamar de novo, com a indumentária do criado no braço e tirando o gorro da cabeça. Espionava-se um sorriso na comissura de sua boca.

— Ao que parecem, os vizinhos estavam preocupados com os ladrões. Não acredito que ele volte. — Devolveu a roupa ao criado. — Obrigado por me emprestar isso.

— John — disse Kitty voltando-se para o cozinheiro e para a ama de chaves, — monsieur Claude, senhora Hopkins, obrigada por sua ajuda. Verei vocês na cozinha pela manhã. Agora podem voltar para a

cama.

A ama de chaves fez uma reverência rápida, passou em frente ao conde e subiu pela escada, seguida pelo criado sorrindo e o cozinheiro, que lhe pisava nos calcanhares, ainda agarrando a cabeça com as mãos. Quando se apagaram os murmúrios e os passos provenientes do piso superior, Kitty encontrou a coragem para olhá-lo. Apoiado na parede, sorrindo, sempre tão atraente. Não colocara o casaco e com os braços cruzados sobre o peito se podiam vislumbrar os músculos bem definidos através do linho úmido.

— Acredito que terão muito para contar aos outros amanhã — disse ela trêmula. — Ou talvez, agora mesmo.

Ele desceu a escada, acariciou lhe o rosto e a elevou. Observou atentamente seus traços, até deter-se na boca.

— Não, eles ainda não possuem material suficiente para fofocar. Deveríamos lhes dar mais. — Inclinou-se e lhe roçou os lábios, enviando arrepios de prazer por todo o corpo, até os dedos dos pés. — Onde é seu quarto?

Kitty tremia. Ele não tinha intenção de partir.

— Suponho que pode imaginar isso. — Com as mãos procurava seus robustos braços, enquanto inclinava a cabeça para que pudesse continuar lhe beijando o pescoço.

— Pergunto por que tento ser cortês — murmurou lhe roçando a pele, — tardia e relativamente falando.

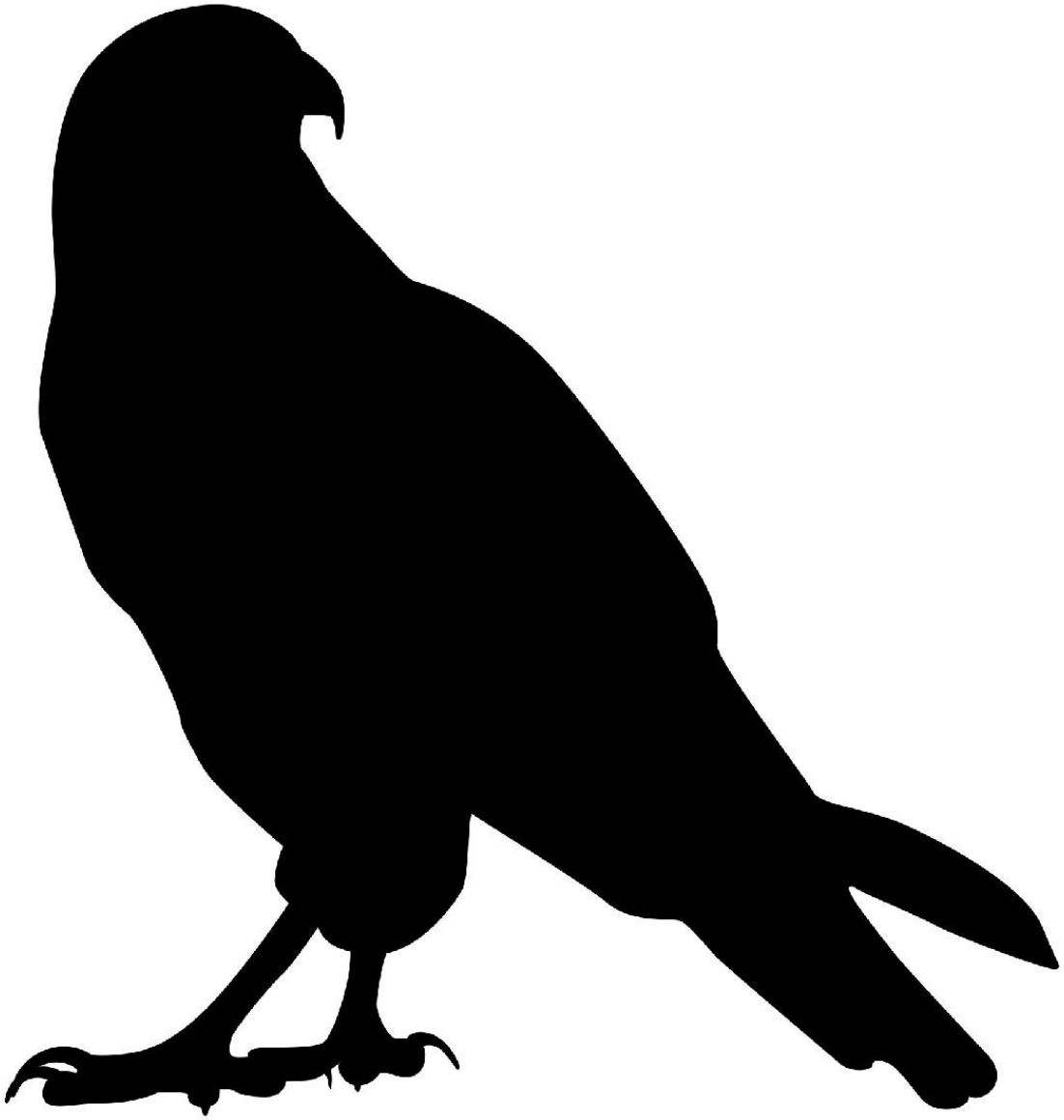
— Embora comece a gostar de bastante sua rudeza. O bárbaro da cozinha de um instante atrás, eu gostei muito, se por acaso não notou.

— Notei. — Ergueu a cabeça e a olhou nos olhos. Eles estavam maravilhosamente obscuros. — Kitty, quero ficar.

Ela se libertou de seus braços e caminhou para a escada.

Olhava-o por cima do ombro.

— Segundo piso, primeira porta, com vistas à rua. Poderemos ver o castigado guarda da janela.



22

Seus olhos cinza brilhavam como se estivessem envoltos por um sol prateado, e o coração de Leam pulsava mais forte do que nunca. Manteve a voz com o maior dos esforços.

— Não tenho intenção de olhar nada mais do que a uma formosa mulher retorcendo-se de paixão.

As bochechas de Kitty se iluminaram maravilhosamente.

— Então, milorde — ela sussurrou, — o que espera?

Subiu rapidamente a escada na frente dele, seus quadris, cobertos pelo mais puro linho e seda, eram uma doce incitação que Leam havia afastado para poder possui-la, porque não conseguia esperar nem um momento a mais. Para diminuir os violentos batimentos de seu coração, na porta, deslizou as mãos ao redor de sua cintura e se inclinou para seu ouvido.

— Kitty. — Roçou seu cabelo acetinado com a bochecha. — Você me enfeitiça.

Com uma mão, ela agarrou a maçaneta da porta e, com a outra, apropriou-se de sua coxa descaradamente. Ela se voltou e, pressionando suas doces curvas contra ele, fez com que ele se inclinasse, para beijá-la. Ofereceu-lhe seus lábios como lhe dera seu

corpo sob a escada. Ele queria tudo dela, corpo e alma. Beijou-a lhe impedindo de falar em voz alta, estiou a mão atrás de suas costas e conseguiu abrir a porta.

Ela entrou lhe puxando pela mão para levá-lo aos elegantes e singelos aposentos de uma dama. Os móveis eram de boa qualidade, embora com pouca ornamentação, sem dourados, nem babados que revestissem a cama coberta de um brocado de seda. Não lhe surpreendeu. Ela não precisava de adornos artificiais para se sentir mulher, nem artes femininas para dar conta de sua beleza. Porém, todas as cores eram quentes e ricas, como sua alma debaixo de sua máscara de frieza.

— O que lhe parece, quantos guinéus precisarei soltar para sossegar as línguas dos criados? — Parecia pensativa.

— Eu saberei se falarem ou não.

Olhou-o com curiosidade.

— Tem poder sobre isso?

— Possivelmente influência e contatos, e não somente sobre isso.

— Ele a aproximou de seu lado. — Querem que eu aceite um posto no Ministério do Interior.

— Aqui em Londres?

— Em Paris.

— Entendo. — Ela olhou fixamente seu colete. — Seus amigos me fizeram acreditar que a farsa que estamos tramando agora lhe permitiria partir de uma vez. Mentiram para mim?

— Ainda preciso encontrar o homem que disparou em você, Kitty.

— Acariciou sua mão com o polegar e ela deixou escapar um pequeno suspiro.

— Ainda continua envolvido em tudo isso porque estou em perigo? — Ela perguntou com um fio de voz.

— Quer saber a verdade?

Ela abriu os olhos surpresa.

— Claro.

— Se me negar, não vão deixá-la tranquila. Pedirão que os ajude outra vez, e, se negar, continuarão a pedir, até que aceite como te fez desta vez. Depois disso, não a deixarão em paz.

Uma rajada de pensamentos passaram por diante de seus olhos cinza. Leam teria gostado de lê-los, teria gostado de inventar uma razão na qual ela pudesse acreditar. Mas não podia mentir, nem sequer para evitar que sofresse.

— Eu... — A garganta de Kitty parecia dura. — Então porque não vou eu para Paris? — A comissura de sua boca se curvou indecisa. — Lá não me incomodariam muito. — Franziu o cenho. — Ou, suspeito

que sim, eles poderiam. Em vez disso, irei à Itália. Sempre quis ver a Itália, ou a Grécia. O Partenon e, sobretudo, as ruínas do templo no Oráculo de Delfos. Possivelmente algumas ilhas e, é claro, o Egito. Isso ficaria um pouco longe. Oh! Como eu gostaria de ver o Eg...

Ele voltou a fazê-la se calar com um beijo.

— É muito esperta — ele murmurou, — sem dúvida, mas eles a perseguiriam inclusive até a ponta das pirâmides do Cairo.

Ela se desvencilhou do assunto rindo.

— Então, à Índia? Emily quer visitar o este. Poderia acompanhá-la em sua viagem. Se me movesse com cuidado poderiam se cansar de me seguir. — Ela levantou as sobrancelhas. — Os espiões são tão persistentes?

— Alguns.

— Você, por exemplo?

— Nunca fui um espião, mas sim, sou persistente.

— Não tenho vontade de continuar falando disto, e você? — Seu rosto parecia contrariado.

Ele assentiu.

— Por favor — disse ela acariciando brandamente seu peito e deixou cair às pestanas uma vez mais. — Por favor, Leam, me toque, me toque agora.

Ele passou a mão pela turgidez de seu seio e ela suspirou com os olhos fechados. Era deliciosa, pedia para agradá-la justamente no momento em que ele estava disposto a lhe dar tudo o que desejasse. Com os dedos puxou as mangas de seu magnífico vestido e baixou um pouco o tecido, deixando seus ombros descobertos.

— “Uma criatura vinda do céu, a terra e certamente fazer um milagre” — disse recordando os versos de Dante. Tocou a pele acetinada com os lábios, sentiu-a estremecer, suas mãos não conseguiam parar de se mover cheias de ciúmes de que tenha usado aquele vestido para outro que não fosse ele.

— Usei-o para mim mesma. — Ela abriu os olhos e o olhou com suas longas pestanas. — Se desejar, colocarei para você na próxima vez. Agora pode tirar isso se quiser e... E fazer qualquer outra coisa.

Igual acontecera na estalagem, por um momento, a mulher segura se converteu em uma menina. Ele não podia suportar machucá-la. Não poderia carregar a culpa de lhe causar mais infelicidade. Por isso lhe deu todo o prazer que conseguiu.

Obedecendo-a, desatou-lhe o elegante vestido e o deixou cair à medida que a despia interiormente, liberando-a de suas capas de refinamento. Havia somente um confuso ardor em seus olhos quando a levou até a cama e ali a acariciou como ela desejava. Beijou-lhe o

corpo bem formado de uma mulher nascida para gozar, os ombros e a cintura, os seios e a doce curvatura do quadril. Ela correspondia as suas carícias com prazer, suas esbeltas mãos o mediam entusiasmada, levando-o a loucura à medida que ganhava confiança. Quando pousou seus lábios sobre os dele, com sua tímida língua o desarmou completamente. Ele já não conseguia mais esperar.

— Kitty, amor, se entregue.

Ela o fez. O cabelo caía como uma cascata sobre a colcha, os olhos entreabertos de paixão. Arqueava as costas enquanto ele a possuía, seus seios tensos se sobressaíam à medida que abria a boca e pressionava o colchão com as mãos. Submerso no desejo de Kitty, ele não conseguia sequer respirar. Seu peito parecia oprimido e o coração brigava por cada um dos batimentos de seu coração.

— Leam? — ela sussurrou.

— Kitty, eu... — ele balbuciou.

Ela apoiou a mão sobre seu peito, depois conduziu seus dedos até a cintura e ao redor da zona em que as costas perdem seu nome.

— Recorda-se em Shropshire quando me prometeu que faria durar mais? — A ternura aveludada de sua voz acariciou seus sentidos. Depois ela levantou os joelhos, e suas coxas sedosas o envolveram. — Agora, faça com que dure mais, por favor.

Ela se comunicava com seu corpo, mas havia algo mais em seus olhos, algo que apenas se atrevia a aparecer. Confiança.

Ele fez com que durasse. Tanto quanto conseguiu. Ela estava tensa e úmida, e apesar do que pedira, sentiu-se presa de impaciência. Era uma mulher apaixonada cujo corpo havia conhecido o prazer. Leam lhe deu o que ela pedia, levou-a ao limite do prazer, com a boca e com as mãos, e depois continuou até que ela choramingou suplicando relaxar. Quando as vibrações de Kitty acariciaram seu membro e seus lábios sussurraram o nome de Leam, ele conseguiu tê-la completa, possuindo-a até que explodiu de gozo, agarrando-o e gritando surpresa.

Ela o segurava trêmula, com os olhos fechados e a respiração agitada. Puxando seu próprio fôlego, acariciou seus cachos úmidos e a beijou na boca sedenta. Ela abriu seus olhos cinza e o coração de Leam já não teve mais outro lugar onde estar que no dela.

— Obrigada — ela sussurrou.

Ele sentia uma opressão no peito. Passou seu polegar pelo lábio inferior de Kitty, avermelhado pelos beijos.

— Se continuar me agradecendo que faça amor com você — ele tentou dizer esboçando um sorriso, — em algum momento sentirei muita vergonha de não fazê-lo tão bem.

— Não entendo totalmente o que você quer dizer, mas em qualquer caso não acredito que seja possível.

— Melhor que não o descubramos, não é? — disse ele com ternura. Depois se afastou para pegar uma manta e colocar em cima deles; ao voltar para seu lado, de novo acariciou seus cabelos. Embora não a abraçasse, deitou-se de costas e percorreu com a mão, sua boca e sua mandíbula.

Kitty começou a respirar normalmente deixando que os batimentos de seu coração se atenuassem. Assim era como devia ser a amante de um homem. Entregar seu corpo. Fazer amor em seu leito, ou, pelo visto, na mesa da cozinha. Existir somente para ele. E fingir diante dos outros que apenas se conheciam. E não entendê-lo totalmente. Inclusive temê-lo um pouco. Era uma forma de respeitar o poder que ele exercia sobre ela.

— Kitty, meu filho não é meu filho biológico. — Seu rosto irradiava uma claridade diante da luz intermitente do fogo aceso, com as bochechas e a mandíbula tensas. A manta deslizou até seus quadris, a força masculina de seus braços e de seu peito se contraiu.

— Quem é o pai? — murmurou ela ao fim.

Voltou-se para Kitty e se encontrou com seu olhar.

— Meu irmão. E por isso eu o assassinei.

Ele sentiu deu uma dor no coração e no estômago.

— No duelo?

— Eu o organizei. — Olhou outra vez para o dossel da cama. — Me refiro a que somente queria assustá-lo. Também suponho que eu queria ameaçá-lo. Estava louco de ciúmes.

— Mas, você não... Não queria que ele morresse? — Ela já sabia a resposta. Não o amaria se tivesse sido capaz daquela abominação.

— Não — ele negou com a cabeça. — Mas ele aceitou o duelo. E como conhecia os ardis de seu oponente com a pistola decidiu ficar na trajetória da bala que não devia nem roçá-lo.

Por um longo instante a única coisa que se escutava na estadia era o sutil assobio das chamas na lareira.

— Pouco tempo depois minha esposa desapareceu — finalmente ele prosseguiu. — Acredito que temia por minha reação. Disse a sua família que sairia de férias comigo, mas não foi assim. Deixou o bebê na Escócia e veio aqui para se esconder, acredito eu. Dois meses depois a encontraram no Tâmisa. Conforme parece, já estava lá há algum tempo.

Um bafo de ar quente emergiu da lareira fazendo com que a luz refletisse pelas paredes, pelos lençóis e pelo homem que estava com ele e que acabava de confessar uma história horrorosa.

— Seu filho sabe?

— Ninguém sabe. Ninguém que esteja vivo.

— Por que me contou isso?

Ele mudou a posição e pegou sua mão.

— Porque — ele disse com rudeza — não quero que tenha nenhum segredo entre nós. E porque sou um homem ciumento por natureza.

— Como assim ciumento?

Leam levantou uma sobrancelha.

— Acredito que é evidente.

— Mas não se importou ao pensar que eu flertava com Yale na estalagem.

— Sim me importou.

— Não.

— Então é uma exceção.

— E o que me diz do senhor Cox?

A cara dele ficou estática.

— Tive ciúmes, muito ciúmes.

Ela desejava lhe dizer que não precisava se preocupar, que seu coração era completamente dele e que nenhum outro homem acessaria a ele. Mas guardou a confissão. Ao menos, era o bastante preparada para saber que não devia continuar se comparando com sua adorada

esposa. Afastou a mão e a guardou sob a colcha, em cima de seu peito.

— Kitty, li o relatório de Poole — disse Leam em voz muito fraca. — Ele era um vilão.

Ela não reparou que não restava nem um suspiro para lhe oferecer, exceto um som delicado e curto.

— Espero que o homem que corteja sua mãe não seja também.

Kitty assentiu; guardava as lágrimas no fundo de sua garganta.

— Acredita que esta farsa funcionará?

— Se ele for culpado, sim.

— Seriamente é necessário que você vá sozinho lá, pela manhã?

Ele assentiu. Pouco depois, franziu o cenho e se apoiou em um cotovelo.

— Kitty, não está pensando em ir. Não me diga que sim.

— Nesse caso, não lhe direi. Mas eu estaria ocultando a verdade. Disse a lorde Chamberlayne que o veria lá.

— Não.

— Sim. Devo ser totalmente convincente. Que credibilidade teria uma mulher enganada que não desejasse presenciar o fracasso de seu amante? Simplesmente, não posso deixá-lo nas mãos do destino. Seria justamente o contrário do que lorde Chamberlayne sabe a respeito de mim. O que todo mundo sabe.

— Ele concordou com isso?

— Disse-lhe que ele não tinha escolha.

— Kitty, isso é arriscado. — Ele a olhava fixamente. — Se as suspeitas de Gray estiverem corretas, Chamberlayne não pode estar tranquilo, pensando que eu sei onde está o carregamento do navio.

— Mas eu devo saber se ele for culpado. Por acaso acredita que é simples para mim? Trair minha mãe para não trair meu país?

— Não. — Ele segurou sua mão e lhe beijou a palma. — Sei que não deve ser fácil. Mas se visse que você corre perigo não responderia por meus atos.

— É muito... complicado — disse ela em tom agridoce, fechando os olhos.

Ele não respondeu. Somente lhe acariciou a face e a beijou. Ela tocou seu braço medindo seus músculos.

— Kitty, deseja que eu fique um pouco mais esta noite?

— Sim. — Não podia enganá-lo. — Mais do que posso expressar. — Abaixo o julgamento e a prudência! Apesar de tudo, sua boca a delatava.

O polegar de Leam acariciou seu mamilo duro; todo seu corpo se estremeceu pelo enervante suplício.

— Então me prometa — lhe sussurrou — que não irá ao encontro

amanhã pela manhã. — A mão dele a torturava, seu quadril se movia contra ela.

— A chantagem não é própria de você, milorde — articulou ela, depois ficou a ofegar quando ele deslizou a mão entre suas pernas. Não sabia que isso era possível, ser excitada com tanta facilidade, tantas vezes, na mesma noite. Mas ainda ardia de vontade e respondeu docilmente excitando-se com suas carícias.

— Prometa-me isso. Ele a tocava até enjoá-la.

— Sim — soprou ela. — Sim — repetiu quando ele a penetrou com seu dedo. — Sim! — voltou a exclamar quando a fez chegar ao orgasmo somente com a mão, lentamente. Sua boca lhe acariciava os seios. O desejo de estar dentro dela agora era forte e duradouro nele.

Leam continuou fazendo-a gozar. E fez com que durasse inclusive mais do que antes, até que não restou nada, salvo o prazer úmido até que ele gozasse. Como o que ela sentira no início, em uma pequena estalagem de Shropshire, quando pensava que o pior na vida seria se render diante de um homem que andava com seus desgrenhados cães.

Quando acabou, ele a puxou contra seu peito e a abraçou.

— Confio que não seja necessário que eu a recorde do que prometeu. — Falava com os lábios grudados em seu cabelo de um modo muito íntimo e confiante.

— Chantagista! Prometi. Que fique bem claro quem é que tem mais prática em conseguir, com os outros, aquilo que quer.

— Não exatamente desta forma. — Seu tom parecia sonolento, mas ela adorou suas palavras. É verdade que, possivelmente, havia algo ciumento em sua natureza.

Depois de um momento, comprovou que ele dormia. Com dois dedos lhe roçou os músculos tensos do antebraço. Ele não se movia, nem sequer sentia sua respiração; a curvatura da mandíbula, das bochechas e a sensualidade de sua boca a fascinavam. Ela suspirou.

— Quero voltar para Shropshire — ela disse, porque sentia que seu coração explodia cheio de nostalgia, com uma espécie de triste alegria e não podia mantê-la em seu interior por mais tempo. E porque agora, podia lhe dizer todo tipo de tolices, pois ele não a escutaria.

Mas ele disse:

— Eu também. — Agarrou-lhe a mão e a levou ao peito. — Agora durma um pouco.

— Por quê? Você vai partir, não é assim?

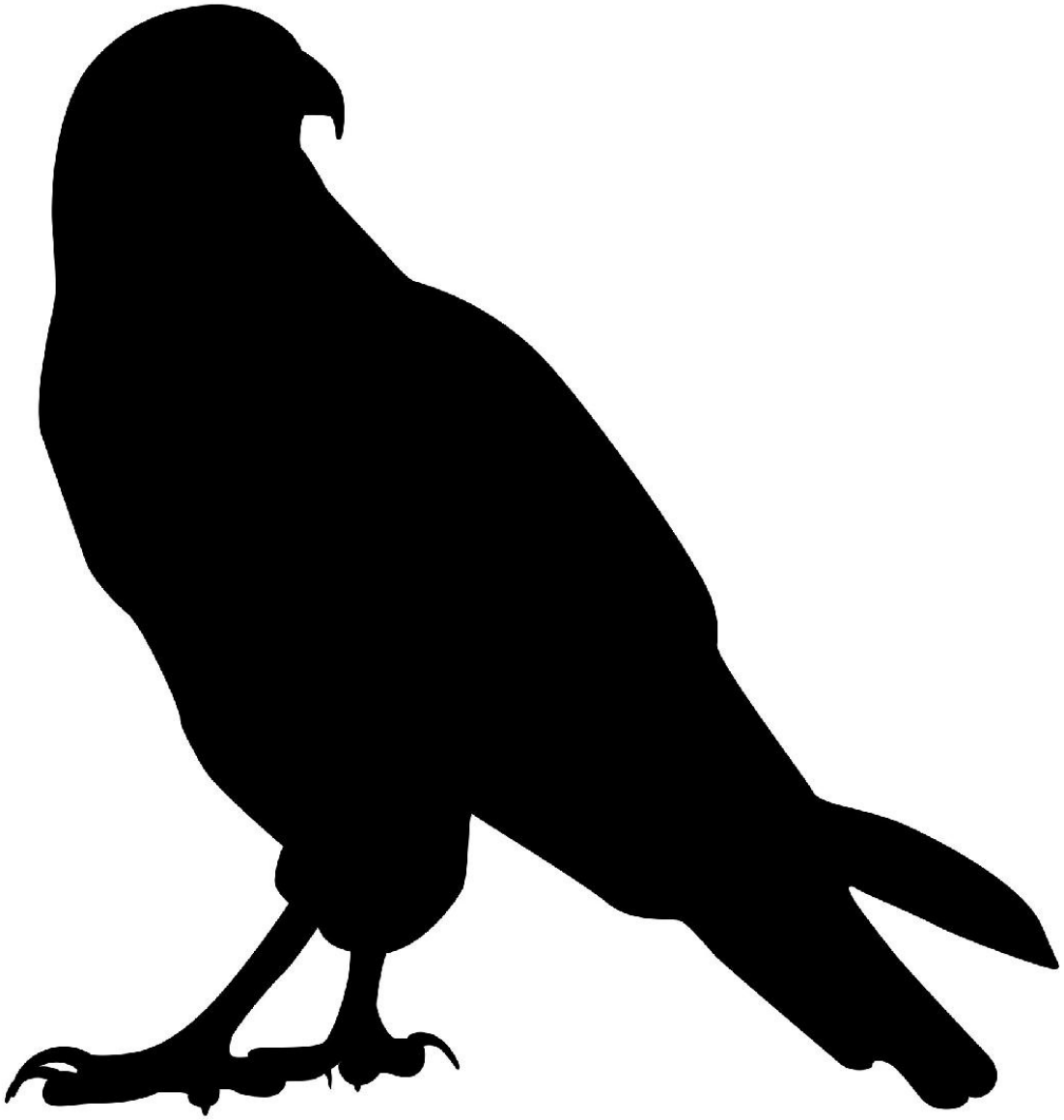
— Muito cedo. E apesar de que adoro a conversa, desejaria ter o prazer de dormir a seu lado esta noite, mesmo que seja muito pouco.

O que ela poderia responder a isso?

Ele a beijou na testa.

— Feliz aniversário, Kitty! — Abraçou-a e ela logo adormeceu.

Quando despertou ele já não estava.



23

Quando a viúva se apresentou na mesa do café da manhã, estava com os olhos brilhantes, olhava para Kitty com entusiasmo. Por desgraça, Kitty não podia fazer nada para ocultar o rubor de suas bochechas e a ansiedade que lhe gelava as mãos. Nesse momento o encontro entre Leam e lorde Chamberlayne já teria acontecido. Ela somente precisava aguardar impaciente, para receber suas notícias.

— Querida Kitty, não esperava que se levantasse mais tarde. — Sua mãe aproximou uma taça à boca. — A senhora Hopkins explicou a visita do guarda na última hora. Um incidente com os pratos da cozinha, ao que parecia.

Kitty sentiu as bochechas incendiarem.

— Ela lhe disse isso?

A ama de chaves entrou com um bule na mão.

— Lady Katherine foi muito amável ao recolher todos os pratos quebrados antes de se deitar. — Serviu o chá para Kitty e deixou o bule ao seu lado; somente lhe deu uma piscada, com um sorriso fugaz e radiante. — Monsieur Claude foi quem mais ficou satisfeito. Eu também, obrigada, senhora. — Fez uma reverência.

— De nada, senhora Hopkins. Foi um... — Tinha a garganta seca.

— Um prazer. — Ele recolhera os pratos e limpara tudo antes de partir?

Não podia duvidar do estranho nobre que conhecera. Concentrou-se em seu chá. — Como está Serena, mamãe? Sua nota não indicava como ela se sentia.

— Não estive na outra casa ontem à noite, Kitty. Disse isso para que não se preocupasse. — Sua mãe revisava o correio que estava a seu lado. — Senhora Hopkins, agora pode ir. E feche a porta.

A ama de chaves olhou um segundo para Kitty e partiu.

Kitty conteve o fôlego.

— Então, se não esteve em casa de Alex, aonde foi?

— Estive com Douglas. — A viúva levantou o olhar, estava com um aspecto tranquilo, satisfeito e irradiava felicidade. — Nós vamos casar. Quer me desejar felicidade, querida filha?

— Oh! Mamãe. — Como não lhe desejar algo assim? Levantou-se e abraçou a sua mãe à altura dos ombros. — Pensei que a proposta dele lhe era indiferente.

A viúva a afastou e observou seu rosto.

— Somente estava sendo prudente. Kitty, querida, aconteceu alguma coisa?

Kitty lhe pegou suas mãos e as uniu.

— Só desejo sua felicidade.

— Então, esta notícia não a faz feliz? Eu esperava que sim. Eu vejo você e ele tão, a vontade, juntos.

— Oh! Mas mamãe, como vê... — Kitty articulou algumas palavras para começar a falar. Não deveria ter esperado para contar a ela. Precisa ter sido corajosa. Não podia suportar o olhar de sua mãe e evitá-la. Sobre a mesa, em sua taça havia enganchada uma nota com seu nome.

Como uma colegial, memorizara a letra de Leam pelo envelope que ele lhe enviara com a partitura. Seu coração pulsava. Agarrou-a e a abriu.

— Kitty?

— Mamãe, eu... — Uma baforada de ar saiu de sua boca. Lorde Chamberlayne era inocente de realizar más práticas. Mas a nota dizia algo mais, que devia ir ao parque às onze.

Olhou o relógio da despensa e se levantou de um salto.

— Mamãe. — Foi até sua mãe, segurou-lhe ambas as mãos e as beijou uma a uma. — Estou tão feliz por você. Eu gosto de muito lorde Chamberlayne e estou muito contente que ele faça parte de nossa família.

— Kitty isto é maravilhoso.

— É possível. Mas preciso ir.

— Katherine.

— Sério, tenho uma entrevista. — dirigiu-se à porta e lançou um olhar de cumplicidade ao John. Ele não se esforçou muito para ocultar um sorriso.

Sentia-se cada vez mais nervosa. Por que queria se encontrar com ela no parque? Por que não viera contar-lhe antes, ele jamais tivera vergonha de se apresentar. Não exatamente.

— Mamãe. — Deu meia volta. Sua mãe se levantou um pouco confusa. Kitty se voltou para ela e lhe deu um forte e longo abraço. — Mamãe, amo-a muito. Sabe, não? Claro que sabe e estou muito, muito feliz por você.

Correu para se trocar.

Nunca lhe parecera tão longo, o caminho até o parque. Sob o céu claro, Kitty se aconchegou em um canto da carruagem mordendo as pontas das luvas. Estava cansada pela falta de sono, irritada em áreas que nunca imaginara que poderiam arder e extremamente tensa por tudo isso.

Ao virar pela entrada do parque seu estômago deu um salto.

Pensara em cada possibilidade, inclusive que a nota fosse falsa e que estava se dirigindo para uma emboscada. Mas não imaginou Leam montado em seu musculoso ruano esperando-a perto da entrada. Os

galgos que caminhavam ao seu lado, vieram a seu encontro levantando a cabeça à medida que a carruagem se aproximava.

Saudou-o.

— Como vai, milorde?

Ele acertou o cavalo junto à carruagem e a saudou da sela.

— Bom dia, milady. Gostaria de dar um passeio?

— Sim, obrigada.

Tudo era muito cortês. Seu coração se acelerou. A carruagem parou e, enquanto o cocheiro descia Leam já havia desmontado e estava ali para pegar sua mão e ajudá-la a sair. Fez com uma cortesia espantosa, segurando seus dedos enluvados como a formalidade exigia. Por um momento, Kitty se sentiu um pouco decepcionada, mas ele não podia estar mais encantador no parque, e ela observou sua roupa. Uma vez mais, estava elegante, vestido com bom gosto e lindo. Isso a excitou.

Ele lhe ofereceu o braço. Mas ela negou com a cabeça, muito nervosa para tocá-lo, e começou a caminhar para se afastar da carruagem e dos serviçais curiosos. Um dos cães veio até ela e lhe tocou a mão com o focinho. Ela o afastou distraidamente.

— Ele não é culpado de nenhum delito? — Ela perguntou quando se afastaram bastante de sua donzela para que ela não os ouvisse.

— Não é. — Ele caminhava perto dela com as mãos cruzadas nas costas. — Me procurou somente para me implorar que não entregasse o carregamento aos rebeldes, cujo cabeça é seu filho. Estava disposto a me pagar para destruí-lo. Não fazia nem ideia do que era.

— E o que era?

— Ainda não está claro. O Ministério da Interior deseja comprovar suas palavras antes que ele seja digno de toda confiança. Seu filho é um conhecido instigador, mas eu acredito na inocência de Chamberlayne.

Kitty tomou ar.

— Ouvi ele falar e de seu filho. São muito unidos.

— Aparentemente. — A voz de Leam era firme. — Teme por ele, e espera frustrar a rebelião colocando obstáculos. Mas foi difícil admitir, embora ele acredite que desejava e até agradeceu a oportunidade. É um homem orgulhoso. — Voltou-se para ela. — Tanto quanto uma jovem dama que conheço. — Suspirou aproximando-se pouco a pouco dela.

— Já não sou jovem. Ontem cumpri os vinte e...

— Seis, sim, disse isso ao começar a falar comigo em Shropshire. Pergunto-me por quê.

— Porque me chamou de menina e eu tentava colocá-lo em seu

lugar.

O olhar de Leam pousou em seus lábios.

— Uma forma bastante peculiar de consegui-lo.

— Poderíamos voltar para o assunto do qual falávamos, milorde?

Ele parou e ela também precisou parar.

— Do que falávamos? — Sob o suave céu azul, os olhos de Leam brilhavam.

— Da inocência do noivo de minha mãe e, francamente, de porque insistiu em vir aqui, em vez de me visitar para me contar as notícias, em casa. Fiquei muito nervosa e penso que você organizou horrivelmente mal.

— Esta manhã andamos irritadinhos, não é assim?

— Nunca sou assim, ou ao menos, poucas vezes. Agora bem, tem algo mais a me dizer sobre lorde Chamberlayne? Minha mãe e ele se prometeram ontem a noite, embora ele a pediu muito antes, por isso eu sei. Então, eu gostaria de saber se me pedirá que diga mais mentiras horríveis para meu futuro padrasto, coisa que não farei, entende?

— É a principal razão pela qual estamos aqui. — A diversão desapareceu de seus olhos. — Pedi ao Gray que se encontrasse comigo.

— Não comentou que eu também estaria aqui não é?

— Linda e inteligente — murmurou ele, enquanto observava sua face.

— Por que não?

— Ele poderia ter se negado. — Leam olhou para o lado. — Se encontrará com ele?

— Acredito que você está tentando me assustar; ao parecer, não se sente castigado com minha reprimenda. — Ela seguiu a direção do olhar dele. O visconde vinha cavalgando pelo prado.

— Não tenha medo de mim, Kitty. — Leam lhe falou docemente. — Nunca tenha medo de mim.

Ela elevou o olhar. Seus olhos emitiam um brilho intenso. Uma deliciosa sensação se expandiu por suas veias.

— Ontem à noite, Leam — disse antes que paralisasse sua língua, — quando me disse que havia lido os documentos sobre Lambert Poole, o que entendeu sobre minha participação naquilo?

— Que ele lhe fizera mal. Isso é tudo.

Tudo foi esquecido, o parque, o objetivo. Nada era mais importante que o que finalmente, em voz alta, diria pela primeira vez a este homem:

— Ele me disse que nenhum outro homem me amaria. Não para algo mais que um flerte. Disse-me isso quando eu tinha apenas quinze

anos. Voltou a dizer aos dezenove, muitas vezes. Eu estava desonrada e não poderia ter filhos. Eu era jovem e acreditava que estava apaixonada por ele, disse-me que um cavalheiro só me aceitaria pelo dote, se é que me aceitasse, e que depois teria uma decepção. — Ela não queria contar essas coisas. Queria dizer que a loucura de sua juventude já não influiria nela, e que o amava. Queria lançar-se em seus braços porque ele a olhava como na noite anterior, quando esteve dentro dela e se sentia incapaz de falar.

— Amo você — disse ele.

Ela não acreditava que fosse possível, não depois de ontem à noite, continuar suportando não saber quanto ele a desejava. Em que medida? Mas não conseguia encontrar as palavras.

— Maldito Gray e todos os outros — disse ele em voz baixa. — Kitty, esta tarde, estará em casa para receber visitas? Não, quero dizer, livre para mim?

— É claro, Leam...

— Somente para mim. Em seu salão — seus olhos brilhavam, — com as cortinas corridas, a porta aberta, os serviçais preparados no vestíbulo? — Ele sorria.

— Está muito estranho. — Seu coração se acelerou e então as palavras que desejava dizer saíram depressa e fortes. — Sim — ela

sussurrou, porque esta entrega incondicional era nova e merecia o que ele pedira, apesar de que ela ansiava dizer tudo agora; não queria esperar mais.

Ouviram-se alguns cascos na grama. Kitty afastou o olhar e lorde Gray desmontou. Enquanto se aproximava, ela sentia Leam as suas costas, sua força e o domínio profundo de seu coração. A felicidade fez aflorar sua cortesia.

— Lady Katherine. — O visconde lhe fez uma reverência. Voltou-se para Leam. — Me encontrei com Yale no Clube esta manhã. Já me contou tudo.

— Eu pedi que ele contasse.

Kitty lançou um olhar para Leam. Seu rosto estava tenso, mas seus olhos ainda brilhavam.

— Pedi que você viesse por outra razão — acrescentou. — Preciso que você se desculpe agora com lady Katherine por curvá-la com suas petições e para lhe assegurar que no futuro não fará outras propostas semelhantes.

Lorde Gray olhou para o outro lado.

— Vejo que trás os cães com você, apesar de sua indumentária.

— Certamente.

— Então, finalmente, já terminou?

Leam assentiu.

O visconde respirava lentamente. Virou-se para ela.

— Milady, em nome do rei e do país ao qual sirvo, transmito minha gratidão para você e lhe asseguro que não a procuraremos para pedir sua ajuda, outra vez. Acredito que cometemos um engano com a informação de que dispúnhamos de lorde Chamberlayne. É obvio, continuaremos perseguindo os rebeldes, o filho dele, inclusive, mas lorde Chamberlayne está livre de qualquer suspeita.

— E agora a desculpa — o exortou Leam.

Lorde Gray fez uma reverência.

— Ofereço-lhe minhas mais sinceras desculpas, senhora.

— Aceito-as, milorde.

— Perfeito, Gray. — A voz de Leam era firme. — Agora pode ir para o inferno.

O visconde assentiu com um sorriso.

— Com respeito ao Cox, ainda quer que Grimm continue procurando, imagino.

— De momento sim.

Kitty os olhou a ambos.

— O senhor Cox, de Shropshire?

Leam arqueou uma sobrancelha.

— Vejo que minha presença se faz dispensável. — Lorde Gray fez uma reverência. — Milady, Blackwood. — dirigiu-se a seu cavalo, montou nele e o esporeou.

Ela se voltou para Leam.

— Por que não me disse? O senhor Cox está envolto em tudo isto, também?

Ele se aproximou.

— Não é um assunto do Gray. — De novo seu olhar se centrou completamente nela, e lhe examinou a face. — Assim que eu saiba algo mais, eu lhe direi. Mas agora deve ir para casa, para que eu possa visitá-la como corresponde.

Ela poderia afundar-se nesse olhar e nunca sair.

— Embora não saiba por que...

— Kitty. — Ele sorria. — Aqui não, aqui não posso. — Seus olhos resplandeciam.

Uma carruagem se aproximava. Ele as olhou fixamente e esse olhar perdeu sua intensidade embriagadora... Até se encher de inquietação.

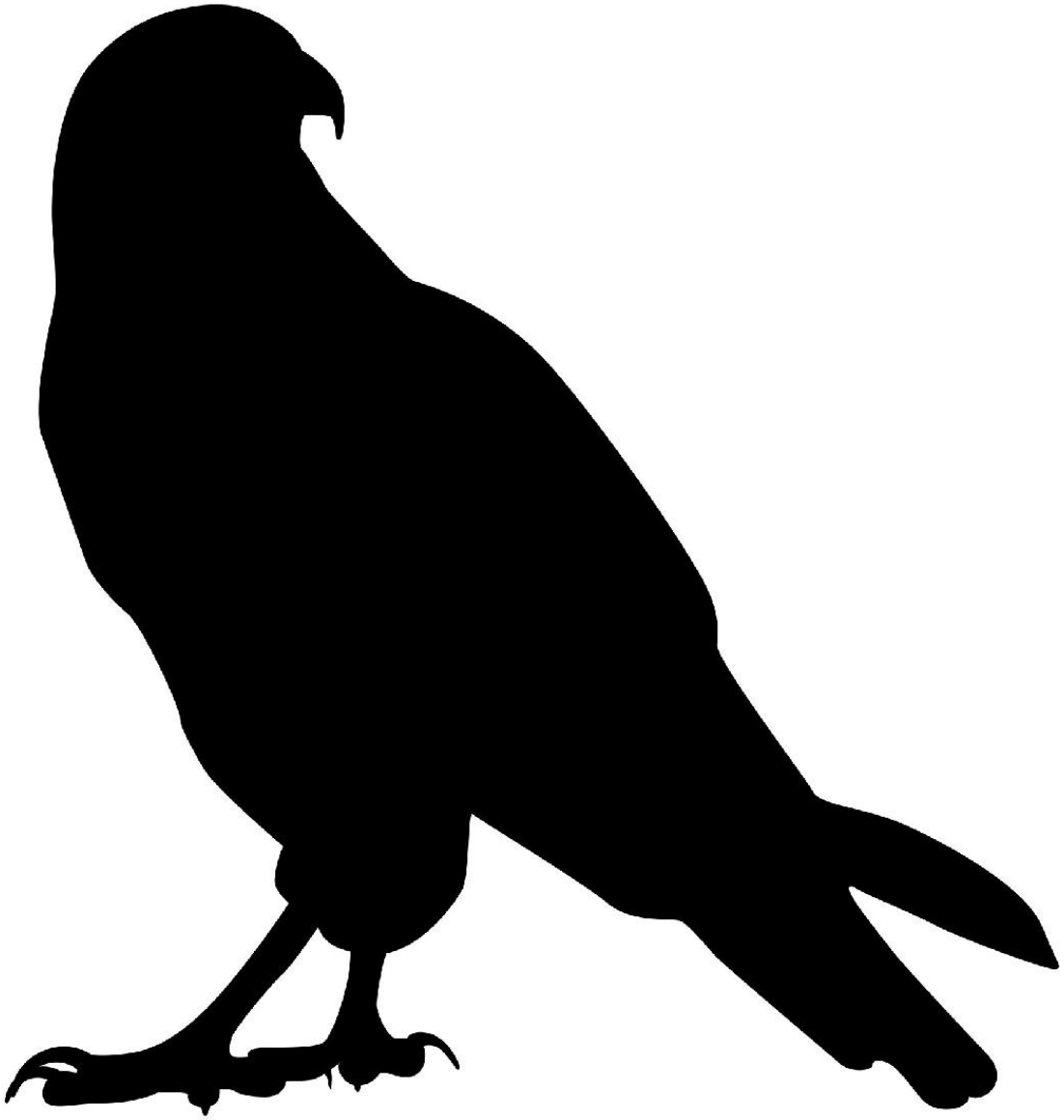
Ela se virou.

Pelas escadas de uma elegante carruagem negra desceu, com a ajuda de um criado, uma dama que olhou para eles. Usava um vestido

de passeio de seda azul pálido, adornado nos ombros, luvas de cor céu invernal e em seu braço, um pequeno guarda-sol debruado com rendinhas. Um amplo chapéu com uma aba inclinada garbosamente para um lado deixava descobertos alguns cachos loiros e possuía lábios como pétalas de rosa.

Leam empalideceu, desolado.

— Leam, quem é ela? — Mas no abismo de seu estômago e em seu coração inocente, Kitty sabia. Ela nunca merecera ser feliz de verdade. Certamente, era um anjo que vinha para lhe arrebatar o céu, agora que ela estava na soleira.



24

— Quem é ela? — repetiu Kitty agora com um sussurro.

— Ela é... é mi... — Leam se esforçava para respirar com prudência. Não podia ser. Evitava contemplar aquela fantasmagórica elegância, serena, da mulher que estava a sua frente.

Mas os belos olhos de Kitty estavam tensos.

— Você...?

As palavras saíram com dificuldade.

— Minha esposa.

— Por acaso ela tem uma irmã gêmea?

Kitty torceu a boca, trêmula, e todo o corpo de Leam se intumesceu. Ela era perfeita, e queria agarrá-la e espremê-la contra ele para não soltá-la nunca. Mas Cornelia se aproximava, com o guarda-sol pendurado no braço fazendo um ligeiro movimento de vaivém. Não era uma gêmea, inclusive se fosse idêntica, não poderia reproduzir aqueles olhos azuis, aquele sorriso delicado, sempre um pouco inseguro, que nunca falhara ao lhe fazer o nó da gravata, as covinhas de suas bochechas e sua delicada forma de andar. Os seis anos não haviam passado para ela, ainda era maravilhosamente bonita, e vinha diretamente para ele.

Leam a olhou fixamente.

Ela parou uns dois metros deles, a aba do chapéu protegia sua face do sol. Seus lábios esboçaram um sorriso.

— Bom dia, meu esposo. — Sua voz não mudara ligeira e tímida, era como um pesadelo. Fez uma reverência baixando sua cabeça com elegância.

Kitty deu meia volta e se dirigiu diretamente para sua carruagem. Leam deixou de olhar para Cornelia e foi atrás dela. Ela tentou evitar que ele a tocasse, mas ele a obrigou a aceitar sua mão, para ajudá-la a entrar na carruagem. Estava tremendo. Não queria olhá-lo aos olhos. Ele estava enjoado pela comoção.

— Kitty, fale algo. — Sua voz soou triste.

Ela colocou as mãos sobre seu colo.

— Felicidades, milorde.

— O quê?

Ele teve que se afastar para que o cocheiro subisse. Ereta e com o queixo alto, Kitty olhou à frente.

— Vamos — disse ao cocheiro. O homem estalou as rédeas e Leam deu um passo para trás quando a carruagem começou o movimento.

A mulher que ele chegara a amar, mais que a sua vida, se afastava, e ele se sentia incapaz de olhar à mulher que, seis anos

antes, mudara sua vida para sempre. Ela, James e ele próprio, haviam participado de um enredo imoral e lamentável.

Deu meia volta e caminhou a grandes passos até Cornelia. Ela retrocedeu.

— Leam? — Cravou seus olhos azuis nele. — Ainda é muito bonito. Esses cães são teus? Quem era essa dama e porque me interrompeu?

— Interromper você? — Leam moveu a cabeça. — Eu... — Ele quase ficou mudo. — Embora... — esforçava-se para falar, — você... — mas as palavras não fluíam facilmente. — Estava morta. — Ele não conseguia respirar. Seu mundo virou do avesso. — Eu a enterrei.

— Mas estou aqui, como pode ver. — Seus lábios rosados tremiam iguais a suas pequenas mãos segurando o guarda-sol. — Leam, está me assustando.

— Quem é a mulher que repousa na tumba em Alvamoor? Matou alguém com o fim de fazê-la passar por você e falsificar sua morte?

— Não! Você sim matou alguém! Ao James! — Seus olhos começaram a encher de lágrimas e se foi correndo à carruagem. Ele a seguiu muito de perto. O criado a ajudou a subir. Uma dama mais velha vestida de negro olhou para Leam lá de dentro.

— Vamos, Frank, vamos — Cornelia gritou ao chofer agitando os braços. — Rápido! Sabia que não devia ter vindo.

Leam pegou o cavalo principal da carruagem e o agarrou pela rédea. O cocheiro os olhava de um para o outro.

— Não mova a carruagem ou terei que usar o chicote em você — Leam disse ao cocheiro.

— Frank, ele não fará isso, ele não é esse tipo de homem. Vamos.

— Se passaram seis anos e não sou o mesmo, Cornelia. Não tem ideia do que sou capaz de fazer agora.

— De acordo, milorde — disse o cocheiro.

— Leam, está montando uma cena — exclamou Cornelia.

Outra carruagem e um par de cavaleiros pararam, os cavalheiros e as damas olhavam o espetáculo sem a mínima discrição.

— Me diga qual é seu endereço em Londres e então a verei lá, um momento, para falar em particular. — Nem ele mesmo conseguia acreditar em suas próprias palavras. Seus batimentos estavam tão acelerados que não conseguia pensar.

— Calle Portman, 25, número 4.

— Esteja lá em meia hora ou a perseguirei até encontrá-la, Cornelia.

— Sim, eu prometo. — Ela fechou os olhos. — Agora vamos, Frank.

Leam soltou o cavalo e deixou que a carruagem passasse por ele. Hermes a seguiu correndo alguns metros, depois voltou para seu lado

dando saltos. Ele ficou olhando a água do lago Serpentine, fria e cinza sob o céu azul pálido. Depois, dirigiu-se para seu cavalo, deu uma moeda ao moço que cuidara dele e partiu para confrontar seu passado.

O endereço do apartamento de Cornelia era de aparência modesta. Leam examinou rapidamente a vestimenta asseada dos criados que lhe atenderam e a sala de espera para onde o conduziram para esperar sua esposa.

Ela não o fez esperar muito. Ao entrar, olhou-o, depois se aproximou do aparador e se serviu de uma taça de xerez. Com mãos trêmulas o bebeu de um gole.

— Começou a bebida durante sua ausência? — Leam a estudava. Sem luvas, xale, nem chapéu, parecia muito mais à garota que ele conhecera pela primeira vez, mas agora, havia uma hesitação em seus olhos.

— Não, é para o nervosismo. — Ela se virou-se para ele, apertando as mãos contra o aparador as suas costas. — Está alterado.

— Ora. Você não teria aparecido diante de mim como um fantasma se não quisesse me impressionar.

Ela foi até a janela, pegou as cortinas e tampou o rosto.

— Não sabia como, pensei em todas as formas possíveis... — Olhou-o de lado, suas pestanas douradas se agitaram. — Estava com

tanta vontade de vê-lo, mas não sabia como fazê-lo.

— Onde você esteve Cornelia? — perguntou sem se alterar e uma estranha calma o invadiu

— Aqui e lá.

— Exatamente onde?

— Já não tem importância, não é assim? Agora estou aqui.

— Para mim tem e muita. Onde?

Ela se aproximou um pouco, agarrada, ainda, às cortinas e olhando a garrafa do aparador.

— Na Itália.

— Não minta, já não é preciso.

Ela não parava de se mover.

— Estive na Itália. Durante três anos.

— E antes disso?

— Na América. Já odiava aquilo. Fiquei contente ao partir.

— Quem a mantém? — perguntou ele.

Ela arregalou os olhos.

— Me mantém?

— Seu amante, Cornelia. Seu protetor. Diga-me seu nome.

— Por quê? — ela gritou. — Assim poderá... — ela tampou os lábios para se calar. — Não tenho nenhum amante.

— Então — disse Leam assinalando a seu redor, — quem a está mantendo aqui? Ultimamente não me lembro de que meu advogado me pedisse recursos para enviá-los a minha esposa morta.

— Não zombe Leam. — Ela franziu o cenho. — Nunca quis que acreditassem que eu estava morta. Juro que não.

— Quem, Cornelia?

— Meus pais! — Ela desabou em uma cadeira tampando o rosto com as mãos. — Quando fugi, eles me ajudaram a escapar.

Leam pigarreou, por causa do frio que sentia em sua garganta.

— Seus pais estiveram em seu funeral. Suas irmãs e seus irmãos sabem que ainda está viva?

Ela levantou o olhar e o brilho das lágrimas em suas bochechas a embelezaram.

— Não, só meus pais. Eles estavam tão assustados quanto eu pelo que você pudesse fazer.

— Então, eles sabiam que você teve uma aventura com meu irmão.

Seus lábios tremiam. Ela assentiu.

— O que vai fazer agora, Leam?

Ele apertou os punhos até que as unhas se cravaram nas palmas.

— Durante mais de cinco anos, Cornelia, você me fez acreditar que havia se suicidado. E que eu a conduzira àquilo. — Ele não conseguia olhá-la. Cruzou a sala até o aparador e se serviu de um brandy. Depois de bebê-lo de um gole, serviu-se de outro.

— Milorde, atirou-se à bebida durante minha ausência?

Ele sentia um formigamento na nuca. A voz dela era áspera e mais dura do que se lembrava. Ela já não era uma garota, embora continuasse parecendo.

— Quem está no mausoléu dos Blackwood, Cornelia? — Perguntou de costas para ela.

Houve um momento de nervosismo.

— Não sei.

— Ela usava seu vestido, que lhe comprei na viagem de lua de mel. E seu anel de casada. — Durante as semanas posteriores ao descobrimento do corpo ele não permitira que a ama de chaves tocasse os farrapos sujos, cheios de barro, nem no anel de ouro e diamantes. Assim, pagava por cada um dos dias transcorridos. Foi seu próprio inferno em vida.

— Levei-os quando escapei a procura de meus pais. Pensei que eles estariam na cidade, mas não foi assim. Então vendi o vestido e o anel para uma garota na rua, para ter dinheiro e conseguir alugar

uma casa pequena. Era horrorosa, suja e com ratos. Não dormi. Mas consegui escrever para meus pais, e eles vieram me buscar. Quando ouvi o sobre a garota e como todo mundo pensou que se tratasse de mim, senti muito.

— Que sentiu muito? Parou para pensar em sua família?

— Não acredito que eu tivesse uma. Era uma, uma... — Franziu o cenho com mais inquietação. — A julgar por suas companhias, não me surpreendeu que tivesse esse final.

— Mas isso é imperdoável, Cornelia.

— Eu também estava aterrorizada! Você havia... — Sua voz se quebrou. — James havia morrido e eu não sabia o que poderia fazer depois.

— Uma história comovedora, sem lugar a dúvidas.

Ela o olhou fixamente.

— Ainda me odeia? — sussurrou.

— Não. Nunca a odiei. — Admitir isso já não lhe surpreendia. — Possivelmente odeio a mim mesmo.

Seu lábio inferior tremia.

— Leam, então você... Pode? Esposo meu, ainda pode me amar?

Ele sentiu um nó no estômago.

— Pergunto-me, quando me perguntará por seu filho. — Ele quase

não conseguia articular nenhuma palavra.

Ela abriu os olhos com surpresa. Cruzou as mãos em seu colo.

— Como ele vai?

— Bem.

— Ele...? — Pestanejou para desfazer-se das lágrimas. — Alguma vez ele fala de mim?

— Raramente, como é normal. Sabe? Sua dedicação maternal me deixa intrigado. — Pegou sua taça e a encheu, o brandy agia dentro de seu peito gelado.

— O que quer dizer? Lamentei não saber dele — disse rapidamente, agora com um ligeiro choramingo em sua voz. — Senti falta dele, Leam, precisa acreditar.

— Não, não acredito. — Ele bebeu de um gole o licor e colocou o copo vazio na mesa. — Sobretudo, porque o deixou aos cuidados de um homem ao qual temia que lhe machucasse. Durante anos.

Ela abria e fechava a boca.

Ele pegou seu chapéu e seu bastão, e se dirigiu à porta. O rangido da saia dela precedia seus passos ligeiros. Ela o agarrou pela manga.

— Não vá, Leam. Por favor.

Ele baixou o olhar e viu sua pequena mão agarrada em seu

braço, como se fosse uma garra, com os nódulos brancos.

— Não se preocupe desnecessariamente, querida — disse puxando ar em seus oprimidos pulmões. — Voltarei. E, quando o fizer, espero que ainda esteja aqui.

Ela o soltou.

— Eu, eu, estarei aqui.

— Cornelia?

— Sim, Leam?

Ele olhou além de seu rosto, agora muito mais perto, e viu medo e incerteza atrás de seus olhos azuis.

— Por que apareceu agora?

— Meus pais disseram que, de repente, você havia abandonado seu aspecto pouco elegante — sussurrou. — Enquanto continuasse desalinhado, eu sabia que não voltaria a se casar. — Seus lábios rosados se curvaram formando um sorriso trêmulo e, por um instante, suas covinhas voltaram a recuperar vida. — Meu Leam não cortejaria uma dama com uma imagem que não fosse a de um príncipe.

Tentou tocá-lo outra vez. Ele se afastou.

Não tão rápido quanto esperava, encontrou-se na rua, montando em seu cavalo e galopando. Não sabia aonde ir, nem por quanto tempo. Somente se movendo poderia tranquilizar as profundezas de

sua alma. Poderia ficar em movimento até não poder mais, depois beberia. Com a atividade ou o álcool deveria encontrar a paz.

Havia algo nos olhos e no tom de voz de Cornelia que lhe soara falso. Mais falso que alguns anos atrás. Pensava descobrir o que era e finalmente se desfaria de seus fantasmas para sempre.

Kitty não recebia visitas nem as fazia. Ficava em suas habitações pessoais e uma vez ao dia, caminhava até a casa de seu irmão. Lia para Serena, e lhe levava livros e música interessantes. Quando sua cunhada desejava descansar, voltava para sua casa e se fechava de novo, em si mesma.

Disse para sua mãe que estava indisposta e que não queria companhia. Sentia-se muito desventurada, em seu interior carregava a infelicidade. Na hora da refeição, quase ao final da semana, sua mãe a interrogou.

— Está muito pálida, Kitty. Esta enfermidade está durando muito mais do que eu pensei.

— Oh! Sem dúvida estarei melhor muito em breve. — Em uns cem anos. Por Deus, jamais imaginara que algo lhe pudesse fazer tanto dano. O sofrimento por Lambert Poole não tinha nada a ver com a profunda aflição por perder Leam por causa de sua “esposa falecida”. Sentia uma angústia enorme, como se vivesse um pesadelo.

— Você não está comendo.

— É a doença do estômago, mamãe. — Náuseas, coisa que ela nunca havia sentido a atingiam o corpo, e finalmente o coração e a mente. Dobrou seu guardanapo e o depositou em cima da mesa. O criado se apressou a lhe retirar a cadeira.

— John, lady Katherine ainda não está prontas para se retirar da mesa — disse a viúva. — Pode se retirar.

— Sim, senhora. — O criado as deixou a sós.

— Mamãe, realmente me sinto bastante fraca. Permita que eu lhe deseje uma tarde agradável no salão com lorde Chamberlayne e...

— Kitty. — A voz de sua mãe era suave e firme ao mesmo tempo. — Lorde Blackwood veio visitá-la muitas vezes, diariamente, durante quase uma semana.

Kitty conseguiu levantar a sobrancelha com atitude curiosa. Era difícil fazê-lo e não sucumbir às lágrimas.

— Oh! Sério? — John e a senhora Hopkins o atenderam, pessoalmente, cada vez que veio. — Que persistente ele é — ela acrescentou. Deveria falar com ele. Mas, uma vez que tivesse falado, tudo teria terminado de verdade, e ela ainda não estava pronta para isso. Necessitava de tempo para que se acostumasse a perdê-lo antes de tê-lo tido realmente.

— Ouviu, sem dúvida, a surpreendente notícia?

— Que notícia, mamãe?

— Parece que sua esposa retornou da morte. Conforme parece, sofreu um acidente e amnésia. Seus pais acabaram por encontrá-la em um convento italiano.

— Que bom para todos eles. — Empurrou a cadeira reprimindo as lágrimas, controlando-se, como estivera fazendo todos esses dias. — Mamãe, realmente me encontro mal. Por favor, me desculpe.

Foi à seu quarto e, sentada na cama, não chorou. Ao contrário, agarrou o penico e vomitou. Limpou-se e foi ao armário, procurar um vestido limpo. A tristeza, ao parecer, não era limpa.

Seu novo traje de montar lhe chamou a atenção. De cor cinza carvão com um laço negro à altura do pescoço e dos punhos, e uma jaqueta em conjunto, era ideal para ela. Mas não havia nenhum lugar onde vestir aquele traje fúnebre.

Exceto, possivelmente, um...

Chamou a donzela e se vestiu, mais tranquila do que estivera em semanas.

Em meia hora estava desmontando diante de uma casa urbana de estilo modesto situada em uma rua silenciosa. O parque do outro lado era encantador, com boa vizinhança, casa com damas amáveis e

bem dispostas para negócios desse tipo. Algumas colegiais brincavam na esquina e a saudaram amavelmente, com suas boinas, antes de subir a escada da porta em frente.

A sala de estar era elegante, desprovida de toda pretensão moderna, com sedas penduradas ao estilo oriental, vasos e bules chineses e indianos. Meia dúzia de damas estavam sentadas ao redor da mesa de chá. O mordomo a anunciou.

A sala ficou em silêncio. Ouviu-se somente uma risada tola, uma dama que apertava os lábios com o lenço. Então, de novo, se produziu o silêncio.

— Entre, lady Katherine. Minhas amigas já se foram. — A voz era suave e perfeitamente modulada.

Kitty se recordava que a senhora Cecelia Graves sempre parecera extremamente elegante. Ainda era. Seu vestido de tafetá malva era de corte simples e adornado com pele cinza, bordado com pequenas contas brilhantes. Era um vestido parecido ao que Kitty poderia escolher algum dia para si, ideal para uma mulher amadurecida, mas não muito velha. O cabelo, loiro escuro com um pouco de cinza, estava cuidadosamente encaracolado sob seu chapéu, com um elegante laço belga; as orelhas e o pescoço brilhavam intensamente com ametistas engastadas em ouro.

O pai de Kitty presenteara aquelas ametistas à senhora Graves.

Ela sabia por que um dia, justamente depois de que voltou de Barbados, penetrou no escritório de seu pai, altas horas da noite, para tentar encontrar alguma carta de Lambert onde ele lhe pedisse a mão. Em vez disso, no escritório de seu pai, encontrou o recibo do joalheiro pela compra das ametistas. Mas, ao contrário do que esperava, nunca viu sua mãe as usando. Um dia, perguntou a sua mãe por elas e a condessa lhe explicou tudo o que deveria ter conhecido antes.

A dama enviuvara muito jovem. Vivia sozinha na cidade e na baixa temporada ia para Derbyshire, na companhia de um parente mais velha do que ela. Era assim como uma herdeira e não precisara voltar a se casar.

Sua mãe nunca lhe disse o nome da dama. Mas com o tempo, quando Kitty fez suas primeiras aparições em sociedade, soube pela boca de outras jovens que se consideravam amiga; eram garotas que fingiam sua desaprovação e riam a suas costas. Foi então que se deu conta.

Uma a uma foram se levantando, disseram adeus e partiram cada uma saudava cortesmente a Kitty ou fazia uma reverência com a cabeça, algumas inclusive sorriam quando passavam a seu lado. Ao

final, a sala ficou vazia. Kitty não conseguia se mover, de pé, na soleira da sala de estar da mulher, com a qual nunca havia falado, apesar de ter compartilhado com ela a vida de seu pai, durante décadas.

— Agora, se aproxime. Veio aqui por sua própria vontade, e eu não mordo.

Ela entrou. A expressão bondosa da senhora Grave não mudou.

Sem uma palavra, olhou Kitty de cima abaixo.

— Antes era uma coisinha gordinha — disse ao fim. — Com as bochechas e a barriguinha redonda. Nunca imaginei que poderia se converter em semelhante beleza.

Kitty finalmente conseguiu falar.

— Suponho que devo tomar isso como um elogio.

A dama a estudou atenciosamente.

— Qual é o motivo de sua visita, minha menina?

— Será que alguma vez conseguiu ter um homem por si mesma?

— Ela não falava com delicadeza. Não havia nada em seu coração que a obrigasse a isso. — Por isso escolheu um homem que já possuía sua própria família? Porque não podia conceber um filho e não queria se unir a um homem que desejasse ter filhos? Apesar de tudo, você era jovem quando seu marido morreu. Você poderia ter se voltado a casar.

A senhora Grave franziu os lábios.

— Você é uma impertinente. Entretanto, está claro que refletiu muito a respeito.

— Estive me perguntando isso todos estes anos. — Kitty apertou as mãos sobre seu ventre estéril. — E agora eu gostaria de saber.

A dama a observou durante um longo momento com um olhar frio.

— Ele me deu uma família, a sua. — Voltou a observar Kitty, desta vez só à face, mas seu olhar era penetrante. — Te conheço desde que era um bebê, a vi quando menina e depois, quando cresceu quase até se converter em uma mulher. Depois ele morreu e após eu não soube nada de você, exceto o que eu lia nos jornais e os rumores que escutava. — Apontou-lhe o salão para lhe indicar as mulheres que acabavam de sair. — Acredita que uma mulher possa desejar ter uma família dessa forma?

— Ele nunca se preocupou conosco. Nem tampouco com você, eu acredito. — Kitty ouvia a si mesma dizendo. — Se ele tivesse sido uma boa pessoa não teria feito o que fez a minha mãe. Ele era um homem insensível.

— Mas leal.

— Para uma de tantas mulheres.

— Eu o amava. Com toda minha alma.

— Isso — disse Kitty com dureza — não a exime de nada.

A senhora Graves ficou de pé, era baixa, gordinha e muito elegante.

— Menina, pode passar a vida me odiando se desejar. Não seria a primeira. — Passou pela frente de Kitty e saiu da sala.

Kitty montou em seu cavalo de volta para sua casa às cegas, com lágrimas lhe cobrindo os olhos, que tentava ocultar dos transeuntes. Subiu a escada depressa até seu quarto, quase tropeçando nos degraus. Mas encontrou sua mãe em seu quarto de pé em frente a janela. Ela a olhou e suas elegantes feições se afligiram.

— Minha querida filha.

— Fui visitar a senhora Graves.

Os olhos da viúva se arregalaram.

— Para quê?

— Para quê? Mamãe. — Com as bochechas úmidas, com puxões, tirou as luvas já danificadas pelas lágrimas e as usou para secar os olhos. Depois sem as lágrimas que a impediam de ver sua mãe, encontrou-se com os sábios olhos marrons, difíceis de enfrentar. — Ela me disse que podia odiá-la por toda minha vida se quisesse, mas eu não seria a primeira.

— Não a odiará. Ela é uma dama com influências em alguns

círculos e tem inimigos. Mas eu não sou um deles.

Kitty se voltou.

— O que quer dizer com que você não? Nunca falou com ela em sociedade. Nunca a visitou. Inclusive nunca falou dela comigo, exceto esta vez.

— Kitty, querida, ela e eu não temos nada em comum, e eu diria que teríamos muito pouco do que falar, se nos encontrássemos em público.

Kitty a olhava fixamente.

— Então, não a rechaçou por causa de papai?

— Eu nunca a rechacei.

— Fez sim! Coincidimos nos mesmos bailes em muitas ocasiões.

— É verdade que nos evitamos.

Kitty conteve a respiração.

— Mas por que não a odeia? — exclamou com a voz rasgada.

— Por que precisaria odiá-la? Tenho tudo o que desejei de seu pai, três maravilhosos filhos e várias boas casas. Ela não me fez mal.

— Mas, mamãe... — Kitty estava totalmente transtornada. — Aqueles meses em que nos mandou para Barbados com Alex e Aaron, quando papai enviou Alex para o campo por alguma indiscrição que cometera naquele tempo... — naquele tempo... — Depois de tantos anos

as palavras saíam a tropeções. — Por que me mandou pra lá, mamãe, só com minha instrutora? Por que senão para lutar para recuperá-lo?

A face da viúva ficou imóvel nesse momento, somente seus olhos mostravam seus sentimentos.

— Naquela época, eu ainda lutava. Está certo. Mas não para ganhar seu coração, somente para obter certa discrição de sua parte.

— Ao final franziu o sobrecenho. — Naqueles dias, ele aparecia muito em público com ela, e eu estava a ponto de lhe apresentar em sociedade. Não queria que sua primeira aparição se tingisse com rumores das más línguas. Lutei durante meses para que deixasse de alardear a relação dele em público, e ganhei.

— A minha custa. Deixou-me sozinha e Lambert Poole me usou.

A viúva engoliu o nó que estava em sua garganta.

— Eu não podia imaginar que aconteceria isso.

— Por quê? — sussurrou-lhe Kitty. — Por que nunca me disse isso?

— Eu não me dei conta do dano até sua primeira temporada em sociedade.

— Depois de que ele me afundou.

— Você nunca se afundou Katherine. — A voz da viúva era séria, seus olhos de repente brilharam. — Possui um espírito que não pode

ser intimidado por nenhum homem. Nem por toda a sociedade. Deve se lembrar sempre. Não importa o que outra pessoa possa fazer ou dizer de você, seu coração é seu.

— Sabe, às vezes pensei que fiz aquilo a ele porque não pude fazer com papai. Não podia ferir papai como ele a ferira permitindo que aquela mulher ocupasse seu lugar. Por isso fiz mal a outro homem. — Kitty sentiu um estremecimento. Ajoelhou-se aos pés de sua mãe e colocou a cabeça em seu colo. — Oh! Mamãe, sou tão desventurada.

Chorou. Sua mãe lhe acariciava o cabelo suavemente.

— Mamãe — murmurou deixando de chorar. — Quero ter o que você tem. Quero ter minha própria família. Não quero me converter naquela mulher.

— Não precisa se converter nela. Ainda é suficientemente jovem para ter uma família esplêndida. Ainda pode encher uma creche.

Ela levantou a cabeça e ficou de cócoras, enxugando as bochechas.

— Eu não posso ter filhos, já lhe disse isso. Está comprovado que não posso.

A cara de sua mãe se escureceu.

— Como você comprovou?

— Estive com Lambert muitas vezes, mamãe. No início porque o

amava e acreditava que ele se casaria comigo. Depois ficou claro que ele somente queria que Alex sofresse com minha desgraça. Então tracei um plano para me vingar. Decidi a fazer o que precisasse para conhecer seus segredos, para que um dia pudesse torná-los públicos e envergonhá-lo perante o mundo. Deixei que ele acreditasse que ainda o amava e dessa forma, de vez em quando, podia acessar seus aposentos pessoais.

As bochechas de sua mãe empalideceram.

— Quanto durou isso, Kitty? Até o último verão, quando foi descoberto e tudo saiu à luz?

— Não. — Até há três anos, quando um lorde escocês pousou seu belo olhar nela e ela começou a imaginar uma forma de viver, sem rancor, nem falsidade. — Mas foi extremamente longo.

A voz da viúva se apagou.

— Soube somente da primeira vez. Aquela noite que você veio chorando me dei conta do que você não podia me contar francamente.

— Suspeitei. Eu sabia que você não me deixaria permanecer solteira a menos que entendesse que eu já não poderia ser a noiva de um cavalheiro. — Ela respirou entrecortadamente. — Fui visitar um médico e Lambert inclusive me mostrou a prova de sua capacidade para engravidar. Eu não terei minha própria família. Mas me sentirei

feliz de ser a tia das crianças de Alex e Serena.

Sua mãe a observou por um momento, depois tocou o queixo de Kitty com um dedo e lhe levantou o rosto para a luz.

— Será uma fantástica tia. — Beijou-a na testa. — Virá esta noite com Douglas e comigo? Pode reencontrar suas amizades, recorde-se que muitas a admiram e a apreciam.

Kitty moveu a cabeça.

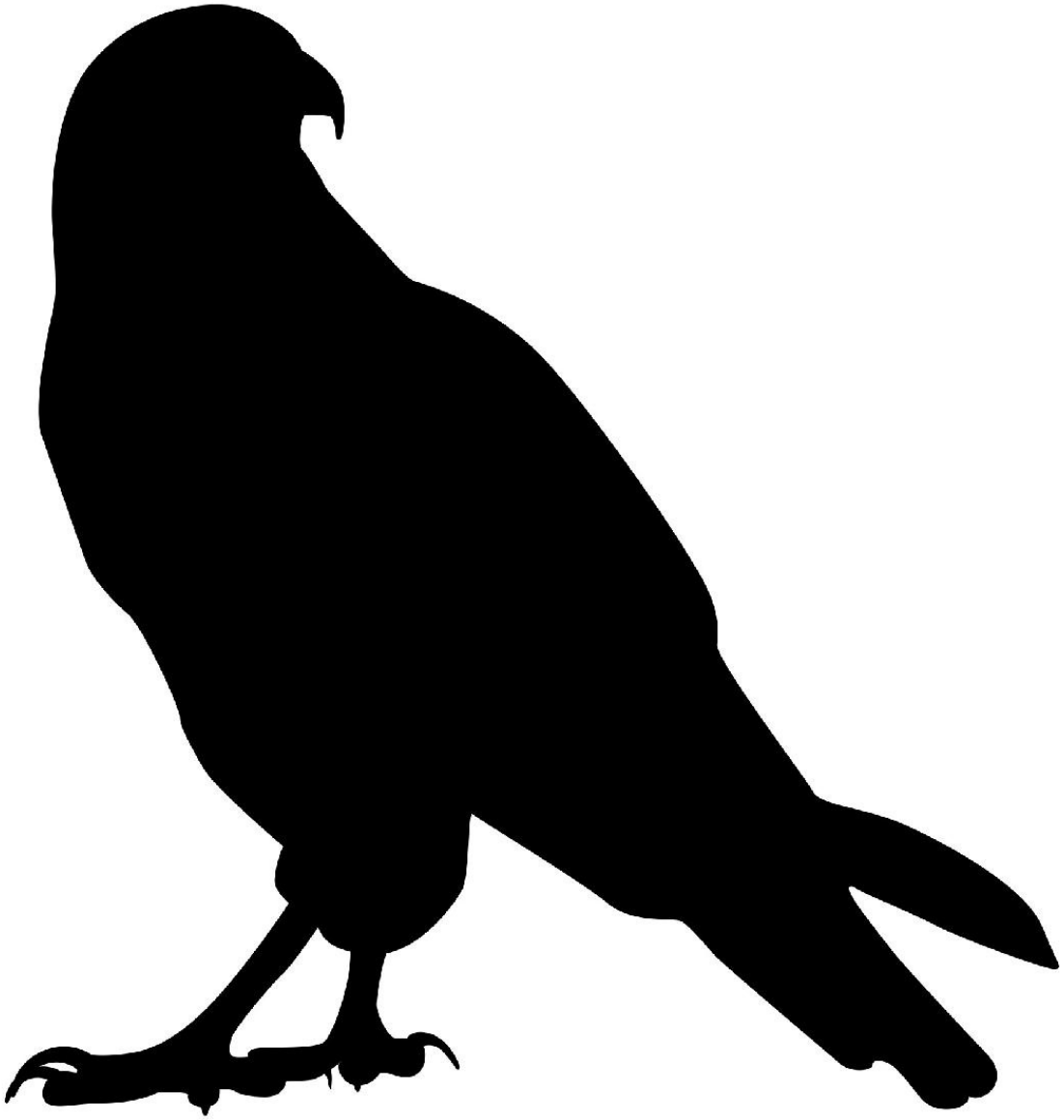
— Devo estar horrorosa e me sinto desventurada. Possivelmente amanhã, mamãe.

Durante os dias seguintes, não acompanhou sua mãe em nenhuma saída. Seu mal-estar persistiu lhe dando uma desculpa ótima para ficar em casa. Mas finalmente foi capaz de comer algum alimento. No dia seguinte passeou pelo parque com Serena e fez uma visita a lady March; ela e sua mãe combinaram que iriam ao baile inaugural da temporada naquela mesma noite. Provavelmente estaria cheio de gente; poderia escapar logo se quisesse, sem que sua mãe se desse conta.

Quando voltou para casa, a senhora Hopkins lhe anunciou com um olhar sério que não havia cartões de visita, de nenhum conde, na bandeja da entrada. No dia anterior tampouco viera. Ele a havia abandonado e bastante rápido, era o melhor. Kitty se perguntava como

podia um homem mudar seu afeto por uma mulher, para outra, com tanta facilidade. A verdade é que se ela fosse um cavalheiro, agora estaria em seu clube, muito bêbado e disposto a ficar muitas semanas mais.

Mas Lambert lhe ensinara que os homens eram um tipo diferente de criaturas, que ela jamais entenderia.



25

— Amigo, quer me dar essa garrafa?

As botas de Leam se chocaram contra o aparador. Levantou a garrafa de cristal, apoiou-a vacilante sobre a borda de sua taça e tomou um longo gole antes de jogar um olhar ao galês que estava na porta do vestíbulo.

— Convido-o a compartilhá-lo. Há muito mais na adega. — cambaleou para trás até chegar à cadeira que estava em frente a lareira. Com os olhos entrecerrados olhou o papel que havia na mesa.

Yale pegou uma taça.

— Não consigo me lembrar da última vez que o vi bêbado.

— Eram outros tempos. — Leam contemplava as chamas, a fumaça lhe embriagava os sentidos. Lá fora devia ser dia, mas as cortinas estavam baixadas e ele estava, completamente, ébrio. Afinal, depois de dez dias bebendo estava tão cheio de álcool quanto uma pipa.

Yale se sentou em diagonal a ele, deu um gole em sua bebida.

— Bom ano.

Leam grunhiu.

— O que é isso? — O galês segurou o papel e deu um suspiro. —

Hum..., Chamberlayne foi liberado de toda culpabilidade e seu filho insurgente também. Interveio nisso?

— Precisavam de uma prova. E a encontrei. — ele havia passado a semana em cada maldito canto de Londres, além de uma dúzia de clubes, perseguindo sem descanso, o proprietário daquele navio. Encontrou-o mediante alguns contatos que ele e seu advogado fizeram no Lloyd's, enquanto procuravam Cox. — O carregamento não era nada importante.

— Ao final resultou que não carregava segredos das estratégias britânicas?

Leam negou com a cabeça.

— Tão somente contrabando, mercadoria ilegal. Um informante do Ministério do Interior em Newcastle estava levando uma boa fatia dos benefícios.

— Ah! E tentava encobrir a operação fazendo correr o alarme sobre os rebeldes escoceses e os espiões franceses? Muito esperto da parte dele. Mais pela sua, o que descobriu. — Yale fez uma pausa. — Por isso pensei que o deixara.

O deixaria agora. O homem que logo seria o padrasto de Kitty estava completamente livre de culpa.

Inclinou-se para olhar seu amigo.

— Veio para me convencer de que continue? — perguntou-lhe em escocês.

Yale o olhava fixamente.

— Vim fazer algo, é claro.

— Como quando conseguiu colocá-la neste assunto?

— Está confundindo.

Leam fechou os olhos.

— Já não há nada a fazer. — Ele parecia esgotado. Não havia pregado o olho em muitos dias. Vivera como um viúvo durante anos. Agora era um marido, levara Kitty a cometer adultério e ela se negava a vê-lo. Ao que parece a única saída era beber. Provavelmente até a morte.

— Deve haver algo que possamos fazer — murmurou Yale.

Ele movia a cabeça, passava a mão pela mandíbula barbuda e pestanejava, apesar disso não podia ver com clareza. Bem, tudo continuaria confuso para sempre.

— Seus pais corroboram sua história — afirmou. — Esteve a salvo na companhia de uma governanta italiana. Católica. Vivia em um convento.

— Não me diga que se tornou monja!

Leam se voltou para olhar para seu amigo.

— Se acredito que minha desafortunada vida seja divertida, Yale, pode parar agora mesmo. Não faça gracinhas.

— Você perdeu, completamente, o senso de humor. Por seu desespero, é claro.

Ele perdera o coração. Ele perdido tudo.

— Não há forma de justificar meu divórcio. Ela não me foi infiel.

Yale não lhe respondeu.

— Quer voltar para casa.

— A de seus pais?

— Para Alvamoor.

— Para ver o pequeno Jamie — esclareceu o galês. — Você vai conseguir?

Leam levou as mãos à cabeça e as afundou em seu cabelo.

— Não posso nem sequer pensar.

— Então devemos procurar uma alternativa.

Leam elevou o olhar.

— De onde vem esse otimismo?

Yale ficou de pé.

— Francamente, não posso entender que veja desse modo. E nem Constance.

— Alguém disse meu nome? — Sua prima entrou na sala,

desprendia um aroma de rosas brancas. Até então Leam não notara seu perfume. Antes de conhecer Kitty apreciara muito pouco tudo o que era agradável ou colorido. Vivera distante, adormecido. Agora que estava acordado, vivo, cheirando, vendo e escutando tudo, queria voltar para a frieza anterior. Tudo era cinza. Mas a cor cinza era igual aos olhos dela, e inclusive em suas fantasias de procurar a morte em vida, perseguia-o.

Sua prima o beijou na bochecha e depois se sentou em uma cadeira.

— Deseja ver lady Katherine, não?

Desejava-o como nunca desejara nada. Mas ela fora inteligente ao rechaçar todas assuas visitas. Não havia nada a dizer para impedir que ela, agora, se sentisse desonrada por suas promessas de bodas.

— Sim. — Desejava vê-la e tocá-la, tê-la somente para ele. Algo que agora era impossível.

Apesar de tudo, ainda podia protegê-la. No dia seguinte, com a sobriedade e a prudência recuperadas, redobraria os esforços para encontrar à raposa que ainda não saíra de sua toca: Cox.

— Então, escute esta fofoca. — Constance se aproximou: — Espera-se o comparecimento da viúva lady Savege e sua filha, ao baile de Beaufetheringstone nesta mesma noite. Escutei-o da boca da

própria viúva, enquanto falava com outras duas damas, é claro.

Leam levantou a cabeça.

— Um baile?

— Lorde e lady B. Você está convidado.

Por um momento sua visão foi tão clara quanto o cristal. Não devia comparecer. Não seria bom para nenhum dos dois.

Constance o olhou atentamente.

— Lady B. tem um gosto excepcional. Você terá que se lavar. Você gostaria de me acompanhar?

— Sim —ele respondeu em escocês.

Assim que colocaram um pé no patamar, Leam olhou, atentamente, a sala de baile que estava transbordando, quase igual a algumas semanas atrás. Procurava-a. Constance lhe soltou a mão e ficou a seu lado.

— Boa sorte — ela lhe desejou enquanto ele se afastava.

Apesar da multidão, encontrou Kitty rapidamente. Estava rodeada de amigos, gente inteligente e elegante, ele a achou muito desenvolta. Seu vestido resplandecia, era de um cinza claro e brilhava por algum artifício que, nela, parecia encantador; deixava descobertos, seus suaves ombros, e suas bonitas curvas. Seu cabelo estava arrumado somente com forquilhas de diamantes incrustados. Era

linda e merecia tudo o que ele não lhe poderia dar mais.

Foi até ela sem se importar com as risadinhas dissimuladas nem com os olhares. Não frequentara a sociedade desde que Cornelia havia retornado. Não pensava em ficar mais tempo que o necessário para falar com Kitty. O suficiente.

Ela se voltou e o olhou diretamente. Seus olhos cinza, bem abertos, não brilhavam, pareciam um pouco avermelhados. Estava magra, muito, porque estivera doente, mesmo assim mantinha a cabeça erguida.

Afastou-se de seu círculo de amigos e foi até ele.

— Tive a esperança de que não me procurasse em público — ela disse imperturbável, logo que chegou em frente a ele. — Pensei que havia desistido e me alegrei por isso.

Leam estava com a boca seca. Por Deus, a orquestra começou a tocar uma valsa. Tão somente uma, em cada dez mansões, permitia essa dança, e de todas as residências de Londres, esta devia ser uma. O destino o torturava a cada passo.

— Dance comigo.

— Não. — Ela pestanejou. — Quero dizer, obrigada, milorde, mas não me interessa a dança.

— Deixe que eu consiga lhe abraçar, Kitty, da única forma que me

é permitido agora. — Era um engano. Ele sabia e ela também.

Entretanto, lhe concedeu a dança. Na pista, ele a tomou em seus braços e seu toque, mesmo tão efêmero, fez Kitty reprimir sua paixão sob uma fria couraça. Ela olhava fixamente por cima do ombro de Leam.

— Possivelmente, se simplesmente me dissesse o que quer, poderemos acabar com isto de uma vez — sugeriu ela. — Sempre o ouvirei, quando não se tratar de uma desculpa. Não acredito que possa suportar uma desculpa.

Por que ele deveria se desculpar? Por ter se apaixonado por ela?

Por não tê-la desposado, rapidamente, quando se deu conta de que se apaixonara? Em todo o caso, agora, sua situação poderia ser totalmente normal, em público.

— Não. Não são desculpas.

— Bem, pois me alivia um pouco. — Por um momento ela ficou calada. — O que me diz do senhor Cox? — Não deixava lhe acariciar os dedos, sobre a palma enluvada, enquanto ela segurava a cauda do vestido com a outra mão. Mas através da mão que estava em suas costas ele pode sentir o calor febril e os batimentos do coração de Kitty. Ele sempre se recordaria da forma, da textura e do doce ritmo da vida dentro dela.

— Cox pensa que tenho algo que lhe pertence. Suponho que me seguiu até Shropshire para recuperá-lo, e que a ameaçou para assegurar-se de que eu voltaria para Londres para entregar-lhe. Mas ainda não fez contato comigo e não consegui encontrá-lo.

Leam contraiu seu queixo e Kitty compreendeu que aquilo havia sido um engano. Ela queria beijar toda sua face, tocar sua pele e notar seus batimentos do coração, junto aos dele. Mas não fariam isto. Kitty voltaria para o campo, ao menos enquanto ele estivesse em Londres. Não conseguiria vê-lo constantemente em público. Mas Serena logo daria a luz. Por isso ela devia ficar. Depois disso ela desapareceria.

— Compreendo o que você fez para salvar lorde Chamberlayne de qualquer suspeita — disse ela notando a tensão de seu queixo e a rigidez de seu rosto, os olhos penetrantes e apaixonados que ela amava. — Eu agradeço isso.

Ele a olhava como a olhara sob as árvores de Willows Hall e a respiração de Kitty se fez mais fraca.

— De toda a maneira — disse com esforço — eles se casarão muito em breve e toda minha família está muito contente com a ideia. Por desgraça, seu filho não pode comparecer, embora seja preferível que ele não venha a Londres, depois de tudo o que aconteceu. Sem saber

nada da história, minha mãe está um pouco confusa. Parece que lorde Chamberlayne pediu a ele, que lhe enviasse um colar de prata da Escócia, que ele entregou depois para minha mãe como presente de Natal — a voz de Kitty soou trêmula. Finalmente conseguiu se controlar, mas o queixo de Leam endureceu. — Minha mãe está decidida a lhe agradecer por sua atenção, pessoalmente, e espera viajar no verão.

— Kitty, devo lhe pedir que não fale mais disto — disse ele com brutalidade.

— Não, Leam. Devo falar de banalidades. Se não, me verei obrigada a deixá-lo no meio do salão. Eu não gostaria de montar uma cena e, como todo mundo já fala de você, prefiro não chamar a atenção. Mas você me pediu... — baixou o olhar ao chão. — Isto foi uma má ideia.

— Kitty...

— Lorde Chamberlayne entregou o colar para minha mãe, com todo seu carinho. Meu pai deu de presente para sua amante, um colar de ametistas e brincos. Ainda usa as ametistas. Parece que cuida delas como um tesouro. — Ela falava com muita rapidez para evitar que o pranto brotasse de sua garganta. — Porque isso é o que fazemos. Guardamos objetos valiosos que queremos ter conosco, como seu

irmão, que levava seu retrato no campo de batalha. Até o senhor Cox dizia que sempre levava o camafeu de seu...

— Kitty, pare!

— Eu não desejo me cercar de lembranças de seu amor, Leam. Já não quero mais que me ame. Se me procurou com a esperança de que eu...

— Não, nunca lhe pedi isso.

— Vou montar um espetáculo. — Piscou rapidamente, saiu de seus braços e abriu caminho entre os outros bailarinos, depois entre os grupos que estavam à beira da pista. Assim, conseguiu chegar até a entrada antes que brotassem as primeiras lágrimas, mas estas surgiriam contra sua vontade, e não tinha tempo para esperar que lhe entregassem sua capa. Aventurou-se a partir sozinha no frio, procurando sua carruagem no meio da multidão de veículos no pátio. Era o centro dos olhares e murmúrios silenciosos.

Mas não se importava, aquilo a acompanhava, durante anos.

Kitty dormiu, esgotada em cada canto de seu corpo. Entretanto, despertou antes do amanhecer, sentindo uma repentina comoção.

O senhor Cox acreditava que Leam possuía algo seu, tão valioso que havia sido capaz de feri-la para recuperá-lo, mas agora estava jogando gato e rato, recusando-se a se mostrar abertamente. Ao falar

dele com Leam, veio-lhe à memória que Cox lhe pedira ao senhor Milch que o ajudasse a encontrar um objeto valioso perdido. Possivelmente era muito longe para ir buscá-lo, mas Kitty acreditava tê-lo visto. Ela felicitara ao jovem Ned por encontrá-lo.

Pegou um candelabro, foi ao escritório e tirou duas folhas de papel, uma tamanho ofício e a outra com suas iniciais gravadas. Quando terminou ambas as missivas, as selou, e as entregou a John, com instruções precisas.

A resposta de Emily chegou antes que Kitty terminasse de tomar o café da manhã.

Querida Kitty,

Respondendo a sua petição: é claro! Clarice se sente honrada de que tenha pedido. Estará pronta muito em breve, na quinta-feira, à uma hora, em ponto. Também eu adoraria ir, mas papai armou um escândalo terrível pela visita que fiz, na semana passada, aos molhes de Londres, sozinha, sem nenhuma donzela que me acompanhasse. Mamãe agora não se afasta de meu lado e como não precisa muito de Clarice, é, possivelmente, o momento perfeito para sua viagem. Quando retornar deverá me contar todos os detalhes. Até então, claro, não direi nenhuma palavra, embora toda a armada romana insistirá que conte.

Com carinho,

Boadicea

Ao que parecia Emily havia escolhido um novo nome. O de uma princesa celta que se rebelou contra o Império romano, o que era tão escandaloso quanto uma rainha francesa guilhotinada. Kitty sorriu, mas a sensação era estranha em seus lábios.

No dia seguinte, o dia das bodas, lorde Chamberlayne chegou na hora da refeição e se reuniu com sua mãe, em particular. Ao sair, a viúva estava pálida, mas sua mão continuava apoiada no braço de seu prometido.

— Kitty — disse ele. Seus olhos claros se viam tranquilos. — Eu expliquei tudo a sua mãe.

Kitty deixou escapar um suspiro de alívio.

— Mamãe, sinto muito ter lhe ocultado isso.

A viúva se aproximou dela e lhe acariciou a bochecha, com a ponta dos dedos.

— Carinho, te agradeço a coragem de ter completado seu encargo.

Ela se deixou abraçar por sua mãe.

Mais tarde, colocou um discreto vestido azul e acompanhou sua mãe às bodas. Foi um evento singelo, tão somente a família e os amigos mais próximos. Kitty se esforçou para sorrir, queria que sua mãe e seu padrasto se sentissem felizes. Mais tarde, caiu na cama

esgotada pelo esforço de ter fingido.

Pela manhã, viu sua mãe e seu padrasto na carruagem de lorde Chamberlayne. Foram para Brighton, onde os recém-casados passariam uma semana de lua de mel, enquanto Kitty finalmente se mudaria à casa de seu irmão, rua abaixo.

Retornou ao seu quarto para preparar a bagagem, depois escreveu uma nota e deu instruções para John, para que a entregasse a seu irmão e a Serena, depois que ela tivesse partido. John enrugou a testa como sinal de evidente desaprovação. Mas a senhora Hopkins parecia estar de acordo com a escapada e o senhor Claude lhe preparou um jantar frio para o caminho.

Diante da casa dos Vale, na Praça Berkeley, madame Roche subiu à carruagem e se sentou no assento contrário ao sentido da marcha com um grande suspiro.

— L’aventure! Desejo para você, lady Katrine.

— Muito obrigada por me acompanhar, madame, é muito amável de sua parte. — Ela estava bastante deprimida de corpo e alma, mas ao menos a companhia da francesa contribuiria com um pouco de decoro à viagem.

A carruagem derrapou em uma curva e madame Roche recompôs sua vestimenta.

— Como já não há neve, retornaremos em uns quinze dias, non?

— Depende do estado dos caminhos. — Ela preferia não retornar jamais. Desejava, igualmente à última vez que transitara nesse caminho, escapar para viver uma aventura que nunca imaginar.

Com o pescoço tenso ela olhou pela janela.

— Mon Dieu, mas você ficou só nos ossos. Belle Katrine, deve comer para manter a energia.

— Temo que não tenho estômago para isso, ultimamente.

— É muito triste, o assunto da esposa dele. — A francesa emitiu uma espécie de som raivoso, em seguida enrugou seus lábios vermelhos, escrutinando com seus olhos negros. — E o que ele vai fazer com o bébé?

Kitty agitou a cabeça, agora sentia dor na boca do estômago.

— Que bebê? Por acaso lady Blackwood está grávida? Há outro homem? Por isso retornou? O...? — Kitty não conseguia pensar em outra opção. Ele não podia ter fingido sua consternação aquele dia no parque, ao ver sua esposa pela primeira vez, e, por outro lado, era muito cedo para algo assim.

Seu estômago estremeceu. Oh! Deus, não deveria pensar obsessivamente nele e em sua esposa juntos.

— Ce bébé, la! — A senhora Roche assinalou o colo de Kitty.

Kitty olhou para baixo e somente viu suas mãos apoiadas em seu estômago, com náuseas.

Em um instante, um arrebatamento doentio percorreu todo seu corpo. Tentava respirar.

— Este bebê? — ela exclamou.

Por Deus, que inocente era. Que tola. Nunca teria imaginado. Nem questionado. Ela pensava que...

— Ma petite, diz-me que não pode comer. — Madame Roche fazia gestos com a cabeça. — Mas, em troca, dorme tout o temps do dia, non?

Kitty estava boquiaberta. Ela vira Serena passar pela mesma coisa nos primeiros meses. Embora não fosse instruída em assuntos sobre gravidez, deveria ter imaginado. Mas, em vez disso, atribuíra sua enfermidade à tristeza.

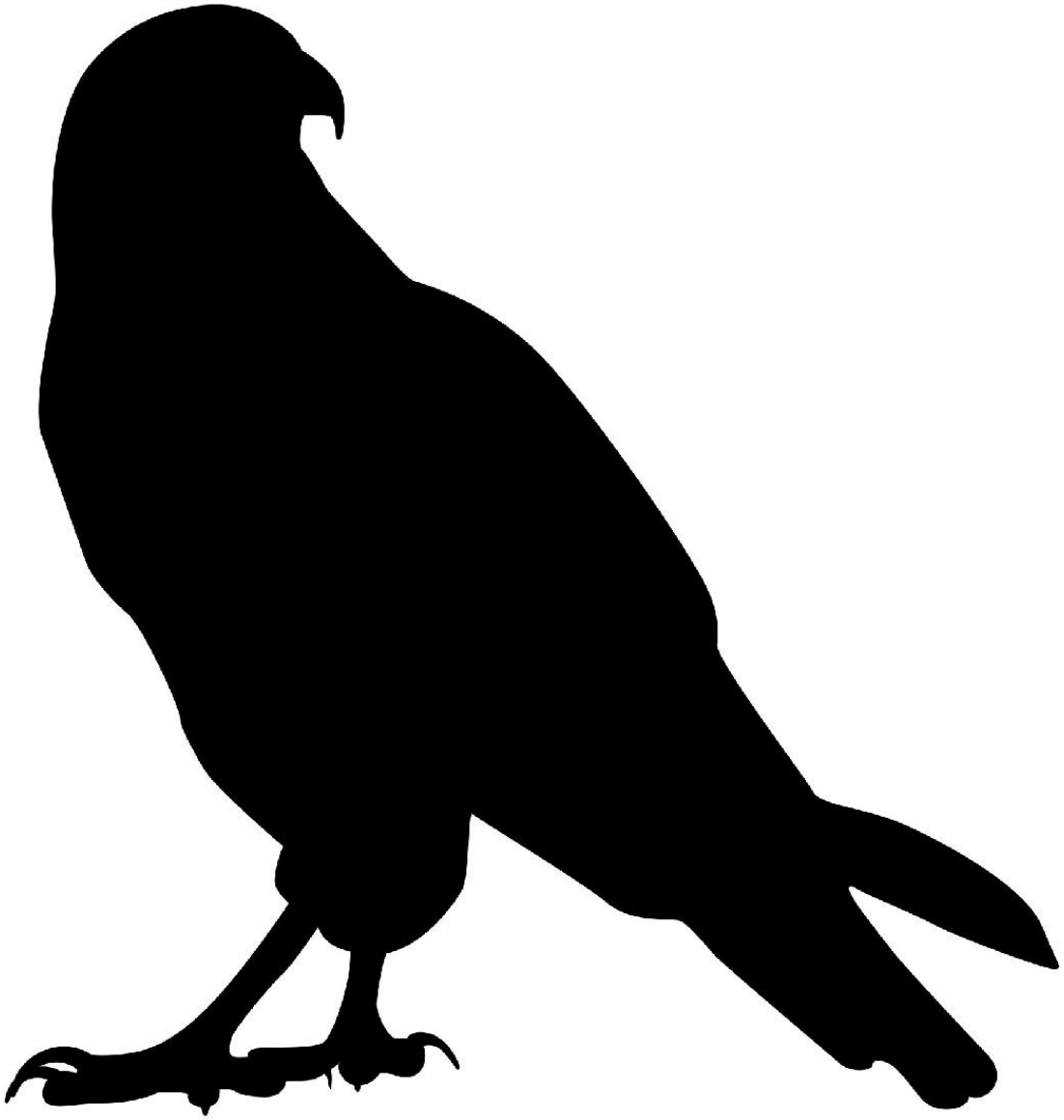
Um sentimento de pânico a invadiu, rapidamente. Depois sentiu algo mais que se mesclou com o pânico. Algo quente e enriquecedor. Euforia.

Agarrou-se bem ao assento tentando respirar, pensar, mas os pensamentos não vinham somente os sentimentos. Já não restavam lágrimas para derramar e, de todos os modos, já não queria chorar.

Apoiou as costas sobre as almofadas macias da carruagem e fechou os olhos. O balanço do carro a fez se sentir mal, mas agora não lhe

importava.

Ele estava certo ao desconfiar de tudo o que ela lhe assegurava. E nunca se havia sentido mais feliz e mais aterrorizada, em toda sua vida.



26

Compatriotas britânicos,

Recentemente recebi o seguinte comunicado através de meu editor:

“Querida Dama da Justiça,

Sua rabugice tem me assombrado, mas sua tenacidade é elogiável. Temo que a admiro por isso. Entretanto, querida dama, se deseja, encarecidamente, ser admitida no Clube Falcon, somente deve descobrir os nomes de seus membros e lhes pedir que a aceitem. Um deles, lamento lhe comunicar, deixou-nos ultimamente. Apesar de tudo, quatro de nós continuamos no clube. Um deles sou eu mesmo.

Seu servidor,

Falcão Peregrino

Secretário do Clube Falcon”

É uma rabugice realmente. Este Falcão Peregrino se propõe me intimidar com palavras ternas e com adulações, métodos habituais, mediante os quais engana, a fim de controlar a sociedade. Tenho certeza de que não mudarei de opinião. Continuarei em busca de todo o esbanjamento de recursos e o descobrirei para que todo o reino possa ver.

Ao que parece, acossam-me os correspondentes. Faz somente

alguns dias que chegou outra carta a meu escritório. Seu autor era anônimo (uma dama, pela elegante forma de escrever) e me implorava que a imprimisse. Seus motivos para desejá-lo eram bastante interessantes, por isso o faço agora:

“Para determinados Cavalheiros aos quais possa interessar:

Encontro-me agora em Shrosphire em busca de um camafeu com um retrato.”

Amigos, isso é tudo o que dizia. Estou tremendamente intrigada e me pergunto somente se a dama nos informará do êxito de sua busca quando retornar de Shropshire.

A Dama da Justiça

Leam viu o panfleto na lareira; flutuava dançando no ar quente sobre o fundo das cinzas, ainda não estava queimado. Apoiou as mãos sobre o suporte.

Então, Jin, Yale e Constance, finalmente não haviam deixado o Clube. E Gray... Leam não compreendia seu velho amigo. Isso parecia arriscado. Colin era arrogante, mas também direto e disciplinado, além disso possuía um único propósito: a segurança da Inglaterra.

Assim como o único propósito de Leam era a segurança do Kitty.

Amanhã vestiria seu traje mais rústico e de novo rebuscaria nos becos baixos e insalubres de Londres. Queria remover cada pedra até

que encontrasse onde se escondia David Cox. Mais tarde, quando Kitty estivesse livre de toda ameaça, refletiria para tomar uma decisão, sobre o que fazer com sua esposa.

Cornelia não tornara a mencionar Jamie, apesar de que Leam somente a visitara uma vez desde aquela ocasião. Ela piscava e lhe rogava que não se divorciasse. Ele lhe disse a verdade, que não possuía bases legais para fazê-lo e não queria prejudicar-se proclamando sua infidelidade, a única razão que justificava o divórcio. Ele somente lhe pediu que permanecesse no apartamento, até lhe conseguir um domicílio que ele pagaria. Ele lhe particularizou que preferia uma casa menor para poder gastar o dinheiro em caridade, em vez de ter que manter serviçais desnecessários. No convento da Itália se acostumara a fazer doações aos pobres e desejava continuar fazendo, agora em Londres.

Leam não acreditou nenhuma palavra de tudo aquilo. Mas não lhe importava.

Sua visão se nublou ao se fixar no impresso. Tão perto das chamas, mas ainda sem consumir-se.

Parecia curioso que justamente o lugar que estava em sua mente, quase sem cessar, aparecesse no folhetim da “Dama da Justiça”. Shropshire era uma região ampla e ali havia muitos lugares onde se

poderia encontrar o camafeu, nenhum deles seria uma hospedaria desvencilhada em um pequeno povoado ao lado do rio. Esboçou um sorriso.

Mas rapidamente foi apagado. Inclinou-se e salvou o papel fumegante do fogo.

No baile, Kitty falara que o camafeu pertencia ao Cox. No dia seguinte, a Dama da Justiça recebia uma carta de uma dama sobre um camafeu, estava claro que esperavam que um cavalheiro mordesse o anzol. Por acaso Kitty sabia de algo que ele não sabia? Não a culparia por não lhe contar. Mas...

Aquilo era uma loucura. Um homem em seu juízo, nunca colocaria as duas coisas ao mesmo nível. Apesar de tudo, seus olhos, sua mente e seu coração viam Kitty por toda parte e em tudo. Ele possivelmente imaginava sinais e pistas onde não havia.

Ou, possivelmente não, e a dama fosse à formosa e inteligente mulher pela qual ele se apaixonou.

Saiu a toda pressa de sua casa, recolhendo o casaco, e apenas conseguiu amarrar a sela ao cavalo quando já saía a galope pela rua, em direção ao domicílio que figurava no panfleto.

O empregado do escritório da imprensa não queria lhe dar o endereço ou o nome da Dama da Justiça. Leam solicitou ver a carta

anônima da dama. O empregado de escritório se negou. Leam colocou dinheiro em cima da mesa. O empregado lhe soltou um discurso mordaz sobre a integridade jornalística e a arrogância da classe aristocrática. Leam o ameaçou empreendendo ações legais. O empregado do escritório fez soar a campainha de seu escritório e um tipo forte que parecia feito para carregar baús em navios só com as mãos, entrou na estadia e o olhou lhe intimidando.

Leam não gostaria de ficar os próximos quinze dias em cama, aos cuidados de uma enfermeira, com os ossos quebrados. Então partiu, deixou seu cartão e um pedido de que a Dama da Justiça o visitasse, se ela assim desejasse, ele agradeceria profundamente. Possivelmente os métodos de Gray tivessem algum mérito.

Não conseguiu dormir e, na manhã seguinte, se viu obrigado a visitar a casa onde menos lhe queriam ver. Bateu à porta de Kitty. O criado abriu com os olhos muito abertos e brilhantes.

— Milorde!

— Lady Katherine se encontra?

— Não, milorde. Viajou.

— Viajou?

O homem assentiu, sua peruca se movia para cima e para baixo.

— Lady Katherine foi a Shropshire, milorde — disse a ama de

chaves, de pé, no fundo do vestíbulo.

— Shropshire. — Conseguia sentir as pulsações de seu sangue. — Tem certeza disso?

— Sim, senhor. Minha senhora acaba de se casar e está de viagem de lua de mel em Brighton. Lady Katherine partiu para Shropshire, ontem.

— Sozinha? — “Por Deus, não”, ele pensou.

— Com madame Roche, milorde.

Leam deixou escapar um suspiro.

— Obrigado. — Saudou o criado e foi até seu cavalo.

Devia fazer uma visita antes de empreender o caminho. Não fazia ideia de porque Kitty supunha que Cox perdera seu camafeu, nem porque Cox acreditava que Leam estava com ele, nem o que devia fazer com ele. Mas ela devia saber algo sobre aquele homem, que ele desconhecia. Ela estudara um lorde que cometera uma traição contra a coroa, durante anos, observando tranquilamente a todos, escutando e prestando muita atenção. Agora ela, com sua inteligência e coragem, o fizera reagir e sair da confusão. As peças ainda não se encaixavam, mas estavam, tentadoramente, perto.

Sem esperar que Cornelia viesse a seu encontro, dirigiu-se diretamente pelo corredor, enquanto o criado o olhava com o cenho

franzido.

Encontrou-a em seu quarto rodeada de vestidos e roupa interior.

Viu um baú de viagem no centro.

— Leam! — levantou-se da mesa onde tomava um chá. — O que faz aqui?

— Aonde vai? — Ele assinalava a roupa que ela estava guardando.

— Para Alvamoor, claro. Ver meu filho — acrescentou ela, precipitadamente.

Leam se aproximou. Ela se sentiu intimidada. Ele nunca quisera atemorizá-la, mas agora não estava com paciência para suas mentiras.

— Cornelia, sabe algo sobre um homem chamado David Cox?

— O que é que eu deveria saber? — respondeu pálida.

Leam sentiu seu coração se acelerar.

— Então, o conhece. Como? Que relação tem com ele?

Ela se escapuliu por trás da mesa e caminhou pelo quarto.

— Do que está falando, Leam? — Tremia-lhe a voz. — Já lhe expliquei isso, desde que fui embora, não estive com nenhum homem, somente com meus pais e com minha dama de companhia, Chiara. — Voltou-se para ele, com os olhos bem abertos e pestanejando.

— Conheceu o Cox antes de nossas bodas?

Ela retorcia o guardanapo entre seus pálidos dedos, com os olhos

bruscamente aflitos.

— O que quer que eu diga?

— Cornelia, a verdade. Depois de todos estes anos de enganos, mereço isso.

— Sim, eu o conheci. — Fechou com força os olhos, as mãos envoltas no guardanapo. — Eu o conheci antes.

— Quando?

Ela estava com os olhos bem abertos, cheios de insegurança.

— Seu irmão me apresentou ele. Estavam no mesmo regimento. É isso o que queria ouvir?

— Você lhe deu um camafeu de presente?

— O quê, um camafeu?

— Possivelmente seu retrato, ou de James.

— De James?

— Deu?

— Sim! — Era como se a palavra tivesse sido arrancada de seu interior. — Sim. Meu retrato. Ele me pediu. — Pressionava o guardanapo contra a boca. — O que vai fazer agora, Leam? Vai me castigar por isso?

— Nunca pretendi castigá-la, Cornelia. Estava machucado e não entendia porque você e James não podiam ter me explicado a verdade,

antes que fosse muito tarde. — Agora tudo parecia tão simples. Tão claro.

— Isso é o que eu queria. — Lhe escapou uma lágrima pela bochecha. — Possivelmente então, teria me perdoado.

— Muito antes, certamente. — Mas então não poderia ter conhecido Kitty. Não teria conhecido o amor.

— Perdoou-me, Leam?

Ele assentiu.

— Então por que não volta comigo?

— Cornelia! — A tensão se apoderou dele. Devia partir para Shropshire sem demora. Mas ela o olhava ansiosa, e ele queria terminar de uma vez por todas. — Por que voltou? Já sei que seu filho não lhe importa. Então o que quer de mim?

Cornelia tirou o guardanapo dos lábios trêmulos e lhe escapou outra lágrima.

— Sim Jamie me importa e não quero nada de você — revelou a meia voz. — Ele sim.

Leam ficou gelado.

— Conte-me já.

Ela arregalou.

— Ele foi mal com o comércio na América. Precisa,

desesperadamente, de dinheiro e diz que fará mal a Jamie se eu não conseguir dinheiro para dar a ele. — Seu tom de voz ia subindo.

— Quem, Cornelia?

— David! Não entende? É muito ambicioso. Ao princípio eu não o entendia, mas depois vi que ele queria muito mais. Mais do que eu podia lhe dar, inclusive com a generosa contribuição que James me proporcionava. Então, o bebê chegou tão rápido depois de nossas bodas e James morreu... eu não conseguia pensar com clareza. Estava aterrorizada por você e pelo David, além de aturdida.

— Cornelia. — Leam interrompeu seu crescente nervosismo. — Por que David Cox precisa daquele camafeu?

— Perdeu-o em Shropshire, naquela estalagem. Pensava que você havia encontrado e ficou furioso, com medo de que você estivesse brincando com ele, para atemorizá-lo. Procurou em seu quarto na véspera de Natal, quando todos jogavam cartas, ele me disse, mas não conseguiu encontrá-lo. Então ele pensou que se você morresse, ele conseguiria o dinheiro, de toda a maneira através de mim, quando eu retornasse à sociedade; por isso tentou matá-lo. Mas se saiu mal e se deu conta de que, apesar de tudo, não é um assassino, embora seja um ladrão temível e um extorquidor.

— Por que eu teria brincado com ele? Com que objetivo?

— Pensou que eu já havia lhe contado tudo isso, e que você não se importava porque, agora, estava com lady Katherine.

— O quê?

Mas ela parecia que não o ouvira, suas palavras se amontoavam rapidamente.

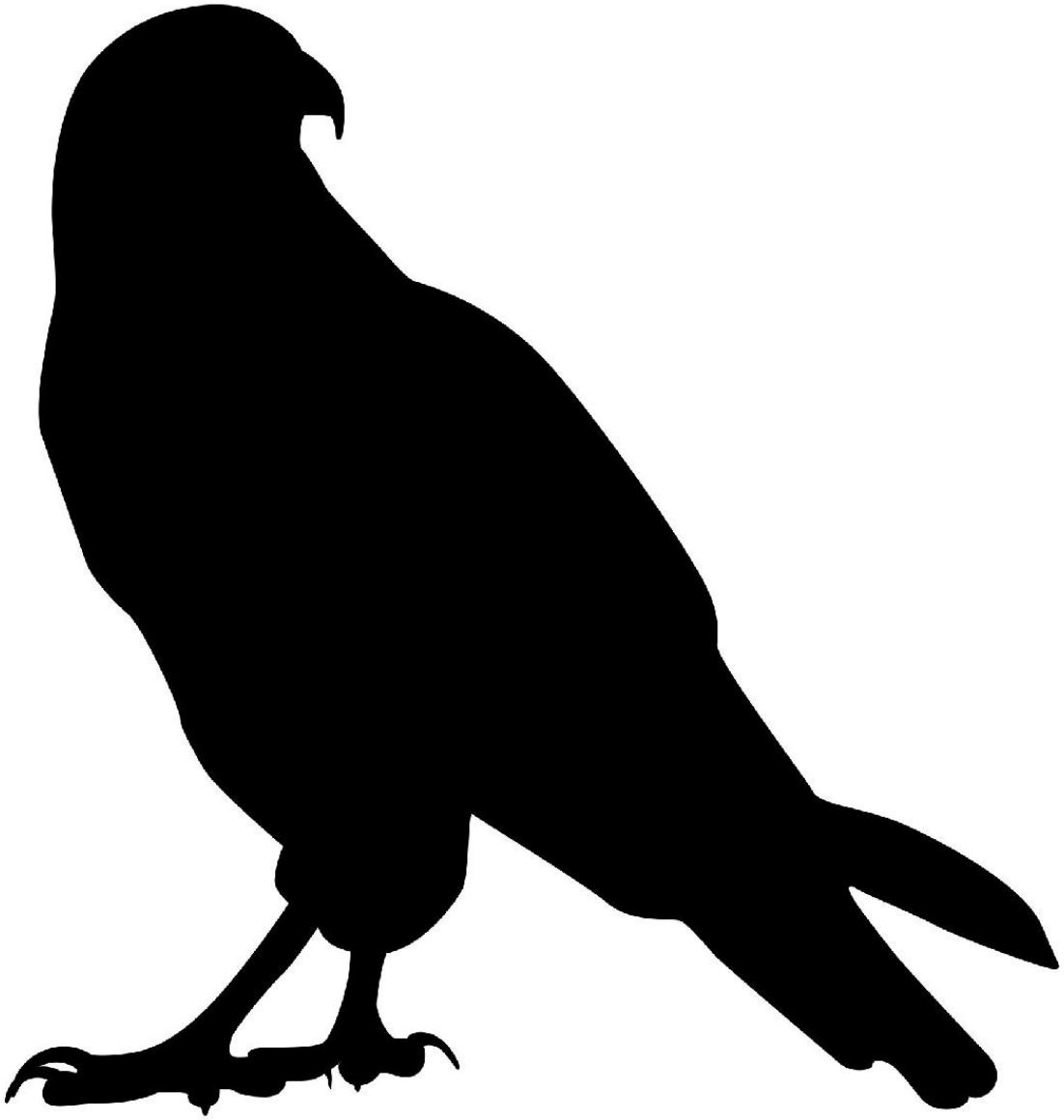
— Quando me neguei a ir para Almavoor para demonstrar que não estava morta e tirar dinheiro de você, ele ameaçou matar Katherine para que eu voltasse para Londres e eu me visse forçada a vê-lo. Disse-lhe que eu não faria, inclusive mais, que voltaria para a Itália e você nunca saberia de nada. Mas ele me assegurou que iria para Alvamoor e que faria mal a meu filho. Não podia permitir que isso acontecesse, Leam. Em cinco anos não vi Jamie, mas ele é parte de minha carne e de meu sangue, e sempre o amarei. Rogo que acredite em mim!

— Acredito. — Era muito fantástico para não acreditar e seus olhos piscavam com a mesma angústia frenética que no dia em que lhe contou sua aventura com James. — Embora o que ainda não compreendo, Cornelia, é o que significa esse camafeu para ele?

— É seu seguro, mas somente até que precise dele. Gravei-o com uma inscrição antes de dar de presente.

— O que colocou na inscrição?

— Coloquei... — Ela deixou escapar um gemido, como um animal ferido. — Coloquei: “Para David, meu querido marido.”



27

A respiração de Leam se tornou irregular e entrecortada.

— Nosso... — Parecia que um oceano lhe empurrava a cabeça. — Nosso filho é...?

— Não é dele. Apesar de todas as mentiras que eu lhe disse, lhe juro isto por minha alma. É de James.

Devia ser. O menino era exatamente igual a seu irmão em sua idade.

— Mas quanto tempo antes...?

— Casei-me com David três semanas antes de que você me pedisse. — Ela parecia recuar contra a parede. — Sob uma capela, em um povoado perto da fronteira.

Ele movia a cabeça tentando entender a verdade. A assombrosa verdade.

— Então para que precisava de mim? Já possuía um marido. Não teria sofrido nenhuma desonra.

— Já lhe disse isso. Não conseguia suportar a ideia de estar longe de seu irmão. Ainda não suporto. — Tremia-lhe a voz. — Às vezes não me acredito que esteja morto. Sonho com ele todas as noites e quando me acordo, penso que estará ali.

— E Cox?

Ela voltou a face para outro lado.

— Antes de conhecer você eu me sentia desesperada, temia explicar a meus pais que estava grávida. Somente James sabia e ele me abandonou. David me dizia coisas bonitas, que me protegeria e cuidaria de mim. Eu estava com o coração quebrado. Parti com ele, mas David insistia de que ninguém soubesse, apesar de eu suplicar. Naquela mesma semana começou a me cortejar, a me admirar tanto. Penso que ele aproveitou a oportunidade. Você possuía uma fortuna e seria duque...

— Cornelia!

Ela permaneceu em silêncio, olhando-o fixamente, com os olhos muito abertos. Ele passava as mãos pela face. Não deveria ter sido assim. Mas fora.

— Tem outra prova de seu matrimônio além da inscrição no camafeu?

— Guardei o comprovante de pagamento do ferreiro que oficiou a cerimônia. E passou tanto tempo, mas depois de tudo eu acredito que poderia reconhecer às testemunhas se os tivesse na frente. David nunca teve dinheiro, por isso não pode tê-los subornado para manterem-se calados, inclusive agora. Ele queria chantageá-lo, mas

não é capaz de fazê-lo durante muito tempo. Acredito que não o planejou a fundo com muita lucidez. É muito impetuoso e sempre pensa que o perseguem para machucá-lo.

Ele atravessou a sala, e com tanta amabilidade quanto lhe permitia seu pulso acelerado, a agarrou pelos braços e a olhou.

— Não estamos casados. Não estamos casados — repetia uma e outra vez. Sua vida de repente recomeçava.

Ela negou com a cabeça.

— Alguma vez o estivemos? — ela disse suspirando. — O que vai fazer com Jamie?

No meio da felicidade que se apoderava dele, infiltrou-se um pouco de remorso.

— Ficar com ele, se você me permitir isso. Ele leva meu sangue. É inevitável que saiba de seu casamento, mas não é necessário que saiba que não é meu filho. Além disso, sempre o tratei como o meu próprio filho, Cornelia. Eu não poderia agir de outro modo.

Ela titubeava. Levantou o braço e colocou sua pequena mão sobre a dele.

— Leam, rogo que me perdoe pelo que lhe fiz. Por isso eu fiz tudo. Agora, ao lhe explicar tudo, é como se tivesse tirado um grande peso de cima de mim.

Ele se afastou.

— Onde está Cox agora?

— Não sei. Esta manhã veio e estava muito nervoso. Comentou algo a respeito de retornar para Shropshire, mas...

— Vou atrás dele. Ele cometeu alguns delitos e deve pagar por eles. A verdade deverá ser contada publicamente.

Ela assentiu. Depois afastou o olhar e apertou o guardanapo contra seus lábios mais uma vez.

— Cornelia, seus pais sabem do seu verdadeiro casamento?

Ela negou com a cabeça.

— Eu posso ajudá-la.

— Depois de tudo o que eu lhe fiz? Não. Mereço tudo o que venha me acontecer. — De novo elevou o olhar. — Não é necessário que se preocupe comigo. Agora acredito que tem outra dama da qual se ocupar.

Ele somente podia ter esperanças e rezar. E pedir um desejo a cada estrela do firmamento.

— Adeus, Cornelia.

— Adeus, Leam. Se quiser, me escreva sobre meu filho, de tempos em tempos. Eu gostaria de saber dele.

Ele partiu.

O dia ia avançado e seu fôlego se convertia em fumaça pelo frio.

Mas o céu lá fora estava esbranquiçado e profundo, a luz difusa do sol poente enfrentava às primeiras nuvens primaveris, carregadas de uma chuva incerta. Leam montou no cavalo e partiu para Shropshire. Para caçar um homem decidido a fazer mal. E para procurar uma dama que valia mais do que as estrelas e o céu juntos.

Encontrou Cox muito perto de Bridgnorth, no balcão de um botequim. Não foi difícil seguir sua pista. Em cada parada para comer ou beber, Cox pagava.

Leam cruzou o botequim.

Cox se deu conta de que alguém o olhava e empalideceu.

Era realmente exagerado dizer, como fizeram mais tarde, alguns que não estavam naquele momento, que: igual ao sol tardio de inverno perto do rio Severn, um bárbaro da Escócia, que ninguém sabia porque estava furioso, jogara cadeiras até deixar cinco imprestáveis e outras três feitas aos pedacinhos, e depois se comportou de uma forma mais ou menos civilizada, como era de esperar de um cavalheiro londrino incapaz de incomodar alguém.

Aquele escocês, enquanto olhava para sua vítima derrotada e ferida, teve o descaramento de pedir a presença de um juiz, o que não foi bem recebido pelos vizinhos. Entretanto o magistrado, depois de

escutá-lo, se foi com os dois forasteiros e retornou algumas horas mais tarde, para esclarecer que o bruto era, na realidade, o herdeiro de um ducado, e o menino bonito, um personagem de baixo escalão, sem nenhum título, o que fez com que alguns reconsiderassem sua opinião. Em seu devido momento, soube-se que o herdeiro do ducado era conde, e que não só havia pagado ao taberneiro pela destruição de sua propriedade, mas sim, além disso, deixara um montão de guinéus para que convidassem a todos, pelas moléstias causadas; o perdão circulou como a cerveja, por todo o botequim.

Por acaso não eram essas as vantagens de ser um grande senhor, o poder de dar alguns bons murros em um descarado, em algum momento?

— O burro passou toda a noite fazendo ruídos. Estou, como se diz?, esgotada! Et toi, belle Katrine? — A francesa colocou sua mão com babados de renda negra sobre o joelho de Kitty, mostrando sua preocupação. — Deve ir dormir lá em cima tout de suite.

Kitty folheou uma página de seu livro e tentou se concentrar.

— Ainda não. Quero ler um pouco mais, depois me deitarei. —

Queria ficar acordada contemplando o céu, sob o qual fizera amor com um bárbaro escocês, desta vez com os nervos tensos pelo pânico e pela expectativa.

Não deveria ter feito isso; foi um ato de precipitação imperdoável. Ou o senhor Cox não chegaria nunca e ela se cansaria de esperá-lo na pequena estalagem de Shropshire, com uma viúva francesa como única companhia, além de um menino e dos hospedeiros mais atentos que jamais conhecer, devido a madame Roche lhes ter informado da delicada situação de Kitty. Ou o senhor Cox viria e ela correria um grave perigo.

Madame Roche ficou de pé.

— Nesse caso, boa noite, ma belle. — Kitty a olhou subir a escada, um pouco aturdida pela mulher, como sempre. A viúva começara a chamá-la de ma belle, enquanto que Emily a chamava ma petite. Evidentemente, durante esta viagem ela se converteu em uma de suas preocupações. Era muito próprio de madame. Kitty precisaria se rodear de amigos, nos meses seguintes, enquanto decidia o que fazer com sua vida, visto que esta mudaria completamente.

De repente, ouviram-se alguns golpes na porta principal. O coração de Kitty se sobressaltou. Ficou em pé com os nervos a flor da pele. Golpeavam a porta com força. O senhor Milch veio da cozinha. Gesticulava, com a cabeça, enquanto se aproximava da entrada.

— Milady, não se preocupe com isso. Não vamos deixar ninguém entrar, que não conheçamos.

Ela assentiu. Era uma estalagem, pelo amor de Deus, e o dono já colocara a disposição todo o lugar, para que assim, ela e sua companheira de viagem, pudessem esperar um homem que possivelmente não apareceria nunca.

Entretanto, ela estava com o camafeu em seu bolso, no qual havia uma encantadora e angelical dama, como prova de que se o senhor Cox lera o panfleto, no mínimo já deveria estar a caminho.

Da sala de estar, onde se encontrava, escutou o ruído seco que o senhor Milch fazia ao abrir o ferrolho do buraco de olhar da porta.

— Ora, boa noite, senhor! Bem-vindo outra vez!

Ouviram-se os ferrolhos da porta. Kitty estava com as mãos úmidas e a porta se abriu. Não podia ser o senhor Cox. Uma rajada de ar com aroma de neve chegou até as chamas da lareira.

O som das botas na entrada precedeu a voz do recém-chegado, profunda e conhecida.

— Confio de que esteja bem, Milch.

Seus joelhos se fizeram mingau. Não era tão difícil, somente precisava se recostar na poltrona para se conter e confiar em não desmaiar.

— Estou milorde. Minha boa esposa também. Parece que vai nevar esta noite. — A porta rangeu ao ser fechada.

— Diga-me, se for tão amável, lady Katherine esteve por aqui há pouco tempo?

— Senhor, ela, precisamente, está aqui. Agora, por favor, me dê seu casaco.

Leam deu alguns passos, entrou pela porta e se deteve.

— Kitty — ele disse com um suspiro. Seus ombros se endireitaram, enquanto a olhava o rosto atentamente, continuava pelo pescoço, até os pés, e voltava para o rosto, outra vez. O senhor Milch atravessou a sala em direção à cozinha e saiu. Kitty se embriagou com a visão do homem que amava.

— Olá, Leam. — Cruzou as mãos em um intento vão de deter o tremor descontrolado. — O que o traz a Shropshire?

— Suponho que deveria dizer a pesca. — O sorriso dele fez com que o interior de Kitty se fundisse como o mel. — Mas, direi a verdade. Você me trouxe, é claro.

— Então leu o panfleto da Dama da Justiça ou falou com meus criados?

— Kitty, Cox está preso. Deixei-o na cela de um juiz a menos de cinquenta quilômetros daqui.

Ela se apoiou com mais força no sofá.

— Então era ele? Oh! Isso me tranquiliza.

— Como descobriu sobre o camafeu? — perguntou Leam com um olhar de admiração.

— Ned estava com ele na véspera de Natal. Disse que o havia encontrado alguns meses antes, no caminho.

— E duvidou tanto da palavra dele que o relacionou com o Cox e depois comigo? — A formosa boca de Leam ainda insinuava um sorriso.

— Pois sim e não. Naquele momento me pareceu estranho o trato tão atento que o senhor Cox mostrava para você logo no início, e que depois foi diminuindo, sem dúvida. Também o via angustiado. Então, aquele dia no parque... — Pela primeira vez em dias sentiu que o pranto a afogava. Estar ali a seu lado, sozinhos no lugar onde se apaixonou por ele, não era o lugar mais indicado para seu bem-estar.

— Ela é muito bonita e acreditei tê-la visto antes. Então me lembrei do camafeu de Ned e me dei conta do por que eu a havia reconhecido. Quando você me disse que o senhor Cox havia perdido um objeto de valor e que acreditava que você estava com ele, tudo começou a fazer sentido, embora não tivesse certeza. Mas senti que devia fazer algo e, como você não conseguia encontrá-lo, enviei a carta à Dama da Justiça esperando que ela a imprimisse, para que ele a visse e se apresentasse. Na realidade, nunca imaginei que funcionaria tão bem.

— Mas isso lhe servira de desculpa para fugir.

Ele moveu a cabeça devagar, mais tarde, respirou profundamente e abriu a boca. Não obstante, ela não podia permitir que ele falasse e lhe dissesse coisas que jamais esqueceria, como que a considerava, maravilhosamente, preparada.

— Isso me deu vantagem para encontrá-lo, ela se apressou a afirmar —, mas me alegra de que você tenha vindo porque, sinceramente, não sei o que teria feito se ele tivesse vindo, exceto extorquir. Mas não sou uma chantagista nata. Talvez, melhor uma mexeriqueira...

— Kitty, não vou lhe deixar esta noite. Não peça que eu me vá daqui, aconteça o que acontecer.

— Somente estava lhe explicando o que me perguntou. Ontem, Ned admitiu que Hermes havia encontrado o camafeu fora do estábulo e o havia trazido na noite da nevasca. — Sob o olhar profundo de Leam, ela sentia o suplício habitual, ao derreter-se pelo desejo interminável que a envolvia, tão obsessivo que a deixava sem fôlego, tão maravilhoso quanto horroroso. — O que o senhor Cox queria com o camafeu?

— Guardava-o para se assegurar de que podia me extorquir através de Cornelia. Conforme parece, quando o perdeu, de alguma

forma, perdeu os papéis. Por isso o disparo e as ameaças.

— Isso é absurdo.

Os olhos de Leam brilharam com mais intensidade.

— Por acaso não leu a inscrição que existe na parte de trás?

— Não — disse ela, e colocou a mão no bolso procurando o objeto.

Cada vez que o tocava sentia como se tivesse pequenas adagas. Olhou

e leu. — Eu... eu não entendo nada. Se... divorciou dela antes que ela

se casasse contigo?

— Ele nunca se divorciou dela. Ainda estão casados como

estavam quando ela e eu pronunciamos nossos votos.

O coração de Kitty saltava de alegria.

— Oh! Leam! Sinto muito.

Ele abriu os olhos, surpreso.

— Como sente?

— Sim, desta vez eu sinto. Estou triste por você e também por seu

filho. — sentia-se triste de uma maneira que jamais imaginara.

Felizmente triste. De algum modo, ela suspeitava o que viria depois.

Ela o desejava acima de tudo, embora não pudesse tê-lo. — Aqui está —

disse ela, colocando o camafeu sobre a mesa; depois se afastou. —

Acho que gostará de tê-lo.

— Não tenho nenhuma intenção de ficar com ele Kitty.

— Kitty, case comigo.

Ela tampou o rosto com a mão e parecia que não conseguiria respirar.

— Oh! É tudo tão repentino. — Através dos dedos viu como ele engolia a saliva, inquieto.

— Não é exatamente o que eu imaginei que você responderia. — A voz de Leam revelava seu nervosismo. Isso é um não? Apesar de tudo, deseja permanecer solteira?

A mão de Kitty deslizou por seu rosto até a garganta.

— Não — sussurrou ela. — Nem remotamente. Mas, mas...

— Mas, possivelmente, tenha outra oferta ou simplesmente deseja esperar alguns meses mais.

— Não, não tenho esse tipo de ofertas, nem desejo. — Precisava falar em voz alta, não importava se fosse doloroso. — Mas, Leam, e seus sentimentos por ela?... Não posso competir com isso. Antes era diferente, mas agora que na realidade está viva... — Possivelmente a resposta lhe causasse muita dor..

Leam pareceu não compreendê-la, até que de repente entendeu o que ela sentia.

— Kitty — disse com voz fraca, —— meus sentimentos com relação a ela eram superficiais e desapareceram rapidamente. Parte da culpa

que carreguei todos estes anos se foi, com o alívio que senti por não precisar viver minha vida inteira com uma pessoa tão diferente de mim. Eu me libertei e deixei-a no túmulo. Agora você pode me desprezar por isso, mas eu lhe disse que não queria ter segredos entre nós.— Mas...

Ela o olhava boquiaberta.

— Mas todos esses anos, os rumores, as pessoas diziam...

— Tudo era fingimento. Para ganhar a simpatia e a confiança.

— Tudo? Em nenhum momento sentiu algo profundo por ela?

— Naquela época eu a desejava, enrabichado como somente um jovem poderia estar, louco, desmesurado e presunçoso, de minha própria importância e vaidade. — Ele se aproximou. — Mas, minha doce menina, então eu não fazia nem ideia... — Sua voz soou áspera. — Não sabia nada desse desejo de se dar, até ficar vazio, de me afundar em você e me encher outra vez, a cada palavra, a cada contato. Não fazia nem ideia de que isto existia. — Seus olhos eram belos, cheios de tudo o que ela havia sonhado.

— Poesia, milorde? — Ela conseguia apenas sussurrar. — Que formoso!

Ele franziu o cenho.

— Não brinque comigo, Kitty. Pode me destroçar com uma só

palavra. Se tiver que dizer essa palavra, diga já. Não sou um homem paciente, e já esperei muito para saber se alguma vez será minha.

— Oh! Leam. — Faltava-lhe a voz. — Como pode me perguntar isso agora? Depois de tudo o que aconteceu?

O atraente rosto dele se consumiu no desespero.

— Então é muito tarde para mim, ou possivelmente fui muito franco e impulsivo. Vejo que me rechaça.

— Não o rechacei. Você... — Conteve a respiração, invadida pela angústia, pelo medo e pelo amor que ele sentia. — Amo você. Amo desesperadamente. Amo tanto...

Ele caminhou até ela e a abraçou apaixonadamente. Kitty se elevou para que ele a beijasse, para que a rodeasse com seus braços, a ela, e à fantasia de seu amor, agora verdadeiro. Ele entregou-se a seu abraço e desejou que fosse para sempre.

— Nunca pare — sussurrou ela e repetiu: — nunca pare.

— Nunca. Sobretudo se me prometer que jamais deixará de me segurar forte. — Uma sonora risada retumbou na voz de Leam. Beijou-a no pescoço, na boca e nos olhos, como se na realidade jamais pensasse em parar.

Kitty tentou se afastar dele, de sua boca, enquanto aproximava sua mão para lhe acariciar a mandíbula.

— Estou assustada, Leam. — Ela procurava seus ávidos olhos. — Me assusta que possa ter uma mínima dúvida. Deve ter certeza de meus sentimentos para você.

— Um homem somente tem certeza do que lhe importa pouco. E nisso, meu amor, não há forma de medir o muito que você importa para mim. Nunca pense que estou seguro. Diga-me isso todos os dias, suplico isso, minha querida Kitty.

— Não me atrevo, é muito difícil confirmar todo cada dia. — Ela acariciava seu cabelo com os dedos. — Mas posso ser tenaz se estiver bem motivada.

Leam insinuou um meio sorriso.

— Madame Roche disse que você foi como um perdigueiro. Ou um cão pastor. Não posso me lembrar por qual ela se decidiu.

— Ora que rabugenta. Quando falou com ela sobre mim? — perguntou Kitty.

— Em Willows Hall.

— Por quê? Espiavam-me?

— Estava me apaixonando por você e procurava com todas minhas forças não escrever sonetos sobre a divina elegância de seu dedo mindinho. Mas no fundo precisava falar de você. Ela estava entusiasmada. — Ele esboçou um sorriso. Em seus olhos brilhava toda

a emoção da juventude e a paixão, toda a esperança e o drama do poeta que ela adorava.

— Então porque me deixou? — perguntou ela.

— Temia machucá-la. Temia minha violência por minha natureza ciumenta.

— Mas já não é assim?

— Não. — Com os dedos ele lhe acariciava meigamente a bochecha. — Recordei o que é o amor: é sinceridade, é bondade, é viver para o coração do outro. Amo você, Kitty.

Ela colocou as mãos nas bochechas dele e o beijou apaixonadamente. Depois repetiu, inclusive com mais paixão.

— Se desejar, pode escrever sonetos sobre meu dedo mindinho — ela murmurou. — Ainda se sente inspirado?

— Mais do que nunca — ele afirmou sobre seu pescoço. — Os escreverei sobre seu dedo mindinho, também, sem mencionar as minhas outras partes favoritas de seu corpo. Mas não até que primeiro tenha dado a essas partes um uso prazeroso.

— Quer dizer que vai me ensinar mais travessuras das quais os homens fazem com suas amantes?

Ele riu.

— Se desejar.

— Desejo. — Colocou os dedos em sua gravata e começou a tirá-la.

Mas antes tenho algo muito importante para confessar.

— Mais importante que seu amor por mim?

— Muito importante.

Afastou-se para olhá-la no rosto, e outra vez ficou sério.

Kitty deslizou a mão até tocar o abdômen. Ele a seguia olhando com atenção. Por fim, levantou o olhar para ela com a boca entreaberta.

— Sempre pensei que... — Ela somente conseguia sussurrar.

O peito de Leam se inflava ao respirar profundamente.

— Kitty?

— Eu estava equivocada. Você tinha razão. Para uma mulher é muito difícil admitir tão enorme presente...

Ele a sustentou novamente entre seus braços. Nesta ocasião seu beijo não foi simplesmente de prazer. O amor o consumia e lhe dava em troca, sua paixão, oferecia-lhe um milagre e a felicidade.

— Já a despi nesta estadia — disse ele com voz rouca. Suas mãos inquietas a excitavam. — Entretanto nesta noite eu gostaria de fazê-lo com mais privacidade. — Agarrou-a pela mão e a levou à escada.

Ela se jogou para trás, com um sorriso.



— Peça-me isso como um bárbaro. — Ficou nas pontas dos pés e o beijou no queixo. — Quando me fala assim, sabe, sinto a urgência de me lançar para você.

Ele a acariciou com mãos quentes e fortes, aproximou sua boca para a dela e a beijou, com uma delicadeza tão embriagadora, que ela teve que agarrar-se a seus braços para conseguir se manter em pé.

— Venha à cama comigo, moça — ele murmurou em escocês. Seus olhos brilhavam de desejo, que haviam confessado, e que já deixara de ser segredo. — Faça de mim o homem mais feliz esta noite.

Ela suspirou.

— Fará com que dure para sempre?

Voltou a beijá-la.

— Para sempre — respondeu em escocês.

— Essa, milorde — sussurrou com os lábios pegos aos seus, — é a melhor ideia que ouvi.